

Vampiros,
Múmias, Fantasmas
e Outros Astros da
Literatura de Terror



GOTICOS

Contos Clássicos



Organização:
Luiz Antonio
Aguilar / Veio Libri
Produções Literárias




MELHORAMENTOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Góticos

*Vampiros, múmias, fantasmas
e outros astros da
literatura de terror*


MELHORAMENTOS



Sumário

Apresentação: *O terror diz "Olá!"*

1 LORD Byron *A uma taça feita de um crânio humano*

poema traduzido por Castro Alves – em *Espumas Flutuantes*

2 John William Polidori: *O Vampiro*

tradução: Luiz Antonio Aguiar

3 W. W. Jacobs: *A Pata do Macaco*

tradução: Sandra Pina

4 J. W. Goethe: *Poemas macabros*

tradução: Claudia Abeling

Histórias para sentir medo

ensaio de Pedro Bandeira

5 Arthur Conan Doyle: *Lote 249*

tradução: Oscar Mendes/copidesque: Luiz Antonio Aguiar

6 Bram Stoker: *O Hóspede de Drácula*

tradução: Luiz Antonio Aguiar

7 Mary Shelley: *Transformação*

O fascínio do medo

ensaio de Luiz Raul Machado

8 Edgar Allan Poe: *A queda da casa de Usher*

tradução: Domingos Demasi

9 Théophile Gautier: *A Amante Morta*

tradução: Margaret Sobral

Sombras da adolescência

ensaio de Daniel Piza

10 Sheridan Le Fanu: *Dickon, o Diabo*

tradução: Sandra Pina

11 Robert Louis Stevenson: *Janet, a Maligna*

tradução: Sandra Pina

O terror diz: "até breve!"

ensaio de Luiz Antonio Aguiar

Suplemento para pesquisa, discussão e aprofundamento

Créditos



O terror diz “Olá!”

Apresentação de Luiz Antonio Aguiar

Os contos e poemas que você vai ler neste livro fazem parte de uma série nobre da literatura. São clássicos, o que, em determinadas compreensões, significa que são modelos de excelência e o que melhor se criou em literatura, tanto pelas técnicas de composição e pelo manuseio da linguagem como em termos de representação da alma humana – ou de seus mistérios, de seu lado obscuro, velado...

Autores como Arthur Conan Doyle, Mary Shelley, Bram Stoker, Théophile Gautier, Sheridan Le Fanu, Edgar Allan Poe e Robert Louis Stevenson, entre outros dos que estão em *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*, escreveram alguns dos melhores romances e contos da ficção mundial. São mestres, gênios da literatura e referência para os escritores que vieram depois, até os dias de hoje. Alguns deles criaram personagens que, por sua vez, foram escolhidos pelos leitores como os mais fantásticos, os mais sensacionais de todos os tempos. E todos são parte de uma das linhagens mais populares e mais impactantes da literatura gótica, tanto pela competência de composição de suas histórias e personagens como pelo tema central sobre o qual se debruçaram: o medo, em especial nossos terrores mais íntimos, os inconfessáveis, os que – para muito além de um simples instante de susto – povoam nossos pesadelos... Ou os que imaginamos estampados na indecifrável escuridão.

Afinal, o terror está na origem da literatura. No Canto XI da *Odisseia* – o poema épico que, com a *Ilíada*, ambos de Homero, fundou a literatura ocidental – Ulisses, seguindo indicação da deusa-feiticeira Circe, precisa

enfrentar o maior horror dos antigos gregos: o Reino dos Mortos. Naquele domínio das trevas e do esquecimento, espíritos dos que pereceram vagam, numa existência sem sentido, sofrendo atrozmente, o tempo todo, a saudade da vida sob o sol, no plano terreno, sem poder sequer se consolar com lembranças. Isso porque a mente turvada desses espíritos só pode ser despertada quando – como faz Ulisses – eles são chamados a beber sangue ainda fresco (no caso, de um animal sacrificado para esse fim). Só assim Ulisses pode receber de Tirésias, o profeta, as indicações que lhe permitirão voltar para seu lar, a Ilha de Ítaca. Ora, essas imagens do submundo são terríveis, insanas, marcantes, tanto mais quanto o Reino dos Mortos, na mitologia grega, com todos os seus tormentos, não seleciona entre os bons e os maus aqueles que vai absorver. *Todos* os espíritos dos mortos vão para lá, o que lança para nós, e todos aqueles que são criados com a ideia de um *inferno* como castigo do pecado, uma aterradora condenação inelutável, da qual nem os bons atos nem a virtude podem nos salvar.

Não é à toa que muitos clássicos do terror são focados na sofrida dificuldade de lidar com nossa própria condição mortal. E é por isso também, por nos colocar frente a frente com um tema ao mesmo tempo tão árduo e tão fascinante, tão íntimo e, por tudo isso, universal, que essas histórias permanecem, sobrevivem às mudanças culturais, de costumes, de linguagem, e se tornam *clássicos*. É dessa literatura que foram selecionadas as histórias que você vai ler em *Góticos*.

Além disso, o gênero gótico é um viés dos mais importantes do Romantismo, com ramificações no mundo inteiro. Entre nós, influenciou romancistas, como José de Alencar e Machado de Assis, e poetas, como Álvares de Azevedo e Castro Alves. Não é à toa que este volume é aberto com um poema de LORD Byron, que, se não foi um autor de destaque do gênero gótico, embora um dos expoentes e mesmo um autor-símbolo do romantismo europeu, tem sua história profundamente ligada a um momento crucial do gótico romântico – por causa de certa temporada às margens do Lago de Genebra, na Suíça, junto com Mary Shelley e John Polidori, em 1816, a qual muito iremos mencionar.

Neste livro, você vai encontrar, depois de cada obra, um comentário (AUTOR E OBRA) sobre a importância literária do que leu, seus descendentes e linhagem, as relações do autor com a literatura, a influência que exerceu e os elementos de composição literária mais destacados usados por ele. Além disso, há depoimentos de bons leitores das histórias de terror, falando de sua experiência de leitura. São eles Pedro Bandeira, Daniel Piza e Luiz Raul Machado. Há também um ensaio, ao final – *O Terror Diz: “Até Breve!”* –, com interessantes curiosidades e reflexões sobre o gênero gótico, e um suplemento final com algumas questões para aprofundamento, discussão e pesquisa, que você pode, se quiser, compartilhar em seu blog ou Twitter, ou em clubes de leitura, ou com amigos que tiverem lido esta obra – quem sabe em noites de relâmpagos ou em algum lugar onde os cantos escuros parecem estar à espreita, de tocaia...

Enfim, ninguém vai sair imune aos calafrios de *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror*. Bem-vindo a este estranho reino, no qual o antigo e o moderno tramam histórias sobre o medo, antros do mal, passagens entre a vida e a morte e espelhos cujos reflexos por vezes são imagens inconfessáveis de nós mesmos.

Se esbarrar com alguma monstruosidade, não grite alto demais, ou outra assombração pode também despertar.

Vire a página por sua conta e risco.



Uma taça feita de um crânio humano

LORD Byron

Tradução: Castro Alves – em *Espumas Flutuantes*

“Não recues! De mim não foi-se o espírito...
Em mim verás – pobre caveira fria –
Único crânio que, ao invés dos vivos,
Só derrama alegria.

Vivi! amei! bebi qual tu: Na morte
Arrancaram da terra os ossos meus.
Não me insultes! empina-me!... que a *larva*
Tem beijos mais sombrios do que os teus.

Mais val guardar o sumo da parreira
Do que ao verme do chão ser pasto vil;
– Taça – levar dos Deuses a bebida,
Que o pasto do reptil.

Que este vaso, onde o espírito brilhava,
Vá nos outros o espírito acender.
Ai! Quando um crânio já não tem mais cérebro
...Podeis de vinho o encher!

Bebe, enquanto inda é tempo! Uma outra raça,
Quando tu e os teus fordes nos fossos,

Pode do abraço te livrar da terra,
E ébria folgando profanar teus ossos.

E por que não? Se no correr da vida
Tanto mal, tanta dor aí repousa?
É bom fugindo à podridão do lodo
Servir na morte enfim pra alguma coisa!..."

Bahia, 15 de dezembro de 1869

+++

AUTOR E OBRA

LORD Byron foi um poeta inglês de enorme impacto e influência no Romantismo. Nasceu em 1788 e morreu em 1824.

Antônio de Castro Alves, poeta baiano, nasceu em 1847 e morreu em 1871.

Byron foi o anfitrião de uma reunião histórica para o gótico romântico, em 1816, da qual surgiria *Frankenstein*, de Mary Shelley, e o conto "O vampiro", de John Polidori (que por muito tempo foi entendido como obra de Byron, sob pseudônimo). Mas Byron, a não ser por um fragmento de romance que jamais pretendeu realmente completar, saiu imune ao fascínio do terror gótico daquele episódio. Byron morreu na guerra pela libertação da Grécia, contra as tropas do Império Otomano (turco), um ideal de muitos jovens românticos da Europa – livrar a pátria da literatura e da cultura clássicas de séculos de dominação estrangeira.

Já Castro Alves é mais conhecido no Brasil como o Poeta dos Escravos, por seus retumbantes poemas abolicionistas, para serem lidos em praça pública, chamando os brasileiros a recuperar seu brio e pôr fim à mancha

da escravidão. Ao contrário de outro poeta do Romantismo, Bernardo Guimarães, não teve aproximações com o gótico.

No entanto, fica aqui este pequeno e curioso poema, gótico como poucos, embebido no horror da morte, criado por Byron e traduzido por Castro Alves, que o incluiu no seu único volume de versos publicado em vida, *Espumas Flutuantes* (1870), que aliás, além de outro poema traduzido de Byron (“As trevas”), tem um tom d’além túmulo temperando vários outros poemas do volume.

Esse peculiar episódio nos sugere, no mínimo, que a literatura realmente tem passagens secretas, às vezes, insuspeitas.



2 O vampiro

John William Polidori

Tradução: Luiz Antonio Aguiar

Aconteceu em meio aos excessos que sempre ocorrem em Londres, durante o inverno, de comparecer a várias das festas da melhor sociedade um nobre que chamou a atenção mais por suas singularidades do que por sua linhagem ou fortuna. Costumava observar a animação ao seu redor como se pudesse se manter alheio a tudo. Parecia que os risos das jovens mais lindas somente o atraíam para que pudesse, com um simples relance de seu olhar, enregelá-los e fazer penetrar o medo naqueles seios onde até então reinava a despreocupação. Os que tinham sentido tal assombro não conseguiam explicar o que os havia abalado. Alguns o atribuíam aos olhos mortos e acinzentados dele, que, uma vez fixados sobre o rosto de alguém, pareciam não alcançá-lo, mas que, num único instante, se tornavam capazes de invadir as profundezas do coração da pessoa e cair como um raio de chumbo, esmagando a pele que não conseguiam rachar.

Justamente por causa dessas peculiaridades, foi convidado a todas as residências. Eram muitos os que queriam conhecê-lo e que estavam acostumados a emoções violentas, embora vergados pelo tédio, e ficaram satisfeitos de ter em sua presença alguém capaz de lhes despertar interesse.

Suas formas e linhas eram belas, a despeito da palidez mórbida de suas faces, que jamais se tingiam de uma coloração mais cálida, fosse o rubor da modéstia, fosse a possessão de uma emoção mais intensa. E muitas mulheres famintas de notoriedade tentaram seduzi-lo e obter dele algum

vestígio do que se poderia chamar de afeto. *Lady Mercer*, que desde seu casamento fora tema de deboche de todos os monstros que se exibiam nas salas de estar das mansões, praticamente jogou-se aos pés dele e só faltou encarnar o papel de uma aventureira de rua para conquistá-lo – tudo em vão. Toda vez que ela se punha diante de Ruthven, embora os olhos dele aparentassem estar fixados nos dela, era como se não a enxergassem. Mesmo com o seu irrefreável descaramento, *lady Mercer* ficou constrangida e precisou bater em retirada.

Embora as adúlteras de sempre não conseguissem nem mesmo influenciar a direção do seu olhar, o sexo feminino não lhe era indiferente. Aliás, aparentava tamanha cautela ao conversar com a esposa virtuosa e a filha ingênua que poucos eram os que tinham conhecimento de casos em que ele travasse relações com mulheres. Entretanto, tinha a fama de possuir uma lábia irresistível e, fosse porque esse dom superasse a estranheza ameaçadora de sua personalidade ou porque as pessoas se sentissem tocadas por sua aparente rejeição aos vícios, com a mesma frequência ele convivia com mulheres que enobreciam seu sexo por conta de suas virtudes domésticas, como com as que o maculavam por causa de sua má conduta.

Mais ou menos na mesma época chegou a Londres um jovem cavalheiro chamado Aubrey. Era órfão, sozinho no mundo com a irmã, já que todos os seus parentes haviam morrido quando ainda eram crianças. Eram ambos herdeiros de imensa fortuna. Mesmo seus tutores não costumavam orientar o rapaz, já que consideravam cuidar dos bens dos irmãos a única tarefa que lhes cabia, delegando a missão mais importante, a formação do seu caráter, a assalariados estranhos à família e que cultivaram mais sua imaginação do que seu discernimento.

Assim, ele ostentava o mais nobre sentimento de honra e candura, o que traz a ruína a tantos jovens. Acreditava que todos se comovem com a virtude e que o vício foi lançado ao mundo pela providência divina meramente para tornar o cenário mais pitoresco, ou como os vemos nos romances. Pensava que a miséria de uma choupana somente consistia em vestir roupas que, embora aquecessem tanto quanto outras melhores,

eram mais adequadas aos olhos de um pintor, por causa do seu corte rudimentar e dos remendos de cores variadas. Em suma, acreditava que os devaneios dos poetas eram a realidade da vida.

Era bonito, rico e falava com fluência. Por tais razões, assim que passou a frequentar os círculos mais elegantes, muitas foram as mães que lhe fizeram cerco, um assédio com o propósito de fazê-lo ver com menos acuidade suas respectivas favoritas, fossem lânguidas ou intempestivas. Por seu lado, essas filhas, exibindo rostos radiantes, toda vez que ele se aproximava, e sempre com faíscas despreendendo-se dos olhos, sempre que ele entreabria os lábios, logo o levaram avaliar incorretamente seus talentos e méritos.

Era tão apegado ao romantismo de suas horas solitárias que ficou espantado ao verificar que, com exceção das velas de sebo e cera que bruxuleavam não pela presença de um fantasma, mas por falta de quem as apagasse com um sopro, não havia fundamentos na vida real para nenhuma das inumeráveis imagens e descrições, tão fascinantes, que habitavam os livros nos quais formara sua cultura. Encontrando, no entanto, alguma compensação em sua volúvel vaidade, Aubrey estava a ponto de abandonar esse período de devaneios quando o ser extraordinário que acima descrevemos atravessou seu caminho.

Ele o observava. E justamente a impossibilidade de formular uma ideia do caráter de um homem inteiramente absorvido por si mesmo, que dava poucas demonstrações de interesse por qualquer coisa do mundo exterior, a não ser o mero reconhecimento de que algo além de si mesmo existia, reconhecimento esse, aliás, apenas tácito e embutido no ato constante de evitar-lhe o contato, abriu para a imaginação de Aubrey a possibilidade de conceber tudo o que já alimentava sua propensão a ideias extravagantes. Logo, imaginou o objeto de sua atenção como o herói de algum romance, determinado a enxergar mais o fruto de sua fantasia do que a pessoa que tinha diante de si.

Aproximou-se, tornou-se seu conhecido, tratou-o com deferência e tanto insistiu que finalmente sua presença foi reconhecida. Aos poucos depreendeu que *lord* Ruthven passava por problemas nos negócios e logo,

pelos indícios de preparativos na Rua ***, descobriu que ele estava prestes a partir em viagem para o continente. Desejoso de conseguir alguma informação a respeito desse personagem tão singular, que até então somente alimentava sua curiosidade, sugeriu a seus tutores que era hora de ele realizar uma grande viagem, dessas que, por muitas gerações, se acreditou necessária para habilitar os mais jovens a galgar mais rapidamente os degraus na carreira do vício e equiparar-se aos mais velhos, impedindo que caíssem das nuvens quando intrigas escandalosas fossem mencionadas como tema de deboche ou enaltecimento, dependendo sempre do grau de habilidade mostrado pelos envolvidos.

Os tutores deram seu consentimento, e Aubrey imediatamente comentou suas intenções com *lord* Ruthven, sendo surpreendido por uma proposta do estranho personagem para que viajassem juntos. Lisonjeado por essa demonstração de apreço da parte dele, que aparentemente não cultuava proximidade com qualquer pessoa, aceitou alegremente o convite e, em poucos dias, já atravessavam o Canal da Mancha.

Até então Aubrey não tivera oportunidade de conhecer a fundo o caráter de *lord* Ruthven e passou a achar que, embora assistisse a muitos de seus atos, os resultados destes permitiam conclusões diferentes do aparente motivo de sua conduta. Seu companheiro era um homem bastante pródigo – o ocioso, o vagabundo e o mendigo recebiam de suas mãos mais do que o suficiente para suprir suas necessidades imediatas.

Entretanto, Aubrey não conseguia impedir-se de reparar que não era aos virtuosos reduzidos à indigência por infortúnios que abatem até mesmo os inocentes que ele concedia sua caridade. Estes eram despachados da porta com um mal disfarçado escárnio. No entanto, quando os devassos lhe vinham pedir ajuda, não para suprir suas necessidades, mas para lhes permitir retornar aos seus vícios e mesmo mergulhar ainda mais fundo em sua iniquidade, recebiam ricos donativos. Aubrey atribuía isso à maior capacidade dos depravados de se mostrarem importunos, o que geralmente leva vantagem sobre os constrangimentos humildes dos miseráveis virtuosos.

A respeito da caridade do aristocrata, houve uma circunstância, no entanto, que ficou gravada de maneira mais intensa na mente de Aubrey. Todos a quem *lord* Ruthven amparava descobriam, inevitavelmente, que havia uma espécie de maldição agregada ao que recebiam, já que ou acabavam arrastados para a forca ou afundavam na mais tenebrosa miséria. Em Bruxelas e em outras cidades pelas quais passaram, Aubrey foi surpreendido pela aparente volúpia com que seu companheiro procurava pelos centros de vícios mais em moda e lá aderira inteiramente ao frenesi das mesas de jogo. Ele apostava, e sempre ganhava, exceto quando algum conhecido trapaceiro era seu adversário, e aí perdia mais do que ganhava. Mas sempre com o rosto inalterado com que costumava observar as pessoas à sua volta.

O mesmo não acontecia quando ele se deparava com um jovem temerário, jogador iniciante, ou com um azarado pai de numerosa família. Aí então seu menor desejo se transformava em desígnio do destino. O que antes aparentava ser uma mente distraída era deixado de lado, e os olhos dele emitiam mais faíscas do que os de um gato flagrado quando brinca com um rato semimorto.

Em todas as cidades, deixava jovens, anteriormente ricos e admirados, amaldiçoando, do fundo de uma masmorra, a má sorte que os colocara nas garras dessa criatura maligna, enquanto muitos pais se viam sem ação sob o olhar eloquente dos filhos famintos e emudecidos, não lhes restando vestígio algum da imensa fortuna que possuíam, nem sequer para saciar a fome daquele momento.

Entretanto, ele jamais levava dinheiro da mesa de jogo. Perdia de imediato, para aquele que a muitos arruinara, a última moeda, justamente aquela que arrebatara dos dedos trêmulos de algum ingênuo. Isso só poderia se dar com certo grau de conhecimento, que, no entanto, era insuficiente para vencer a esperteza dos mais experientes.

Aubrey, por diversas vezes, quis questionar esse procedimento de seu amigo e lhe pedia enfaticamente que abandonasse uma caridade feita nesses moldes, mesmo que lhe proporcionasse prazer, já que comprovadamente causava a ruína dos demais, além de não lhe trazer

lucro algum. Mas adiava esse confronto, esperando que o amigo tomasse, algum dia, a iniciativa de falar franca e abertamente. No entanto, isso jamais ocorreu.

Em sua carruagem e em meio a lindíssimas e variadas paisagens naturais, *lord* Ruthven portava-se de maneira inalterável. Seus olhos diziam menos do que seus lábios e, embora Aubrey estivesse junto do objeto de sua curiosidade, não obtinha disso nenhuma gratificação a não ser a vã e constante excitação de decifrar o mistério, o qual, para sua privilegiada imaginação, começava a assumir a aparência de algo sobrenatural.

Logo, chegavam a Roma, e por algum tempo Aubrey perdeu de vista seu companheiro de viagem. Ruthven comparecia toda manhã às reuniões do círculo de amigos de uma condessa italiana, enquanto o jovem ia conhecer os monumentos de alguma cidade praticamente deserta. Nesse meio-tempo, chegaram cartas da Inglaterra, que ele abriu tomado de angustiada impaciência. A primeira era de sua irmã, e nada mais tinha que expressões de afeto; as outras eram de seus tutores e o deixaram assombrado. Se já havia tocado a sua imaginação a suspeita de que haveria algum poder maligno inerente a Ruthven, agora a carta lhe dava razões suficientes para ter certeza. Seus tutores insistiam que ele deveria afastar-se imediatamente do amigo e enfatizavam que o caráter dele seria perigosamente corrompido, por conta dos irresistíveis talentos de sedução de Ruthven, que tornavam seus hábitos licenciosos ainda mais daninhos às pessoas à sua volta. Fora descoberto que seu desprezo contra as adúlteras não se originava de ojeriza pelo caráter delas; a verdade é que ele exigira, para incrementar seu prazer, que suas vítimas, parceiras de sua culpa, fossem arrancadas dos pináculos da imaculada virtude e lançadas no mais baixo abismo da infâmia e da degradação. Em suma, todas as mulheres que ele havia procurado, aparentemente por conta das virtudes delas, haviam, desde a sua partida, deixado a máscara de lado e não tiveram mais escrúpulos de expor a inteira deformidade dos seus vícios ao olhar público.

Aubrey decidiu então afastar-se dessa pessoa cujo caráter ainda não havia mostrado sequer um único ponto brilhante sobre o qual se pudesse descansar os olhos. Resolveu inventar algum pretexto convincente para tomar seu próprio caminho, propondo-se, enquanto não fazia isso, vigiá-lo com toda a atenção, sem deixar o menor detalhe passar despercebido. Aderiu assim ao mesmo círculo de amizades de Ruthven e logo percebeu que ele se empenhava em tirar proveito da inexperiência da filha da dama cuja casa frequentava com tanta assiduidade.

Na Itália, é raro que uma mulher solteira seja vista em acontecimentos sociais e, assim, Aubrey foi obrigado a agir em segredo. No entanto, os olhos do rapaz seguiam Ruthven aonde quer que ele fosse, e logo Aubrey descobriu que um encontro fora marcado, o qual só poderia resultar na ruína da moça inconsequente, embora ingênua.

Sem perder tempo, irrompeu nos aposentos de *lord* Ruthven e o inquiriu rispidamente sobre suas intenções em relação à garota, informando-o de que estava a par de que os dois haviam marcado um encontro para aquela mesma noite. *Lord* Ruthven respondeu que suas intenções eram as que qualquer homem teria numa situação semelhante. Aubrey então insistiu que ele dissesse se pretendia casar-se com ela, mas Ruthven meramente riu-se. O rapaz então se retirou e, imediatamente, escreveu um bilhete para informar a Ruthven que daquele momento em diante, se via obrigado a deixar a companhia dele, não mais acompanhando-o na viagem combinada anteriormente. Mandou seus criados à procura de outro lugar para morar e fez uma visita à mãe da moça, a quem notificou de tudo o que sabia, não somente em relação à filha dela, mas também sobre o caráter de *lord* Ruthven. O encontro foi, assim, evitado. No dia seguinte, Ruthven nada mais fez do que mandar um criado para notificar Aubrey de que concordava totalmente com o afastamento, e nada havia no bilhete que indicasse que guardava a mais remota suspeita de que seus planos haviam sido frustrados por causa da intervenção de Aubrey.

Tendo deixado Roma, Aubrey dirigiu-se à Grécia e, atravessando a península, logo chegou a Atenas. Fixou residência na casa de um grego e

em breve se dedicava a rastrear os vestígios já quase apagados da antiga glória, inscritos em monumentos que, assim parecia, envergonhados de terem somente escravos¹ para relatar os feitos de homens livres, ocultaram-se sob o abrigo do solo e das muitas cores do líquen. Sob o mesmo teto que ele, havia uma criatura tão bela e suave que poderia se tornar modelo para um pintor que desejasse retratar na tela a esperança dos fiéis no paraíso prometido por Maomé, se não fosse o fato de os olhos dela expressarem algo forte demais para que se acreditasse pertencerem a indivíduos privados de alma.

Quando ela dançava na planície ou subia lepidamente as colinas, era possível pensar que a gazela não possuía beleza que se comparasse à dela. Pois quem trocaria aqueles olhos, tão cheios de vida, pelo olhar de sonolenta luxúria do animal, que somente um epicurista² apreciaria?

Os passos leves de Ianthe constantemente acompanhavam Aubrey em sua busca por antiguidades, e com frequência a ingênua moça se desviava para perseguir uma borboleta de asas tão delicadas quanto a caxemira. Nesses momentos, ela exibia, sem se dar conta, toda a beleza de suas formas, flutuando, como se o vento a carregasse diante do rapaz, que a contemplava fascinado. E então Aubrey se esquecia das palavras que havia acabado de decifrar nas marcas já quase imperceptíveis de um tablete, contemplando aquela figura de sílfide³. Vez por outra, as tranças dela se desprendiam enquanto revoava, exibindo sob os raios do Sol nuances de cor, algumas mais brilhantes, outras foscas, cujo encanto bem poderia desculpar a distração do estudioso de artefatos antigos, que deixava se evadir de sua mente aquele mesmo objeto que ainda havia pouco considerara de vital importância para se interpretar corretamente uma passagem em Pausânias⁴. No entanto, por que tentar descrever encantos que todos sentem, mas ninguém consegue comprovar?

Ela era a inocência, a beleza, sem nada dos bailes asfixiantes e das salas de visita repletas de pessoas.

Enquanto ele desenhava os resquícios daquilo que, em seus dias futuros, queria preservar na memória, Ianthe aguardava ao seu lado, observando os efeitos mágicos do lápis dele a traçar os cenários do lugar

onde ela nascera. A seguir, ela lhe descreveria a dança de roda da planície e pintaria para ele, com as cores mais vívidas da memória da juventude, a pompa matrimonial a que lembrava ter assistido quando criança. Depois, voltando-se para assuntos que evidentemente a haviam marcado bastante, lhe contaria todas as histórias do sobrenatural que escutara de sua ama. O envolvimento e a crença que parecia ter naquelas narrativas estimulavam o interesse até mesmo de Aubrey. Com frequência, quando ela lhe contava a história do vampiro vivo, que passara anos entre amigos e parentes queridos, vencendo os dias à custa de se alimentar da vida de uma linda mulher, de modo a prolongar a sua própria por mais alguns meses, Aubrey sentia calafrios, ao mesmo tempo que tentava rir para tirá-la de fantasias tão vãs e horrendas. Entretanto, Ianthe citou para ele o nome de alguns anciãos que haviam identificado um vampiro vivendo entre eles, depois de muitos de seus parentes mais próximos e suas crianças haverem aparecido com a marca do apetite da maligna criatura.

Ao vê-lo totalmente incrédulo, lhe pediu que acreditasse nela porque era sabido que aqueles que duvidavam da existência dos vampiros sempre acabavam recebendo alguma prova que os obrigava, à custa de sofrimento e perdas, a aceitar que era verdade. A garota lhe detalhou a aparência dos monstros, e seu horror aumentou ainda mais ao escutar uma descrição bastante acurada de *lord* Ruthven.

No entanto, Aubrey persistiu em persuadi-la de que os temores dela não poderiam ser verdadeiros, embora ao mesmo tempo se indagasse a respeito das muitas coincidências que reforçavam a crença de que *lord* Ruthven possuía alguma espécie de poder sobrenatural.

Aubrey ficou cada vez mais ligado a Ianthe; a inocência da moça, contrastando fortemente com as afetadas virtudes das mulheres entre as quais ele buscava realizar suas visões de romance, conquistou seu coração. Se, por um lado, achava ridícula a ideia de um cidadão inglês se casar com uma garota grega sem instrução, por outro ele se via cada vez mais fascinado por aquela figura que mais parecia uma fada diante de seus olhos.

Por vezes se afastava dela e, planejando alguma exploração à procura de artefatos antigos, partia, determinado a não retornar até ter obtido o objeto em vista. Mas sempre terminava por achar impossível manter a atenção nas ruínas à sua volta enquanto sua mente retinha a imagem que parecia a única legítima ocupante de seus pensamentos. Ianthe não parecia perceber o amor dele e mostrava sempre a mesma infantilidade espontânea de quando ele a conhecera. Ela parecia despedir-se dele com relutância, mas era porque não tinha mais ninguém com quem pudesse visitar seus esconderijos favoritos enquanto seu guardião estivesse ocupado desenhando ou escavando algum fragmento que haveria escapado à destruidora mão do tempo.

Ela recorrera a seus pais para que falassem sobre o vampiro, e ambos, diante de muitas outras pessoas presentes, confirmaram a existência da criatura, empalidecendo de horror à mera menção do nome.

Pouco depois, Aubrey resolveu seguir em uma de suas excursões, que deveria ocupá-lo por algumas horas. Quando os donos da casa escutaram o nome do lugar aonde pretendia ir, lhe imploraram que retornasse antes do escurecer, já que teria de atravessar uma floresta onde grego nenhum, e em nenhuma circunstância, passaria uma vez finda a claridade diurna. Descreveram o local como um antro de vampiros, que estes reservavam para suas orgias noturnas, e tentaram impressioná-lo com a possibilidade de as piores maldições caírem sobre quem ousasse invadir aqueles domínios.

Aubrey fez pouco caso dos avisos e tentou mesmo afastar as preocupações deles com piadas. Mas silenciou quando os viu reagir com medo à sua temeridade ao debochar de um poder que, embora infernal, era superior aos mortais. De fato, bastou mencionar a palavra “vampiro” para que sentissem um arrepio na nuca.

Na manhã seguinte, quando ia partir, sozinho, para a sua excursão, Aubrey ficou surpreso ao ver a melancolia estampada no rosto de seu hospedeiro; também estava incomodado com o fato de suas palavras, ao ter desdenhado a crença naqueles horrendos demônios, ter inspirado neles tamanho horror.

Quando estava prestes a partir, Ianthe correu até seu cavalo e lhe suplicou enfaticamente que retornasse antes que a noite permitisse que o poder daquelas criaturas despertasse. Ele prometeu fazer isso.

Esteve, porém, tão preocupado com a sua exploração que não percebeu que logo a luz do dia se extinguiria e que, no horizonte, surgia uma daquelas manchas que, nos climas mais quentes, rapidamente se juntam em uma massa colossal de nuvens e despejam todo o seu furor sobre uma região.

No entanto, Aubrey logo montava em seu cavalo, determinado a compensar seu atraso com o galope mais rápido. Mas era tarde demais. Nesses países mais ao sul, o crepúsculo é quase desconhecido: o Sol se põe rápido, e abruptamente começa a noite. Antes que ele tivesse avançado muito, desabou uma tempestade.

Os trovões se sucediam, e o pesado aguaceiro encontrou seu caminho por entre a cobertura de folhagens da copa das árvores, enquanto os relâmpagos, formando longos tridentes azulados, pareciam cair e irradiar-se bem a seus pés. De repente, o cavalo assustou-se, e Aubrey foi carregado em assustadora velocidade pelo animal em disparada através do emaranhado da floresta. Fatigado, afinal, o cavalo deteve-se, e Aubrey percebeu, sob o clarão de um relâmpago, que estava próximo a uma choupana que mal sobressaía da massa de folhas mortas e arbustos que a cercavam. Desmontando, ele se aproximou, com esperança de encontrar alguém que pudesse guiá-lo para a cidade ou pelo menos obter abrigo contra a tempestade. Ao chegar mais perto, o silêncio momentâneo dos trovões permitiu-lhe escutar os berros de pavor de uma mulher misturados a uma risada abafada, mas exultantemente debochada, que se prolongava num som contínuo.

Ficou espantado, mas, movido pelos trovões que de novo explodiam acima de sua cabeça, empurrou a porta da cabana, forçando-a a se abrir. Deparou-se com uma completa escuridão, e, no entanto, aquele som o conduzia. Aparentemente, sua entrada não fora detectada porque, apesar de chamar em voz alta, o som continuava e ele não recebia resposta.

Sentiu um contato com alguém, que imediatamente agarrou, quando então uma voz gritou: “De novo, frustrado!”, ao que se sucedeu uma risada alta, e, no instante seguinte, foi erguido no ar por uma força sobre-humana. Determinado a vender caro sua vida, lutou, mas em vão. Por um momento seus pés debateram-se no ar, e, em seguida, ele foi arremessado contra o chão com enorme violência. O inimigo atirou-se sobre ele e, ajoelhando-se sobre seu peito, apertou com ambas as mãos seu pescoço. Foi quando o brilho de muitas tochas, penetrando pela janela, perturbou a criatura.

Instantaneamente ele se ergueu, abandonando sua presa, correu em direção à porta e, em poucos segundos, já não se escutava o estalar de galhos de suas passadas atravessando a floresta.

A tempestade continuava, e os gemidos de Aubrey, incapaz de se mover, logo foram escutados pelos homens lá fora. Eles entraram, e a luz de suas tochas caiu sobre as paredes de barro, enchendo a choupana de grossa fumaça. A pedido de Aubrey, foram procurar pela mulher que o havia atraído com seus berros, e assim ele novamente foi deixado na escuridão. No entanto, qual não foi seu horror quando, novamente sob a luz das tochas, distinguiu sua bela companheira dos últimos meses, trazida agora como um corpo sem vida.

Aubrey cerrou os olhos, rezando para que não passasse de uma visão, despertada pela imaginação perturbada. Mas, quando os reabriu, a viu outra vez, estendida a seu lado. Não havia cores em suas faces nem em seus lábios. No entanto, havia uma serenidade no rosto dela que parecia quase tão atraente quanto a vida que antes fluía ali. O pescoço e os seios estavam manchados de sangue e, na garganta, havia as marcas dos dentes que tinham rasgado suas veias. E foram essas marcas que os homens apontaram, gritando quase em uma só voz:

– Vampiro! Vampiro!

Imediatamente armaram uma liteira, e Aubrey seguiu deitado ao lado daquela que, ultimamente, fora para ele o objeto de tantas e tão radiosas visões, agora extintas com a flor da vida que morrera com ela. Não conseguia controlar seus pensamentos. Sua mente estava embaçada,

parecendo fugir da compreensão do que acontecera, refugiando-se no vazio. Quase sem se dar conta, segurava na mão uma adaga que fora encontrada na choupana. A arma tinha desenho e cores muito peculiares.

Logo se encontraram com vários grupos que haviam se lançado nas buscas quando a mãe da garota dera por sua falta. Seus gemidos de lamentação, à medida que se aproximavam da cidade, prenunciaram aos pais a tragédia.

Seria impossível descrever o sofrimento deles, mas, quando foram informados da causa da morte, encararam Aubrey, apontando para o cadáver. Estavam ambos inconsoláveis, de coração partido.

Aubrey foi levado para a cama, onde foi acometido de febre altíssima, com incessantes delírios, quando então chamava por *lord* Ruthven e Ianthe. Por alguma incompreensível combinação de episódios, parecia suplicar ao ex-companheiro de viagem que poupasse aquela que ele amava. Em outros momentos, amaldiçoaria a si mesmo, acusando-se de ser o causador da morte da moça.

Por acaso, nessa ocasião, *lord* Ruthven chegou a Atenas e acabou por ser informado das condições de Aubrey. Hospedou-se imediatamente no mesmo lugar e se tornou aquele que com mais dedicação cuidava do doente.

Quando Aubrey se recobrou de seus delírios, ficou horrorizado e mesmo assombrado de vê-lo ali, justamente o homem a quem associava a imagem do vampiro. Mas *lord* Ruthven, com palavras afetuosas, que sugeriam até certo arrependimento por conta da situação que levava à separação dos dois e, ainda mais por causa de toda a atenção, ansiedade e carinho que demonstrou, logo o fez aceitar de bom grado sua presença. O aristocrata parecia de fato bastante mudado. Não era mais aquele ser apático que tanto havia assustado Aubrey.

No entanto, logo que a convalescença se acelerou, gradualmente tornou àquele estado de espírito, e Aubrey já não percebia diferença dele para o homem de antes, a não ser em certas ocasiões em que surpreendia o olhar de Ruthven fixado nele, intensamente, com um sorriso de exultação maliciosa brincando nos lábios. Não sabia por quê, mas aquele sorriso o

amedrontava. Durante o derradeiro período de recuperação do enfermo, *lord* Ruthven pareceu ocupado na observação das ondas que, na ausência da maré, eram levantadas pela brisa fria ou em acompanhar o percurso dos astros em órbita, como o nosso planeta, em torno do imóvel Sol. Na verdade, parecia estar evitando cruzar olhares com todos.

A mente de Aubrey, depois do choque que sofrera, estava bastante enfraquecida, e aquela elasticidade de espírito que no passado o distinguia parecia agora ter-se ido para sempre. Tornara-se um aficionado da solidão e do silêncio tanto quanto *lord* Ruthven. No entanto, por mais que desejasse a solidão, não poderia encontrá-la nas cercanias de Atenas. Quando a buscava nas ruínas que antes frequentava, o vulto de Ianthe surgia diante dele. Caso se refugiasse na floresta, logo escutava os leves passos da moça, como se ela vagasse entre os arbustos em busca de modestas violetas; então, de repente, se virava e exibia à enlouquecida imaginação dele seu rosto pálido, a garganta rasgada, mas com um doce sorriso nos lábios.

Decidiu, pois, fugir daqueles lugares onde tudo evocava pensamentos tão amargos. Propôs a *lord* Ruthven, a quem se via agora ligado por gratidão pelos cuidados afetuosos que ele lhe dispensara durante sua enfermidade, que prosseguissem viagem pela Grécia para visitar as regiões que ainda não tinham visto. Percorreram o país de norte a sul, ilhas e continente, visitando todos os lugares dos quais valeria a pena se recordar. No entanto, embora vissem tudo, compulsivamente, nada parecia suficiente para reter sua atenção. Ouviram muita coisa sobre ladrões, mas aos poucos começaram a dar cada vez menos importância aos relatos, acreditando que fosse invenção de indivíduos que tinham interesse em estimular a generosidade daqueles que defendiam de supostos perigos.

Em consequência desse desdém pelos conselhos dos habitantes locais, em certa ocasião se puseram em viagem acompanhados de poucos guardas, mais para servir-lhes de guias do que de proteção. Entretanto, tiveram razões para se arrepender disso ao penetrar num desfiladeiro no fundo do qual corria o leito de um impetuoso riacho, repleto de rochas trazidas de precipícios adjacentes. Mal havia o grupo inteiro entrado no

estreito passo quando o assovio de balas cortou o ar junto à cabeça deles. Pelo eco dos disparos, seriam muitas armas apontadas contra eles.

No instante seguinte, os guardas já haviam se separado e, abrigando-se por trás das rochas, começaram a atirar na direção de onde vinham os tiros dos assaltantes. *Lord* Ruthven e Aubrey, imitando-os, protegeram-se atrás das rochas de uma curva do desfiladeiro. Sentiam-se envergonhados por se depararem com um inimigo que, berrando insultos, os desafiava a avançar e por estarem sujeitos a um inevitável massacre, caso algum dos bandidos galgasse a inclinação rochosa, passando acima deles e atacando-os, depois, pela retaguarda.

Resolveram então tomar a iniciativa de uma vez e avançar sobre os inimigos. Nem bem haviam deixado o abrigo das pedras e *lord* Ruthven foi atingido por um balaço no ombro, que o prostrou no chão. Aubrey correu em seu auxílio, sem muita atenção ao combate ou ao perigo a que se expunha, e logo foi surpreendido pelo bando de ladrões, que o cercou. Os guardas, logo que viram *lord* Ruthven caído, prontamente jogaram suas armas no chão, rendendo-se.

Prometendo aos bandidos uma valiosa recompensa, Aubrey pouco depois conseguiria convencer os ladrões a carregar *lord* Ruthven para uma choupana nos arredores. Depois de negociar um resgate, não teve mais de aturar a presença deles, já que se contentaram em somente ficar vigiando a entrada até que o comparsa retornasse com a soma prometida, que seria paga contra uma ordem assinada.

As forças de *lord* Ruthven rapidamente decaíram. Dois dias depois, o ferimento havia se tornado uma gangrena, e a morte parecia avançar sobre ele com passadas ligeiras. Sua conduta, no entanto, bem como a aparência, não apresentara alterações. Parecia tão insensível à dor quanto aos objetos a sua volta. Mas, já no final da última noite, sua mente mostrou sinais de perturbação, e ele, com olhar constantemente fixo em Aubrey, induzia-o a auxiliá-lo com intensidade maior do que seria de esperar.

– Ajude-me. Você pode me salvar. Pode até mesmo fazer mais do que isso. Não me refiro a minha vida. Importo-me com o fim da minha

existência tão pouco quanto com o do dia que passa. Você pode salvar a minha honra, a honra deste seu amigo.

– Como? Diga-me como. Farei qualquer coisa – prometeu Aubrey.

– Preciso de apenas um pouco. Minha vida logo se extinguirá. Não posso explicar tudo, mas, se você ocultar o que sabe de mim, minha honra estará preservada diante dos comentários do mundo. E, se minha morte não for noticiada, por algum tempo, na Inglaterra, eu... eu... se parecer que ainda vivo...

– Ninguém saberá – afirmou Aubrey.

– Jure! – disse alto o moribundo, erguendo-se, bruscamente, exultante.

– Jure por tudo o que reverencia, pelos temores que sua natureza lhe impõe, jure! Jure que por um ano e mais um dia você não relatará o que sabe sobre meus crimes e minha morte a nenhum ser vivente, seja de que modo for, seja lá o que acontecer e o que você testemunhar.

Os olhos de Ruthven pareciam saltar das órbitas.

– Eu juro! – disse Aubrey.

Ruthven então, com um sorriso, desabou em seu travesseiro e cessou de respirar.

Aubrey retirou-se para repousar, mas não dormiu. Todos os episódios relacionados a sua convivência com aquele homem atravessaram sua mente, sem que ele conseguisse explicar por quê. Mas, quando recordava seu juramento, um calafrio de horror o percorria, como se pressentisse algo terrível aguardando por ele.

Na manhã seguinte levantou bem cedo, e estava prestes a entrar na choupana na qual havia deixado o cadáver, quando um dos ladrões o abordou e lhe informou que o corpo já não estava ali dentro. Fora levado por ele próprio e seus comparsas para o alto de uma colina próxima, de acordo com uma promessa que haviam feito ao aristocrata de que ele deveria ser exposto aos primeiros raios de luar que surgissem dos céus, em seguida a sua morte.

Espantado, Aubrey, levando consigo diversos homens, resolveu seguir até lá e enterrá-lo no lugar onde o haviam deixado. Mas, quando alcançou o topo, não encontrou mais vestígios, nem do cadáver nem das roupas,

embora os ladrões jurassem que estavam lhe indicando a rocha onde haviam depositado o corpo de *lord* Ruthven. Por algum tempo, os pensamentos de Aubrey se agitaram em conjecturas, mas finalmente ele retornou, convencido de que haviam enterrado o cadáver e roubado as roupas.

Desgastado com aquele país onde havia sofrido tantos infortúnios e onde, aparentemente, tudo conspirava para aumentar a melancolia supersticiosa que havia dominado sua mente, decidiu partir, e logo chegou a Esmirna. Enquanto esperava por um navio que o levasse para Otranto ou para Nápoles, matava o tempo arrumando os pertences de *lord* Ruthven que estavam em seu poder. Entre outras coisas, havia uma valise contendo várias armas, algumas mais mortais do que outras. Havia diversas adagas e iatagãs⁵. Ao examiná-las, aguçaram sua curiosidade seus estranhos formatos e qual não foi sua surpresa quando encontrou uma bainha com o mesmo tipo de ornamento da adaga que ele achara na choupana fatídica. Aubrey estremeceu. Procurando estabelecer uma prova, foi buscar a lâmina, e pode-se imaginar seu horror quando a adaga se encaixou perfeitamente na bainha que tinha em suas mãos.

Nada mais era necessário para Aubrey ter sua certeza. Seus olhos estavam fixados na adaga, e ainda assim ele queria não acreditar. Mas o formato tão peculiar da lâmina e a mesma variação de cores na pintura do cabo e da bainha, conferindo a ambas o mesmo esplendor, não deixavam mais dúvidas. Além do mais, havia pingos de sangue nas duas peças.

Ele deixou Esmirna e, em Roma, deteve sua jornada para casa e procurou logo saber como estava a moça que havia conseguido salvar dos artifícios de sedução de *lord* Ruthven. Encontrou os pais dela arrasados, a fortuna da família devastada, além de não haver notícias dela desde a partida do aristocrata. A sanidade de Aubrey estava por um fio depois de tantos horrores. Temia que a moça fosse mais uma vítima do ser destruidor que ceifara a vida de Ianthe. Tornou-se apático, silencioso, e sua única reação ao que estava a sua volta consistia em incitar os cocheiros a conduzir a carruagem mais e mais depressa, como se estivesse tentando salvar a vida de seu ente mais querido.

Chegou a Calais, e uma brisa marinha que parecia obedecer à sua vontade logo o trazia para o litoral da Inglaterra. Aubrey apressou-se a tomar o rumo da mansão dos pais, e lá, por um momento, pareceu abandonar, no abraço e carinhos de sua irmã, toda a lembrança do passado recente. Se ela, com seu afeto infantil, havia conquistado antes o amor dele, agora que a mulher começava a surgir Aubrey se sentia ainda mais ligado à irmã.

A garota Aubrey não tinha aquela graça que atrai olhares e conquista o aplauso dos salões e das festas. Nada havia nela daquele brilho fútil que somente aparece na atmosfera calorenta e apinhada de gente. Seus olhos azuis jamais se acendiam em função das leviandades da mente rasteira. Havia nela um charme melancólico que não parecia advir de infortúnios, mas de sentimentos profundos, indicando uma alma consciente de um reino mais elevado. Seus passos não eram precipitados como os daqueles que se desviam, atraídos por qualquer borboleta ou cor que se apresente, mas serenos, pensados. Quando a sós, suas faces jamais se iluminavam com o sorriso da alegria, mas, quando o irmão lhe declarava sua afeição por ela e lhe dizia que a presença dela permitia que ele esquecesse todos os pesares que, ela sabia, haviam destruído a paz de espírito dele, quem trocaria o sorriso daquela garota pelos encantos das voluptuosas? Parecia que aqueles olhos e aquele rosto brincavam, irradiando luz própria.

Ela tinha somente dezoito anos e ainda não havia sido apresentada ao mundo, já que seu tutor considerara mais conveniente que esse evento fosse adiado até o irmão dela retornar do continente, quando então Aubrey se tornaria o protetor da moça. Fora agora resolvido, no entanto, que o próximo baile, que se aproximava rapidamente, seria a ocasião de sua entrada na vida social. Aubrey teria preferido permanecer na mansão dos pais, cultuando a melancolia que o havia tomado. Não era mais capaz de nutrir interesse por frivolidades de estranhos afetados, quando seus pensamentos estavam ainda tão transtornados pelos eventos que havia testemunhado. Mas estava determinado a sacrificar seu conforto para proteger a irmã. Logo chegaram a Londres e se prepararam para o dia seguinte, quando ocorreria o baile.

Havia um grande excesso de convidados – fazia muito tempo que não se promovia uma festa como aquela, e todos os que haviam aguardado ansiosamente para se alimentar de um resto de sorriso de Suas Majestades fizeram questão de comparecer.

Mas, num momento em que estava sozinho, num canto, alheio a tudo o que acontecia ao redor e com os pensamentos obsessivamente voltados para a lembrança da primeira vez em que vira *lord* Ruthven, exatamente naquele salão, Aubrey sentiu de repente um agarrão em seu braço e escutou uma voz que pôde reconhecer muito bem, cochichar em seu ouvido:

– Lembre-se de seu juramento.

Mal teve coragem para se virar, temeroso de ver o espectro que o fulminaria, quando percebeu, a pouca distância, a mesma figura que havia atraído sua atenção, naquele lugar, na vez em que se apresentara à sociedade. Fixou o olhar até que as pernas quase se recusassem a sustentar seu peso e então teve de se amparar no braço de um amigo. Dali, forçando passagem através da multidão, atirou-se para dentro da carruagem e pediu que fosse conduzido para casa.

Lá, ficou andando de um lado para outro com passadas frenéticas e levou as mãos à cabeça, como se temesse que seus pensamentos se evadissem do cérebro. *Lord* Ruthven outra vez surgia diante dele... as imagens se precipitando numa velocidade assustadora... a adaga... seu juramento... Tentou recobrar o ânimo, não poderia acreditar que fosse possível... o morto novamente de pé. Pensou que sua imaginação teria invocado aquelas imagens que lhe oprimiam a mente. Era impossível que fosse verdade. No entanto, ele resolvera voltar a frequentar a sociedade para indagar sobre *lord* Ruthven – mas o nome pendurava-se em seus lábios e ele não obtinha informações.

Algumas noites depois, foi com a irmã a uma reunião de parentes. Deixando-a sob a proteção de uma senhora, retirou-se para um aposento mais discreto e lá entregou-se a seus pensamentos mais vorazes.

Percebendo, afinal, que muitos convidados estavam indo embora, recompôs-se e, entrando numa outra sala, encontrou sua irmã cercada por

diversas pessoas, aparentemente em animada conversação. Tentou ultrapassar o círculo e aproximar-se dela, quando uma pessoa, a quem pediu licença para lhe dar passagem, virou-se para ele revelando-lhe as feições que o horrorizavam. Avançou à frente, então, agarrou o braço da irmã e, com passos apressados, empurrou-a para a rua. Na porta, viu-se bloqueado por uma multidão de criados que aguardavam seus amos e, enquanto tentava passar por eles, novamente escutou o sussurro junto de seu rosto:

– Lembre-se de seu juramento.

Não se atreveu a se virar para olhar, mas, apressando ainda mais a irmã, logo chegou em casa.

Aubrey foi se alienando de tudo e de todos. Se anteriormente sua mente havia sido absorvida por algo determinado, quanto mais agora que a certeza de que o monstro vivia novamente não deixava seus pensamentos. Os cuidados de sua irmã lhe eram agora indiferentes, e foi em vão que a garota tentou levá-lo a explicar o que havia causado uma mudança tão repentina de sua conduta. Aubrey somente conseguia pronunciar umas poucas palavras, e isso a aterrorizava.

Quanto mais ele pensava a respeito, mais perturbado ficava. O juramento que fizera agora lhe despertava horrendos temores. Deveria ele então permitir a esse monstro agir livremente, espalhando desgraça entre as pessoas que mais amava, e tudo isso debaixo de seu nariz, sem que ele pudesse fazer nada para detê-lo? Até mesmo sua irmã poderia ter sido tocada pelo monstro. Mas, ainda que rompesse o juramento, e contasse a todos suas suspeitas, quem iria acreditar nele?

Pensou em livrar o mundo, com suas próprias mãos, daquela aberração. Mas a morte, no caso, ele bem lembrava, havia sido desmoralizada. Por dias e dias permaneceu recolhido a sua propriedade, trancado em seus aposentos, sem ver ninguém, e se alimentando somente quando sua irmã vinha lhe trazer refeições com os olhos vertendo lágrimas, aflita de vê-lo nesse estado, implorando-lhe pelo amor que tinha a ela, que comesse, ou morreria.

Afinal, já incapaz de suportar a inércia e a solidão, deixou a mansão e percorreu as ruas, ansioso por afugentar aquela imagem que o perseguia. Tornou-se negligente com seus trajes e perambulava pela cidade, largado de si, ora exposto ao sol do meio-dia, ora à umidade noturna. Ninguém mais o reconhecia. No início, ainda retornava à noite para casa, mas logo passou a dormir onde quer que a fadiga o derrubasse.

A irmã, ansiosa por protegê-lo, contratou pessoas para segui-lo, mas ele logo as deixava para trás, já que fugia de um perseguidor mais rápido do que qualquer pessoa: seus pensamentos.

E, no entanto, de repente sua conduta mudou. Abalado com a ideia de que sua ausência deixava todos os seus amigos com um demônio imiscuído entre eles, uma ameaça da qual não estavam sequer conscientes, determinou a si mesmo retornar à sociedade e vigiá-lo de perto, preocupado, a despeito de seu juramento, em prevenir a todos de quem o aristocrata ganhasse mais intimidade. Mas, quando entrou numa sala, seus olhares desconfiados, ameaçadores, eram tão enervantes aos demais e a maneira como estremecia falando consigo mesmo era tão visível que finalmente sua irmã foi obrigada a implorar, pelo amor que ele lhe tivesse, que abandonasse a busca em meio àquela sociedade que o afetava de maneira tão arrasadora. Mas, como o pedido da irmã se mostrou inútil, os tutores consideraram prudente intervir e, já receando que sua sanidade estivesse comprometida, acharam que era hora de reassumir a guarda sobre os irmãos, como havia sido imposta pelos pais de Aubrey.

Já agora visando preservá-lo das afrontas e dos padecimentos que enfrentava diariamente em suas andanças e para evitar que expusesse ao olhar público aquilo que já acreditavam ser prova de sua loucura, contrataram um médico para residir na casa e cuidar dele ininterruptamente. No entanto, com a mente totalmente absorvida por um único e medonho assunto, Aubrey mal parecia se dar conta da presença do médico.

Finalmente, os desacertos do rapaz tornaram-se tão graves que ele foi confinado aos seus aposentos. Lá, passava os dias deitado, incapaz de se levantar. Tornou-se emaciado, seus olhos ficaram vítreos, e o único sinal

de sentimentos e de lembranças que lhe restava surgia quando a irmã entrava no quarto. Então Aubrey se agitava e, tomando as mãos dela, com um semblante que a fazia ainda mais aflita, dizia-lhe que *não chegasse perto dele...*

– Se tem amor por mim, não deixe que ele a toque!

Quando a irmã indagava a quem ele se referia, sua única resposta era:

– É verdade! É verdade!

E a seguir mergulhava de novo no estado de prostração do qual nem mesmo ela conseguia tirá-lo.

Essa situação durou alguns meses. No entanto, gradualmente, enquanto o ano transcorria, seus delírios se tornaram menos frequentes, e sua mente conseguiu se recuperar em parte da depauperação. Os tutores observaram que Aubrey, várias vezes ao dia, contava nos dedos até alcançar certo número, e depois sorria.

O tempo correu até que, no último dia do ano, um dos tutores entrou nos aposentos de Aubrey e começou a conversar com o médico sobre a lastimável circunstância de o rapaz estar naquela situação justamente quando a irmã dele iria se casar no dia seguinte. De súbito, a atenção de Aubrey foi atraída, e ele começou a perguntar, tomado de ansiedade, com quem ela se casaria.

Felizes com essa demonstração de recuperação de consciência, da qual já temiam que o rapaz tivesse sido irreversivelmente privado, mencionaram o nome do conde de Marsden. Pensando que se tratava de um jovem conde que certa vez encontrara numa festa, Aubrey pareceu apreciar a notícia e, para espanto geral, expressou a vontade de comparecer às núpcias, desejando ver logo a irmã.

A princípio negaram seu pedido, mas poucos minutos depois a irmã estava a seu lado. Ele se mostrou de novo suscetível à influência do adorável sorriso da moça, apertou-a contra o peito e beijou suas faces, molhadas de lágrimas, reanimando-se ela com o pensamento de seu irmão estar outra vez vivo para os sentimentos.

Ele começou a falar com o fervor de antes, congratulando-a pelo casamento, ainda mais com uma pessoa de tão alta posição, tanto por seu

título quanto por seus talentos, quando de repente percebeu que ela portava um medalhão no peito. Abrindo-o, qual não foi sua surpresa ao ver o rosto do monstro que havia destruído sua vida. Aubrey agarrou o retrato num raivoso tremor apoplético e o despedaçou com o pé.

Espantada, a moça tentou indagar por que ele destruíra o retrato de seu futuro marido, e o olhar dele foi de total incompreensão. Então, agarrando-lhe as mãos e fitando-a com uma expressão de frenética perturbação, implorou-lhe que jurasse jamais se casar com aquele monstro, porque ele...

Mas não conseguiu prosseguir. Pareceu-lhe escutar novamente a voz que lhe cobrava obediência ao seu juramento. Ele se voltou de repente, pensando que *lord* Ruthven estivesse junto de si, mas não viu ninguém. Nesse meio-tempo, os tutores e o médico, que tudo haviam escutado, acreditaram que Aubrey estivesse sofrendo uma recaída e incitaram-na a sair dos aposentos. Ele caiu de joelhos e implorou que adiassem o casamento por somente um dia, nada mais. Mas, atribuindo tudo isso à insanidade que imaginavam o tivesse tomado, fizeram apenas tentativas de tranquilizá-lo e se apressaram a se retirar.

Lord Ruthven havia visitado a casa no dia seguinte ao da última recepção a que Aubrey comparecera, desejando vê-lo, no que fora impedido, como todos os amigos do rapaz. Quando ficou sabendo do estado de saúde de Aubrey, imediatamente compreendeu que era o causador de tudo aquilo. E mais, quando soube que o estavam considerando louco, mal pôde dissimular sua alegria e prazer com a notícia diante dos que a estavam transmitindo a ele. Voltou o mais depressa possível à casa do rapaz e, por meio de constantes visitas e demonstrações fingidas de enorme afeição por Aubrey, além de extremo interesse por seu estado, logo conseguiu aproximar-se da irmã dele.

Quem poderia resistir ao seu poder? Sua língua era a mais perigosa, a mais repleta de truques. Falava de um jeito que era como se não tivesse simpatia por nenhuma pessoa na Terra, tão povoada, a não ser por aquela que o escutava. Podia fazê-la acreditar que, desde que a conhecera, sua vida finalmente parecia valer a pena. Mesmo se fosse apenas para escutar

as palavras reconfortantes da garota. Em suma, conhecia tão bem o segredo de como usar o ardil da serpente, ou talvez fosse tudo desígnio do destino, da fatalidade, que acabou conquistando o seu amor. Recebendo por herança o título de um antigo ramo familiar, obteve também uma embaixada importante, o que serviu de justificativa para acelerar o casamento (a despeito da enfermidade do irmão), que deveria ter lugar na véspera de sua partida para o continente.

Aubrey, quando o médico e seus tutores o deixaram, ainda tentou subornar os criados, mas em vão. Pediu caneta e papel, o que lhe foi dado, e escreveu uma carta para a irmã, pedindo-lhe que, se desse valor à sua felicidade, à sua honra e à honra dos que agora repousavam no túmulo, que no passado a carregaram no colo e a tinham como esperança deles e da família, adiasse por algumas horas o casamento, sobre o qual pesavam os mais trágicos augúrios. Os criados prometeram entregar a carta, mas, passando-a ao médico, este achou que o melhor era não jogar mais preocupações sobre a Srta. Aubrey, ainda mais por conta do que considerava delírio de uma mente insana.

A noite transcorreu sem que os moradores da casa tivessem descanso. Com horror mais fácil de imaginar do que de descrever, Aubrey escutou o alarido dos preparativos. Amanheceu, e o ruído das carruagens chegou aos seus ouvidos. Aubrey agitou-se em desespero. A curiosidade dos criados finalmente venceu o senso da obrigação de vigiá-lo, e, para poder ir olhar o movimento, deixaram-no aos cuidados de uma senhora idosa e sem meios para contê-lo.

Aubrey aproveitou a oportunidade e, com um salto, ganhou o corredor e disparou por ele até que, um instante depois, entrava no salão onde quase todos já se reuniam. *Lord* Ruthven foi o primeiro a percebê-lo e, agarrando à força seu braço, com tanta raiva que mal conseguiu falar, puxou-o para fora, apressadamente.

– Lembre-se de seu juramento e saiba que, se não for minha noiva hoje, sua irmã estará desonrada. As mulheres são frágeis.

Dito isso, puxou-o para onde estavam os criados que deveriam vigiá-lo e que, alertados pela senhora idosa, haviam saído à procura dele. Aubrey

já não conseguia suportar mais pressão. Sem ter como descarregar seu ódio, um vaso sanguíneo se rompeu, e ele foi carregado para o leito.

Por medo de perturbá-la demais, nada disso foi relatado à noiva, que não estava no salão na hora em que o irmão entrara lá. O casamento foi realizado, e os noivos partiram de Londres.

A fraqueza de Aubrey aumentou enormemente. A hemorragia interna produziu sequelas que o deixaram com toda a aparência de morto. Ele chamou os tutores de sua irmã e, quando enfim o relógio bateu meia-noite, mostrando total controle de si, relatou em detalhes a história que o leitor conhece. Em seguida morreu.

Os tutores se apressaram a partir para tentar salvar a Srta. Aubrey, mas, quando chegaram, era tarde demais. *Lord* Ruthven havia desaparecido. E a garota já fora usada para saciar a sede de um VAMPIRO!

+++

AUTOR E OBRA

John William Polidori (1795-1821) foi, se não um personagem, um indivíduo típico da época do Romantismo. A começar por seu personagem, o idealista e ingênuo Aubrey, sempre guiado pelo amor e cujos sentimentos extravasam para o cenário, em sua busca por ruínas (um ícone do Romantismo) e pelo resgate da civilização grega antiga (idem).

Contratado por LORD Byron – este, sim, uma figura-símbolo de sua época, em toda a Europa ocidental – como seu médico particular, Polidori acompanhou-o em algumas de suas viagens. No verão de 1816, estava com Byron no Lago de Genebra, na Suíça, quando ocorreu um episódio fundamental na história da literatura gótica⁶.

Eram hóspedes de Byron o poeta Percy Shelley e sua mulher, Mary. Chovia tanto que os hóspedes, para se entreter, começaram a ler *histórias*

de fantasmas. Naquele tempo, um dos modos de leitura mais populares era a *roda*: escolhia-se alguém para ler em voz alta, ou alguém se oferecia, e os demais escutavam.

A leitura, ao que parece, causou grande impacto nos ouvintes. Tanto que Byron lançou um desafio: “Vamos escrever histórias de fantasmas e lê-las entre nós, para ver quem cria a melhor”. Percy Shelley não escreveu nada. Byron, sim, mas deixou sua história incompleta. Os únicos que concluíram com sucesso o desafio foram Polidori e a jovem Mary – que não tinha nenhuma fama como literata nem preconceitos quanto a escrever em prosa (Byron e Shelley eram poetas e achavam, de acordo com o pensamento da época, que só a poesia era literatura).

A história de Mary Shelley foi o antológico *Frankenstein*, um dos romances básicos da literatura gótica do Romantismo. O conto de Polidori é “O vampiro”, em que ele criou o personagem *lord* Ruthven, que influenciou inúmeros autores, inclusive Bram Stoker, na composição de seu *Drácula*, já no final do século XIX.

Ruthven introduziria o modelo do vampiro aristocrático, dotado de refinamento e alto poder de sedução, no que seria acompanhado por Stoker⁷. Se *Drácula* foi e será sempre um personagem mais poderoso – e o mais formidável do gênero –, *lord* Ruthven foi o primeiro de uma série de vampiros a enfeitiçar o público europeu. Isso sem falar nos escritores⁸.

+++

NOTAS

1. A Grécia e seu povo foram dominados pelo Império Otomano (capital: Constantinopla, atual Istambul, capital da Turquia) até 1832. A intelectualidade europeia nunca se conformou que os tesouros da Antiguidade Clássica estivessem sob a posse dos turcos. Era um ideal do Romantismo libertar a Grécia, e LORD Byron morreu nessa guerra, em 1824.

2. Epicurista: Discípulo ou seguidor dos ensinamentos de Epicuro (filósofo grego: 341 a.C.-270 a.C.); ou aquele que cultua essencialmente o prazer.
3. Sílfide: Ser mágico ligado ao ar, nas mitologias céltica e germânica; mulher esbelta, elegante.
4. Pausânias: Um dos precursores da arqueologia, Pausânias viveu no segundo século depois de Cristo. Deixou-nos uma obra em dez volumes, *Descrição da Grécia*, com um relato detalhado do que viu em suas viagens por todas as regiões do país, abrangendo aspectos geográficos, econômicos e culturais, como a reprodução de lendas ou de versões de mitos locais, como também de vestígios e ruínas já antigas em sua época.
5. Iatagãs: Punhal ou espada pequena sinuosa. Arma típica do Oriente Médio.
6. Relatado também na seção AUTOR E OBRA do conto "Transformação", de Mary Shelley. Há sutis diferenças em relação ao relato de Polidori.
7. Outras fontes de *Drácula* foram *Carmilla*, de Sheridan Le Fanu (ver o conto do autor, "Dickon, o Diabo", nesta antologia), e as pesquisas que fez sobre crenças populares e lendas sobre vampiros, inclusive na Europa oriental.
8. Ruthven é citado por Alexandre Dumas em *O Conde de Monte Cristo* (capítulos 40 e 53, por exemplo).



3 A pata do macaco

W. W. Jacobs

Tradução: Sandra Pina

I

Lá fora, a noite estava fria e úmida, mas, na pequena sala de Laburnam Villa, as cortinas estavam fechadas e o fogo crepitava. Pai e filho jogavam xadrez. O primeiro tinha ideias sobre o jogo que implicavam lances radicais e colocou seu rei em perigo de modo tão precipitado e desnecessário que chegou a provocar um comentário da senhora de cabelos brancos que tricotava calmamente à beira do fogo.

– Escute o vento – disse o Sr. White, que, ao perceber o erro fatal tarde demais, estava cordialmente tentando evitar que seu filho o notasse.

– Estou ouvindo – disse o outro, examinando atentamente o tabuleiro, enquanto estendia a mão: – Xeque...

– Achava difícil que viesse esta noite – disse o pai, com a mão suspensa sobre o tabuleiro.

– ...mate – concluiu o filho.

– Isso é o pior de morar tão longe – gritou o Sr. White com violência súbita e inesperada. – De todos os lugares desagradáveis, lamacentos, fora de mão para viver, este é o pior. A trilha é um pântano, e a estrada, uma torrente. Não sei o que estão pensando. Suponho que, como apenas duas casas ficaram na estrada, acham que o lugar não tem importância.

– Não se aborreça, querido – disse a esposa gentilmente. – Talvez você ganhe a próxima.

O Sr. White levantou os olhos rapidamente, bem a tempo de interceptar um olhar de cumplicidade entre mãe e filho. As palavras morreram em seus lábios, e ele escondeu um sorriso de culpa em sua fina barba grisalha.

– Ei-lo – disse Herbert White quando o portão bateu ruidosamente e passos pesados se encaminharam para a porta.

O velho levantou-se com pressa hospitaleira e, abrindo a porta, pôde-se ouvi-lo se lamentando com o recém-chegado. O visitante também tinha queixas a fazer, de modo que a Sra. White murmurou:

– Tsc, tsc! – E tossiu disfarçadamente enquanto o marido entrava na sala seguido de um homem alto, corpulento, de olhos arredondados e rosto corado.

– Sargento-mor Morris – disse ele, apresentando-o.

O sargento-mor cumprimentou-os e, tomando o assento oferecido perto do fogo, observou-o com satisfação enquanto seu anfitrião pegava uísque, copos e uma pequena chaleira de cobre no fogo.

No terceiro copo, seus olhos ficaram mais vivos, e ele começou a falar. O pequeno círculo familiar observava com grande interesse esse visitante de lugares distantes, enquanto ele ajustava os largos ombros na cadeira e falava sobre episódios estranhos e feitos intrépidos, de guerras, pragas e pessoas incomuns.

– Vinte e um anos nisso – disse o Sr. White, fazendo um gesto para a esposa e o filho. – Até ele ir embora, era um jovem frágil no armazém. Agora, olhem para ele.

– Não parece ter se ferido muito – falou a Sra. White polidamente.

– Gostaria de viajar para a Índia – disse o velho. – Apenas para conhecer um pouco, sabe?

– O melhor lugar é sempre onde a gente está – sentenciou o sargento-mor, balançando a cabeça. Ele apoiou o copo vazio na mesa, suspirando baixinho.

– Gostaria de ver aqueles templos antigos, os faquires e malabaristas – falou o velho. – O que foi mesmo que você começou a me contar outro dia sobre uma pata de macaco, ou algo assim, Morris?

– Nada – apressou-se o sargento-mor a responder. – Pelo menos nada que valha a pena ser ouvido.

– Pata de macaco? – perguntou, curiosa, a Sra. White.

– Bem, talvez seja apenas uma dessas coisas que costumamos chamar de magia – respondeu o sargento-mor sem constrangimento.

Seus três ouvintes se inclinaram para a frente, curiosos. O visitante, distraidamente, levou seu copo vazio aos lábios e o baixou novamente. O anfitrião o encheu.

– Aqui está – disse o sargento-mor, mexendo no bolso. – É apenas uma pequena pata comum, mumificada. – Ele a tirou do bolso e a mostrou.

A Sra. White recuou com uma careta, mas seu filho pegou-a e examinou-a curiosamente.

– E o que há de especial sobre ela? – perguntou o Sr. White, após pegá-la do filho, examiná-la e colocá-la em cima da mesa.

– Foi enfeitiçada por um velho faquir – disse o sargento-mor. – Um homem muito santo. Ele queria mostrar que o destino rege a vida das pessoas e que aqueles que interferem nisso provocam seu próprio pesar. Colocou nela um feitiço de modo que três homens diferentes poderiam realizar, cada um, três desejos.

Seus modos eram tão impressionantes que os ouvintes tiveram a sensação de que os suaves risos soaram um pouco estridentes.

– Bem, por que não fez os seus, senhor? – perguntou habilmente Herbert White.

O soldado olhou-o da maneira como um homem de meia-idade encara a juventude, que considera presunçosa.

– Eu fiz – respondeu ele serenamente, e seu rosto marcado de varíola empalideceu.

– E o senhor realmente recebeu os três desejos? – perguntou a Sra. White.

– Recebi – disse o sargento-mor, e seu copo bateu levemente contra seus dentes fortes.

– E mais alguém a usou depois? – questionou a senhora.

– Sim, o primeiro homem obteve seus três desejos – foi a resposta. – Não sei quais foram os dois primeiros, mas o terceiro foi a morte. Foi assim que consegui a pata.

Seu tom era tão grave que um silêncio caiu sobre o grupo.

– Se realizar seus três desejos, não lhe serve mais agora, Morris – disse, finalmente, o velho. – Por que a guarda?

O soldado balançou a cabeça.

– Capricho, eu acho – respondeu calmamente. – Cheguei a pensar em vendê-la, mas acho que não o farei. Essa coisa já causou dano suficiente. Além disso, as pessoas não a comprariam. Algumas acham que é um conto de fadas, e aquelas que acreditam, seja lá como, vão querer experimentar primeiro e me pagar depois.

– Se pudesse realizar mais três desejos – perguntou o velho, encarando-o sutilmente –, você o faria?

– Não sei – respondeu o outro. – Eu não sei.

Ele pegou a pata e, balançando-a entre seu dedo indicador e o polegar, de repente a jogou no fogo. White, com um ligeiro grito, abaixou-se e pegou-a.

– Melhor deixá-la queimar – disse, solenemente, o soldado.

– Se você não a quer, Morris – respondeu o outro –, dê a pata para mim.

– Não – disse o amigo, inflexível. – Joguei-a no fogo. Se você a pegou, não me culpe pelo que acontecer. Seja um homem sensato e lance a pata novamente ao fogo.

O outro balançou a cabeça e examinou seu novo bem atentamente.

– Como funciona? – perguntou.

– Segure-a com a mão direita e formule o desejo em voz alta – disse o sargento-mor –, mas devo alertá-lo sobre as consequências.

– Soa como *As Mil e Uma Noites* – disse a Sra. White, enquanto se levantava para preparar o jantar. – Não acha que deveria desejar quatro pares de mãos para mim?

O marido tirou o talismã do bolso, e os três começaram a rir, enquanto o sargento-mor, com um olhar alarmante no rosto, segurou-o pelo braço.

– Se quer mesmo formular um desejo – disse rispidamente –, que seja algo razoável.

O Sr. White colocou o talismã de volta no bolso e, arrumando as cadeiras, convidou o amigo para a mesa. Durante o jantar, o assunto foi parcialmente esquecido, e, depois, os três sentaram-se para ouvir, fascinados, uma segunda sessão das aventuras do soldado na Índia.

– Como se a história sobre a pata do macaco fosse menos verídica do que tudo o que ele nos contou – disse Herbert quando a porta se fechou atrás do convidado, bem a tempo de ele tomar o último trem. – Não devemos levar muito em conta essas histórias.

– Você lhe deu algo por essa coisa, pai? – perguntou a Sra. White, encarando o marido.

– Uma ninharia – disse ele, corando ligeiramente. – Ele não queria, mas eu o fiz aceitar. E ele me pressionou novamente para jogá-la fora.

– Provavelmente – disse Herbert com horror fingido – porque, senão, nos tornaríamos ricos, famosos e felizes. Deseje ser um imperador, pai, só para começar; então não poderá ser dominado pela esposa.

Ele contornou rapidamente a mesa, seguido pela perigosa Sra. White armada com uma manta do estofado.

O Sr. White tirou a pata do bolso e ficou olhando-a com hesitação.

– Não sei o que desejar, e isso é um fato – disse calmamente. – Me parece que tenho tudo o que quero.

– Se você simplesmente quitasse a casa, ficaria muito feliz, não ficaria? – disse Herbert, com a mão no ombro dele. – Bem, deseje duzentas libras, então, é o suficiente.

O pai, sorrindo envergonhado com a própria credulidade, segurou o talismã, enquanto o filho, com o ar solene prejudicado por uma piscadela da mãe, sentou-se ao piano e tocou alguns acordes comoventes.

– Deseje duzentas libras – disse o velho decididamente.

Um belo acorde do piano saudou as palavras, interrompido por um grito de pavor do velho. A esposa e o filho correram em sua direção.

– Ela se mexeu – gritou de novo com um olhar de nojo para o objeto, que estava caído no chão. – Quando formulei o desejo, a pata se mexeu na

minha mão, como uma cobra.

– Bem, não vejo o dinheiro – disse o filho enquanto apanhava a pata do chão e a colocava na mesa – e aposto que nunca verei.

– Certamente foi a sua imaginação, pai – disse a esposa, olhando-o preocupada.

Ele balançou a cabeça.

– Esqueçam tudo. Nenhum mal aconteceu. Mas com certeza a pata me deu um arrepio.

Enquanto os três ficaram sentados à beira do fogo, os dois homens terminaram de fumar seus cachimbos. Lá fora, o vento estava mais forte do que nunca, e o velho começou a ficar nervoso com o som de uma porta batendo no andar de cima. Um silêncio incomum e deprimente se instalou entre eles e durou até o casal se levantar para se recolher.

– Espero que encontrem o dinheiro amarrado em um grande saco no meio da cama – disse Herbert, depois de dar boa-noite aos pais – e algo terrível agachado em cima do armário observando vocês enquanto embolsam seus ganhos ilícitos.

Herbert sentou-se sozinho no escuro, contemplando o fogo que esmaecia e vendo rostos nele. O último era tão horrendo e tão símio que ele o olhou com espanto. Era tão vívido que Herbert, com um ligeiro riso nervoso, tateou a mesa à procura de um copo com um pouco de água para jogá-la na lareira. Sua mão esbarrou na pata do macaco, e, com um ligeiro arrepio, ele limpou a mão no casaco e subiu para se deitar.

II

Brilhava o sol de inverno na manhã seguinte, e, ao passar pela mesa do café, Herbert riu de seus medos. Havia um ar de salubridade prosaica na sala, que havia faltado na noite anterior, e a pequena pata suja e enrugada foi posta no aparador com uma displicência que sinalizava pouca crença em seus poderes.

– Suponho que todos os velhos soldados sejam iguais – disse a Sra. White. – E pensar que ficamos ouvindo tais bobagens! Como desejos

poderiam ser concedidos nos dias de hoje? E, se pudessem, como duzentas libras poderiam nos fazer mal, pai?

– Talvez caiam do céu na cabeça dele – disse o frívolo Herbert.

– Morris disse que as coisas acontecem muito naturalmente – comentou o pai –, que a realização do desejo pode ser atribuída até mesmo à coincidência.

– Bem, não acabe com o dinheiro até eu voltar – disse Herbert ao levantar da mesa. – Temo que isso o vá transformar em um homem mesquinho e avarento e tenhamos que o renegar.

A mãe riu e o acompanhou até a porta. Ficou observando-o descer pela estrada e, retornando à mesa do café da manhã, se divertiu à custa da credulidade do marido. Nada que evitasse que ela corresse à porta ao ouvir o carteiro nem que se referisse rapidamente ao sargento-mor reformado e ao hábito dele de beber demais, quando descobriu que o correio havia trazido a conta do alfaiate.

– Herbert terá mais algumas de suas observações espirituosas, com certeza, quando chegar em casa – disse ela enquanto jantavam.

– Ouso dizer – começou o Sr. White, servindo-se de cerveja – que, apesar de tudo, a coisa se mexeu na minha mão. Isso eu juro.

– Você pensou que se mexeu – disse a senhora suavemente.

– Digo que se mexeu – respondeu ele. – Não tenho dúvida. Preciso... O que houve?

A esposa não respondeu. Estava olhando os movimentos misteriosos de um homem, do lado de fora, que, examinando a casa de maneira indecisa, parecia estar preparando o espírito para entrar. Em uma conexão mental com as duzentas libras, ela reparou que o estranho estava bem-vestido e usava um chapéu novo de seda brilhante. Três vezes ele parou no portão e depois se moveu novamente. Na quarta vez, pousou a mão sobre o portão e, como em súbita decisão, abriu-o e avançou pelo caminho. A Sra. White, no mesmo momento, pôs as mãos para trás e rapidamente desatou o laço do avental, colocando o útil artefato embaixo da almofada de sua cadeira.

Ela fez o estranho entrar na sala, e ele parecia pouco à vontade. Olhava furtivamente para a Sra. White e a ouviu, preocupado, se desculpar da

aparência da sala e do casaco do marido, roupa que ele normalmente reservava para uso no jardim. A Sra. White, então, aguardou, com a paciência que seu sexo permitia, que ele dissesse a razão de sua visita, mas, num primeiro momento, ele ficou estranhamente silencioso.

– Eu... me enviaram para... – O Sr. White parou e pegou no bolso da calça um pedaço de algodão. – Venho da Maw & Meggins.

A senhora ficou assustada.

– Aconteceu alguma coisa? – perguntou sem fôlego. – Aconteceu alguma coisa com Herbert? O que foi? O que foi?

O marido interferiu.

– Vamos, vamos, mãe – apressou-se a dizer. – Sente aí e não tire conclusões precipitadas. O senhor não trouxe más notícias, tenho certeza – ponderou o Sr. White e olhou o outro ansiosamente.

– Lamento... – começou o visitante.

– Ele está machucado? – interpelou a mãe.

O visitante se curvou, concordando.

– Terrivelmente ferido – disse ele calmamente –, mas não sente dores.

– Oh, graças a Deus! – disse a senhora, apertando as mãos. – Graças a Deus por isso! Graças...

Parou subitamente ante o significado sinistro da evidência e viu a terrível confirmação de seus medos no rosto desviado do outro. Prendeu a respiração e, virando-se para o marido, mais lento de raciocínio, colocou a mão trêmula sobre a dele. E houve um longo silêncio.

– Ele foi pego pela máquina – disse, por fim, o visitante em voz baixa.

– Pego pela máquina – repetiu o Sr. White, de maneira confusa –, mas...

Ele sentou-se olhando fixamente para fora da janela e, tomando a mão de sua esposa entre as suas, apertou-a como fazia no tempo em que a cortejava, havia quase quarenta anos.

– Herbert era a única coisa que nos restava – disse ele virando-se lentamente para o visitante. – Isso é duro.

O outro tossiu e, levantando-se, encaminhou-se lentamente para a janela.

– A empresa me incumbiu de lhes transmitir sinceros sentimentos por sua enorme perda – disse ele, sem olhar ao redor. – Espero que entendam que sou apenas um empregado e que meramente cumpro ordens.

Não houve resposta. A face da senhora estava pálida, seu olhar, fixo, e sua respiração, inaudível. No rosto do marido, uma expressão tal como a que deve ter surgido no rosto do sargento, seu amigo, em sua primeira batalha.

– Devo dizer que a Maw & Meggins nega qualquer responsabilidade – continuou o outro. – Eles não admitem culpa alguma, mas, em consideração aos serviços de seu filho, desejam oferecer a vocês certa quantia como forma de compensação.

O Sr. White largou a mão da esposa e, ficando de pé, encarou o visitante com horror. Seus lábios secos soltaram uma palavra:

– Quanto?

– Duzentas libras – respondeu o funcionário da Maw & Meggins.

Insensível ao grito da esposa, o velho sorriu vagamente, estendeu as mãos como um cego e desabou inconsciente no chão.

III

No enorme cemitério novo, a cerca de duas milhas de distância, os velhos enterraram seu morto e retornaram para casa mergulhados em sombras e silêncio. Tudo havia acontecido tão rápido que, a princípio, eles mal conseguiam compreender e permaneceram em estado de expectativa, como se mais alguma coisa estivesse por vir, algo para aliviar carga tão pesada para ser suportada por corações de idosos.

Mas os dias se passaram, e a expectativa deu lugar à resignação, à desesperançosa resignação dos velhos, às vezes chamada erroneamente de apatia. Algumas vezes, mal trocavam uma palavra. Não tinham nada sobre o que falar, e seus dias eram exaustivamente longos.

Foi cerca de uma semana mais tarde que o velho, acordando subitamente no meio da noite, esticou a mão e se percebeu sozinho. O

quarto estava escuro, e o som de um choro abafado vinha da janela. Sentou-se na cama e ficou escutando.

– Volte – disse ele carinhosamente. – Você vai se resfriar.

– Está mais frio para o meu filho – disse a senhora, e chorou mais ainda.

O som dos soluços da mulher foi morrendo nos ouvidos dele. A cama estava quente, e seus olhos, pesados de sono. Cochilou irregularmente e então dormiu até que um grito repentino da esposa o acordou de sobressalto.

– *A pata!* – gritava ela furiosamente. – A pata do macaco!

Ele se levantou assustado.

– Onde? Onde está? O que houve?

Ela veio tropeçando pelo quarto em direção a ele. – Eu a quero – disse ela calmamente. – Você não a destruiu!

– Está na sala, na prateleira – respondeu ele, pasmo. – Por quê?

Ela chorava e ria ao mesmo tempo e, curvando-se, beijou a bochecha dele.

– Eu apenas me lembrei... – disse histericamente. – Por que não pensei nisso antes? Por que você não pensou nisso?

– Pensar em quê? – questionou ele.

– Os outros dois desejos – respondeu ela rapidamente. – Fizemos apenas um.

– Não foi o suficiente? – perguntou ele furiosamente.

– Não! – gritou ela, triunfante. – Teremos mais um. Desça e pegue-a, rápido, e deseje que nosso menino viva novamente.

O homem sentou na cama e afastou as cobertas de suas pernas trêmulas.

– Meu Deus, você está louca! – gritou, aterrorizado.

– Pegue-a! – Ela suspirou. – Pegue-a, rápido, e faça o desejo. Oh, meu menino, meu menino!

O marido riscou um fósforo e acendeu uma vela.

– Volte para a cama – disse, sem convicção. – Você não sabe o que está dizendo.

– Tivemos o primeiro desejo atendido – disse a senhora agitada –, por que não o segundo?

– Uma coincidência – gaguejou o velho.

– Vá, pegue-a e formule o desejo! – gritou a esposa, tremendo de agitação.

O velho virou-se e olhou para ela. Sua voz estremeceu:

– Ele está morto há dez dias, e, além disso... eu não lhe contaria, mas... eu só fui capaz de reconhecê-lo pelas roupas. Se há dez dias estava terrível demais para você vê-lo, muito mais agora.

– Traga-o de volta! – gritou a senhora e o empurrou em direção à porta.

– Você acha que eu tenho medo da criança que amamentei?

Ele desceu na escuridão, bateu o caminho até a sala e então até a lareira. O talismã estava no lugar, e um medo horrível de que o desejo não dito pudesse trazer seu filho mutilado antes que pudesse fugir da sala se apossou dele. Prendeu a respiração e percebeu que havia perdido a direção da porta. Com a testa coberta de suor gelado, bateu o caminho ao redor da mesa e ao longo da parede até se encontrar na pequena passagem com a perniciosa coisa na mão.

Até o rosto de sua esposa parecia ter mudado quando ele entrou no quarto. Era pálido e esperançoso, e, para seu desespero, ela parecia olhá-lo de um jeito não natural. Sentiu medo dela.

– *Faça o desejo!* – gritou ela.

– É insensato e perverso – vacilou ele.

– *Faça!* – repetiu a esposa.

Ele levantou a mão:

– Desejo meu filho vivo novamente.

O talismã caiu no chão, e ele o olhou com pavor. Então se afundou na cadeira, enquanto a senhora, com os olhos faiscantes, caminhou até a janela e levantou a cortina.

Ele permaneceu sentado até congelar de frio, voltando-se ocasionalmente para a figura da mulher, que espiava pela janela. O final da vela, que queimava até abaixo da borda do castiçal de porcelana, lançava sombras pulsantes no teto e nas paredes, até que, após uma centelha

maior que as outras, apagou-se. O velho, com uma indizível sensação de alívio pelo fracasso do talismã, se arrastou de volta para a cama, e um minuto ou dois depois a senhora veio, apática e silenciosamente, para perto dele.

Ninguém falou. Ficaram em silêncio ouvindo o tique-taque do relógio. Um degrau rangeu, e um estridente rato correu ruidosamente pela parede. A escuridão era opressiva. Após um tempo tomando coragem, ele pegou a caixa de fósforos, riscou um e desceu para buscar uma vela.

Ao pé da escada, o fósforo se apagou, e ele fez uma pausa para riscar outro. Nesse exato instante, uma batida, tão calma e furtiva que mal era audível, soou na porta da frente.

Os fósforos caíram de sua mão e se espalharam no assoalho. Ele ficou imóvel, a respiração suspensa, até que a batida se repetiu. Então, se virou, fugiu ligeiro para o quarto e fechou a porta atrás de si. Uma terceira batida ecoou pela casa.

– *O que foi isso?* – gritou a mulher se levantando.

– Um rato – disse o velho com a voz trêmula. – Um rato. Passou por mim na escada.

A esposa sentou-se na cama para ouvir. Outra batida alta ressoou pela casa.

– É Herbert! – gritou ela. – É Herbert!

Então correu para a porta, mas o marido chegou antes, agarrou-a pelo braço e a deteve com força.

– O que você vai fazer? – sussurrou ele com a voz rouca.

– É o meu menino, é Herbert! – gritou ela, se debatendo mecanicamente. – Esqueci que ele estava a três quilômetros daqui. Por que você está me segurando? Me largue. Preciso abrir a porta.

– Pelo amor de Deus, não deixe isso entrar! – pediu o velho, trêmulo.

– Você está com medo de nosso filho! – gritou ela se debatendo. – Me solte! Estou indo, Herbert! Estou indo!

Houve outra batida e mais outra. A senhora, com um movimento súbito, se soltou e correu para fora do quarto. O marido a seguiu, chamando pela esposa, implorando, enquanto ela descia correndo a escada.

Ele ouviu o barulho da corrente sendo puxada e o do ferrolho saindo lenta e asperamente do soquete. Em seguida ouviu também a voz da senhora, tensa e ofegante:

– O ferrolho! – gritou bem alto. – Venha aqui! Não consigo alcançá-lo!

Mas o marido estava com as mãos e os joelhos no chão, tateando-o loucamente à procura da pata. Se conseguisse pelo menos encontrá-la antes que a coisa lá fora entrasse... Uma sequência perfeita de batidas reverberou pela casa, e ele ouviu o arrastar de uma cadeira que a esposa estava encostando na porta. Escutou o ranger do ferrolho sendo movido lentamente. Nesse exato momento encontrou a pata do macaco e desesperadamente formulou, sem voz, seu terceiro e último desejo.

As batidas cessaram de repente, embora ainda se ouvisse o eco pela casa. Ele escutou a cadeira ser arrastada para trás e a porta se abrir. Um vento gelado subiu rapidamente pela escada, e um longo e sonoro lamento de decepção e sofrimento da esposa lhe deu coragem para correr até ela e a seguir até o portão, lá fora. O candeeiro de rua, do outro lado, brilhava, trêmulo, em uma estrada tranquila e deserta.

+++

AUTOR E OBRA

William Wymark Jacobs nasceu em Londres, em 8 de setembro de 1863, numa família modesta, e faleceu em 1.º de setembro de 1943. Além de contos de terror, dedicou-se a escrever também aventuras sobre marinheiros e mistérios do mar. “A Pata do Macaco” é o conto mais famoso de W. W. Jacobs e um dos melhores clássicos góticos de todos os tempos. Na refinada construção desta história, assim como faz em seus outros contos de terror, o autor não utiliza nem descrição de cenários nem caracterização de personagens. Jacobs conduz a narrativa em tensão crescente, como se acusasse o leitor contra seus pavores mais íntimos, o que aliás é uma das proposições e o mais constante desafio da literatura

gótica. Ao mesmo tempo, o que é mais tenebroso na história não é *mostrado* (descrito), mas somente sugerido – fica fora de cena. É como acontece com as cenas mais hediondas da tragédia grega, as que mais despertam o horror da plateia, como quando Édipo (de Sófocles) cega a si mesmo e Medeia (de Eurípides) mata seus filhos. Essa *contenção* do autor intima o leitor a complementar as cenas com sua própria imaginação. Um forte exemplo desse recurso técnico é a figura, somente sugerida, de Herbert do lado de fora da casa de seus pais. O Sr. White tenta argumentar: “Ele está morto há dez dias e, além disso... eu não iria lhe contar, mas... eu só fui capaz de reconhecê-lo pelas roupas. Se estava terrível demais para você vê-lo então, quanto mais agora”. Mas a esposa, alucinada de dor – logo ela, tão ponderada e discreta até a perda do filho... –, não é mais capaz de pensar. E a empatia que essa personagem e sua agonia em brasa e carne viva provoca no leitor faz a leitura deste conto ser dolorosa.

Stephen King coloca seus personagens e leitores na mesma situação em sua novela *Pet Sematary* (1983 – traduzida para o português com o título de *Cemitério* e com o de *Cemitério Maldito* no filme). Em ambos os casos, a dor da perda torna o personagem incapaz de aceitar a irreversibilidade da morte, enquanto os efeitos da sua intromissão, da sua blasfêmia – pois morte e vida são desígnios definidos exclusivamente pelo Divino – são desastrosos. Noutra curiosa *linkagem* entre diferentes obras e autores, não apenas essa incapacidade de aceitar a condição de ser mortal, a morte como definitiva e a imortalidade como um atributo fora da alçada humana é deflagradora da glória e da tragédia de muitos personagens de Shakespeare (Ricardo III em várias falas relaciona a conquista da coroa com a da imortalidade), como também o percurso a que se submetem Victor Frankenstein, de Mary Shelley, e Fausto, de Marlowe e Goethe. De fato, são conflitos e dilemas humanos, universais, que a literatura, incluindo a do gênero gótico, aborda, explora e ilustra de modo recorrente.



A Poemas macabros

Goethe

Tradução: Claudia Abeling

Catalepsia

Chore, menina, aqui, junto ao túmulo do Amor,
por nada, porventura aqui ele acabou por tombar.
Mas estará mesmo morto? Não sei bem dizer.
Um nada, um acaso às vezes lhe traz o despertar.

A dança da morte

Em meio à noite, um guardião se põe a vigiar
os túmulos da sua hospedaria.
A claridade da Lua tudo faz iluminar
e a igreja parece banhada pela luz do dia.
Dos jazigos, um após outro, eles se erguem,
uma mulher e um homem
com suas longas mortalhas brancas.

No estica e puxa, todos só querem diversão,
balançar os ossos em divertida ciranda,
jovem ou pobre, rico ou ancião,
mas as barras atrapalham quem anda.

Como a vergonha é sem cabimento,
requebram-se e, adiante, na direção em que sopra o vento,
as vestes estão largadas no chão.

Então a coxa se levanta, a perna se balança,
de caretas esquisitas há um mundaréu.
Rilhando, rangendo, a tropa avança
e os ossinhos fazem um escarcéu.
Tudo isso é ridículo para o guardião;
até que, em seu ouvido, sussurra a tentação:
Vá, pegue um lençol.

Dito e feito! E ele foge ligeiro
para trás das portas sagradas.
A Lua ainda brilha num luzeiro
e anima as danças desconjuntadas.
Um ou outro, por fim, resolvem dar uma parada
e, vestidos, em fila, batem em retirada.
Logo, vupt, já estão sob o gramado.

Exceto uma ossada, que tropeça e cambaleia,
e nas criptas fica a tocar e se agarrar.
Já sabe que foi vítima de quem não respeitou
a coisa alheia.
Ela fareja, segue o cheiro da mortalha no ar.
Sacode a porta, mas nela encontra resistência.
Linda e abençoada, do guardião a residência
reluz com as cruzes de metal.

Sem descanso, seus trapos ela precisa reaver.
Não há muito tempo para refletir.
Nos ornamentos góticos a criatura está a se prender,
de pináculo a pináculo vai seguir.

Pobre guardião, seu destino está selado!
O estranho avança, acelerado,
tal uma aranha de pernas longas.

Empalidece, leva um susto o guardião,
devolver a mortalha, ah, como ele queria.
Justamente nessa hora – não há mais salvação –
num gancho de metal a ponta prendia.
E logo a Lua não brilha tanto
e o sino bate firme a hora, seu acalanto.
Cá embaixo, o esqueleto se espatifa.

† † †

AUTOR E OBRA

Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832) é o artista-símbolo do Romantismo alemão e de fato uma das mais fortes referências do Romantismo, no Ocidente. Em *A Noiva de Corinto*, compôs em versos uma personagem-vampira, já em 1798, e nessa reunião de dois poemas macabros tematiza aspectos recorrentes do gótico e do Romantismo. Em ambos, há a sugestão da morta-viva. No primeiro, um bailado de esqueletos, à luz da Lua, no cemitério – o cenário de melancolia, de deterioração/putrefação, de repouso dos mortos-vivos, mas também, em muitas obras românticas, da realização, afinal, do amor que fora impossível em vida, que não apenas afastou os apaixonados (jovens, geralmente), mas levou-os à destruição: separados em vida, os dois espíritos apaixonados, no entanto, dão-se as mãos depois da morte. Noutro, o fenômeno da catalepsia, também explorado por Edgar Allan Poe em *A Queda da Casa de Usher* (1839), é igualmente típico dessa linhagem literária que tanta obsessão tinha por desvendar os mistérios da morte, explorando na ficção passagens entre a vida mundana e a pós-

túmulo (um *sintoma* gótico romântico ao qual não ficou imune, entre outros, nosso Machado de Assis, não somente com *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, mas também com toda uma série de crônicas em que revisita obsessivamente a Cena do Cemitério, originalmente em *Hamlet* [Ato V – Cena 1], de Shakespeare). Goethe era um autor tão influente que seu romance *Os Sofrimentos do Jovem Werther* (1.^a edição: 1774 ; 2.^a edição: 1787) provocou uma onda de suicídios no Ocidente. Teatrólogo, ensaísta, poeta, filósofo, uma figura enciclopédica, Goethe é considerado por muitos o grande nome da literatura alemã como um todo.

Histórias para sentir medo

Ensaio de Pedro Bandeira

Tatiana Belinky, a grande escritora e dramaturga brasileira (nascida na Rússia, ha!, ha!, ha!), conta que, quando pequena, dividia seus livros na estante de acordo com uma original ordem de gênero: “livros para rir”, “livros para chorar”, “livros para sentir medo”, “livros para...”. Ei, espera aí! Livros para *sentir medo*?! Como assim?

Essa grande artista tem muita, muita razão. Todo mundo gosta de sentir medo. Como não gosta? Claro que gosta. Quer um exemplo? Dos bons? Pois aí vai: os contos de fadas, ou contos maravilhosos para a infância! Por que não? Eles são “delicadinhos”, “infantizinhos”, “boboquinhas”? São nada! Todos eles são assustadores, e nenhum deles passaria incólume pelo crivo do famigerado “politicamente correto”. E não estou falando dos anõezinhos da Branca de Neve, não, cuja denominação seria repudiada pela ótica dos patrulheiros da literatura (já pensou que graça seria uma história com o título “A pálida eurocaucasiana e os sete verticalmente prejudicadinhos”?). Nada disso. Estou falando dos vilões, dos personagens assustadores, violentos, dos ogros, dos gigantes criados mais para destruir árvores do que para ajudar os baixinhos a pegar maçãs nos galhos mais altos. Estou falando das bruxas devoradoras de crianças, dos inúmeros personagens criados para aterrorizar as criancinhas no colo das mães e das vovós na hora de dormir.

Qualquer criança naturalmente treme de medo ao ouvir a história do João e da Maria, abandonados pelos próprios pais numa floresta para morrerem de fome ou serem devorados pelos lobos. Como o lobo da Chapeuzinho e dos Três Porquinhos não havia sido escalado para essa história, o que aparece é uma bruxa, dona de uma casa construída com tijolos de marzipã, telhas de barras de chocolate, venezianas de açúcar

cândi e tudo coberto por confeitos, chantili e sorvete que não derrete sob o calor do sol, ficando à espera das línguas gulosas das criancinhas que porventura apareçam por ali depois de terem sido descartadas por pais abandonadores de filhos. E daí a bruxa captura os dois irmãos, faz de Maria sua empregadinha e enjaula João, obrigando o menino a consumir pilhas de doces, rebuçados, chocolates e salgadinhos de pacote (mais ou menos como aconselham os publicitários nos anúncios da TV), de modo a deixá-lo obeso, para ser finalmente devorado pela bruxa, que não tem problemas de colesterol. Mas a bruxa, além de malvada, é míope, e João a engana fazendo-a apalpar um rabo de rato em vez de seu dedo, de modo que a danada fique pensando que o menino ainda não estaria no ponto de virar bacon em fatias para ser consumido com ovos fritos no *breakfast* da dona da casa. Depois de algumas peripécias, o casal de irmãos consegue reverter a situação, e a bruxa acaba cozida num enorme caldeirão, configurando o que se chama de “final feliz”. Muito bem, ao ouvir um relato tão macabro, a criança gela de pavor, mas, estranhamente, no dia seguinte pede à sádica contadora de histórias: “Mãe, conta de novo a história do Joãozinho e da Maria?”. Mas como? Se ela ficou aterrada de pavor, por que deseja ouvir de novo a mesma história? Aí está: porque é gostoso sentir medo, principalmente quando se está no colo quentinho da mamãe e se utiliza a história como catarse para o medo primal que qualquer criança tem da possibilidade de um dia perder seu papai e sua mamãe (esse pesadelo somente se transforma em sonho dourado mais tarde, na adolescência, quando o papai não empresta a chave do carro e a mamãe exige que a gente chegue em casa antes da meia-noite. Por quê? Influência da Cinderela? É, talvez o papai não ficasse muito feliz se seu carro que ainda não está pago se transformasse numa abóbora...). No conforto do colo da mãe, treme-se de medo do lobo da Chapeuzinho Vermelho, mas com esse medo aprende-se a identificar a falsidade dos sedutores. No colo da mamãe, aprende-se o que é o avançar da idade mostrado pela inveja da beleza manifestada pela Rainha-Madrasta da Pálida Eurocaucas..., perdão, da Branca de Neve. O medo oferecido pela

literatura é uma maneira gostosa de domar as neuroses primárias, congênitas, sem o alto custo do analista.

E assim vai a literatura economizando sessões de psicanálise ao longo de nossa vida. Ninguém precisa ser chifrado pela consorte para aprender o que é o ciúme: basta ter lido *Dom Casmurro* ou ter assistido a uma encenação de *Otelo*. Ninguém precisa esquartejar duas velhinhas a machadadas para conhecer o que é o remorso, depois de ter lido *Crime e Castigo*. Ah, as lições que amadureceram meus sentimentos vieram principalmente dos medos, dos pavores, dos suspenses, e não dos relatos racionais, bem-ex-pli-ca-di-nhos dos livros aconselhadores redigidos para me “ajudar”, para me levar ao “autoconhecimento”. É sofrendo que se aprende, mas não é sofrendo de verdade, na própria pele. É passando pelo rolo compressor de emoções que os artistas criaram para que a gente lesse no conforto de nossa poltrona, no aconchego do travesseiro, no sacolejar do banco do ônibus ou no desconforto da sala de espera do dentista.

Ah, que delícia foi ter, durante toda a vida, levado tantos sustos literários! O que seria de mim sem Bram Stoker, sem Mary Shelley, sem Robert Louis Stevenson, sem Edgar Allan Poe, sem William Wymark Jacobs? Lembro-me de, ainda sem idade para assistir ao filme *Drácula*, com Bela Lugosi, ficar ouvindo meu irmão mais velho narrando e representando o sinistro vampiro a sugar o sangue extraído de rubras carótidas ocultas em pescocinhos de marfim, tudo rematado pelo final macabro em que o mocinho da fita crava uma estaca no peito do Lugosi adormecido! Só vim a assistir a esse filme bem mais tarde, muito, muito depois de ter lido o original do Bram Stoker. Que livro! Mas queeee livro! A narrativa desenrola-se ao longo de cartas escritas por diferentes personagens, de modo que o sinistro bebedor de *bloody-mary* natural vai sendo construído por nós mesmos, por nossa imaginação!

É claro que, muito mais tarde, assisti ao *Drácula*, do Lugosi, e ao engraçado *Vampiro da Noite*, do Christopher Lee, mas, de certo modo, esses filmes, não digo que me decepcionaram, mas que ficaram muito aquém do que eu havia imaginado enquanto lia o livrão do Stoker, lá isso ficaram. Eu adoro cinema, sou fã do Vincent Price, do Peter Cushing, do

Christopher Lee, do Bela Lugosi, do Peter Lorre, do Boris Karloff, de tantos outros, mas, dentro de mim, o talento desses grandes atores não conseguiu corresponder à imagem aterradora que eu havia concebido enquanto tomava contato com esses fabulosos monstros lendo as descrições e/ou sugestões apresentadas por seus criadores.

E Robert Louis Stevenson, então? Dele é o mais perfeito romance juvenil de aventura e suspense de todos os tempos, chamado *A Ilha do Tesouro*. Um enredo que se assemelha a um elástico esticado no ponto certo: se o esticarmos um pouco mais, ele se partirá; se relaxarmos, ele se afrouxará. Um primor, uma aula de criação literária. E que vilão o Long John Silver! Que pirata, assustador e charmoso ao mesmo tempo! Mas, como o assunto são as histórias de terror, desse escocês é também a obra-prima intitulada *O Médico e o Monstro*. Depois de ter tremido com essa ideia genial, passei a vida inteira tentando encarnar o dr. Jekyll e abafar o Mr. Hyde que eu sei que mora dentro de mim. O escocês fez-nos ficar apavorados com nossa própria identidade! Fez-nos temer nossas próprias entranhas!

E Edgar Allan Poe? Tenho certeza de que em alguns dos meus textos sempre está presente alguma colaboração desse americano. Como se pode assustar alguém com um bom texto sem beber na fonte de Poe? “O coração denunciador” é um conto que confessei ter originado o meu livro *Um Crime Mais Que Perfeito*. Sim, eu confesso que os monstros que crio já me haviam gostosamente invadido pela arte de outros escritores. Como foi bom ter sentido tanto medo! Como isso tudo me ajudou a exorcizar meus próprios fantasmas, a compreender meus próprios instintos, a conhecer os abismos do meu ser! Como é gostoso sentir medo desses deliciosos monstros da literatura!

Ah, o monstro construído com pedaços de cadáveres pelo dr. Frankenstein, criação genial da inglesinha Mary Shelley! Que doçura de monstro eu imaginei ao ler esse livro! Que vítima ele se transformou a meus olhos, como eu torci para que ele pudesse se livrar daqueles que o queriam destruir por ele parecer monstruoso, disforme, abrutalhado! Essa história entranhou-se no meu ser a ponto de mais tarde, depois de me

tornar escritor, eu ver meus personagens ganhar vida própria, fugir do meu poder, do meu controle, penetrar a imaginação de milhares de leitores e deixar de me pertencer, tomando diferentes formas, diferentes características, de acordo com cada imaginação, dentro da qual eles passaram a habitar! De certo modo, todo escritor é um dr. Frankenstein, não é? Ah, como é gostoso criar para divertir as pessoas! É como gerar vidas incompletas, que precisam de outros cérebros, de outras maneiras de sentir, de pensar, para assumir diferentes formas, aspectos diversos, até com intenções diferentes das que eu havia originalmente planejado, e por fim completar-se através do trabalho criativo que é a leitura de um livro. Como eu me divirto com a correspondência ou e-mails recebidos de leitores que falam de aspectos de algum personagem meu com os quais eu jamais havia sequer sonhado! Todo leitor é parceiro do escritor, porque ler é uma forma de criar!

+++

AUTOR E OBRA

Pedro Bandeira é o autor de livros para crianças e jovens mais vendido do Brasil (25 milhões de exemplares até o momento). Ganhou diversos prêmios nacionais por sua obra, além de ser um dos escritores mais populares e mais queridos de seu público.



5 Lote 249

Arthur Conan Doyle

Tradução: Oscar Mendes

Copidesque: Luiz Antonio Aguiar

É muito provável que jamais se possa pronunciar um juízo definitivo acerca da conduta de Eduardo Bellingham com relação a Guilherme Monkhouse Lee sobre o que motivou o grande terror de Abercrombie Smith. É certo que possuímos um relato completo e claro do próprio Smith. Temos também o testemunho de homens como Tomás Styles, o criado; do dr. Plumtree Peterson, membro do Velho Colégio; e de outras pessoas que tiveram oportunidade de captar um vislumbre passageiro desse ou daquele incidente, dentro de uma estranha cadeia de acontecimentos. Contudo, no fundamental, o relato se baseia no testemunho do próprio Smith. A maioria julgará que é mais provável que um cérebro, ainda que exteriormente sadio, sofra em sua contextura algum sutil desvio ou que tenha em seu funcionamento alguma falha estranha do que afirmar que, em pleno dia e num centro de saber e de luz como a Universidade de Oxford, se haja transgredido o caminho da natureza. Não obstante, se nos pomos a pensar no quanto são estreitos e retorcidos os caminhos da natureza e no quanto nos confundiremos ao segui-los, apesar de todas as nossas lâmpadas de ciências, e em como se desenham em ascensão constante grandes e terríveis possibilidades embaralhadas, que surgem da escuridão e das sombras que a rodeiam, tem de ser audaz e seguro de si mesmo o homem que puser um limite às estranhas veredas laterais pelas quais pode vagar o espírito humano.

Numa das alas do que chamaremos o Velho Colégio de Oxford, existe uma antiquíssima torrezinha de esquina. O pesado arco que coroa o vão da porta inclinou-se no centro, sob o peso dos anos, e os blocos de pedra cinzenta manchada de líquens estão unidos e entretecidos com cipós e cordões de hera, como se a velha mãe tivesse se dedicado a fortalecê-los para poderem resistir aos ventos e às intempéries. Dessa porta ascende em espiral uma escada de pedra, que forma dois patamares e termina no terceiro; todos os seus degraus perderam o formato e estão gastos no centro pelo pisar de tantas e tantas gerações de homens que ali passaram em busca da ciência. A vida deslizou como água pelos degraus daquela escada tortuosa e, também como água, deixou atrás de si o leito de pedras suavemente desgastadas. Como era exuberante e vigorosa aquela juventude inglesa, desde os pedantes estudiosos de compridas batinas dos tempos dos Plantagenetas¹ até os jovens de tempos posteriores! E o que ficou de todas aquelas esperanças, de todas aquelas aspirações e energias impetuosas, senão, aqui e ali, em algum cemitério do tempo antigo, algumas letras gravadas numa pedra e talvez um punhado de pó em algum féretro carcomido? Contudo, ali estava a escada silenciosa, e ali estava o velho muro cinzento, podendo-se ver ainda sobre sua superfície arcos, aspas e outros muitos desenhos heráldicos, que pareciam sombras grotescas projetadas sobre os tempos que já se tinham passado.

No mês de maio do ano de 1884, as séries de aposentos que davam para os diferentes patamares da velha escada achavam-se ocupadas por três jovens. Cada um desses apartamentos era composto apenas de uma sala de estar e um dormitório. Quanto aos dois aposentos correspondentes do andar inferior, um era usado como depósito de carvão, e o outro, como moradia do criado ou vigilante, Tomás Styles, cujas obrigações consistiam em atender aos três homens que viviam nos andares superiores. À direita e à esquerda, havia várias fileiras de salas de aula e de escritórios, de modo que os habitantes da velha torre viviam com certa independência, coisa que dava popularidade àqueles apartamentos entre os estudantes mais aplicados. A essa classe de estudantes pertenciam os três que os ocupavam

na ocasião: Abercrombie Smith, em cima, Eduardo Bellingham, no do meio, e Guilherme Monkhouse Lee, no primeiro andar.

Eram dez horas de uma brilhante noite primaveril, e Abercrombie Smith estava recostado em sua cadeira de braço, com os pés apoiados no guarda-fogo da lareira e seu cachimbo de raiz de urze branca nos lábios. Noutra cadeira igual e em posição igualmente cômoda, achava-se descansando do outro lado da lareira seu querido amigo de colégio, Jefro Hastie. Os dois jovens vestiam roupa de flanela, porque tinham passado a tarde no rio; mas, apesar de suas roupas, bastava reparar no rosto vivo e de linhas bem marcadas de cada um para verificar que ambos gostavam de viver ao ar livre e que sua vontade e seus gostos se inclinavam naturalmente para tudo quanto era viril e forte. Hastie, de fato, era voga-avante² da iole³ de seu colégio, e Smith levava vantagem como remador; mas, como os exames estavam próximos, essa preocupação obrigava este último a dedicar todo o seu tempo ao estudo, exceto umas poucas horas semanais destinadas aos cuidados com sua saúde. Uma confusão de livros de medicina, ossos, modelos e pranchas anatômicas que se viam sobre a mesa e em todo o aposento dava a entender a índole e o alcance de seus estudos, ao mesmo tempo que um par de varas de esgrima e um jogo de luvas de boxe em cima da prateleira da lareira indicavam os meios de que se valia para realizar seus exercícios físicos, da maneira mais adequada que lhe era possível com a ajuda de Hastie. Ambos os amigos se conheciam a fundo, tão a fundo que podiam permanecer sentados, como agora estavam, em meio a um silêncio reparador, o que constitui o mais alto desenvolvimento da camaradagem. Por fim, entre duas baforadas de fumaça, disse Abercrombie Smith:

– Beba um pouco de uísque. O do jarro é escocês, e o da garrafa, irlandês.

– Não, obrigado. Estou me preparando para a regata de barcos individuais e não bebo durante o treinamento. E você, o que está fazendo?

– Estou lendo muito e por isso acho melhor não beber.

Hastie acenou com a cabeça, concordando, e voltaram a mergulhar no silêncio acolhedor. Pouco depois, Hastie perguntou:

– A propósito, Smith, já conversou com algum dos outros dois companheiros que vivem nesta mesma torre?

– Cumprimentamo-nos de passagem. Nada mais.

– Hum! Acho melhor não passar disso. Tenho certas informações a respeito deles. Não são muitas, mas bastam-me. Não creio que, se estivesse em seu lugar, me tornaria íntimo deles. Com isso não quero dizer nada de mau a respeito de Monkhouse Lee.

– Refere-se àquele magro?

– Precisamente. É um rapazinho distinto. Não creio que se possa apontar nele vício algum. Mas não há como se aproximar dele e ignorar Bellingham.

– Refere-se ao gordo?

– Sim, ao gordo. Trata-se de um homem com quem eu, pelo menos, preferiria não ter contato.

Abercrombie Smith arqueou as sobrancelhas, olhou, sem mover-se, para seu companheiro e perguntou-lhe:

– Qual é o problema dele? Bebe? Joga? É um parasita? Você ficou muito exigente.

– Ah! Vejo que não conhece o homem, porque, do contrário, não me faria essas perguntas. Há nele algo de repugnante, algo próprio do réptil. A mim me causa náuseas. Eu acharia que se trata de um homem de vícios secretos, um desregrado. Não é, contudo, nenhum tolo, e asseguram que, na sua especialidade, é um dos mais inteligentes que já passaram por este colégio.

– Dedicar-se à medicina ou aos clássicos?

– Aos idiomas orientais. Conhece-os como um verdadeiro demônio. Chillingworth o encontrou em alguma parte acima da segunda catarata, faz muito tempo, e me contou que ele conversava com os árabes como se tivesse nascido, sido criado e desmamado entre eles. Fala cóptico com os coptas, hebraico com os judeus e árabe com os beduínos, e todos estariam dispostos a beijar-lhe a bainha da sobrecasaca. Há por aquelas regiões alguns velhos eremitas, sentados em rochedos, a zombar de algum estrangeiro que passe por ali, lançando-lhe cusparadas. Pois bem, assim

que viam esse indivíduo, Bellingham, antes mesmo que tivesse ele deixado cair de sua boca cinco palavras, deitavam-se de bruços, fazendo contorções. Chillingworth disse que jamais tinha presenciado espetáculo igual. E, ao que parece, Bellingham aceitava aquilo como se fosse uma obrigação e passeava entre eles e lhes falava como se fosse um tio rico. Não está mal para um simples estudante do Velho Colégio, não é?

– E por que você diz que não se pode se aproximar de Lee sem ter de aturar Bellingham?

– Porque Bellingham é noivo da irmã dele, Evelina. Que menina simpática, Smith! Conheço a família toda muito bem. Repugna-me ver aquele animal com ela. Sempre que os vejo juntos, penso em um sapo e uma pomba.

Abercrombie Smith sorriu e esvaziou as cinzas do cachimbo, batendo com ele contra o lado da grade do fogão e dizendo ao mesmo tempo:

– Meu velho, você acaba de me mostrar todas as cartas que tem na mão. Que sujeito cheio de preconceitos, de ciúmes e de maus pensamentos! Você realmente nada tem contra esse camarada, senão isso.

– Bem, conheço a moça desde que era do tamanho deste cachimbo de cerejeira e não me agrada vê-la correr riscos. E é risco que ela corre. Esse homem tem aparência bestial. Tem gênio de bruto e temperamento venenoso. Lembra-se da briga que ele teve com Long Norton?

– Não. Você se esquece de que sou novato aqui.

– Ah, foi no inverno passado. Bem, você conhece o caminho de sirga que há ao longo do rio. Marchavam por esse caminho vários companheiros, com Bellingham à frente, quando encontraram uma mulher idosa que levava seus produtos ao mercado. Tinha chovido (você sabe como ficam aqueles campos quando chove), e o caminho de sirga passava entre o rio, por um lado, e um grande charco, quase tão largo quanto o rio, pelo outro. Pois bem, que lhe parece que fez aquele suíno? Não cedeu a passagem e empurrou a velha, que caiu na lama com tudo que levava para o mercado. Ela ficou num estado verdadeiramente lastimável. Foi um ato próprio de um canalha, lhe disse Long Norton, que é um rapaz amável como poucos. Uma palavra puxa outra, e a coisa

acabou com Norton dando umas boas bengaladas nas costas do sujeito. Armou-se um barulho dos diabos, e agora dá gosto ver a cara de Bellingham quando cruza com Norton. Por Júpiter, Smith, são quase onze horas!

– Não tenha pressa. Acenda de novo seu cachimbo.

– Eu, não. Supõem que eu estou treinando, mas estou aqui tagarelado numa hora em que deveria estar metido nos lençóis. Se não estiver precisando dessa caveira, me empreste porque emprestei a minha a Williams por um mês. Levarei também estes ossinhos do ouvido, se você tiver certeza de que não necessita deles. Muito obrigado. Não preciso de maleta, porque posso levá-los muito bem debaixo do braço. Boa noite, meu amigo, e leve em consideração o que lhe disse a respeito de seu vizinho.

Quando deixou de ouvir pela escada de caracol as pisadas de Hastie, que se afastava com suas peças de anatomia, Abercrombie Smith atirou o cachimbo na cesta de papéis e, aproximando sua cadeira da lâmpada, mergulhou na leitura de um volume formidável, de encadernação verde, ilustrado com grandes mapas em cores daquele reino estranho que é o interior de nosso corpo e do qual somos monarcas impotentes e lamentáveis. Embora Smith fosse novato em Oxford, não o era na medicina, porque havia estudado quatro anos em Glasgow e em Berlim e, depois do exame que estava próximo, passaria ao exercício da profissão médica. Com sua boca severa, sua larga frente e as feições do rosto bem desenhadas, embora duras, era um homem que, se não tinha um talento brilhante, era em compensação tão tenaz, tão cheio de paciência e tão enérgico que poderia no final sobrepujar homens de gênio mais brilhante. Quem é capaz de manter seu terreno entre escoceses e alemães do norte não é homem que retroceda facilmente. Smith tinha deixado muito bom nome em Glasgow e em Berlim e se propunha a conseguir o mesmo agora em Oxford, se isso se podia obter à custa de trabalho e de dedicação.

Ficara estudando cerca de uma hora, e os ponteiros do ruidoso relógio de mesa, colocado na mesinha lateral, iam rapidamente juntando-se em cima do número doze, quando chegou aos ouvidos do estudante um

guincho forte e bastante agudo, como o de um homem a quem uma forte emoção obriga de repente a ofegar dificultosamente. Smith largou o livro sobre a mesa e pôs a cabeça de lado para ouvir melhor. Não havia ninguém, nem à direita, nem à esquerda, nem por cima dele. Portanto aquela interrupção procedia, com toda a segurança, do vizinho que tinha embaixo e a respeito do qual Hastie acabava de dar-lhe tão desagradáveis informações. Dele sabia Smith unicamente que era um rapaz de rosto pálido, e fofo, habitualmente calado e estudioso, cuja lâmpada projetava uma faixa dourada lá da velha torre, quando Smith já tinha apagado a dele. Esse hábito, comum aos dois, de estudar até altas horas da noite estabelecera entre eles uma espécie de ligação silenciosa. Era confortador para Smith, quando as horas avançavam caladas para a aurora, ter a sensação de que muito perto de si havia outro sujeito que se despreocupava do sono tanto quanto ele próprio. Mesmo agora, ao dirigir para esse vizinho sua atenção, os sentimentos de Smith eram de simpatia. Hastie era um bom rapaz, mas de caráter rude, nada sentimental; era desprovido de imaginação e não inspirava simpatia. Não tolerava que ninguém se afastasse do que ele acreditava ser o tipo modelar da hombridade. Para Hastie era homem pouco recomendável todo aquele que fosse impossível medir de acordo com o padrão de um colégio. Do mesmo modo que muitas pessoas de corpo robusto, tinha Hastie tendência a confundir a constituição física com o caráter, atribuindo a baixa moral o que na realidade era unicamente má circulação sanguínea. Smith, de critério mais assentado, conhecia a maneira de ser do amigo e levava-a em conta agora, no momento em que sua atenção se dirigia para o jovem que vivia no andar de baixo.

Aquele estranho ruído não se havia repetido, e Smith estava já pronto a retornar à sua tarefa, quando, de repente, no silêncio da noite, explodiu um grito áspero, um verdadeiro lamento, como o de um homem agoniado e violentamente sobressaltado, sem poder controlar-se. Smith pulou de sua cadeira e largou o livro. Era um rapaz de muita fibra, mas naquele grito de horror, tão repentino e tão incontrolável, advertia-se algo que lhe gelou o sangue nas veias e lhe arrepiou as carnes. Num lugar como aquele

e numa hora como aquela, vieram-lhe à memória milhares de fantásticas possibilidades. Desceria correndo ou seria melhor esperar? Smith estava possuído da repugnância nacional a fazer cenas, e era tão pouco o que sabia de seu vizinho que resistia a intrometer-se, sem mais aquela, em sua vida particular. Permaneceu uns momentos em dúvida; mas, quando meditava sobre o assunto, ouviram-se na escada passos de alguém que subia rapidamente, e o jovem Monkhouse Lee, semivestido e pálido como cinza, irrompeu pelo quarto adentro dizendo, ofegante:

– Desça! Bellingham está passando mal.

Abercrombie Smith seguiu-o de perto, escada abaixo, e entrou com ele no quarto de estudo que ficava justamente embaixo do seu. Apesar de estar sua atenção concentrada no problema que o trouxera ali, não pôde deixar de dar uma olhadela admirada em torno de si no momento em que transpôs o portal. Era um quarto como jamais vira igual: mais um museu que uma sala de estudo. As paredes e o forro estavam inteiramente cobertos de milhares de extraordinárias relíquias do Egito e do Oriente. Num friso extremamente raro, que se estendia pelas quatro paredes do aposento, formavam cortejo figuras altas e angulosas, algumas das quais levavam cargas e armas para as outras. Em cima, viam-se estátuas de cabeça de touro, de cabeça de cegonha, de cabeça de gato, de cabeça de coruja, junto com monarcas de olhos amendoados e coroados de víboras, e divindades estranhas, em forma de escaravelhos, talhadas em lápis-lazúli do Egito. Hórus, Ísis e Osíris perscrutavam o ambiente do alto de cada nicho e prateleira, enquanto, cruzando o forro, um verdadeiro filho do velho Nilo, um grande crocodilo, de mandíbula caída, pendia preso por uma dupla laçada.

No centro desse singular aposento havia uma grande mesa quadrada, abarrotada de documentos, garrafas e folhas secas de uma planta graciosa parecida com a palmeira. Todos esses variados objetos tinham sido amontoados uns por cima dos outros, para dar lugar em cima da mesa a um sarcófago de múmia que tinha sido retirado da parede, como era evidente pelo espaço vazio ali, e colocado na diagonal em cima da mesa. A própria múmia, um objeto horrendo, negro, enrugado, parecendo uma

cabeça chamuscada sobre um arbusto nodoso, estava agora meio fora do sarcófago, com a mão, que parecia uma garra, e o antebraço ossudo descansando em cima da mesa. Apoiado contra a parede do sarcófago, via-se um rolo de papiro velho e amarelento, e diante dele, em uma cadeira de pau, estava o dono do aposento, com a cabeça deitada para trás e os olhos dilatados, olhando com horror o crocodilo lá no alto, enquanto seus lábios arroxeados e secos sopravam ruidosamente a cada expiração.

– Santo Deus! Está morrendo! – exclamou Monkhouse Lee, fora de si.

Monkhouse era um rapaz magro e bonito, de pele morena e olhos negros, isto é, um tipo mais espanhol que inglês, contrastando a viveza céltica de suas maneiras com a fleuma saxônia de Abercrombie Smith.

– Creio que não passa de um desmaio – disse o estudante de medicina. – Ajude-me a carregá-lo. Segure-lhe os pés. Vamos colocá-lo em cima do sofá. Afaste com um pontapé esses diabinhos de madeira! Que barafunda! Agora ele vai sentir-se bem, se lhe desabotoarmos o colarinho e lhe dermos um pouco de água. Mas, afinal, que aconteceu?

– Não sei. Ouvi-o gritar. Subi correndo. Bem sabe que o conheço muito bem. Foi muita bondade de sua parte acudir ao meu chamado.

– O coração dele está batendo como um par de castanholas – disse Smith ao colocar a mão sobre o peito do homem inconsciente. – Parece-me que o medo o destroçou. Atire-lhe a água no rosto! Mas que cara tem ele!

Era na verdade um rosto estranho e por demais repelente, porque tanto a cor como o perfil eram antinaturais. Não estava pálido, de uma palidez comum, própria do medo, mas com uma brancura de coisa exangue, algo semelhante à barriga de um linguado. Era bastante gordo, mas dava a impressão de ter sido muito mais em outro tempo, porque a pele lhe pendia em rugas e dobras, e o rosto formava um confuso entrelaçamento de rugas. Seus cabelos escuros eram curtos e duros como cerdas, e umas orelhas espessas e enrugadas lhe sobressaíam de ambos os lados. Conservava ainda abertos os olhos, de um cinzento claro, e as pupilas dilatadas e os glóbulos dos olhos estavam como que cravados num olhar de terror. Ao observar o semblante de Bellingham, pareceu a Smith que a

natureza jamais havia colocado no rosto de uma pessoa os sinais de alerta para o perigo de maneira tão patente como naquele semblante, e pensou com maior seriedade nas advertências que Hastie lhe havia feito uma hora antes.

– Mas que diabos foi que o assustou de tal maneira? – perguntou Smith.

– Foi a múmia.

– A múmia? Mas por quê?

– Não sei. É uma ocupação bestial e mórbida. Desejaria que desistisse disso. É o segundo susto que me dá. No inverno passado, ocorreu a mesma coisa. Encontrei-o tal como agora, e diante dele, essa coisa horrível.

– Mas que quer ele com a múmia?

– Oh, ele está meio maluco, sabe? É a sua mania. Conhece mais a respeito dessas coisas do que qualquer outra pessoa na Inglaterra. Antes não soubesse tanto! Ah! Está começando a voltar a si!

As lívidas faces de Bellingham tingiram-se de leve colorido, e suas pestanas começaram a estremecer da mesma maneira que a vela de um barco após uma calmaria. Fechou e abriu as mãos, respirou de maneira profunda, embora muito lenta, por entre os dentes, fez um movimento repentino com a cabeça e lançou em torno de si um olhar de quem quer saber onde se encontra; quando seus olhos pousaram sobre a múmia, saltou do sofá, agarrou o rolo de papiro, atirou-o dentro de uma gaveta, que fechou com chave, e depois voltou cambaleando para o sofá.

– Que está acontecendo? – perguntou ele. – Que querem vocês, rapazes?

– Você começou a dar gritos e a fazer um barulho dos diabos – disse Monkhouse Lee. – Não sei o que eu teria feito para socorrer você se este nosso vizinho, que mora aí em cima, não tivesse atendido ao meu apelo.

– Ah, é Abercrombie Smith – disse Bellingham ao erguer a vista para olhá-lo. – Foi muita bondade sua ter vindo! Que louco sou! Oh, meu Deus, que louco sou!

Pôs a cabeça entre as mãos e rompeu em estrepitosas gargalhadas histéricas.

– Olhe aqui! Basta de risadas! – exclamou Smith sacudindo-o rudemente pelos ombros. – Você está com os nervos excitadíssimos. Deve parar com essas brincadeiras com múmias à meia-noite, porque, do contrário, acabará maluco. Neste momento está aí parecendo carregado de eletricidade.

– Pergunto a mim mesmo – disse Bellingham – se você se manteria mais sereno do que eu se tivesse visto...

– Se tivesse visto o quê?

– Oh, nada. O que eu queria dizer era se você seria capaz de ficar de noite com uma múmia sem que se alterassem seus nervos. Talvez você tenha razão e eu esteja precisando muito dormir. Mas já me sinto bem. Contudo, faça-me o favor de não se retirar. Espere alguns instantes mais, até que eu me recupere completamente.

– A atmosfera está demasiado pesada dentro deste quarto – comentou Lee abrindo a janela e deixando que penetrasse o ar fresco da noite.

– Esse cheiro é da resina balsâmica – disse Bellingham, que colheu uma das folhas secas de palma que havia em cima da mesa e a retorceu por cima da chaminé da lâmpada. A folha deixou escapar pesadas volutas de fumaça, e o quarto se encheu de um odor picante e cáustico. – É a planta sagrada... a planta dos sacerdotes – observou ele. – Você conhece alguma coisa de línguas orientais, Smith?

– Nada, absolutamente. Nem uma palavra.

A resposta pareceu ter tirado um grande peso da mente do egiptólogo, que então perguntou:

– A propósito, quanto tempo transcorreu desde que você desceu do seu quarto até que eu recuperei os sentidos?

– Não muito. Uns quatro ou cinco minutos.

– Pareceu-me que, com efeito, não teria sido muito – disse ele respirando profundamente. – Mas que coisa estranha é o estado de inconsciência! Para isso não há medida. Não poderia dizer, guiando-me por minhas próprias sensações, se transcorreram segundos ou semanas. Pois bem: esse cavalheiro que está em cima da mesa foi embalsamado nos tempos da undécima dinastia, há uns quarenta séculos, e, não obstante, se

ele fosse capaz de manejar sua língua, nos diria que todo esse lapso de tempo foi igual a um abrir e fechar de olhos. É uma múmia magnífica, Smith.

Smith aproximou-se da mesa e examinou com olho profissional a forma negra e retorcida que tinha à sua frente. As feições, embora horrivelmente descoloridas, conservavam-se perfeitas, e nas órbitas negras continuavam de tocaia dois olhinhos semelhantes a avelãs. A pele, cheia de manchas, mantinha-se muito esticada de um osso para outro, e lhe caía por cima das orelhas uma retorcida moita de cabelos negros e ásperos. Por cima do lábio inferior, enrugado, apareciam dois dentes, finos como os de um rato. Na posição encolhida em que se encontrava, com as articulações dobradas e a cabeça estirada, havia uma indicação de energia tão grande naquela horrenda coisa que sobressaltou Smith. As costelas secas, recobertas de uma pele que parecia pergaminho, estavam expostas, e o abdome, afundado, cor de chumbo, mostrava a comprida fenda em que o embalsamador tinha deixado sua marca; mas os membros inferiores estavam envoltos em bandagens ásperas e amarelas. Numerosos pedacinhos de mirra e de cássia, semelhantes a dentes de cravo, achavam-se espalhados sobre o corpo e dentro do sarcófago.

– Ignoro o nome desse personagem – disse Bellingham passando sua mão sobre a cabeça enrugada da múmia. – Como vê, falta o sarcófago exterior em que estariam as inscrições. O único título que tem agora é o de Lote 249. Veja-o escrito sobre o sarcófago. Foi esse o número que lhe puseram no leilão em que o adquiri.

– Deve ter sido um homem esplêndido em vida – observou Abercrombie Smith.

– Foi um gigante. Sua múmia tem quase dois metros de comprimento. Era um homem altíssimo entre seus contemporâneos, pois os egípcios nunca foram raça muito robusta. Apalpe também estes ossos grandes e nodosos. Não deve ter sido indivíduo com quem se pudesse brincar.

– Talvez essas mesmas mãos tenham ajudado a colocar as pedras das pirâmides – sugeriu Monkhouse Lee, baixando a vista com repugnância para as garras curvas e sujas da múmia.

– Nem pensar! Este camarada foi embalsamado em n atrio⁴, com todos os pormenores mais refinados da arte – explicou Bellingham. – Não davam um tratamento desses a plebeus. A estes lhes bastava o sal ou o betume. Calcula-se que o trabalho empregado nessa múmia custaria umas setecentas e trinta libras em nossa moeda. Este nosso amigo deve ter sido, pelo menos, um aristocrata. O que você conclui – perguntou ele a Smith – dessa pequena inscri o que tem ele perto do p ?

– Já lhe disse que não conheço nenhuma língua oriental.

– Ah, tinha me esquecido. É o nome do embalsamador, creio eu. Deve ter sido um artífice por demais consciencioso. Pergunto a mim mesmo quantas obras modernas sobreviveriam a 4 mil anos.

Continuou falando com volubilidade e rapidez, mas Abercrombie Smith dava-se perfeitamente conta de que aquele homem continuava agitado pelo medo. Tremiam-lhe as mãos, seu lábio inferior palpitava e, se seus olhos se desviavam para outra coisa, voltavam imediatamente para seu horrendo companheiro. Mas, apesar daquele terror evidente, transluzia no tom de sua voz e em suas maneiras um vislumbre de triunfo. Brillavam-lhe os olhos, e, quando caminhava de um lado para outro do quarto, seu passo era vivo e galhardo. Produzia a impressão de um homem que passara por uma prova o espantosa, cujos sinais não tinham desaparecido ainda de seu corpo, mas que lhe servira para alcançar o fim que se propunha.

– Já vai? – perguntou Bellingham quando Smith se levantou do sofá.

Pareceu que o assaltavam de repente todos os seus temores, diante da perspectiva da solidão, e estendeu a mão para det -lo.

– Sim, preciso ir – disse Smith. – Meu trabalho me espera. Você está perfeitamente bem agora. Creio que seria preferível que se dedicasse a algum estudo menos mórbido, por causa do estado dos seus nervos.

– Em geral não sou nervoso e já desenfaxe múmias antes.

– Na última vez que o fez, também desmaiou – observou Monkhouse Lee.

– Ah, sim, é certo. Pois bem, terei de tomar algum t nico para os nervos ou fazer um tratamento de eletricidade. Você já vai, Lee?

– Farei o que você quiser, Ned.

– Pois então descerei com você a seu quarto e me deitarei um pouco em seu sofá. Boa noite, Smith. Lamento muito ter lhe causado esse incômodo com minhas loucuras.

Apertaram-se as mãos e, enquanto o estudante de medicina subia pela escada de caracol, ouviu o ruído de uma chave na fechadura e os passos de seus dois novos conhecidos, que desciam ao andar inferior.

* * *

Tais foram as estranhas circunstâncias em que se estabeleceu uma aproximação entre Eduardo Bellingham e Abercrombie Smith, a qual este último, pelo menos, não desejava levar adiante. Contudo, parecia que Bellingham se tinha tomado de agrado por aquele vizinho de linguagem rude, e se insinuou de tal maneira que não havia modo de fugir às suas atenções sem dar mostras de absoluta grosseria. Fez duas visitas a Smith para agradecer-lhe a ajuda e outras muitas vezes foi visitá-lo com livros, documentos e atenções que dois convizinhos solteiros podem dispensar-se reciprocamente. Logo pôde Smith comprovar que se tratava de um homem que havia lido muitíssimo, que tinha gostos universais e uma memória extraordinária. Além disso, suas maneiras eram tão agradáveis e elegantes que, ao fim de algum tempo, deixava-se de reparar em seu aspecto repulsivo. Para um homem fatigado por um trabalho monótono, não era companheiro desagradável, e logo Smith passou a sentir interesse em receber suas visitas e mesmo em retribuí-las.

Todavia, sendo um homem sumamente observador, o estudante de medicina acreditou ter descoberto em Bellingham uma tendência à loucura. Explodia por vezes em tiradas de um estilo grandiloquente e elevado, em evidente contraste com a simplicidade da vida de Smith.

– É uma coisa maravilhosa – exclamava – sentir-se capaz de exercer domínio sobre as potências do bem e do mal, como um anjo da guarda ou um demônio de vingança.

Noutra ocasião comentou, a respeito de Monkhouse Lee:

– Lee é um bom rapaz, um rapaz honesto, mas carece de energia e de ambição. Não daria um sócio adequado para um homem capaz de grandes empreendimentos. Não seria um sócio adequado para mim.

Quando ouvia tais insinuações e sugestões tão tolas, Smith soltava solenes baforadas com seu cachimbo, limitando-se a arquear as sobrancelhas e a mover de um lado para outro a cabeça, interpondo pequenas interjeições de sabedoria médica a propósito da conveniência de levantar cedo e ter vida ao ar livre.

Ultimamente Bellingham contraíra um hábito que Smith sabia muito bem ser com frequência um aviso prévio de debilitamento mental. Parecia estar falando sempre consigo mesmo. Em altas horas da noite, quando não era possível que estivesse com alguma visita, Smith escutava a voz de Bellingham no andar de baixo, como se ele sustentasse um monólogo em tom abafado e surdo, que, em certas ocasiões, chegava a converter-se em murmúrio, mas que se ouvia perfeitamente no silêncio da noite. Aquela solitária tagarelice molestava e distraía o estudante, que, por essa razão, falou sobre o assunto mais de uma vez a seu vizinho. Bellingham, porém, corava ao ouvir aquela acusação e negava de maneira cortante que falasse sozinho; na verdade, mostrava-se mais contrariado com o assunto do que a ocasião parecia exigir.

Se Abercrombie Smith tivesse alguma dúvida acerca dos próprios ouvidos, não precisaria ir muito longe para encontrar uma confirmação. Tom Styles, o criadinho cheio de rugas que vinha atendendo às necessidades dos moradores da torre desde uma época superior à memória de qualquer homem, achava-se vivamente preocupado pelo mesmo motivo.

– Perdoe meu atrevimento, senhor – disse ele, certa manhã, enquanto fazia a limpeza do aposento do andar superior. – Mas... acredita que o Sr. Bellingham esteja passando bem?

– Passando bem como, Styles?

– Passando bem da cabeça, senhor.

– Por que não haveria de estar?

– Bem, não sei, senhor. Ultimamente, seus hábitos mudaram. Não é o mesmo homem de antes, embora tome eu a liberdade de dizer que nunca foi cavalheiro do meu gosto, tal como o Sr. Hastie ou o senhor. Agora se dedica de uma maneira espantosa a falar consigo mesmo. Pergunto-me se não o incomoda. Não sei o que pensar sobre ele, senhor.

– Não sei por que você há de se preocupar, Styles.

– Bem, eu fico curioso, Sr. Smith. Talvez não devesse, mas não posso evitar. Há vezes em que me sinto como se fosse o pai e a mãe de meus rapazes. Se as coisas não andam bem e suas famílias se apresentam aqui, a carga de tudo cai sobre mim. Mas voltando ao Sr. Bellingham, queria saber quem é que passeia dentro do quarto dele em certas ocasiões, quando ele está ausente e a porta fechada com chave por fora.

– O quê? Você está dizendo tolices, Styles.

– É possível que sim, meu senhor; mas ouvi isso mais de uma vez.

– Bobagem, Styles.

– Perfeitamente, senhor. Se precisar de mim, toque a campainha.

Abercrombie Smith não deu importância à conversa do velho criado, mas dali a poucos dias ocorreu um pequeno incidente que lhe produziu um efeito desagradável e lhe trouxe forçosamente à memória as palavras de Styles.

Bellingham havia subido para visitá-lo, em hora já avançada da noite, e lhe estava fazendo interessante relato acerca dos túmulos escavados nos rochedos de Beni Hassan, no Alto Egito, quando Smith, cuja audição era extraordinariamente aguçada, ouviu com nitidez o ruído de uma porta que se abria no patamar do andar de baixo e comentou:

– Há alguém entrando ou saindo de seu quarto.

Bellingham pôs-se de pé, num salto, e ficou um instante sem saber o que fazer, com a expressão de um homem parte incrédulo e parte amedrontado.

– Tenho certeza de que fechei a porta. Estou terminantemente certo disso – balbuciou ele. – Ninguém poderia tê-la aberto.

– Pois agora mesmo estou ouvindo o rumor de passos de quem vem subindo os degraus – disse Smith.

Bellingham precipitou-se para fora, fechou com estrépito a porta ao sair e correu escada abaixo. Smith ouviu-o deter-se no meio da escada e acreditou perceber os cochichos duma conversa. Um instante depois fechou-se a porta lá embaixo, uma chave girou na fechadura, e Bellingham tornou a subir a escada e entrou no quarto de Smith. Tinha o rosto pálido, umedecido de gotas de suor, e disse, deixando-se cair numa cadeira:

– Está tudo em ordem. Foi aquele estúpido cachorro que abriu a porta aos empurrões. Não sei como me esqueci de fechá-la com chave.

– Não sabia que você tinha um cachorro – disse Smith, olhando com expressão muito pensativa, o rosto perturbado de seu companheiro.

– Tenho, sim, mas há pouco tempo. Preciso ver-me livre dele. Causa muito incômodo.

– Deve causar mesmo, se é tão difícil deixá-lo fechado no quarto. Acho que seria mais fácil encostar a porta, sem necessidade de fechá-la com chave.

– É que receio que o velho Styles possa deixá-lo fugir. Fique sabendo que é um animal de certo valor e eu lamentaria perdê-lo.

– Gosto muito de cachorros – disse Smith, observando sempre seu visitante, embora de soslaio. – Não quer me deixar vê-lo?

– Decerto. Mas receio que não possa ser esta noite, porque tenho encontro marcado. Aquele relógio está certo? Então, já estou um quarto de hora atrasado. Você vai me desculpar, estou certo.

Pegou o chapéu e saiu apressado do quarto. Apesar do encontro que dissera ter, Smith ouviu-o entrar de novo no quarto e fechar a porta com chave.

Essa conversa deixou na mente do estudante de medicina desagradável impressão. Bellingham tinha-lhe mentido e o havia feito de maneira tão sem jeito que era de crer que razões tremendas o teriam levado a ocultar a verdade. Smith sabia que seu vizinho não possuía cachorro nenhum. Sabia também que os passos que ouvira na escada não eram de animal. Mas de quem eram então? O velho Styles dissera que, em ocasiões em que o dono estava ausente, ouvia-se alguém andar dentro do quarto. Seria

uma mulher? Smith sentia-se inclinado a aceitar essa suposição. Mas, nesse caso, equivalia aquilo a cometer um ato desonroso que se castigava com a expulsão se as autoridades do colégio viessem a saber, podendo explicar-se desse modo a ansiedade e as mentiras de Bellingham. No entanto, parecia inconcebível que um estudante pudesse ocultar em seus aposentos uma mulher sem ser imediatamente descoberto.

Qualquer que fosse a explicação, escondia-se decerto algo de feio em tudo aquilo, e Smith tomou a resolução, ao voltar a seus livros, de cortar toda nova tentativa de intimidade que aquele vizinho de palavras agradáveis e de cara pouco favorecida viesse a fazer.

Mas estava escrito que seu estudo seria interrompido naquela noite. De fato, acabava de reatar o fio de seus temas, quando ouviu subir pela escada, saltando os degraus de três em três, alguém de pisadas pesadas, e quase imediatamente Hastie irrompeu no quarto, de jaleco e calça de flanela.

– Ainda estudando? – exclamou ele, afundando-se na costumeira poltrona. – Que estudante pé de boi está me saindo! Creio que, se ocorresse um terremoto que deixasse Oxford reduzida a um tricórnio⁵, você continuaria muito tranquilo entre as ruínas, com o nariz metido nos livros. Mas não vou aborrecê-lo por muito tempo. Três baforadas e vou-me!

– Quais são as novidades? – perguntou Smith acomodando o tabaco em seu cachimbo com o dedo indicador.

– Muito pouca coisa. Wilson fez setenta pelos novatos contra os onze. Dizem que o colocarão no lugar de Buddicomb, porque este se encontra fora de forma. Antes sabia lançar bem a bola, mas agora não passa de meias boladas e de pulos longos.

– Meia-direita – sugeriu Smith, com a intensa gravidade que adotam todos os estudantes universitários quando falam de atletismo.

– Inclina-se com demasiada rapidez, com um efeito de perna. Alonga o braço umas três polegadas mais ou menos. Fazia-o muito mal quando o local estava úmido. A propósito, soube do que aconteceu com Long Norton?

– Que foi?

– Agrediram-no.

– Agrediram-no?

– Sim, quando vinha dobrando a esquina da Rua Alta, a uns cem metros do portão deste Velho Colégio.

– Mas quem...

– Ah, aqui é que está a dificuldade! Se você dissesse *que* em lugar de *quem*, expressar-se-ia com mais justeza gramatical. Norton jura que não se tratava de um ser humano, e, na verdade, a julgar pelos arranhões que traz na garganta, inclino-me a concordar com ele.

– Que foi, então? Será que estamos metidos com fantasmas? – Abercrombie Smith soprou seu desdém de homem de ciência.

– Bem, não creio tampouco que se trate disso precisamente. Sinto-me inclinado a acreditar que um dono de circo tenha perdido nos últimos tempos algum macaco bastante grande e que o animal ande vagando por esta região. Os jurados não hesitariam em dar sentença contra o bicho. Como você sabe, Norton passa todas as noites e à mesma hora por aquele lugar. Há no caminho uma árvore cujos galhos caem até quase o chão; é o copado olmo do jardim de Rainy. Norton acredita que aquela coisa deixou-se cair em cima dele do alto da árvore. Seja como for, esteve a ponto de morrer estrangulado por dois braços que, segundo assegura, eram tão fortes e tão delgados quanto dois aros de aço. Diz ele que não viu nada além de um par de braços bestiais que o apertavam sempre com maior força. Gritou até enrouquecer, acudindo a seus gritos dois companheiros, e aquela coisa saltou por cima do muro como um gato. Norton não viu em momento algum o que era com absoluta clareza. Posso afirmar-lhe que o incidente abalou-o bem. Disse-lhe que isso lhe havia valido o mesmo que uma temporada na praia.

– É provável que tenha sido algum salteador – observou Smith.

– É muito possível. Norton afirma que não; mas não devemos dar importância ao que ele diz. O salteador tinha unhas compridas e saltou o muro com estupenda agilidade. A propósito, seu formoso vizinho haveria de regozijar-se se soubesse disso. Guarda rancor contra Norton e não é

homem, pelo que dele sei, que esqueça suas pequenas dívidas. Mas, olá, meu velho, que cara é essa?

– Nada – respondeu Smith secamente.

A verdade é que tinha dado um pulo em sua cadeira e por seu rosto tinha passado, como um relâmpago, a expressão de um homem assaltado repentinamente por alguma ideia desagradável.

– Pareceu-me que algo do que lhe acabo de dizer tenha lhe tocado ao vivo. A propósito, desde a última visita que lhe fiz, você teve encontros com o tal Bellingham, não foi? O jovem Monkhouse Lee disse-me algo a esse respeito.

– Sim. Veio aqui uma ou duas vezes.

– Bem, você é bastante grande e bastante feio para cuidar de si mesmo. Esse homem não é, sem dúvida, o que eu chamaria de um indivíduo de conduta limpa, embora seja inteligente e todas essas outras coisas que costumam dizer. Mas não tardará a conhecê-lo melhor. Lee é um rapaz decente; é um perfeito cavalheiro. Bem, meu velho, até outra vista! Na quarta-feira desta semana tomo parte na regata contra Mullins, para a Copa do Vice-Chanceler, de modo que, se eu não vier aqui antes, não falte.

O fleumático Smith largou o cachimbo e voltou a engolfar-se impassivelmente em seus livros. Mas, apesar de pôr nisso toda a sua força de vontade, foi-lhe difícilimo concentrar a atenção no trabalho, uma vez que o seu pensamento lhe fugia para o homem que vivia no andar de baixo e para o pequeno mistério que se ocultava em seus aposentos. Depois refletiu um pouco sobre aquela estranha agressão que Hastie lhe havia contado e sobre o rancor que, segundo se dizia, Bellingham guardava contra o agredido. As duas ideias se empenhavam em se apresentar a Smith juntas, como se existisse entre ambas uma relação estreita e íntima. Mas a suspeita era tão vaga e difusa que não era possível exprimi-la por palavras.

– Para o diabo tal indivíduo! – exclamou Smith atirando seu livro de patologia para o outro lado do quarto. – Estragou-me a leitura desta noite, e bastaria essa razão, se não houvesse outra, para que eu evite qualquer contato com ele no futuro.

Durante dez dias, o estudante de medicina confinou-se de tal maneira em seus estudos que nada ouviu nem viu referente àqueles dois homens que viviam no andar de baixo. Nas horas em que Bellingham tinha por costume visitá-lo, Smith fechava a porta exterior do apartamento, indicando que não recebia ninguém e, apesar de mais de uma vez ter ouvido alguém lá fora, recusou-se terminantemente a abrir. Mas uma tarde, quando descia a escada, escancarou-se de repente a porta de Bellingham, e nela apareceu o jovem Monkhouse Lee, com o olhar faiscante e o moreno rosto roxo de cólera. Logo atrás dele vinha Bellingham, em cujo semblante gordo e de aspecto enfermiço se notava um estremecimento de maligno furor.

– Seu estúpido! Você vai lamentar isso! – sibilou Bellingham.

– É muito provável – gritou o outro. – Repare bem no que digo. Está acabado. Não quero ouvir falar disso.

– Mas você prometeu.

– Oh, o que prometi, cumprirei. Não direi uma palavra. Mas preferiria que minha irmã Eva estivesse no túmulo. De uma vez por todas, acabou-se. Ela fará o que eu lhe disser. Não queremos mais ver você.

Smith ouviu tudo isso sem querer, mas continuou apressado seu caminho, porque não queria ver-se envolvido na discussão. Era bastante evidente que houvera entre ambos uma disputa séria e que Lee ia fazer com que sua irmã rompesse seu noivado com Bellingham. Smith lembrou-se da comparação do sapo e da pomba que Hastie havia feito e ficou alegre ao pensar que o caso terminara. Não era agradável ver o rosto de Bellingham quando estava furioso. Não era homem a quem uma inocente moça pudesse confiar-se para toda a vida. Enquanto caminhava, Smith perguntava a si mesmo qual teria sido a causa da briga e que promessa havia feito Monkhouse Lee para que Bellingham mostrasse tanto interesse em vê-la cumprida.

Era o dia em que Hastie e Mullins corriam a regata de botes individuais, e um grupo de rapazes se dirigia para as margens do Ísis. Um sol de maio esplendoroso brilhava no céu, e o dourado caminho via-se cruzado pelas negras sombras dos altos olmos. De um e de outro lado,

afastados da estrada, erguiam-se os edifícios cinzentos dos colégios, como mães grisalhas do saber que olhavam das suas janelas altas e de barras aquela maré de vida que passava tão alegremente diante delas. Professores, trajados de preto, empertigados funcionários, assistentes pálidos, jovens atletas de rosto moreno e com chapéus de palha, exibindo camisas brancas ou jalecos multicores, acorriam pressurosos para o rio azul, que cruza, sinuoso, as planuras de Oxford.

Abercrombie Smith, com a intuição de velho remador, situou-se em um ponto onde sabia que se travaria a luta entre os disputantes. Ouviu muito distante o murmúrio que anunciava a saída, o qual se foi convertendo em bramido à medida que eles se aproximavam; depois o tropel de pés que corriam e a gritaria dos rapazes que ocupavam os barcos por baixo do lugar onde ele se achava. Passou correndo um cortejo de jovens semivestidos que respiravam ruidosamente, e Smith, olhando por cima da cabeça deles, viu que Hastie remava muito bem, a trinta e seis, enquanto seu adversário, com um violento quarenta, corria a mais de um barco de distância atrás dele. Smith lançou um viva a seu amigo, tirou o relógio do bolso e se dispunha a empreender o caminho de regresso para seus aposentos quando sentiu que lhe tocavam no ombro e viu a seu lado o jovem Monkhouse Lee, que lhe disse, com expressão tímida e suplicante:

– Vi você aqui. Queria falar-lhe, se pudesse conceder-me uma meia hora. Esta casinha de campo é minha. Partilho-a com Harrington, do King. Entre e tome uma xícara de chá.

– Preciso voltar imediatamente, porque estou num batente duro – disse Smith. – Mas entrarei por poucos minutos, com todo o prazer. Não teria saído de meu quarto se Hastie não fosse meu amigo.

– Também é meu amigo. Que magnífico seu estilo de remar! Mullins não esteve nem um instante à altura dele. Mas entremos no chalé. É uma toca, mas dá gosto trabalhar nela durante os meses de verão.

Era uma construção pequena, quadrada, branca, de portas e persianas verdes, com uma latada⁶ rústica à entrada, e se erguia a uns cinquenta metros da margem do rio. No interior, a peça principal estava mais ou menos arranjada como sala de estudo: mesa de pinho, estantes sem

pintura, cheias de livros, e algumas estampas baratas nas paredes. Uma chaleira fervia sobre um aquecedor de álcool, e numa bandeja, que estava em cima da mesa, via-se tudo preparado para o chá.

– Sente-se naquela cadeira e fume um cigarro – disse Lee. – Permita-me que lhe sirva uma xícara de chá. Foi grande amabilidade sua vir aqui, pois já sei que está com todo o seu tempo tomado. Precisava dizer-lhe que, se eu fosse você, mudaria imediatamente de habitação.

– Mas por quê?

Smith ficou um instante com o olhar parado, com o fósforo aceso numa mão e o cigarro por acender na outra.

– Sim, compreendo que isso que lhe digo há de parecer-lhe muito extraordinário, e o pior é que não posso lhe explicar minhas razões, porque estou preso por uma solene promessa, por uma soleníssima promessa. Mas, apesar disso, posso permitir-me dizer-lhe que não creio seja prudente morar perto de Bellingham. Tenciono viver nesta casinha por algum tempo, tanto quanto me seja possível.

– Não acha prudente morar perto de Bellingham? Que quer dizer com isso?

– É isso precisamente que não posso lhe dizer. Mas siga meu conselho e mude de aposentos. Hoje tivemos uma grande discussão. Você deve ter-nos ouvido, porque naquele momento descia a escada.

– Percebi que vocês rompiam suas relações.

– Ele é um sujeito horrível, Smith. É o único qualificativo que merece. Tive minhas dúvidas a respeito dele desde aquela noite em que desmaiou; você há de lembrar-se. Hoje lhe pus os pingos nos *is*, e então me disse coisas que me arrepiaram os cabelos. Além disso queria que me aliasse com ele. Não é que eu seja um puritano, mas você sabe que sou filho de um homem da igreja e acredito que há coisas que nem sequer se deve pensar em fazer. Dou, em todo o caso, graças a Deus por havê-lo desmascarado antes que fosse demasiado tarde, porque ele ia se casar com minha irmã.

– Tudo eu entendo, Lee – respondeu-lhe Abercrombie Smith, secamente –, mas ou você disse muito mais do que devia ou muito menos

do que está obrigado a dizer.

– Estou lhe dando um aviso.

– Se existe realmente um motivo fundado para esse seu aviso, nenhuma promessa que haja feito pode mantê-lo preso a ela. Se descobro que um canalha se dispõe a fazer voar um edifício com dinamite, não haverá promessa alguma que me impeça de evitar isso.

– Ah, mas é que eu não posso impedi-lo e nada posso fazer senão avisar você.

– Sem me dizer qual é o perigo contra o qual me põe em guarda?

– Ponho-o em guarda contra Bellingham.

– Mas isso é infantil. Por que deveria ter medo dele ou de qualquer outra pessoa?

– Não posso dizê-lo. Posso apenas suplicar-lhe que mude de aposentos; onde se encontra, corre perigo. Não afirmo sequer que Bellingham tenha intenção de fazer-lhe mal, mas isso poderia acontecer. Ele agora é um vizinho perigoso.

– Talvez eu saiba mais do que você pensa – disse Smith olhando fixamente o rosto juvenil e sério de seu interlocutor. – Suponhamos que lhe diga que há alguém que compartilha dos aposentos de Bellingham.

Monkhouse Lee saltou de sua cadeira, numa excitação incontrolável.

– Sabe disso, então? – disse ele, ofegante.

– Uma mulher.

Lee deixou-se cair novamente na sua cadeira com um gemido e exclamou:

– Meus lábios estão selados. Não devo falar.

– Bem, de qualquer modo – disse Smith, levantando-se – não é provável que me deixe assustar a ponto de abandonar aposentos em que me encontro muito bem instalado. Seria uma fraqueza de minha parte mudar-me, com todas as minhas coisas e objetos, para outro lugar simplesmente porque você assegura que Bellingham poderia vir a causar-me mal de algum modo inexplicável. Correrei o risco ficando onde estou e, como são quase cinco horas, não tenho outro remédio senão pedir-lhe que me desculpe.

Despediu-se do jovem estudante com algumas frases breves e dirigiu-se para seus aposentos, envolto na suave atmosfera do entardecer primaveril, sentindo-se em parte zangado e em parte divertindo-se, como ocorreria a qualquer outro jovem robusto e de pouca imaginação que se visse ameaçado por um perigo vago e obscuro.

Por muitas que fossem as exigências de seu trabalho, Abercrombie Smith se permitia sempre uma pequena distração. Duas vezes por semana, às quintas e às sextas-feiras, tinha por costume invariável ir a pé até Farlingford, residência do dr. Plumtree Peterson, situada a cerca de dois quilômetros de Oxford. Dr. Peterson tinha sido amigo próximo de Frank, o irmão mais velho de Smith, e, como era um solteirão bastante rico, com uma boa adega e uma biblioteca melhor ainda, sua casa constituía uma meta agradável a um homem que sentia a necessidade de dar um passeio a pé. Duas vezes por semana, pois, o estudante de medicina se lançava, a rápido andar, pelas escuras estradas daquela região e passava uma hora agradável no confortável estúdio do dr. Peterson, comentando, enquanto bebiam um copo de velho vinho do Porto, todos os mexericos da universidade ou os últimos progressos da medicina.

No dia que se seguiu ao seu encontro com Monkhouse Lee, Smith fechou seus livros por volta das oito da noite, hora em que usualmente se punha a caminho para a casa do amigo. Mas, no momento de sair do quarto, seus olhos caíram por acaso sobre um dos livros que Bellingham lhe tinha emprestado, e mordeu-lhe a consciência o fato de não o ter ainda devolvido. Por mais repelente que o homem pudesse ser, não devia tratá-lo com descortesia. Pegando o livro, desceu a escada e bateu à porta do vizinho. Não recebeu resposta, mas, ao girar a maçaneta, verificou que a porta não estava trancada. Satisfeito por evitar um encontro com Bellingham, entrou e colocou o livro em cima da mesa juntamente com um cartão seu.

A lâmpada estava com a luz diminuída, mas Smith pôde ver claramente os pormenores do quarto. Tudo estava mais ou menos como da outra vez: o friso, os deuses de cabeça de animais, o crocodilo pendurado e a mesa amontoada de papiros e folhas secas. O sarcófago da múmia estava

colocado de pé contra a parede, mas vazio, sem a múmia. Não havia sinal algum de que aqueles aposentos estivessem ocupados por outra pessoa além de Bellingham, e Smith teve a sensação, ao retirar-se, de que provavelmente fora injusto com ele. Se Bellingham tivesse um segredo a guardar, dificilmente deixaria a porta aberta, de modo que qualquer um pudesse ali entrar.

A escada de caracol estava escura como breu, e Smith ia descendo lentamente, com cuidado, aqueles degraus irregulares, quando teve subitamente a sensação de que algo havia passado por ele na escuridão. Ouviu um ruído débil, um sopro de ar, um leve roçar junto a seu cotovelo, mas tão leve que não estava completamente certo se havia mesmo acontecido. Parou e se pôs a escutar, mas o vento sussurrava na hera lá fora, e não ouviu mais nada.

– É você, Styles? – gritou ele.

Ninguém lhe respondeu, e atrás dele reinou um silêncio absoluto. Achou que se tratasse de uma súbita rajada de ar, porque não faltavam na velha torre as gretas e rachaduras. Não obstante, teria jurado que sentira precisamente a seu lado o rumor de uns passos. Saiu para o quadrilátero do edifício e continuava sem conseguir tirar da cabeça o ocorrido, quando viu um homem vindo a correr velozmente, atravessando o gramado cortado rente.

– É você, Smith?

– Olá, Hastie!

– Pelo amor de Deus, venha imediatamente! O jovem Lee afogou-se! Aqui está Harrington, do King, que trouxe a notícia. O médico está ausente. Você servirá para o caso, mas é preciso vir imediatamente, talvez ele ainda esteja vivo.

– Tem aguardente com você?

– Não.

– Levarei alguma. Tenho uma garrafa em cima da minha mesa.

Smith subiu aos saltos a escada, de três em três degraus a um só tempo, agarrou a garrafa e deitou a correr escada abaixo, mas, ao passar diante do

quarto de Bellingham, seus olhos pousaram em algo que o fez ficar sem respiração e olhar atônito para o patamar.

A porta que ele tinha fechado ao sair estava agora aberta, e justamente em sua frente, com a luz da lâmpada a iluminá-lo, achava-se o sarcófago da múmia. Três minutos atrás estava vazio. Poderia jurar isso. Agora servia de moldura ao corpo descarnado de seu horrível ocupante, que permanecia de pé, rígido e espantoso, com seu rosto negro e enrugado de frente para a porta. O corpo parecia sem vida e inerte, mas Smith, que o fitava atentamente, acreditou ver, nos olhinhos que perscrutavam do fundo das órbitas, uma luzinha de vitalidade, um fraco vislumbre de consciência. Ficou tão assombrado e atônito que se esqueceu de sua missão e continuava com os olhos cravados naquela figura descarnada e enrugada, quando a voz de seu amigo, lá embaixo, o fez voltar a si.

– Venha, Smith! – gritou ele. – É questão de vida ou morte. Apresse-se! Agora precisamos correr – acrescentou ele quando o estudante de medicina apareceu de novo. – Não chega a quilômetro e meio, e poderemos fazê-lo em cinco minutos. Vale mais correr por uma vida humana do que para ganhar uma copa.

Ombro contra ombro, lançaram-se através da escuridão e só se detiveram quando chegaram, ofegantes e esgotados, ao chalezinho à beira do rio. O jovem Lee, mole e escorrendo água como uma planta aquática partida, achava-se estendido em cima do sofá, com a esverdeada espuma do rio sobre seus cabelos negros e uma orla de espuma branca sobre seus lábios arroxeados. Ajoelhado junto dele estava seu colega Harrington, esfregando-o para devolver um pouco de calor àqueles membros rígidos.

– Acho que ainda há vida nele – disse Smith com a mão posta no peito do rapaz, ao lado do coração. – Ponha o vidro de seu relógio junto aos lábios dele. Sim, ficou um pouco nublado. Você, Hastie, pegue um braço. Agora, movimente-o como eu faço, e não tardará que o façamos voltar a si.

Assim fizeram, em silêncio, durante dez minutos, enchendo e esvaziando, com seus movimentos, o peito do homem inconsciente. Ao cabo desse tempo, o corpo de Lee foi sacudido por um estremecimento,

agitaram-se os lábios e abriram-se os olhos. Os três estudantes lançaram um grito irreprimível de triunfo.

– Acorde, meu velho. Você já nos assustou bastante.

– Tome um pouco de aguardente. Beba! Aqui mesmo da garrafa!

– Já está como novo – disse seu companheiro Harrington. – Céus! Que susto que levei! Estava lendo aqui, e ele saiu a dar um passeio até o rio, quando ouvi um grito e um chape na água. Saí correndo e, quando o descobri e o tirei do rio, parecia estar já sem vida. Verificando que Simpson não podia ir em busca de um médico, porque está coxeando de uma perna, tive de sair correndo e não sei o que teria feito se não encontrasse vocês. Está tudo bem, meu velho. Sente-se.

Monkhouse Lee havia se levantado, apoiando-se nas mãos, e olhava desatinado em redor de si.

– Que ocorreu? – perguntou. – Estive dentro d’água. Ah, sim, lembro-me agora!

Assomou a seus olhos um olhar de medo, e ele ocultou o rosto entre as mãos.

– Como você caiu?

– Eu não caí.

– Como foi, então?

– Fui lançado dentro d’água. Estava de pé à beira do rio, e alguma coisa, por trás de mim, levantou-me do chão, como uma pena, e arrojou-me ao rio. Não ouvi nada, nem vi coisa alguma. Mas sei de que se trata, não tenho dúvida.

– E eu também – murmurou Smith.

Lee ergueu os olhos num rápido olhar de surpresa e disse:

– Também descobriu o segredo? Lembra-se do aviso que lhe dei?

– Sim, e começo a crer que o seguirei.

– Mas de que diabos estão falando, amigos? – perguntou Hastie. – Eu, em seu lugar, Harrington, faria Lee ir imediatamente para a cama. Tempo haverá de sobra para tratar do porquê e do para quê quando ele se encontrar um pouco mais forte. Creio, Smith, que você e eu já podemos

deixá-lo sozinho. Vou regressar ao colégio. Se você vai na mesma direção, poderemos conversar um pouco.

No entanto, foi mesmo muito pouca a conversa que tiveram durante o trajeto deles de volta para casa. A mente de Smith estava demasiado cheia dos incidentes da noite: a ausência da múmia nos aposentos de seu vizinho, os passos que haviam cruzado com ele na escada, a reaparição – extraordinária e inexplicável – daquela coisa horrorosa e agora a agressão a Lee, que tanto se parecia com a que tinha sofrido outro homem contra quem Bellingham guardava rancor. Todas essas coisas dominaram seus pensamentos, além dos muitos outros pequenos incidentes que o haviam predisposto contra seu vizinho e do estranho das circunstâncias em que pela primeira vez fora chamado ao quarto dele. O que antes tinha sido uma suspeita difusa, uma conjectura vaga e fantástica, havia tomado subitamente forma e se destacava em sua mente como uma convicção inegável e uma realidade implacável. No entanto, tudo era tão monstruoso, tão incrível, fora de todos os limites da experiência humana! Um juiz imparcial, até o próprio amigo que caminhava a seu lado, se limitaria a dizer-lhe que se havia equivocado, que em nenhum momento a múmia estivera fora dali, que o jovem Lee tinha caído no rio tal como pode cair no rio qualquer outra pessoa e que o melhor remédio para um fígado desarranjado é uma pílula azul. Estava convencido de que ele próprio teria respondido desse modo, caso se tivessem invertido as posições. Mas, apesar de tudo isso, estava disposto a jurar que Bellingham, no íntimo do coração, era um assassino e manejava uma arma que ninguém havia empregado em toda a horrenda história do crime.

Hastie tinha tomado o caminho de seus aposentos, depois de fazer alguns comentários enfáticos sobre a insociabilidade de seu amigo, e Abercrombie Smith cruzou o quadrilátero na direção da sua torre da esquina, possuído de uma forte sensação de repulsa pelos seus aposentos e por tudo quanto com eles se relacionava. Seguiria o conselho de Lee e se mudaria o mais depressa possível para outro apartamento. Como poderia estudar se seus ouvidos estariam perpetuamente atentos a qualquer murmúrio ou ruído de passos no quarto embaixo? Observou, quando

cruzava o relvado, que a luz brilhava ainda na janela de Bellingham e, ao passar pelo patamar do aposento deste, abriu-se a porta e apareceu nela o inquilino em pessoa, que ficou a olhá-lo. Seu rosto gordo e maligno parecia o de uma aranha inchada que acaba de tecer sua teia venenosa.

– Boa noite – disse ele. – Não quer entrar?

– Não – respondeu-lhe Smith com veemência.

– Não? Vejo que continua sempre muito atarefado. Queria indagar de Lee. Ouvei rumores de que algo lhe havia ocorrido e fiquei abalado.

Suas feições tinham uma expressão de seriedade, mas havia nos seus olhos, enquanto falava, o clarão de um riso oculto. Smith notou isso e sentiu ímpetos de derrubá-lo a socos.

– Você ficará mais abalado ainda quando souber que Monkhouse Lee está muito bem e fora de todo perigo – respondeu-lhe. – Dessa vez não deram resultado seus manejos diabólicos. Oh, não precisa negar descaradamente coisa alguma! Sei de tudo.

Bellingham deu um passo para trás, afastando-se do estudante encolerizado, e, entrecerrando a porta como para proteger-se, disse:

– Você está louco! Que quer dizer com isso? Afirmo que eu tenha alguma coisa que ver com o acidente de Lee?

– Sim – trovejou Smith. – Você e aquele saco de ossos que tem aí atrás. Vocês tramaram juntos a coisa. Escute, pois, meu caro: já se passaram os tempos em que se queimavam na fogueira os indivíduos de sua laia, mas ainda mantemos o carrasco, e, por São Jorge, se neste colégio encontrar alguém a morte enquanto você aqui estiver, vou denunciá-lo à polícia! E não será culpa minha se não o enforcarem por isso. Há de ver que seus nojentos ardis egípcios não terão se saído bem na Inglaterra.

– Você está doido varrido! – disse Bellingham.

– Perfeitamente! Mas lembre-se disso que acabo de dizer-lhe, porque cumprirei minha palavra muito bem cumprida.

Bellingham bateu a porta, e Smith subiu para seu quarto bufando de cólera. Fechou-se por dentro e passou a metade da noite fumando o seu velho cachimbo de urze branca e meditando sobre os estranhos acontecimentos daquela noite.

Na manhã seguinte, Abercrombie Smith nada ouviu falar acerca de seu vizinho, mas à tarde recebeu a visita de Harrington, que foi lhe dizer que Lee estava quase completamente restabelecido. Smith esteve o dia inteiro aferrado aos seus estudos, mas à noitinha decidiu ir à casa de seu amigo, o dr. Peterson, já que havia deixado de fazer sua visita na noite anterior. Um bom passeio e uma prosa amistosa viriam muito a propósito para seus nervos excitados.

Quando cruzou a porta de Bellingham, encontrou-a fechada, mas voltou-se para olhar quando estava já a certa distância da torre e distinguiu na janela a cabeça de seu vizinho, a qual que se destacava sobre o fundo luminoso da lâmpada. Parecia ter o rosto apertado contra a vidraça, como se estivesse observando a escuridão. Era uma satisfação perder todo o contato com aquele sujeito, ainda que fosse apenas por poucas horas. Smith passou a andar rapidamente, aspirando a plenos pulmões o suave ar primaveril. A meia-lua aparecia no ocidente, entre duas agulhas góticas, e projetava sobre o pavimento prateado da rua a negra sombra das torres lá no alto. Soprava uma brisa viva, e cruzavam o firmamento nuvens ligeiras e semelhantes a lã de carneiro. O Velho Colégio erguia-se na extremidade da cidade, e, dentro de cinco minutos, encontrou-se Smith para além das casas, caminhando por entre as sebes da estrada de Oxfordshire, que desprendiam o odor próprio do mês de maio.

A estrada pela qual se ia à casa de seu amigo era solitária e muito pouco frequentada. Embora ainda fosse cedo, Smith não encontrou uma só alma em seu caminho. Apertou o passo até chegar ao portão da avenida que dava para o longo e encascalhado caminho que subia até Farlingford. Podia ver à sua frente a luz vermelha e acolhedora das janelas brilhando através da folhagem. Permaneceu um instante com a mão no ferrolho do portão basculante e voltou-se para olhar para trás, para a estrada ao longo da qual viera. Alguma coisa avançava por ali rapidamente.

Uma figura negra e encolhida, que apenas se distinguiu sobre o fundo escuro, movia-se na sombra, silenciosa e furtiva. No instante mesmo em que permaneceu olhando, aquela figura tinha encurtado a distância a cerca

de vinte passos e se aproximava dele. Teve em meio à escuridão o vislumbre de um pescoço descarnado e de dois olhos que o perseguiriam para sempre em seus sonhos. Smith deu meia-volta e começou a correr pela avenida, lançando um grito de terror, como alguém que jogasse nisso a vida. Ali estavam as luzes vermelhas, como sinais de segurança, distantes a menos de uma pedrada. Smith era um corredor famoso, mas jamais tinha corrido como naquela noite.

O pesado portão voltara ao seu lugar atrás dele, mas ouviu que tornava a abrir-se ao impulso de seu perseguidor. Enquanto corria na escuridão, loucamente, furiosamente, ouvia às suas costas um tropel rápido e seco e, ao olhar por cima do ombro, pôde ver que aquele ser espantoso o perseguia aos saltos, da mesma maneira que um tigre, com olhos chamejantes e um braço fibroso estendido para a frente. Graças a Deus, a porta estava entreaberta. Smith avistou a franja de luz projetada pela lâmpada do vestíbulo. O tropel soava às suas costas cada vez mais próximo. Ouviu quase junto do ombro um áspero gargarejo. Com um grito, lançou-se contra a porta, fechou-a rapidamente e correu o ferrolho, caindo logo em seguida semidesmaiado sobre a cadeira do vestíbulo.

– Meu Deus, Smith, que está acontecendo? – perguntou dr. Peterson aparecendo à porta de seu gabinete.

– Dê-me um pouco de aguardente.

O dr. Peterson desapareceu e voltou correndo com um copo e uma licoreira na mão.

– Você necessita mesmo disso – disse ele enquanto o visitante bebia de um trago toda a aguardente que lhe havia servido. – Ora, homem, você está tão branco quanto um queijo.

Smith pousou o copo sobre uma mesinha, levantou-se e inspirou profundamente o ar. Depois disse:

– Já me sinto eu mesmo de novo. Jamais me senti tão amedrontado antes. Dr. Peterson, com sua permissão, dormirei aqui esta noite, porque não me acho com coragem suficiente para voltar a percorrer esse caminho, a não ser à luz do dia. Sei que é uma prova de debilidade, mas não posso evitá-la.

O dr. Peterson contemplou seu visitante com um olhar bastante esquadrinhador e lhe respondeu:

– Dormirá aqui, naturalmente, se o quiser. Direi à Sra. Burney que prepare a cama disponível. Aonde vai agora?

– Acompanhe-me até a janela de onde se pode observar a porta. Quero que você veja o que eu vi.

Dirigiram-se à janela do patamar superior, de onde podiam avistar a entrada da casa. A avenida de entrada e os prados de um e de outro lado estavam silenciosos, banhando-se no pacífico clarão da Lua, sem que neles se notasse movimento algum.

– Na verdade, Smith – observou dr. Peterson –, é uma sorte eu saber que você não é dado a bebedeira. Que diabo pode tê-lo assustado?

– Logo lhe direi o que tanto me assustou. Mas para onde terá ido? Ah, agora olhe, olhe! Olhe para a curva da estrada, pouco mais além do portão de entrada de seu parque.

– Sim, estou vendo. Mas você não precisa arrancar-me o braço. Vi alguém passar. Diria que se trata de um homem, um tanto magro, ao que parece, e alto, muito alto. Mas quem é ele? E que há com você, que continua a tremer como uma folha de álamo?

– Estive ao alcance da garra do demônio, nada menos que isso. Mas baixemos a seu escritório e lhe contarei toda a história.

Assim o fez. Sob a confortadora luz da lâmpada e com um copo de vinho ao lado, sobre a mesa, e diante de si seu corpulento amigo de rosto rubicundo, foi Smith narrando, por ordem, todos os acontecimentos, grandes e pequenos, que tão estranha cadeia tinham formado desde a noite em que encontrara Bellingham desmaiado diante do sarcófago da múmia até o horrendo caso que acabara de ocorrer-lhe uma hora antes.

– E aí tem você todo o tenebroso caso – disse Smith, para terminar. – A coisa é incrível e parece uma monstruosidade. Mas é verdadeira.

O dr. Plumtree Peterson ficou sentado por algum tempo em silêncio, com expressão de extrema perplexidade no rosto.

– Nunca ouvi coisa semelhante em minha vida, nunca! – disse ele, afinal. – Você me contou os fatos. Conte-me agora as conclusões que deles

tira.

– Você mesmo pode tirar as suas.

– Mas gostaria de ouvir antes as suas. Você já refletiu sobre o assunto, e eu, não.

– Bem, terei de ser um pouco vago nos pormenores, mas creio que os pontos importantes são suficientemente claros. Esse indivíduo, Bellingham, conseguiu, durante seus estudos orientais, descobrir algum segredo infernal mediante o qual uma múmia, ou possivelmente essa única múmia, pode ser devolvida temporariamente à vida. Tentou levar isso a cabo na noite em que desmaiou. Sem dúvida, ver tal ser movendo-se abalou-lhe os nervos, muito embora já o esperasse. Você há de lembrar-se de que, como lhe contei, as primeiras palavras que pronunciou ao voltar a si foram para qualificar-se de louco. Pois bem, depois foi, provavelmente, adquirindo mais coragem e realizou a operação sem desmaiar. É evidente que a vitalidade que esse homem conseguia devolver à múmia era apenas transitória, porque eu a vi inerte dentro do sarcófago, e estava tão morta quanto esta mesa. Suspeito que disponha de algum processo complicado para que se produza esse fenômeno. Quando o consegui, ocorreu-lhe naturalmente pensar que podia servir-se daquele ser como de um agente. Possui inteligência e força. Bellingham confiou o segredo a Lee, com algum fim determinado; mas Lee, como cristão honrado, nada quis saber de semelhante negócio. Depois tiveram uma discussão, e Lee afirmou que revelaria à irmã o verdadeiro caráter de Bellingham. O jogo deste consistia em impedi-lo de fazer isso, e estive a ponto de consegui-lo quando lançou aquele ser no rastro de Lee. Antes havia experimentado seus poderes em outro homem, Norton, contra quem guardava rancor. Foi pura casualidade não ter já dois assassinatos em sua consciência. Depois, ao lançar-lhe eu em rosto semelhante acusação, teve as mais poderosas razões para querer me tirar de seu caminho antes que eu pudesse transmitir a outrem o que eu sabia. Viu sua oportunidade quando eu saí, porque conhece meus hábitos e sabia aonde me dirigia. Salvei-me por um triz, Peterson, e foi simples sorte que você não viesse a me encontrar morto pela manhã no limiar de sua porta. Em geral, não sou homem

nervoso e nunca acreditei que sentiria, como nesta noite, o medo da morte.

– Meu caro jovem, você toma o caso demasiado a sério – disse seu companheiro. – Creio que esteja nervoso em consequência de seus estudos e que dá ao ocorrido demasiada importância. Não vê que é impossível que semelhante fenômeno passeie pelas ruas de Oxford, mesmo à noite, sem ser visto?

– Tem sido visto. A cidade está amedrontada com a notícia de que um macaco teria fugido do circo, pois imaginam que se trata de um macaco. Não se fala de outra coisa na cidade.

– Bem, é uma cadeia de acontecimentos extraordinários. Mas, com tudo isso, meu caro amigo, você tem de reconhecer que cada um dos incidentes em separado é capaz de receber uma explicação mais natural.

– Como? Até mesmo minha aventura desta noite?

– Decerto. Você sai para a rua com os nervos abalados e com a cabeça cheia dessa sua teoria. Algum vagabundo, magro e meio morto de fome, caminha furtivamente atrás de você e, ao vê-lo correr, anima-se e o persegue. Tudo mais é obra de seus temores e de sua imaginação.

– Absolutamente, dr. Peterson, absolutamente.

– Outro incidente, o de ter visto vazio o sarcófago da múmia e tê-lo voltado a ver ocupado momentos depois. Você diz que o quarto estava iluminado por uma lâmpada e que esta se encontrava com a luz diminuída. Você não tinha nenhuma razão especial para reparar bem no sarcófago. É muito possível que, da primeira vez que olhou, não tivesse reparado na múmia.

– Não, não; está fora de questão.

– É possível também que Lee tivesse caído no rio e Norton sido atacado por um meliante. A acusação que você faz contra Bellingham é formidável; mas, caso se apresentasse com essa história perante a polícia, simplesmente ririam de você.

– Sei que fariam isso, por isso mesmo é que tenciono tratar do assunto sozinho.

– Como?

– Creio que pesa sobre mim um dever público e, além disso, necessito fazê-lo por minha própria segurança, porque, do contrário, terei de permitir que esse animal me afugente do colégio, coisa que seria para mim uma demonstração de excessiva debilidade. Já planejei tudo. Em primeiro lugar, posso utilizar-me de seu papel e de suas penas por uma hora?

– Sem dúvida alguma. Encontrará tudo que quiser em cima daquela mesa lateral.

Abercrombie Smith sentou-se diante de um maço de folhas de papel-ofício sobre as quais a pena correu veloz, ao longo de duas horas. Uma página após outra foi ficando coberta de linhas escritas e postas de lado depois, enquanto seu amigo, recostado na cadeira, o fitava com paciente curiosidade. Finalmente, deixando escapar uma exclamação de satisfação, Smith pôs-se de pé de um salto e reuniu seus papéis em ordem, deixando a última folha sobre a escrivaninha do dr. Peterson.

– Tenha a bondade de assinar como testemunha – disse ele.

– Como testemunha? De quê?

– Da minha assinatura e da data. A data é o mais importante. Porque, dr. Peterson, talvez minha vida dependa disso.

– Meu caro Smith, você está dizendo extravagâncias. Rogo-lhe que vá deitar-se.

– Pelo contrário, nunca falei com maior calma. Prometo-lhe deitar-me depois que você assinar isto.

– Mas que diz esse documento?

– É uma exposição de tudo quanto lhe contei nesta noite. Desejo que você o assine como testemunha.

– Decerto – disse dr. Peterson, e assinou seu nome sob o de seu companheiro. – Pronto, aí está! Mas o que propõe com isso?

– Tenha a bondade de guardá-lo para apresentá-lo no caso de eu ser detido.

– Detido? Por quê?

– Por assassinato, hipótese perfeitamente dentro do possível. Quero estar preparado para qualquer eventualidade. Só me resta um caminho

aberto, e estou determinado a segui-lo.

– Pelo amor de Deus, não adote nenhuma resolução temerária!

– Creia-me que seria muito mais temerário seguir qualquer outro caminho. Espero que não haja necessidade de incomodá-lo, mas tira um peso de cima de mim, saber que você está com esse documento em que exponho os meus motivos. E agora estou pronto a seguir seu conselho de ir descansar, pois desejo encontrar-me o mais bem-disposto possível pela manhã.

* * *

Não era de todo agradável ter como inimigo um sujeito como Abercrombie Smith. Lento para a ação e de gênio fácil, era formidável quando obrigado a atuar. Punha em todos os empreendimentos de vida a mesma bem planejada resolução que o distinguia em seus estudos científicos. Deixara em suspenso esses estudos por um dia, mas estava resolvido a não o desperdiçar. Não disse uma palavra sequer a seu anfitrião acerca de seus planos, e antes das nove da manhã caminhava já pela estrada de Oxford.

Ao passar pela Rua Alta, parou na loja do armeiro Clifford, onde comprou um pesado revólver, com uma caixa de cartuchos de fogo central. Meteu seis deles no tambor, deixou o gatilho meio levantado e guardou a arma no bolso do paletó. Depois seguiu para a casa de Hastie, onde o robusto remador comia tranquilamente seu desjejum, com o *Sporting Times* apoiado contra a cafeteira.

– Olá! Que está acontecendo? – perguntou Hastie. – Quer tomar café?

– Não, obrigado. O que quero é que venha comigo e faça o que lhe vou pedir.

– Pode contar comigo, meu velho.

– E traga uma pesada bengala.

– Perfeitamente. – Hastie olhou-o fixamente. – Veja, com este rebenque de caça pode-se fazer tombar um boi.

– Outra coisa. Você tem uma caixa de facas de amputar. Dê-me a mais comprida.

– Aqui está. Pelo visto, você tem um plano de guerra. Algo mais?

– Não. Isso basta. – Smith guardou a faca no bolso interno do paletó e seguiu com seu companheiro para o quadrilátero. – Nenhum de nós é um pintinho, Hastie. Creio que sou capaz de realizar esta tarefa sozinho, mas, por precaução, trouxe você. Vou ter uma conversinha com Bellingham. Se tivesse de lidar somente com ele, não necessitaria, naturalmente, de você. Se eu gritar, porém, suba imediatamente e ponha-se a dar bengaladas com toda a força que puder. Compreendeu?

– Perfeitamente, acudirei. Se ouvir você berrar.

– Fique aqui, então. Talvez a coisa demore um pouco, mas não se mova daqui até que eu desça.

– Fico firme como um poste.

Smith subiu a escada, abriu a porta de Bellingham e entrou. Bellingham estava sentado à sua mesa, escrevendo. Ao lado dele, em meio à confusão de coisas estranhas que possuía, erguia-se o sarcófago da múmia com sua etiqueta de venda número 249 ainda pregada na frente e com seu repelente ocupante, rígido e teso, lá dentro. Smith olhou com todo o cuidado em redor de si, fechou a porta, dirigiu-se até a lareira, riscou um fósforo e acendeu o fogo. Bellingham, sentado, não o perdia de vista, com o assombro e a raiva pintados no seu rosto intumescido.

– Pelo que vejo, você age aqui como se estivesse em sua casa – balbuciou ele.

Smith sentou-se com toda a calma, colocou seu relógio em cima da mesa, sacou o revólver, engatilhou-o e o apoiou sobre as pernas. Depois tirou do peito a comprida faca de amputar e atirou-a em cima da mesa diante de Bellingham, dizendo-lhe:

– Agora ponha-se a trabalhar e despedace essa múmia.

– Oh, é isso então? – perguntou Bellingham, com escárnio.

– Sim, é isso. Disseram-me que a lei é impotente contra você. Mas eu disponho de uma lei que endireitará todas as coisas. Se dentro de cinco

minutos não se puser a fazer o que mandei, juro-lhe, pelo Deus que me criou, que lhe atravessarei o crânio com uma bala.

– Você me assassinaria?

Bellingham havia se levantado, e seu rosto estava da cor de massa de calafetar.

– Sim.

– E por que motivo?

– Para impedir que cometa mais crimes. Já passou um minuto.

– Mas que fiz eu?

– Eu sei, e você também sabe.

– Isso é pura fanfarronada.

– Já se passaram dois minutos.

– Mas você deve dar razões. Você é um louco, um louco perigoso. Por que eu haveria de destruir o que me pertence? É uma múmia de grande valor.

– Você tem de cortá-la em pedaços e depois queimá-la.

– Não farei tal coisa.

– Já se passaram quatro minutos.

Smith empunhou o revólver e fitou Bellingham com expressão inexorável. No momento em que o segundo ponteiro avançou, ergueu a mão, com o dedo em posição de puxar o gatilho.

– Pare! Pare! Farei o que você quer! – gritou Bellingham.

Numa louca rapidez, agarrou a faca e começou a retalhar a múmia, voltando constantemente o rosto, que esbarrava sempre com o olhar e o ponto de mira do seu terrível visitante nele fixos. A cada corte da lâmina afiada, a múmia estalava e saltava em pedaços. Dela se elevou um pó espesso e amarelo. As especiarias e as essências secas choveram sobre o chão do aposento. De repente, com um estalo desagregador, a espinha dorsal desmoronou, e a múmia caiu no chão, convertida num pardo amontoado de membros revoltos.

– Agora, tudo para o fogo! – disse Smith.

As chamas saltaram estrepitosamente depois que os restos ressecados semelhantes a iscas foram empilhados. O pequeno quarto ficou parecendo

fornalha de navio, e o suor começou a correr pelo rosto dos dois homens. Mas um continuava agachado e trabalhando, enquanto o outro, sentado, o vigiava com decidida expressão. A fogueira desprendia um fumo espesso e gorduroso, enchendo o quarto de um odor pesado de resma queimada e de cabelos chamuscados. Ao fim de um quarto de hora, só restavam do Lote 249 uns poucos pedaços enegrecidos e quebradiços.

– Suponho que com isso fique satisfeito – rosnou Bellingham voltando-se para seu atormentador, com expressão de ódio e de medo nos olhinhos cinzentos.

– Não; necessito fazer uma limpeza geral em todo esse seu material. É necessário impedir que você repita suas diabólicas manipulações. Ao fogo todas essas folhas! Talvez tenham algo a ver com o assunto.

– Algo mais? – perguntou Bellingham depois de terem sido as folhas acrescentadas também à fogueira.

– Agora, o rolo de papiro que você tinha em cima da mesa naquela noite. Está naquela gaveta, creio.

– Não, não! – gritou Bellingham. – Não queime isso! Você não sabe o que está fazendo, homem. É um documento único. Encerra sabedoria que não se encontra em nenhuma outra parte.

– Ao fogo com ele!

– Mas escute aqui, Smith. Não faça tal coisa. Compartilharei com você os conhecimentos que o documento contém. Vou lhe ensinar tudo o que ele encerra. Espere! Permita-me tirar uma cópia antes que você o queime!

Smith avançou, fez girar a chave da gaveta, pegou o rolo de papiro, amarelo e encarquilhado, atirou-o ao fogo e depois premiu-o com o calcanhar. Bellingham gritou desesperado e estendeu a mão para apoderar-se do rolo, mas Smith deu-lhe um empurrão para trás e se manteve alerta até ver o rolo de papiro reduzido a uma cinza informe.

– Então, cavalheiro – disse ele –, creio que lhe arranquei bem os dentes. Se reincidir nos seus velhos truques, receberá notícias minhas. E agora, bom dia, porque preciso voltar a meus estudos.

Tal é a narração, feita por Abercrombie Smith, dos estranhos acontecimentos que ocorreram no Velho Colégio, em Oxford, na

primavera do ano de 1884. Como Bellingham abandonou a universidade imediatamente após essa “visita” de Smith e da última vez que se obtiveram notícias dele encontrava-se no Sudão, não há ninguém que possa contradizer as afirmações de Smith. Mas a sabedoria dos homens é escassa, e os caminhos da natureza, extraordinários. Quem poderá assinalar um limite às coisas ocultas que talvez possam ser descobertas por aqueles que se dedicam a procurá-las?

+++

AUTOR E OBRA

Arthur Conan Doyle (1859-1930) ganhou o título de *Sir* da monarquia inglesa porque sua obra-prima, as aventuras do maior detetive da ficção de todos os tempos, Sherlock Holmes, um clássico da literatura, foi considerada um relevante serviço à Inglaterra. Além disso, Doyle possuía uma população de leitores e fãs ardorosos, que, quando ele tentou matar Holmes, em *O Último Mistério*(1893), ficaram inconsoláveis. O período em que Doyle deixou de publicar casos de Holmes foi chamado pelos seus leitores de *O Grande Vazio*. Os protestos foram tantos que Doyle, um tanto a contragosto, teve de trazer Holmes de volta à vida (literária), escrevendo aquele que seria considerado um dos mais brilhantes casos do detetive e uma das melhores novelas policiais de todos os tempos: *O Cão dos Baskervilles* (1901). O clima fantasmagórico inicial dessa novela é pulverizado pela implacável lógica de Holmes, que nada aceita além da realidade física e do que pode ser comprovado pela experimentação, observação e inferência – os pilares do que até hoje chamamos de *método científico*.

No entanto, qual não foi o assombro e a desilusão desses leitores-fãs quando seu autor preferido, aquele a quem viam como bastião da racionalidade num mundo confuso e fragmentado, veio a público com *The Coming of the Fairies* (*A Chegada das Fadas* – 1921), em que relata e

defende a história contada por duas meninas do interior da Inglaterra, sobre encontros (demonstrados por fotos que ficaram famosas) com fadas. O caso havia gerado enorme polêmica, na opinião pública inglesa, muitos acusando as duas meninas e sua família de fraude. E o fato de um lorde, ainda mais *Sir Conan Doyle*, celebridade do Reino, defender a existência de seres encantados – e dali para a frente, de fato, assumir suas crenças em fenômenos ocultistas e sobrenaturais – foi um escândalo.

Era como se um baluarte da eficácia da lógica naturalista, da cientificidade na compreensão do mundo, admitisse o que seu personagem Abercrombie Smith, estudante de medicina (Doyle era médico), tanto resistiu a confessar: “O que antes tinha sido uma suspeita difusa, uma conjetura vaga e fantástica, havia tomado subitamente forma e se destacava em sua mente como uma convicção inegável, como uma realidade inflexível, implacável. No entanto, tudo era tão monstruoso, tão incrível, fora de todos os limites da experiência humana!”. Ora, e nesse *percurso*, da incredulidade aferrada à realidade física e ao senso comum, à aceitação do inexplicável – perante aqueles parâmetros –, do sobrenatural, residem o dilema, o drama, o conflito que motivam e animam muitos personagens do gênero gótico (e das histórias de terror) até hoje. Aliás, um confronto que o gótico explorou como poucos gêneros artísticos. De um lado o saber aceito e respeitado; de outro, o contato com o sobrenatural. Doyle, médico e espiritualista, foi amigo do mágico Houdini, que não conseguiu convencer o escritor de que seus truques eram mera ilusão trabalhada para as plateias.

E é assim que Doyle nos traz *Lote 249*, um gótico tardio (publicado pela primeira vez em 1892), mas assim mesmo um autêntico *gótico*. Os elementos são muito evidentes, quase uma assinatura, a começar do cenário principal. Os castelos tradicionais, aqui, são substituídos pelo estilo da antiga construção, parte da Universidade de Oxford: “A meia-lua aparecia no ocidente, entre duas agulhas góticas, e projetava sobre o pavimento prateado da rua a negra sombra das torres lá no alto”. Há o *monstro* – aqui a múmia –, tão característico quanto o Frankenstein, o Sr. Hyde, em *O Médico e o Monstro*, e o mais poderosamente aterrador de

todos, o Drácula. Frankenstein, Drácula e a múmia têm uma característica em comum – estão entre a vida e a morte. Já na múmia, assim como em Frankenstein, há a tresloucada tentativa de um ser humano de burlar a inevitabilidade dessa mesma circunstância, a morte. Victor Frankenstein, o criador do *monstro*, recomenda dramaticamente a um amigo: “Aprenda comigo, se não pelos meus ensinamentos, ao menos pelo meu exemplo, como é perigoso adquirir saber e quão mais feliz é o homem que acredita ser a sua cidade natal o mundo do que aquele que aspira tornar-se maior do que a sua natureza permite”.

Ao mesmo tempo, como resistir quando tamanho poder se oferece, como uma tentação? Mas também esse é um *drama* que compõe e modela muitos personagens e histórias da literatura gótica.

Sherlock, nas aventuras contadas em livros, nunca disse a célebre frase: “Elementar, caro Watson”. E jamais aceitaria que há mistérios que a ciência e a lógica não explicam. Já Doyle, nessa sua *descambada* para o Romantismo, nos sugere que nada neste universo é elementar. Ou pelo menos que cabe à literatura tentar explorar por que, cercados de tablets, GPSs, supercelulares etc., ainda temos, vez por outra, um intuitivo medo do escuro.

+++

NOTAS

1. Plantagenetas: a linhagem de reis que governaram a Inglaterra de 1154 a 1485.
2. Voga-avante: remador que marca o ritmo da remada dos demais.
3. Iole: embarcação esportiva a remo de tamanhos variados com capacidade para dois a oito remadores.
4. Nátrio: o mesmo que sódio. O sal é um derivado de sódio (cloreto de sódio ou sal de cozinha).
5. Tricórnio: chapéu de três pontas.

6. Latada: suporte de varas para plantas trepadeiras.



O hóspede de Drácula

Bram Stoker

Tradução: Luiz Antonio Aguiar

Enquanto nos preparávamos para o nosso passeio, o Sol brilhava intensamente em Munique, e o ar estava impregnado da alegria do início do verão. Já estávamos prestes a sair, quando Herr Delbrück (o *maître* do Hotel Quatro Estações, onde me hospedava) desceu, com a cabeça descoberta, veio até a carruagem e, depois de me desejar um bom passeio, disse ao cocheiro, sem largar a maçaneta da porta da carruagem:

– Lembre-se de que deve estar de volta ao cair da noite. O céu parece limpo, mas o vento norte está frio, e isso significa que pode cair uma tempestade de repente. – Então, ele sorriu e acrescentou: – E você sabe em que noite estamos.

Johann respondeu com um enfático: “Sim, meu senhor”.

E, com um toque dos dedos no chapéu, partiu em velocidade. Quando nos afastamos da cidade, perguntei, depois de lhe fazer sinal para parar:

– Diga-me, Johann, o que há de especial na noite de hoje?

Ele fez o sinal da cruz e respondeu laconicamente:

– *Walpurgisnacht*.

Então, sacou seu relógio, um objeto antigo, alemão, de prata, do tamanho de um nabo, e consultou-o, com as sobrancelhas se juntando e um impaciente dar de ombros, quase imperceptível. Percebi que esse foi seu jeito respeitoso de protestar contra o fato de eu estar retardando, sem motivo, a viagem, e, depois de fazer um sinal para que ele prosseguisse,

me recolhi novamente ao interior da carruagem. Ele fez os cavalos retomar o galope, como se pretendesse recuperar o tempo perdido.

Veza por outra, os cavalos pareciam agitar a cabeça para os lados e farejar o ar, desconfiados. Nessas ocasiões, eu sempre olhava em volta, sobressaltado. A estrada estava deserta, já que atravessávamos um platô bastante alto, varrido pelo vento. Mais adiante, avistei outra estrada que parecia ser raramente usada e que penetrava num pequeno vale, batido pelo vento. Pareceu tão convidativa que, mesmo me arriscando a contrariá-lo, mandei Johann parar. Quando deteve a carruagem, lhe disse que queria percorrer aquela estrada.

O cocheiro expôs toda sorte de desculpas, fazendo o sinal da cruz várias vezes para acompanhar suas palavras. No entanto, isso por alguma razão só fez excitar minha curiosidade e me levar a lhe dirigir uma série de perguntas. Ele respondia de maneira evasiva e repetidamente olhava seu relógio, como protesto. Afinal, eu disse:

– Muito bem, Johann. Quero percorrer aquela estrada. Não vou lhe pedir que venha, a não ser que você aceite de boa vontade. Mas pelo menos me diga por que não quer, é só o que lhe peço.

Em resposta, ele pareceu se atirar do alto da boleia, de tão depressa que pulou no chão. Então, ergueu bem os braços, suplicante, me pedindo por tudo que não fosse por aquele caminho. Havia em suas frases o suficiente de inglês, misturado ao alemão, para que eu compreendesse o sentido do que dizia. Parecia sempre prestes a me revelar alguma coisa – mas só de pensar naquilo ficava apavorado e se continha, se persignando e proferindo a mesma palavra:

– *Walpurgisnacht!*

Tentei argumentar com ele, mas é muito difícil argumentar com um homem que não fala a língua da gente. E ele levava vantagem, sem dúvida, porque começou até a falar inglês, um inglês repleto de erros e saltos, absolutamente elementar, mas logo ficava tão nervoso que irrompia de novo a falar em sua língua natal. Toda vez que isso se repetia, ele consultava seu relógio.

Os cavalos estavam cada vez mais nervosos, farejando o ar. E Johann, ainda mais pálido, olhando em volta, assustado. De repente, avançou para os animais, agarrou-lhes os bridões e os conduziu adiante uns seis metros. Eu fui atrás e perguntei por que havia feito isso. Em resposta, fez o sinal da cruz, apontou para o lugar onde estivéramos e puxou a carruagem na direção da outra estrada, mostrando uma cruz. Então disse, primeiro em alemão e depois em inglês:

– Enterrado ali... ele... se matou.

Lembrei o velho costume de enterrar os suicidas nas encruzilhadas:

– Ah, já sei. Um suicida. Que interessante!

Mas, por tudo o que é sagrado, eu não podia entender o que estava deixando os cavalos tão apavorados.

Enquanto conversávamos, escutamos um som que parecia algo entre um ganido e um rosnado. Vinha de longe, mas isso enervou ainda mais os cavalos, e Johann teve muito trabalho para contê-los. O rosto do cocheiro estava feito cera, e ele disse:

– Parece um lobo... mas já não há lobos por aqui.

– Não?! – exclamei, duvidando dele. – Mas não faz muito tempo que os lobos chegaram perto da cidade, não é verdade?

– Muito tempo... – respondeu. – Na primavera e no verão. Mas, com a neve, os lobos já não estão por aqui.

O cocheiro acariciava os cavalos, tentando acalmá-los, e enquanto isso nuvens escuras juntavam-se rapidamente no céu. O brilho do Sol foi coberto, e uma lufada de ar gélido correu ao nosso redor. No entanto, foi mais um aviso, porque logo o Sol voltava a brilhar. Johann protegeu os olhos com a mão e observou o horizonte, dizendo:

– Tempestade de neve. Ela chega em não... muito tempo.

Então, consultou novamente seu relógio e, sem mais hesitar, segurando as rédeas com firmeza – já que os cavalos ainda escavavam o chão com os cascos e, inquietos, sacudiam a cabeça –, subiu para a boleia como se já tivesse chegado a hora de prosseguir a viagem.

Aquilo me irritou, e, obstinadamente, não retornei ao meu lugar, dentro da carruagem.

– Diga-me – insisti –, que lugar é esse para onde leva essa estrada? – e aponte para o caminho mais abaixo.

Mais uma vez, fez o sinal da cruz e murmurou baixo uma prece, antes de responder:

– É um lugar profanado.

– O quê? – indaguei.

– O vilarejo.

– Então existe um vilarejo por lá?

– Não, não... Ninguém mora lá... há mais de cem anos.

Minha curiosidade estava acesa.

– Mas você disse que há um vilarejo lá adiante.

– Não mais.

– O que aconteceu por lá?

Johann disparou a contar uma longa história, parte em alemão, parte em inglês, tudo tão misturado que não pude entender direito o que ele dizia, mas somente por alto, que, cerca de um século antes, pessoas morreram ali e ali também foram enterradas, mas ruídos foram ouvidos, vindos de debaixo da terra, e os túmulos foram abertos. Os sepultados foram encontrados com aparência de ainda vivos, com os lábios sujos de sangue. Assim, em fuga desesperada para salvar a vida (*e a alma!... Ai!* – disse, fazendo o sinal da cruz), os que conseguiram escapar deixaram o vilarejo imediatamente e foram morar num lugar onde os vivos vivem e os mortos ficam mortos, em vez de virarem... outra coisa. Era evidente que ele, por medo, evitava dizer as palavras. Enquanto ia contando essa história, tornava-se aos poucos mais e mais nervoso. Parecia que havia sido dominado pela própria imaginação, tanto que terminou dando mostras de pânico – o rosto já sem cor, transpirando, tremendo e olhando em volta sem parar, como se esperasse que alguma presença funesta surgiria diante de nós, sob um sol tão brilhante e a céu aberto. Finalmente, em desespero, gritou:

– *Walpurgisnacht!* – E apontou a carruagem, instando-me a entrar. Meu sangue inglês subiu todo à cabeça, e, recuando, afirmei:

– Você é um medroso, Johann. Um medroso. Volte para casa, então. Eu retornarei a pé e sozinho. A caminhada me fará bem.

A porta da carruagem estava aberta. Peguei no seu interior meu bastão de carvalho, que uso em caminhadas e que sempre trago comigo nas minhas excursões, fechei a porta do veículo, apontando na direção de Munique, e disse:

– Pode ir, Johann. *Walpurgisnacht* em nada preocupa um inglês.

Os cavalos estavam mais ariscos do que nunca, e Johann tentava contê-los, enquanto, assustado, implorava que eu não cometesse tal estupidez. Tive pena do pobre coitado, falava de todo o coração, e mesmo assim eu não conseguia evitar de rir. Ele já não conseguia articular nada em inglês àquela altura. Assim, de tanta ansiedade, havia perdido o único meio que ainda teria de me convencer de alguma coisa, e lá ficava ele disparando palavras inúteis em seu alemão.

No entanto, aquilo começava a me entediar. Depois de lhe dar a ordem – *Vá!* –, me pus a caminho na estrada que atravessava a nossa, descendo para o vale.

Desolado, Johann fez os cavalos tomar o rumo de Munique. Eu me apoiei no meu bastão e fiquei observando-o se afastar. O cocheiro retornava lentamente pela estrada. Então ultrapassou o topo da colina um homem alto e muito magro. Mal pude ver o que aconteceu a distância. O tal homem se aproximou dos cavalos, que começaram então a corcovear, escoicear, e logo a seguir relinchavam de terror. Johann não pôde mais segurá-los, e eles dispararam pela estrada, num galope enlouquecido. Acompanhei-os até perdê-los de vista, então procurei com os olhos pelo estranho, mas também não pude mais avistá-lo, havia sumido.

Despreocupado, avancei pela estrada secundária, entrando cada vez mais no vale do qual Johann havia tentado me afastar. Pelo que eu fui percebendo, não havia o menor motivo para os temores do cocheiro, e digo mesmo que andei por um bom par de horas sem atentar nem para o tempo nem para a distância e sem avistar nenhuma casa nem pessoa alguma. O lugar era deserto, nada mais, e não reparei em nada extraordinário até que virei numa curva da estrada. Deparei-me com a

orla, algo falhada, da floresta e só então precisei reconhecer que, de algum modo, a desolação da paisagem que eu atravessava me incomodava.

Sentei-me para descansar e dei uma olhada à minha volta. Estranhava que estivesse consideravelmente mais frio do que no início da minha caminhada. Além disso, escutava um ruído ao meu redor, como se fossem suspiros, e, vez por outra, bem acima de mim, uma espécie de rosnado abafado. Olhando para o alto, percebi que uma grande massa de nuvens estava atravessando com rapidez o céu, a grande altura, de norte a sul. Havia sinais da aproximação de uma tempestade bem acima. Eu sentia um pouco de frio, mas, acreditando que fosse efeito de ter me sentado depois de uma andada, retomei meu caminho.

Pouco havia o que observar naquela região que eu atravessava. Não existia ali nada que se destacasse aos olhos, mas no conjunto pairava uma beleza sedutora. Perdi a noção do tempo e foi somente quando o pôr do sol já se pronunciava sobre mim que comecei a pensar em como retornaria à cidade. A luminosidade do dia se fora. O ar estava frio, e a passagem das nuvens, lá no alto, mais rápida ainda. Eram acompanhadas por um som longínquo, áspero, em meio ao qual, vez por outra, ressaltava aquele uivo misterioso que o cocheiro atribuíra a um lobo.

Por algum tempo, hesitei. Tinha prometido a mim mesmo que visitaria o vilarejo abandonado, e só por isso prossegui, mas agora chegava a um largo espaço de campo aberto, cercado de colinas. As bordas eram cobertas de árvores que desciam até a planície, agrupadas em determinados pontos, pontilhando os suaves declives e depressões de arvoredos. Acompanhei com os olhos as curvas da estrada à frente e vi que se desviava justamente para um trecho de vegetação mais densa, e dali já não se podia vê-la.

Nesse momento, soprou um vento gélido, e a neve começou a cair. Pensei nos muitos quilômetros de paisagens desertas que eu havia percorrido e então corri à procura de abrigo na floresta. O céu ficava cada vez mais escuro, e a neve caía mais e mais rápida e pesada. Até que todo o terreno dos arredores reluzia como um tapete branco, estendendo-se até uma margem além da qual nada pude distinguir. A estrada era bastante precária nesse trecho, sem que pudesse saber direito onde eram suas

bordas, como quando atravessava áreas mais abertas. Dali a pouco, percebi que a havia deixado, já que meus pés não sentiam terreno firme por baixo da neve, e até mesmo afundavam profundamente na grama e no musgo.

Em breve, a força do vento aumentou, soprando com incrível violência, até que me vi sendo praticamente carregado. Fazia um frio extremo, que começou a me enregelar, apesar do esforço que eu fazia. A neve já caía tão grossa, girando ao meu redor em redemoinhos tão velozes, que eu mal conseguia manter os olhos abertos. Vez por outra, o céu era recortado por relâmpagos, e com os clarões pude ver à minha frente uma grande massa de árvores, na maioria, ciprestes e teixos, já cobertos de neve.

Logo, eu me abrigava debaixo das copas e ali, sob um relativo silêncio, pude escutar o rugido do vento sobre a minha cabeça. Naquela altura, a escuridão da tempestade havia sido engolida pelas trevas noturnas. Em determinados momentos, até parecia que a tempestade amainava, mas era somente para em seguida explodir ainda mais violenta. E era naqueles instantes que o som selvagem, parecendo o uivo de um lobo, ecoava acima de outros sons igualmente assustadores à minha volta.

Veza por outra, atravessando a massa negra das nuvens que se movimentavam com rapidez, um tênue raio de luar surgia, iluminando o lugar e me mostrando que eu estava na orla de um denso agrupamento de teixos e ciprestes. Quando a neve parou de cair, deixei as árvores e comecei a examinar o cenário mais de perto.

Pareceu-me que, depois de muitas fundações antigas pelas quais eu passara pelo caminho, poderia ali ainda haver uma casa de pé onde, apesar de em ruínas, eu poderia encontrar um abrigo provisório.

Margeando o arvoredo, encontrei um muro baixo, que cercava a casa, e, acompanhando esse muro, finalmente achei uma brecha. Ali, os ciprestes formavam uma aleia que conduzia a uma espécie de prédio grande e quadrado. Mal o avistei, as nuvens de novo ocultaram a Lua, mergulhando a alameda na escuridão. O vento ficou ainda mais forte, e senti arrepios à medida que avançava, mas agora tinha a esperança de me abrigar e fui tropeçadamente em frente.

Parei, porque senti de repente à minha volta total falta de sons e movimentos. A tempestade passara e, talvez, em solidariedade com o silêncio da natureza, meu coração também deixou de bater. Mas foi somente um instante, porque de repente o luar de novo atravessou as nuvens, mostrando que eu estava num cemitério e que o volumoso prédio quadrado diante de mim era um enorme túmulo de mármore, tão branco quanto a neve que o cobria e cercava.

Junto com o luar, soou um profundo suspiro, vindo da tempestade, o qual pareceu terminar num longo uivo, ecoando baixo, como se estivessem nos arredores muitos cães ou lobos. Eu estava perplexo, em estado de choque, e sentia o frio penetrar cada vez mais em mim, como se já pudesse deitar garras no meu coração. Então, com o luar ainda caindo sobre o túmulo de mármore, a tempestade deu mostras de recrudescimento, como se retomasse seu ímpeto.

Empurrado por uma espécie de fascínio, aproximei-me do sepulcro para ver direito como era e tentar descobrir por que se erguia ali, sem nada a sua volta. Contornei a construção e li, acima da porta dórica¹, em alemão:

CONDESSA DOLINGEN
DE GRATZ, ESTÍRIA
ENCONTRADA MORTA
1801

No alto do túmulo, parecendo atravessar o mármore sólido – já que a estrutura era composta de alguns poucos e volumosos blocos de pedra –, havia uma grande haste de ferro, ou talvez fosse uma estaca. Olhando por trás, li, gravado em grandes caracteres russos:

Os mortos viajam rápido

Havia algo tão assustador e sinistro naquilo tudo que me desnor-teou, quase me fazendo perder os sentidos. Comecei a desejar ter aceitado os conselhos de Johann. E foi quando um pensamento me ocorreu, algo que

me atravessou a mente sob as mais misteriosas circunstâncias e que me deixou aparvalhado. Estávamos na Noite de Walpurgis², quando, de acordo com a crença de milhões de pessoas, o demônio fica à solta – os túmulos se abrem e os mortos saem andando novamente. Nessa noite, tudo o que fosse maligno na terra, no ar e na água entraria em festa. Inclusive este mesmo lugar que o cocheiro havia tentado evitar. Era ali o vilarejo cuja população fora embora um século antes. Era onde o suicida repousava. E era justamente ali que eu estava. Sozinho, indefeso, tremendo de frio numa mortalha de neve e com uma tempestade furiosa desabando sobre mim.

Somente com toda a minha capacidade de reflexão, toda a minha religiosidade e toda a coragem que ainda possuía, pude impedir-me de perder a consciência e me deixar levar pelo pânico. E agora um verdadeiro tornado descia sobre mim. O solo estremecia como se dezenas de cavalos galopassem ao meu redor. Nesse momento, a tempestade montou sobre suas asas de gelo, e não caía mais neve, mas granizo, e com tanta violência que as pedras de gelo pareciam disparadas pelas atiradeiras de Balearic³. Pedras de granizo que arrancavam das árvores folhas e galhos e faziam o abrigo de ciprestes tão inútil como se seus troncos fossem espigas de milho.

Num primeiro instante, corri para a árvore mais próxima, mas logo fui forçado a abandoná-la e a buscar proteção sob o único lugar que parecia capaz de oferecê-la, a enorme entrada dórica do túmulo de mármore. Lá, me espremendo contra o grande portal de bronze, estava relativamente a salvo da chuva de granizo, cujas pedras agora somente me atingiam quando ricocheteavam no chão ou nas laterais do mármore.

Mas, no que me encostei no portal, este pareceu ceder silenciosamente, abrindo-se para o seu interior. Um abrigo, mesmo um túmulo, é bem-vindo numa inclemente tempestade, e eu estava prestes a entrar quando o brilho ofuscante de um relâmpago iluminou por inteiro o céu. Naquele instante – e posso jurar isso por minha vida – vi, já que meus olhos estavam fixados na escuridão do túmulo, uma bela mulher, com faces arredondadas e lábios bastante vermelhos, parecendo adormecida sobre

um esquife. No que o trovão explodiu, acima da minha cabeça, fui agarrado com tanta força como se fosse pela mão de um gigante e atirado para fora, de volta à tempestade.

A coisa toda foi tão súbita que, antes que eu me desse conta do quanto me abalara, moral e fisicamente, a chuva de granizo me derrubou. Ao mesmo tempo, tive o estranho pressentimento de que não estava mais sozinho. Dirigi o olhar para o túmulo. E nesse exato momento outro relâmpago ofuscante descarregou-se lá no alto e pareceu atingir a estaca que encimava a construção de mármore e depois penetrar no solo. A mulher morta se ergueu, debatendo-se por um instante, envolvida pela chama. Seu grito de horror e dor perdeu-se no som do trovão. A última coisa que escutei foram esses sons aterradores misturados, porque de novo fui agarrado pela mão do gigante e jogado a distância, ainda com o granizo me castigando, enquanto tudo em volta estremecia sob o uivo reverberante de lobos. Finalmente, vi algo indiscernível, uma vaga massa branca, que se movia, como se todos os túmulos à minha volta estivessem ejetando seus fantasmas, cobertos por mortalhas, e eles se acercassem de mim, flutuando em meio à nuvem de pedras de granizo.

Gradualmente me voltou uma vaga consciência e a seguir uma sensação de fadiga aterradora. Por algum tempo, eu não conseguia me lembrar de nada, mas aos poucos recobrei os sentidos. Meus pés pareciam despedaçados de tanta dor, e, ainda por cima, não conseguia movê-los. Era como se estivessem paralisados. Havia uma sensação gelada na nuca e ao longo da espinha. As orelhas, à semelhança dos pés, estavam como mortas, e mesmo assim sofriam intensa agonia. No entanto, havia em meu peito uma sensação de calor que era, por comparação, deliciosa. Era um pesadelo – um pesadelo físico, se é que se pode usar essa expressão; um peso enorme sobre meu tronco me dificultava a respiração.

Creio que passei um longo tempo nessa semiletargia, e, quando se foi, devo ter adormecido ou desmaiado. Então, me veio uma espécie de repugnância, como se fosse o primeiro estágio da náusea nos navios por causa do balanço no mar, e o feroz desejo de me livrar de alguma coisa – não sabia o quê. A paralisia me envolvia, como se o mundo inteiro

estivesse dormindo ou morto, somente quebrada por um arfar leve, como se um animal estivesse junto de mim. Senti algo arranhando minha garganta e então atinei com a medonha situação em que estava, a qual me paralisou o coração e fez o sangue subir em marteladas para o cérebro. Havia mesmo um grande animal sobre mim, agora lambendo minha garganta. Por um instinto de prudência, evitei me mexer, mas a fera pareceu perceber que algo havia se alterado em meu estado, porque ergueu a cabeça. Entreabri imperceptivelmente os olhos e vi, sobre mim, os dois grandes olhos flamejantes de um lobo gigante. Seus aguçados dentes brancos reluziam na bocarra vermelha escancarada, e eu aspirava seu hálito quente, acre e feroz.

Por mais um intervalo de tempo, fiquei quase inconsciente. Então, comecei a escutar um rosar baixo, seguido de um latido, várias vezes repetido. A seguir, parecendo vir de muito longe, um grito:

– Olááá! Olááá!

Eram muitas vozes gritando em uníssono. Com cautela, ergui a cabeça e voltei-me na direção de onde vinha aquele som, mas o cemitério bloqueava minha visão. O lobo permanecia uivando, de modo estranho, e um brilho avermelhado começou a surgir, em movimento, por entre o arvoredo de ciprestes. No que as vozes se aproximaram, o lobo começou a uivar mais rápido e mais alto. Eu temia fazer qualquer movimento ou ruído. E o brilho avermelhado se aproximava sobre aquele imenso tapete branco que se estendia a minha volta. De repente, do meio das árvores, chegou o barulho de cavalos trotando. Era uma tropa de cavaleiros, com tochas.

O lobo se ergueu do meu peito e correu para o cemitério. Enxerguei um dos cavaleiros (por seus capacetes e suas longas capas, pude ver que eram soldados), que empunhou sua carabina e fez mira. Um companheiro deu-lhe uma pancada no braço e escutei um projétil zunir logo acima da minha cabeça. Era evidente que ele havia confundido meu corpo com o do lobo. Outro soldado avistou o lobo, quando a fera já se distanciava, e disparou nele. Então, a galope agora, a tropa avançou – alguns em minha

direção, outros perseguindo o lobo, que já desaparecia em meio aos ciprestes cobertos de neve.

Estavam bem perto, e fiz então um esforço para me erguer, mas não tinha forças. Entretanto, podia escutar e ver tudo o que acontecia a minha volta. Dois ou três soldados saltaram de suas selas e se ajoelharam junto a mim. Um deles ergueu um pouco a minha cabeça e colocou a mão sobre meu coração.

– Boas notícias, companheiros! – gritou. – O coração está batendo!

Então, um pouco de conhaque desceu pela minha garganta, me devolvendo o vigor. Pude enfim abrir os olhos completamente e olhar em volta. Havia luzes e sombras se movimentando por entre as árvores, e escutei os homens chamando uns aos outros. Finalmente se reuniram, proferindo exclamações amedrontadas, e as luzes brilharam sobre outros, que vinham em debandada do terreno do cemitério, com aspecto de homens em desvario. Quando se aproximaram, os soldados que estavam comigo perguntaram ansiosos:

– Então? Vocês o encontraram?

A resposta veio rápida:

– Não, não! Vamos embora daqui depressa. Não é lugar para se demorar, principalmente nesta noite.

– Mas o que era aquilo? – foi a pergunta feita de várias maneiras, mas a resposta variou de homem para homem, todas indefinidas, como se estivessem ali movidos por um impulso coletivo de falar, mas prejudicados por um medo qualquer de revelar seus pensamentos.

– Foi... foi... algo... – gaguejou um deles, cuja lucidez, visivelmente, o havia abandonado naquele momento.

– Era um lobo... mas... não era um lobo – murmurou outro, estremeando.

– Não adianta tentar abatê-lo sem a bala consagrada – observou um terceiro, como se dissesse a coisa mais natural.

– Bem feito, por sairmos numa noite dessas! Não há dúvida de que fizemos por merecer nossos mil marcos – deixou escapar um terceiro.

– Havia sangue no mármore rachado – disse outro, depois de uma pausa. – Os relâmpagos jamais teriam feito aquilo. E ele, está bem? Vejam a garganta dele, companheiros. Vejam! O lobo estava deitado sobre ele para manter seu corpo aquecido.

O oficial examinou minha garganta e respondeu:

– Ele tem razão. A pele não está ferida. Mas que história estranha! Nunca o teríamos encontrado se não fosse o latido do lobo.

– E o que foi feito dele? – perguntou o homem que sustentava a minha cabeça e que parecia, de todos, o menos afetado pelo pânico, já que suas mãos estavam firmes, sem um tremor sequer. Na sua manga, havia as insígnias de oficial de baixa patente.

– Deve ter ido para a toca – respondeu um soldado cujo rosto comprido estava empalidecido e que estremeceu de verdadeiro terror quando olhou em volta. – Há túmulos de sobra por aí. A fera pode muito bem se enfiar num deles. Vamos, companheiros. Vamos sair logo deste lugar amaldiçoado.

O oficial me fez sentar enquanto dava a ordem de comando. Então um punhado de homens me ergueu e me colocou sobre um cavalo. Ele saltou para a sela, posicionando-se às minhas costas, circundou-me com os braços e mandou a tropa avançar. Desviando nossos olhares dos ciprestes, seguimos em trote rápido e em formação militar.

Minha língua ainda se recusava a se mover, e portanto eu estava restrito ao silêncio. Devo ter adormecido, porque só me lembro, a seguir, de me ver de pé, amparado por um soldado de cada lado. Era quase dia claro, e, ao norte, irradiava-se o brilho avermelhado do Sol, como se fosse uma trilha de sangue sobre a desolação da neve. O oficial estava dizendo a seus homens que não deveriam contar nada do que tinham visto, mas somente que haviam encontrado o forasteiro inglês guardado por um grande cão.

– Um cão? Aquilo não era um cão – interrompeu um homem que exibia o terror no seu rosto. – Sei muito bem reconhecer um lobo quando vejo um.

O jovem oficial o corrigiu serenamente:

– Digo que era um cão.

– Um cão! – exclamou o outro ironicamente. Era evidente que sua coragem retornava junto com o Sol. – Olhem só a garganta dele. Isso são marcas de um cão, senhor?

Instintivamente, levei a mão à garganta e, no que a toquei, a dor foi excruciante. Os homens se juntaram a minha volta para observar, alguns desmontando de suas selas, e novamente soou a voz firme do oficial:

– Era um cão. Nada mais do que isso. Se alguém disser outra coisa, vamos ser alvo de chacotas.

Segui na montaria que ia na retaguarda da tropa e logo alcançamos os subúrbios de Munique. Então, nos encontramos com uma carruagem sem passageiros, na qual fui colocado, e foi assim que me transportaram para o Quatro Estações. O jovem oficial me acompanhou o tempo todo, enquanto um soldado trazia seu cavalo; os demais se dirigiram para o acampamento.

Quando chegamos, Herr Delbrück desceu com tanta pressa a escada para vir ao meu encontro que era evidente que estava vigiando o caminho, lá de dentro. Pegando minhas mãos, com toda a solicitude me conduziu para dentro. O oficial me dirigiu uma continência, despedindo-se, e já se virava para ir embora quando insisti que ele me acompanhasse até meus aposentos.

Tomamos juntos um copo de vinho, e eu lhe agradei encarecidamente, assim como a seus bravos companheiros, por me terem salvado. Respondeu apenas que estava mais do que feliz por terem conseguido isso e que fora Herr Delbrück que tomara a iniciativa de estimular a colaboração de toda a tropa. Àquela ambígua declaração, o *maître d'hotel* sorriu, e o oficial, alegando ter tarefas a cuidar no acampamento, retirou-se.

– Então, Herr Delbrück – indaguei –, como e por que os soldados foram me procurar?

Ele deu de ombros, como se menosprezasse sua participação.

– Tive a sorte de obter a licença para tanto do comandante do regimento, no qual, aliás, servi, e ele pediu voluntários.

– Mas como você soube que eu estava perdido?

– O cocheiro conduziu até aqui o que restou da sua carruagem, que foi danificada quando os cavalos dispararam.

– Mas com certeza você não enviou uma tropa de soldados somente por conta desse relato...

– De fato, não... – replicou ele. – Mas, mesmo antes de o cocheiro chegar, recebi este telegrama do nobre senhor a convite de quem o senhor está viajando.

Dizendo isso, tirou do bolso um telegrama, que me entregou. Eu o li:

Bistritz,

Cuide bem do meu hóspede. A segurança dele é preciosíssima para mim. Se algo lhe acontecer ou se ele se perder, não poupe esforços para encontrá-lo e garantir a sua segurança. Ele é inglês, mas de espírito aventureiro. E sempre surgem perigos, seja da neve, seja de lobos ou da escuridão da noite. Não perca um instante caso suspeite que ele esteja em perigo. Recompensarei seu zelo com minha fortuna. **Drácula.**

Segurei nas mãos aquele telegrama por um instante, e o aposento pareceu girar diante de meus olhos. Eu teria desabado no chão se o atento *maître d'hotel* não tivesse me amparado. Havia algo estranho naquilo tudo, algo tão extraordinário que me era impossível imaginar. Foi ali que começou a crescer dentro de mim a sensação de que eu era o centro de disputa de forças opostas. Mas ter essa ideia, mesmo vagamente, me paralisava. Era certo que eu estava sob uma misteriosa proteção. Vinha de um país distante e quase instantaneamente respondia à ameaça sobre mim, e bastou aquela mensagem para me salvar do perigo de desfalecer em meio à nevasca e me arrancar das presas de um lobo.

† † †

AUTOR E OBRA

“3 de maio, Bistritz. Parti de Munique às 8h35 da noite e cheguei a Viena na manhã seguinte.”

É com essa anotação do diário de Jonathan Harker que se inicia o monumental romance *Drácula* (1897), de Bram Stoker. Nos seus primeiros movimentos, vemos Jonathan chegando ao castelo do conde-vampiro, na Pensilvânia, para onde fora enviado pela empresa onde trabalhava e para a qual o conde escrevera, pedindo que lhe mandassem um agente que pudesse tratar da compra de algumas propriedades na Inglaterra – para onde Drácula pretendia se transferir. Ficou combinado que o agente enviado – Jonathan – se hospedaria no castelo até os negócios estarem concluídos. Ou até se dar conta de que era, na verdade, prisioneiro de um monstro e de suas igualmente monstruosas noivas, além das matilhas de lobos, sempre obedientes ao conde, que guardavam a propriedade.

Assim, o conto “O hóspede de Drácula” é um capítulo inicial do romance, que foi descartado. E ficou como conto à parte, reunido a outros por Bram Stoker, que morreu antes de vê-los publicados, em 1914, sob o título *O Hóspede de Drácula e Outras Histórias Macabras*.

Por que “O hóspede de Drácula” foi suprimido do romance? Não há registro de explicações por parte do autor, mas quem entende de composição de enredos pode enxergar que, talvez, essas páginas já colocariam a narrativa num ponto de tensão, de invasão do sobrenatural, muito intenso. No entanto, no capítulo seguinte, Jonathan tem de retomar sua viagem, chegar ao castelo, conhecer Drácula, ir aos poucos estranhando um detalhe e outro... Ou seja: haveria uma água fria despejada na fervura, e assim se quebrariam e anulariam os efeitos da paulatina aproximação do leitor (representado na história por Jonathan Harker) em relação ao personagem que é o polo de fascinação de toda a narrativa: Drácula.

Além disso, o leitor se perguntaria como Jonathan não reconheceu o mesmo ambiente daquele cemitério dos arredores de Munique naquele castelo e por que não tentou fugir logo que se deu conta disso.

Ou seja, uma composição refinadíssima (do personagem Drácula) poderia ser prejudicada por precipitação do escritor. E isso mesmo sendo “O hóspede de Drácula” ótimo, arrepiante, em si. Mas às vezes, pelo bem da história como um todo, o escritor deve se submeter a essas dolorosas, sofridas, difíceis automutilações. Isso prova a genialidade e o grau de exigência de Bram Stoker com sua literatura, na qual ritmo, modo de contar, organização da história num enredo, tudo é calibrado para envolver o leitor.

Além do mais, a sombra de Drácula (que não se mostra explicitamente) está sobre a história inteira... E justamente aqui pode ter havido outro motivo para o corte. Hoje em dia, conhecemos Drácula de sobra. Dar a um conto o título de “O hóspede de Drácula”, já significa munir o leitor de uma série de informações subjacentes, pelas quais reconhecerá a presença de Drácula nas entrelinhas do conto (como a “mão com força de gigante” que agarra Jonathan e o lança para fora do túmulo – na verdade, livrando-o do ataque da vampira que despertava; ou o “lobo... que não era um lobo”, mas uma criatura semelhante aos lobisomens, que servem ao Príncipe das Trevas, ao senhor de todos os vampiros; e isso para não mencionar a onipresença do vampiro, sugerida pelo episódio da mensagem enviada ao *maître d’hotel*).

Não obstante, no final do século XIX, ainda era indispensável o Drácula ser *apresentado* aos leitores. Bram Stoker bem pode ter se perguntado se esse capítulo inicial, de fato, para surtir efeito, não precisava ser lido *depois* de o leitor conhecer o conde.

O que temos nesse conto é uma história de vampiros... sem vampiros... mas com um vampiro no seu centro. Que é sua força motivadora, paulatinamente dominando o ambiente (da bucólica paisagem à terrível tempestade); o espírito do *convidado* (da incredulidade, da soberba do *eu sou inglês*, do deboche contra o cocheiro e suas crenças e todas as demais reações que um leitor e um indivíduo normal podem ter numa situação dessas... à privação dos sentidos e paralisia); e o desvio para o sobrenatural da narrativa (que se inicia com um prosaico passeio nos arredores de Munique e termina num cemitério de mortos-vivos). E a capacidade desse

personagem de polarizar a história, mesmo *ausente* (em termos), é toda a demonstração da extraordinária habilidade ficcional de Stoker, aplicada ao tipo de terror sutil, poderoso, penetrante, invasivo, inelutável de Drácula e da literatura gótica.

Qual das aberrações que cometem chacinas em série (dessas em que acontece uma matança, depois outra, depois outra... nada nem perto da articulação entre episódios, da estrutura narrativa e de enredo de um romance gótico) ou qual dos vampiros adocicados e vaporosos que a mídia pop põe em cena atualmente possuem tal poder?

Essa é toda a diferença entre *susto* e *terror*.

Bram Stoker era irlandês, nasceu em 1847 e morreu em 1912. Foi jornalista e crítico de teatro em um jornal de Dublin, sob a chefia de Sheridan Le Fanu, autor de *Carmilla* (1872) – o personagem principal, uma vampira, estabeleceu muitas das características do vampiro moderno. Le Fanu foi uma das grandes influências de Stoker. Outra foi um conto que se tornou muito popular na Europa ocidental, “O vampiro” (1819), de John Polidori⁴. A criação de Stoker se baseou em pesquisas sobre lendas populares, principalmente da região da Transilvânia, no leste europeu, e se tornou o vampiro mais popular do Ocidente.

Curioso é que, quando a Cortina de Ferro caiu, no final do século XX, e os países do leste europeu começaram a se abrir para o restante do mundo, os húngaros ficaram chocados, e até mesmo se sentiram ofendidos, quando souberam que o Conde Vlad Drakula III (no século XV era também chamado de O Empalador, por conta da maneira cruel como executava os prisioneiros) era conhecido como vampiro, ou melhor, como o mais medonho dos vampiros da literatura ocidental. Vlad, na Hungria, é um herói nacional da resistência contra a ocupação do país pelo Império Turco-Otomano. O nome *Drácula*, nas suas raízes, quer dizer Filho do Dragão, uma ordem antiga de cavaleiros medievais, da qual o pai de Vlad fizera parte.

NOTAS

1. Dórica: O mais antigo dos estilos arquitetônicos gregos.
2. Noite de Walpurgis: Na Alemanha, a noite de 30 de abril para 1.º de maio, segundo as lendas mais antigas, é uma ocasião em que as forças do mal se livram das restrições naturais e invadem nosso mundo, as bruxas renovam seus poderes e caçam vítimas, e os túmulos se escancaram, deixando escapar seus ocupantes. O nome vem de Santa Walpurga, ou Walburga, uma missionária inglesa que viveu no século VIII. O Sabá das feiticeiras ocorre na véspera do dia dedicado à santa.
3. Atiradeiras de Balearic: Arquipélago no Mar Mediterrâneo, na costa da Espanha.
4. Sheridan Le Fanu está presente em *Góticos* com o conto “Dickon, o Diabo”; e Polidori, com “O vampiro”.



*T*ransformação

Mary Shelley

Tradução: Domingos Demasi

*Imediatamente, esta minha carcaça foi retorcida
Por terrível agonia,
O que me forçou a iniciar minha história
E, logo depois, ela me libertou.
Desde então, a uma hora incerta,
A agonia retorna;
E até minha medonha história ser contada
Este coração dentro de mim queima.*

“Velho marinheiro”, de Coleridge

Ouvi dizer que, quando ocorre qualquer aventura estranha, sobrenatural e necromântica a um ser humano, esse ser, embora desejoso de ocultar o fato, sente-se, em certos períodos, assolado como por um terremoto intelectual e é forçado a desnudar para outro as profundezas de seu espírito. Sou testemunha da verdade disso. Jurei solenemente a mim mesmo nunca revelar a humanos os horrores aos quais eu, certa vez, por excesso de orgulho demoníaco, entreguei-me. O homem santo que ouviu minha confissão e me reconciliou com a Igreja está morto. Ninguém sabe que, certa vez...

Por que não deveria ser desse modo? Por que contar uma história de ímpia tentação da Providência e humilhação de alma subjugada? Por quê? Responde-me, tu que és versado nos segredos da natureza humana! Eu sei apenas que assim é; e, apesar de forte determinação – de um orgulho que me domina tenazmente –, de vergonha, e mesmo de medo, de parecer odioso à minha espécie, eu tenho de falar.

Gênova! minha orgulhosa cidade natal! Contemplo as ondas azuis do Mar Mediterrâneo – tu te lembras de mim, em minha infância, quando teus rochedos e promontórios, teu céu brilhante e alegres vinhedos eram o meu mundo? Época feliz, quando, para o coração jovem, o universo confinado, que deixa, pela sua própria limitação, espaço livre para a imaginação, cativa nossas energias físicas, e único período em nossa vida em que inocência e prazer estão unidos! Entretanto, quem pode olhar para trás, para a infância, e não se lembrar de suas dores e seus angustiantes temores? Eu nasci com o mais imperioso, arrogante e indomável espírito, com o qual nunca um mortal foi agraciado. Cedia apenas diante do meu pai; e ele, generoso e nobre, mas caprichoso e tirânico, de imediato nutriu e reprimiu a selvagem impetuosidade do meu caráter, tornando a obediência necessária, mas sem inspirar respeito pelos motivos que guiavam suas ordens. Ser um homem livre, independente ou, mais bem-posto, insolente e dominador era a esperança e a súplica de meu coração rebelde.

Meu pai tinha um amigo, um rico nobre genovês, o qual em meio a turbulências políticas foi subitamente sentenciado ao desterro, e sua propriedade, confiscada. O marquês Torella foi sozinho para o exílio. Assim como meu pai, ele era viúvo: tinha uma filha, a quase infante Juliet, que foi deixada sob a guarda de meu pai. Eu certamente teria sido um rude senhor para a adorável moça, a não ser que fosse forçado pela minha posição a me tornar seu protetor. Uma variedade de incidentes pueris tenderam todos a um ponto: levaram Juliet a me ver como um refúgio seguro; e eu, nela, alguém que deveria perecer através da doce sensibilidade de sua natureza tão rudemente punida, e não pela minha proteção de guardião. Crescemos juntos. A rosa desabrochada em maio

não era mais perfumada do que essa querida moça. Uma irradiação de beleza foi disseminada pelo seu rosto. Sua forma, seu andar, sua voz... Meu coração soluça ainda agora ao pensar em tudo de calmo, amável, amoroso e puro que foi conservado como relíquia naquela morada celestial.

Quando eu tinha onze anos de idade e Juliet, oito, um primo meu, muito mais velho que nós dois – ele nos parecia um adulto –, se interessou pela minha colega de brincadeiras; chamou-a de noiva e pediu que se casasse com ele. Ela se recusou, e ele insistiu, puxando-a para si contra a vontade dela. Com semblante e emoções de um louco, joguei-me em cima dele, lutei para sacar sua espada, pendurei-me em seu pescoço com a feroz determinação de o estrangular; ele foi obrigado a pedir ajuda para se livrar de mim. Naquela noite, levei Juliet à capela de nossa casa: eu a fiz tocar nas relíquias sagradas, atormentei seu coração de criança e profanei seus lábios infantis com o juramento de que ela seria minha e somente minha.

Bem, esses dias se foram. Torella voltou poucos anos depois e tornou-se mais rico e mais próspero do que nunca. Quando eu tinha dezessete anos, meu pai morreu. Ele fora da magnificência à prodigalidade; Torella alegrou-se com o fato de que minha menoridade possibilitasse uma oportunidade de recompor minha fortuna. Juliet e eu havíamos ficado noivos diante do leito de morte de meu pai – Torella seria um segundo pai para mim.

Eu desejava ver o mundo e fui favorecido. Fui a Florença, Roma, Nápoles; dali viajei para Toulon e, finalmente, cheguei ao que, havia muito, era o destino de meus desejos, Paris. Na ocasião, havia louca agitação em Paris. O pobre rei Carlos VI, num momento são, em outro louco, num momento um monarca, em outro um escravo abjeto, era o próprio arremedo do gênero humano. A rainha, o delfim, o duque de Borgonha, alternativamente amigos e inimigos, num momento se encontrando em pródigos festins, em outro derramando sangue numa rivalidade, estavam cegos para a miséria de seu país e para os perigos que o ameaçavam. Dedicavam-se totalmente à diversão dissoluta ou à

rivalidade sangrenta. Minha personalidade continuava a mesma. Eu era arrogante e teimoso; adorava exibição e, acima de tudo, afastava todo o controle para bem longe de mim. Quem poderia me controlar em Paris? Meus jovens amigos estavam ansiosos para acalentar paixões que lhes fornecessem prazeres. Eu era consideravelmente bonito, dominava todas as habilidades cavalheirescas. Era desligado de qualquer partido político. Tornei-me favorito de todos: minha presunção e arrogância eram perdoadas por eu ser tão jovem, e virei uma criança mimada. Quem conseguiria me controlar? Não as cartas e os conselhos de Torella – somente a forte necessidade me visitava na abominável forma de uma bolsa vazia. Mas havia meios de encher esse vácuo. Vendi acre após acre, propriedade após propriedade. Minhas roupas, minhas joias, meus cavalos, e seus jaezes eram quase inigualáveis na resplandecente Paris, enquanto as terras de minha herança passavam para a posse de outros.

O duque de Orleans foi emboscado e assassinado pelo duque de Borgonha. Medo e terror dominaram toda a Paris. O delfim e a rainha se recolheram; todo prazer foi suspenso. Fiquei farto desse estado de coisas, e meu coração ansiava pelos abrigos de minha meninice. Eu era praticamente um mendigo, ainda assim iria lá reclamar minha noiva e reconstruir minha fortuna. Alguns negócios oportunos como mercador me tornariam rico novamente. Contudo, eu não voltaria num humilde disfarce. Meu último ato foi alienar a propriedade que me restava, perto de Albaro, por metade de seu valor, para obter dinheiro de imediato. Então despachei todo tipo de artesão, tapeçarias, mobília de régio esplendor, para suprir a última relíquia de minha herança, o meu palácio em Gênova. Entretanto, me demorei mais um pouco, envergonhado de desempenhar o papel da *volta do pródigo*, que eu temia que fosse interpretar. Enviei meus cavalos. Despachei para minha prometida um incomparável ginete espanhol; seus jaezes reluziam com joias e tecido dourado. Em cada parte, mandei entrelaçar as iniciais de Juliet e Guido. Meu presente encontrou favorecimento nos olhos dela e de seu pai.

Todavia, voltar e ser proclamado um esbanjador, o símbolo do impertinente prodígio, talvez alvo de zombaria, e enfrentar

separadamente a exprobração ou o escárnio de meus concidadãos não era uma perspectiva atraente. Como um escudo entre mim e a censura, convidei alguns dos mais displicentes dos meus companheiros para me acompanhar: assim, fui armado contra o mundo, escondendo um sentimento ressentido, metade medo e metade penitência, pela bravata e uma insolente demonstração de satisfeita vaidade.

Cheguei a Gênova. Percorri o chão de meu palácio ancestral. Meu orgulhoso caminhar não era um intérprete do meu coração, pois sentia profundamente que, embora cercado por todo o luxo, eu era um mendigo. O primeiro passo que dei, ao reclamar Juliet, deve ter me anunciado abertamente como tal. Li desprezo ou piedade no olhar de todos. Imaginei, tão apta é a consciência para imaginar o que ela merece, que ricos e pobres, jovens e velhos, todos me olharam com menosprezo. Torella nem se aproximou de mim. Não admirava que meu segundo pai devesse esperar de minha parte uma deferência de filho em visitá-lo primeiro. Mas, irritado e aguilhoado pelo conhecimento de minha insensatez e de meu demérito, eu tentava jogar a culpa nos outros.

Continuamos a manter orgias noturnas no palácio Carega. Às noites insones, descomedidas, seguiam-se manhãs lânguidas, indolentes. À hora da ave-maria, mostrávamos nossas graciosas imagens nas ruas, zombando dos cidadãos sóbrios, lançando olhares insolentes às mulheres retraídas. Juliet não estava entre elas – não, não; caso estivesse, a vergonha teria me expulsado para longe, se o amor não me fizesse ajoelhar a seus pés.

Cansei-me daquilo. Subitamente, fiz uma visita ao marquês. Ele estava em sua *villa*, uma entre as muitas que embelezavam o subúrbio de San Pietro d’Arena. Era maio – um mês de maio naquele jardim do mundo onde as florescências das árvores frutíferas desapareciam em meio à densa folhagem verde, as videiras se projetavam à frente, as flores caídas das oliveiras esparramavam-se no solo, os vaga-lumes estavam na sebe de murta, céu e terra vestiam um manto de insuperável beleza. Torella me recebeu amavelmente, embora sério; e até mesmo sua aura de desprazer logo se desfez. Alguma semelhança com meu pai – um certo olhar e o tom de jovem ingenuidade ainda ocultando-se, a despeito de meus

descaminhos, amoleceram o coração do velho homem. Ele mandou chamar a filha e me apresentou a ela como seu noivo.

Quando ela entrou, o aposento tornou-se santificado por uma luz sagrada. Eram dela aquele olhar angelical, aqueles olhos grandes, suaves, covinhas nas faces e a boca de uma doçura infantil que expressa a rara união de felicidade e amor. A admiração primeiro me possuiu. Ela é minha! Essa foi a segunda vaidosa emoção, e meus lábios se torceram com arrogante triunfo. Eu não teria sido o queridinho mimado das beldades da França se não tivesse aprendido a arte de agradar o vulnerável coração feminino. Se, em relação aos homens, eu era soberbo, a deferência que prestava a elas era mais do que um contraste. Iniciei minha corte com a exibição de mil galanteios a Juliet, que, prometida a mim desde a infância, jamais aceitara a devoção de outros e que, embora acostumada a expressões de admiração, era inexperiente na linguagem dos amantes.

Por alguns dias, tudo foi bem. Torella nunca se referia à minha extravagância; tratava-me como a um filho favorito. Mas chegou o momento, ao discutirmos as preliminares de minha união com sua filha, em que o belo aspecto das coisas seria obscurecido. Um contrato fora assinado na época de meu pai. Eu, de fato, o tinha tornado nulo, tendo em vista que dissipara toda a fortuna que deveria ser dividida entre mim e Juliet. Torella, conseqüentemente, optou por considerar esse vínculo cancelado e propôs outro, no qual, embora a riqueza que ele concedia tivesse sido incomensuravelmente aumentada, havia tantas restrições ao modo de gastá-la que eu, que via independência apenas na carreira livre que fora dada à minha própria vontade imperiosa, insultei-o por tirar vantagem de minha situação e recusei-me terminantemente a subscrever suas condições.

O ancião, compassivamente, tentou me chamar à razão. O orgulho inflamado tornou-se o tirano de meus pensamentos: ouvi-o com indignação, rechacei-o com desdém.

– Juliet, tu és minha! Não trocamos juras em nossa inocente infância? Não somos um só aos olhos de Deus? E teu pai, de coração frio e sangue frio, nos separará? Sê generosa, meu amor, sê justa; não leves embora

uma dádiva, o último tesouro do teu Guido; não desdigas tuas juras; vamos desafiar o mundo, reduzir a nada os problemas do momento e encontrar em nosso afeto mútuo um refúgio para cada aflição.

Um demônio eu devo ter sido com tal sofisma para me empenhar em envenenar aquele santuário de pensamento sagrado e afeiçoado amor. Juliet se retraiu diante de mim, amedrontada. Seu pai era o melhor e mais amável dos homens, e ela se empenhou em me mostrar como, obedecendo a ele, tudo de bom se seguiria. Ele receberia minha relutante submissão com cáldo afeto; e generoso perdão se seguiria ao meu arrependimento. Palavras inúteis de uma jovem e meiga filha ditas a um homem acostumado a tornar sua vontade em lei e a sentir no próprio coração um tirano tão terrível e severo que a nada prestaria obediência, a não ser aos próprios desejos imperiosos!

Meu ressentimento cresceu com a resistência dela; meus indômitos companheiros estavam prontos para jogar combustível nas chamas. Imaginamos um plano para sequestrar Juliet. A princípio, pareceu coroado de sucesso. A meio caminho, no nosso retorno, fomos alcançados pelo pai agoniado e seus criados. Um combate se seguiu. Antes de a guarda da cidade chegar para decidir a vitória para nossos antagonistas, dois dos servidores de Torella foram gravemente feridos.

Essa parte de minha história pesa muito mais intensamente em mim. Um homem mudado como sou abomina essa lembrança. Que ninguém que ouça esta história jamais tenha se sentido como eu. Um cavalo levado à fúria por um cavaleiro dotado de esporas farpadas não seria mais escravo do que eu era da violenta tirania do meu temperamento. Um demônio se apossou de minha alma, irritando-a até à loucura. Senti dentro de mim a voz da consciência, mas, se cedi a ela, foi por um breve período, o momento após ser levado embora como por um redemoinho, conduzido ao longo da torrente da ira desesperada, juguete das tempestades geradas pelo orgulho. Fui preso e, por instância de Torella, libertado. Novamente voltei para levar ambos, ele e a filha, para a França; esse país infeliz, na ocasião vítima de flibusteiros e quadrilhas de soldados fora da lei, oferecia grato refúgio a um criminoso como eu. Nossos planos foram descobertos.

Fui sentenciado ao desterro; e, visto que minhas dívidas já eram enormes, minha propriedade remanescente foi colocada nas mãos de encarregados do pagamento.

Torella novamente ofereceu sua mediação, exigindo apenas a minha promessa de não renovar minhas malogradas tentativas contra ele e sua filha. Rejeitei sua oferta e imaginei ter triunfado ao ser expulso de Gênova para um solitário e paupérrimo exílio. Meus companheiros haviam sumido: tinham sido expulsos da cidade algumas semanas antes e já se encontravam na França. Eu estava sozinho, sem amigos, sem uma espada a meu lado e sem um ducado no bolso.

Perambulava ao longo da beira-mar, um redemoinho de paixão possuindo e dilacerando minha alma. Era como se uma brasa viva tivesse sido colocada, queimando, em meu peito. Inicialmente, meditei sobre o que deveria fazer. Juntar-me-ia a um bando de flibusteiros. Vingança! A palavra me pareceu um bálsamo: eu a abracei, a acariciei, até que, como uma serpente, me picou. Novamente eu renegaria e desprezaria Gênova, aquele cantinho do mundo. Voltaria a Paris, onde enxameavam muitos de meus amigos; onde meus serviços seriam avidamente aceitos; onde poderia entalhar uma fortuna com minha espada e, talvez, através do sucesso, voltar à minha desprezível cidade natal, e o falso Torella se arrependeria do dia em que expulsaram a mim, um novo Coriolano¹, de seus muros. Eu voltaria a Paris, então, a pé – um mendigo – e me apresentaria em minha pobreza àqueles a quem outrora eu recebera tão suntuosamente? Havia um amargor só em pensar nisso.

A realidade das coisas começou a se patentear em minha mente, trazendo desespero em seu rastro. Por vários meses eu fora um prisioneiro: os demônios de minha masmorra haviam açoitado minha alma até a loucura, mas tinham subjogado minha forma corpórea. Estava fraco e abatido. Torella usara mil artifícios para me dar conforto; eu detectara e rejeitara todos – e colhi a safra de minha obstinação. O que tinha de ser feito? Deveria eu rastejar diante de meu inimigo e implorar perdão? Seria preferível morrer 10 mil mortes! Eles jamais obteriam essa vitória! Ódio – jurei ódio eterno! Ódio de quem, contra quem? De um

desterrado errante contra um poderoso nobre. Eu e meus sentimentos éramos nada para eles: já teriam esquecido alguém tão indigno. E Juliet! Seu rosto angelical e sua forma silfídica² reluziam entre as nuvens de meu desespero com inútil beleza; pois eu a havia perdido – a glória e a flor do mundo! Outro a chamará de sua! Aquele sorriso de paraíso abençoará outro!

Mesmo agora meu coração fraqueja dentro de mim quando evoco essa rota de pensamentos de aspecto sombrio. Agora reduzido quase às lágrimas, agora enfurecido em minha agonia, eu ainda perambulava pela margem pedregosa, a qual, a cada passo, tornava-se mais selvagem e mais desolada. Pedras pendentes e precipícios brancos de gelo contemplavam do alto o mar sem ondas; cavernas negras bocejavam; e, para sempre, em meio à erosão do refluxo, murmuravam e quebravam as infrutíferas águas. Agora meu caminho estava praticamente bloqueado por um súbito promontório, tornado quase intransitável por fragmentos caídos do rochedo. A noite estava próxima, quando, na direção do mar, elevou-se, como se ao agitar da vara de um mago, uma escura teia de nuvens, maculando o firmamento azul-celeste de fim de tarde e escurecendo e perturbando o até então plácido oceano. As nuvens possuíam estranhas formas fantásticas e mudavam, e se misturavam, e pareciam ser impelidas por poderoso feitiço. As ondas ergueram suas cristas brancas; o trovão a princípio emudeceu, então rugiu através da amplidão das águas, que adquiriram um escuro tom púrpura, salpicado de espuma. O lugar onde eu estava dava, de um lado, para o extenso e largo oceano; do outro, era bloqueado por rugoso promontório.

Contornando esse cabo, surgiu de repente, tocado pelo vento, um navio. Em vão, os marujos tentavam forçar seu caminho para o mar aberto – o temporal o impelia para as rochas. Ele sucumbirá! Todos a bordo sucumbirão! Quisera estar entre eles!

E, para o meu jovem coração, a ideia da morte surgiu pela primeira vez misturada com a da alegria. Era uma visão terrível observar aquele barco lutar com seu destino. Eu mal conseguia distinguir os marinheiros, mas os ouvia. Logo estaria tudo acabado! – Uma pedra, mal coberta pelas ondas

agitadas, e assim mesmo despercebida, jazia à espera de sua presa. O estrondo de um trovão rompeu sobre minha cabeça no momento em que, com um medonho impacto, o esquife projetou-se contra seu inimigo invisível. Num curto espaço de tempo, transformou-se em pedaços. Ali permaneci, em segurança, e ali estavam meus semelhantes lutando, quão inutilmente, contra o aniquilamento. Pareceu-me vê-los pelejar – na verdade, eu ouvia seus gritos superando as vagas ruidosas em sua estridente agonia. A negra arrebentação jogava aqui e ali os fragmentos do naufrágio: em pouco tempo desapareceram.

Eu estava fascinado assistindo àquilo até o fim. Então, finalmente, caí de joelhos, cobri o rosto com as mãos e novamente ergui a vista. Algo flutuava nos vagalhões em direção à praia. Cada vez mais e mais se aproximava. Seria uma forma humana? Tornava-se cada vez mais aparente. Finalmente, uma forte onda, erguendo toda a carga, depositou-a sobre uma pedra. Um ser humano cavalgando um baú de navio! Um ser humano! Mas seria mesmo? Certamente aquilo nunca existira: um anão disforme, olhos vinhos, feições distorcidas e corpo deformado, um terror de se olhar. Meu sangue, havia pouco tão cálido em relação a um semelhante arrancado do túmulo aquoso, gelou no coração. O anão desceu de seu baú e afastou o cabelo liso e esparso de seu odioso semblante.

– Por São Belzebu! – exclamou. – Me livrou de uma boa. – Olhou em volta e me viu. – Oh, com os demônios! Eis ali outro aliado do poderoso. A que santo você oferece suas preces, amigo... senão ao meu? Mas não me lembro de tê-lo visto a bordo.

Encolhi-me diante do monstro e de sua blasfêmia. Novamente me questionou e produzi uma resposta inaudível. Ele continuou:

– Sua voz é afogada por esse rugido dissonante. Que ruído faz o grande oceano! Colegiais arrojando-se de sua prisão não são mais ruidosos do que essas ondas sendo liberadas para brincar. Elas me perturbam. Não desejo mais sua berraria inoportuna. Silêncio, ancião! Ventos, vão embora... para suas casas! Nuvens, voem para os antípodas³ e deixem nosso céu claro!

Enquanto falava, ele estendia os dois longos braços magros, semelhantes a garras de aranha, que pareciam abraçar a amplidão à sua frente. Foi um milagre? As nuvens se dividiram e partiram; o céu azul logo espreitou e se tornou um amplo campo tranquilo acima de nós; os ventos tempestuosos foram trocados pela suave brisa que soprava do oeste; o mar se acalmou; as ondas diminuíram para marolas.

– Gosto de obediência, mesmo desses elementos estúpidos – disse o anão. – Mais ainda da indomável mente humana! Deve admitir que foi um temporal e tanto... e tudo obra minha.

Era tentadora providência dialogar com aquele mago. Mas o poder, em todas as suas formas, é digno de veneração pelo homem. Espanto, curiosidade, um pegajoso fascínio me atraíram na direção dele.

– Venha, não tenha medo, amigo – disse o coitado. – Sou bem-humorado, quando agrado; e algo me agrada no seu corpo bem-proporcionado e em seu belo rosto, embora você pareça um pouco acabrunhado. Você sofreu uma avalanche, um naufrágio. Talvez eu consiga aliviar a tempestade de sua sorte como fiz com a minha. Vamos ser amigos? – Ele estendeu a mão; eu não consegui tocá-la. – Bem, então seremos companheiros. Isso também servirá. E agora, enquanto descanso após o contratempo pelo qual acabei de passar, diga-me por que, jovem e vistoso como parece, você vagueia assim sozinho e abatido por esta costa selvagem.

A voz do coitado era estridente e horrenda, e suas contorções, enquanto falava, eram medonhas de ver. Contudo, ele exercia um pouco de influência sobre mim, a qual eu não conseguia controlar. Então lhe contei a minha história. Quando acabei, ele gargalhou alto e demoradamente; as pedras traziam o som de volta num eco: o inferno parecia gritar à minha volta.

– Oh, tu, sobrinho de Lúcifer! – disse ele. – Então foste também vítima do teu orgulho e, embora brilhante como o filho da manhã, estiveste disposto a abrir mão da tua boa aparência, da tua noiva e do teu bem-estar, em vez de te submeteres à tirania do bem. Pela minha alma, exalto tua escolha! Então fugiste e te conformaste e pretendes morrer de fome

nestas pedras e deixar que as aves arranquem teus olhos mortos, enquanto teus inimigos e tua noiva se regozijam com tua ruína. A mim me parece que teu orgulho é estranhamente aparentado à humildade.

Enquanto ele falava, mil pensamentos dotados de garras arranhavam meu coração.

– O que acha que eu deveria fazer? – berrei.

– Eu? Ora, nada, mas deite-se e diga as suas preces antes de morrer. Só que, se eu fosse você, saberia o que deveria ser feito.

Aproximei-me dele. Aos meus olhos, seus poderes sobrenaturais o tinham tornado um oráculo. Contudo, uma estranha, sinistra palpitação percorreu meu corpo quando eu disse:

– Fale! Ensine-me. Que ação você aconselha?

– Vingue-se, homem! Humilhe seus inimigos. Pise no pescoço do velho e se aposse de sua filha!

– Para leste e para oeste me voltei! – bradei. – E não vejo como! Se eu tivesse ouro, muita coisa poderia conseguir, mas, pobre e sozinho, sou impotente.

O anão estava sentado em seu baú enquanto ouvia a minha história. Então desceu e pressionou uma mola, e o baú abriu-se! Que fortuna fabulosa – joias fulgurantes, ouro reluzente e a pálida prata – revelou-se em seu interior! Um louco desejo de possuir esse tesouro nasceu dentro de mim.

– Sem dúvida – afirmei –, alguém tão poderoso quanto você é capaz de fazer qualquer coisa.

– Que nada – disse o monstro humildemente. – Não sou onipotente como pareço. Possuo algumas coisas que você talvez possa cobiçar, mas daria todas elas por uma pequena parcela, ou mesmo um empréstimo, do que é seu.

– Minhas posses estão a seu dispor – retruquei com amargor. – Minha pobreza, meu exílio, minha desgraça... Eu lhe dou todos eles de presente.

– Ótimo! Eu agradeço. Acrescente mais uma coisa ao seu presente, e meu tesouro é seu.

– Tendo em vista que minha herança é nada, o que mais desejaria desse nada?

– Seu belo rosto e os membros benfeitos.

Arrepiei-me. Iria esse monstro todo-poderoso me matar? Eu não tinha adaga. Esqueci de rezar, mas fiquei lívido.

– Peço um empréstimo, e não um presente – disse a coisa medonha. – Empreste-me seu corpo por três dias. Você ficará com o meu para conter sua alma enquanto isso e, em pagamento, terá o meu baú. O que diz do acordo? Três curtos dias.

Dizem que é perigoso manter uma conversa ilícita; e provarei isso muito bem. Visto por escrito, pode parecer incrível que eu tenha dado ouvidos a essa proposta; mas, a despeito de sua abominável feiura, havia algo fascinante num ser cuja voz era capaz de governar terra, ar e mar. Senti um forte desejo de ceder, pois, com aquele baú, eu poderia comandar o mundo. Minha única hesitação resultava do temor de que ele não estaria sendo verdadeiro em seu acordo. Então, pensei: “Em breve morrerei aqui nestas areias solitárias, e os membros que ele cobiça já não serão meus. Vale a pena arriscar”. E, além do mais, eu sabia que, pelas regras da arte da magia, havia fórmulas e juramentos que nenhum de seus praticantes ousaria quebrar. Hesitei em responder, e ele prosseguiu, num momento exibindo sua fortuna, em outro falando do baixo preço que exigia em troca, até parecer loucura recusar. É assim: coloque seu barco na corrente do riacho, e ele descerá e cairá da cachoeira para onde correu; se desistirmos de guiar a forte correnteza da paixão, nos distanciaremos, sem saber para onde.

Ele jurou mil vezes, e eu o esconjurei com muitos nomes sagrados, até que vi aquela maravilha de poder, aquele senhor dos elementos tremer como uma folha de outono diante de minhas palavras; e, como se o espírito falasse a contragosto e forçosamente dentro dele, finalmente, prostrado, com a voz falhada, revelou o feitiço com o qual seria obrigado, caso desejasse trapacear comigo, a devolver o espólio ilegítimo. Nosso quente sangue vital precisava ser misturado para fazer e desfazer o encanto.

Basta desse tema profano. Fui persuadido, a coisa foi feita. A manhã seguinte alvoreceu sobre mim enquanto me encontrava caído sobre o cascalho, e não reconheci minha própria sombra, que se projetava de mim. Senti-me mudado para uma forma de horror e amaldiçoei minha crença fácil e minha cega credulidade. O baú estava ali. Havia ouro e pedras preciosas pelos quais eu vendera a carcaça de carne que a natureza me dera. A visão aliviou um pouco minhas emoções: três dias logo passariam.

E passaram. O anão me abastecera com um farto suprimento de comida. A princípio, eu mal conseguia andar, tão estranhos e desconjuntados estavam todos os meus membros; e minha voz era de um espírito maligno. Mas me mantinha calado, voltava o rosto para o Sol, pois assim talvez não visse minha sombra, e contava as horas e ruminava planos. Colocaria Torella a meus pés e possuiria minha Juliet, a despeito dele. Tudo isso minha fortuna poderia facilmente conseguir. Durante a noite escura dormi e sonhei com a realização dos meus desejos. Dois sóis já haviam se posto, e o terceiro alvorecia. Fiquei agitado, temeroso. Ó expectativa, que coisa terrível és tu quando despertada mais pelo temor do que pela esperança! Como deves serpear em volta do coração, torturando suas pulsações! Como deves dardejar pontadas desconhecidas por todo o nosso frágil mecanismo, ora parecendo nos despedaçar como vidro quebrado, ora dando-nos uma força renovada, a qual nada pode fazer, e desse modo nos atormenta com uma sensação, como a que um homem forte deve sentir quando não consegue romper os seus grilhões, embora estes se dobrem em suas mãos. Lentamente caminhou a brilhante esfera para cima no céu oriental; muito ela demorou-se em seu zênite e ainda mais lentamente vagueou para baixo, para oeste; tocou a beira do horizonte – estava perdida! Seu resplendor estava no cume do rochedo. Ele se tornava pálido e cinzento. A estrela vespertina mostrou seu brilho. Ele logo estará aqui.

Ele não veio! Pelos céus viventes, ele não veio! – e a noite arrastou sua exausta extensão, e, no declínio de sua era, “o dia começou a grisalhar seu cabelo escuro” (em *Werner*, de LORD Byron)⁴, e o Sol ergueu-se

novamente sobre o mais infeliz miserável que sempre repreendeu sua luz. Três dias assim eu passei. As joias e o ouro – oh, como os abominei!

Ora, ora, não enegrecerei estas páginas com demoníacos desvarios. Eram todos terríveis – os pensamentos, o feroz tumulto de ideias que enchiam minha alma. Ao final desse período, dormi; não o fazia desde o terceiro pôr do sol; e sonhei que me encontrava aos pés de Juliet, e ela sorria, em seguida dava um grito agudo, pois via a minha transformação, e novamente sorria, pois seu belo amado continuava ajoelhado à sua frente. Mas não era eu, era ele, o demônio, metido nos meus membros, falando com minha voz, cativando-a com meu olhar de amor. Esforcei-me para alertá-la, mas minha língua recusou-se ao seu ofício; esforcei-me para arrancá-lo dela, mas eu estava enraizado no chão. Acordei com a agonia.

Ali estavam os solitários precipícios cobertos de branco. Ali estava o mar esparramando-se, a praia deserta e o céu azul acima de tudo. O que aquilo significava? Teria sido o meu sonho apenas um espelho da verdade? Estaria ele cortejando e cativando minha noiva? Eu retornaria de imediato a Gênova, mas fui desterrado. Soltei uma risada – o berro do anão irrompeu dos meus lábios. Desterrado! Oh, não! Não desterraram estes quatro membros que uso; talvez consiga entrar com eles na minha cidade natal, sem medo de incorrer na ameaçada pena de morte.

Comecei a caminhar em direção a Gênova. De algum modo, já estava me acostumando aos meus membros tortos; nenhum era adaptado para um movimento direto à frente; foi com infinita dificuldade que avancei. E também quis evitar as aldeias espalhadas aqui e ali à beira-mar, pois relutava em exhibir a minha feiura. Não tinha muita certeza de que, se me vissem, os meninos não me apedrejariam até a morte quando eu passasse, pois era um monstro. Recebi alguns cumprimentos indelicados dos poucos camponeses ou pescadores que encontrei por acaso. Mas era noite escura quando me aproximava de Gênova. O tempo estava tão fragrante e suave que me ocorreu que o marquês e sua filha provavelmente teriam deixado a cidade e ido para seu retiro no campo. Foi de Villa Torella que eu tentara raptar Juliet; eu tinha levado mais de uma hora fazendo o reconhecimento do lugar e conhecia cada pedaço de chão de seu entorno. A *villa* ficava

belamente situada, cercada de árvores, à beira de um riacho. Ao me aproximar, tornou-se evidente que minha conjectura estava correta; não somente isso, mas que aqueles momentos estavam sendo dedicados a festim e distrações, pois a casa estava toda iluminada. Fragmentos de música suave e alegre adejavam na brisa em minha direção. Meu coração sucumbiu dentro de mim. Tal era a generosa bondade do coração de Torella que eu tinha certeza de que ele não estaria se permitindo manifestações públicas de contentamento, justamente após meu infeliz desterro, mas que o fazia por um motivo que eu desconhecia.

O pessoal do campo estava todo contente e acorrendo aos bandos; tornou-se necessário que eu pensasse em me esconder; e no entanto desejava me dirigir a um deles, ou ouvir outros conversar, ou, de qualquer modo, saber o que estava de fato acontecendo. Finalmente, penetrando nas alamedas que ficavam na vizinhança imediata da mansão, encontrei uma bastante escura para ocultar minha excessiva hediondez; assim como eu, havia outros demorando-se em suas sombras.

Em pouco tempo, descobri tudo o que queria saber – tudo o que primeiro fez meu coração parar horrorizado e depois ferver de indignação. Amanhã, Juliet seria entregue ao arrependido, recuperado, amado Guido. Amanhã, minha noiva se casaria com um demônio do inferno! E isso se deve a mim! Meu maldito orgulho, minha demoníaca violência e perversa auto idolatria haviam causado aquela tragédia.

Tivesse eu agido como o infeliz que roubara o meu corpo, tivesse eu, com um semblante ao mesmo tempo submisso e digno, me apresentado a Torella, dizendo: errei, perdoe-me, sou indigno de sua criança-anjo, mas me permita reivindicá-la daqui por diante, quando minha conduta modificada mostrará que renunciei a meus vícios e me esforçarei para ser, de algum modo, digno dela. Lutarei contra os infiéis e, quando meu fervor pela religião e minha verdadeira penitência pelo passado aparecerem, para que você perdoe meus crimes, permita-me novamente chamar a mim mesmo de seu filho. Assim tinha ele falado, e o penitente fora bem recebido; assim como para o filho pródigo das Escrituras, o bezerro engordado fora abatido para ele; e ele, ainda seguindo o mesmo caminho,

mostrou um arrependimento tão sincero de seus desatinos, uma concessão tão humilde de todos os seus direitos e uma resolução tão ardente de readquiri-los com uma vida de contrição e virtude que rapidamente conquistou o bondoso velho; e o pleno perdão, e a entrega de sua adorável criança seguiram-se numa rápida sucessão.

Oh! Tivesse um anjo do paraíso me sussurrado que agisse assim! Mas agora o que seria da sorte da inocente Juliet? Permitiria Deus a infame união que a destruiria, ligando o desonrado nome de Carega ao pior dos crimes? Amanhã, na alvorada, eles iam se casar. Só havia um meio de evitar isso: enfrentar o meu inimigo e obrigá-lo à ratificação de nosso acordo. Eu sentia que isso só poderia ser feito com uma luta mortal.

Eu não possuía espada – isso se, por acaso, meus braços tortos conseguissem manejar a arma de um soldado –, mas tinha uma adaga, e nela repousava toda a minha esperança. Não havia tempo para ponderar sobre a questão ou avaliá-la satisfatoriamente. Eu poderia morrer na tentativa, mas, além do ciúme abrasador e do desespero do meu próprio coração, a honra, a simples humanidade, exigiam que eu tombasse se não destruísse as maquinações do demônio.

Os convidados partiram. As luzes começaram a se apagar; era evidente que os habitantes da *villa* buscavam o repouso. Escondi-me entre as árvores. O jardim estava deserto, os portões, fechados. Vagueei por ali e fui parar debaixo de uma janela. Ah! Eu bem que a conhecia! Um suave crepúsculo bruxuleava no quarto. As cortinas estavam semiabertas. Era o templo da inocência e da beleza. O esplendor do quarto era temperado, por assim dizer, pelas leves desarrumações ocasionadas pelo ser que o habitava, e todos os objetos espalhados em volta exibiam o gosto daquela que o consagrava com sua presença. Eu a vi entrar com passinhos rápidos e se aproximar da janela. Abriu a cortina ainda mais e procurou com os olhos dentro da noite. A brisa fresca brincava entre suas madeixas e as afastava do mármore transparente de seu cenho. Ela apertou as mãos, ergueu os olhos para o céu. Ouvi sua voz. “Guido!”, murmurou suavemente, “meu Guido!”, e então, como se dominada pela plenitude de seu próprio coração, caiu de joelhos. Os olhos estavam erguidos, a atitude,

negligente mas graciosa, e o reluzente agradecimento iluminava seu rosto. Oh, essas são palavras brandas! Coração meu, tu sempre podes imaginar, embora não consigas retratar, a beleza celestial daquela filha da luz e do amor.

Ouvi passadas, rápidas e firmes passadas, ao longo da via sombreada. Então vi um cavalheiro, ricamente vestido, jovem e belo, avançar. Escondi-me, mas me mantive perto. O jovem se aproximou e parou debaixo da janela. Juliet levantou-se e, novamente olhando para fora, ela o viu e disse...

Oh! Não consigo, a essa distância de tempo não consigo recordar os termos de suave e eloquente ternura de Juliet; para mim eles foram falados, mas foram respondidos por ele.

– Eu não irei – bradou ele. – Aqui, onde tu tens vivido, onde tua memória paira como um fantasma visitante do céu, passarei as longas horas até nos encontrarmos, e nunca, minha Juliet, novamente, dia ou noite, nos separaremos. Mas tu, meu amor, recolhe-te; a fria manhã e a brisa espasmódica tornarão tuas faces pálidas e encherão de languidez teus olhos iluminados pelo amor. Ah, mais doce de todas, pudesse eu pousar um beijo neles! Eu poderia, penso, descansar.

Então ele se aproximou ainda mais e, pensei eu, estava para subir até o quarto dela. Eu havia hesitado, para não aterrorizá-la; agora não era mais senhor de mim mesmo. Corri para lá, joguei-me em cima dele e afastei-o com um empurrão. Gritei:

– Ó infeliz, asqueroso e malformado!

Não preciso repetir epítetos, todos, aparentemente, pretendendo injuriar uma pessoa pela qual, agora, sinto certa predileção. Um grito agudo emergiu dos lábios de Juliet. Eu nem ouvi nem vi mais nada, senti apenas meu inimigo, cuja garganta agarrei, e o cabo de minha adaga; ele se debateu, mas não conseguiu escapar; afinal, roucamente, pronunciou estas palavras:

– Faça-o!... acerte-me! Destrua este corpo... você ainda viverá, que sua vida seja longa e feliz!

A adaga que descia deteve-se com tais palavras, e ele, sentindo meu aperto relaxar, despreendeu-se e sacou sua espada, enquanto o rebuliço na casa e o voo de tochas de um aposento a outro mostravam que logo seríamos separados, e eu, oh, era melhor que morresse! Assim, tampouco me importava se ele não sobrevivesse. Em meio à minha agitação, havia muita maquinação: se eu caísse e, desse modo, ele não sobrevivesse, não ligaria para o golpe mortal que eu poderia desferir contra mim mesmo. Ao mesmo tempo, portanto, que ele pensava que eu tivesse parado e ao mesmo tempo que eu percebia o vilão tirar vantagem de minha hesitação, no súbito golpe que desferiu contra mim, joguei-me em sua espada e, no mesmo instante, enfiei a minha adaga, com uma mira verdadeiramente desesperada, em seu flanco. Caímos juntos, rolando um sobre o outro, e a maré de sangue que escoava dos ferimentos abertos de cada um se misturou na grama.

Mais eu não sei – desmaiei.

Novamente, retornei à vida: fraco, quase à morte, encontrei-me deitado em uma cama. Juliet estava ajoelhada ao lado. Estranho! Meu primeiro e debilitado pedido foi por um espelho. Eu estava tão pálido e horrível que minha pobre menina hesitou, como me disse posteriormente; mas atendeu ao meu pedido. Pelos deuses! Eu me achei um jovem bem parecido quando vi o querido reflexo de minhas bem conhecidas feições. Confesso que é uma fraqueza, mas aviso que mantenho um considerável afeto pelo rosto e pelos membros que observo sempre que me olho num espelho; e tenho muitos em minha casa, e os consulto com mais frequência do que qualquer beldade em Veneza. Antes que muitos de vocês me condenem, permitam-me dizer que ninguém melhor do que eu conhece o valor do próprio corpo; ninguém, provavelmente, exceto eu mesmo, já o teve roubado.

Incoerentemente, a princípio falei do anão e de seus crimes e repreendi Juliet por ela ter aceitado tão facilmente o amor dele. Ela achava que fosse um desvario meu, como era de esperar, e por isso levou algum tempo até eu ser bem-sucedido em admitir que o Guido, cujo arrependimento fizera com que ela me aceitasse novamente, era eu mesmo. E, enquanto eu

amaldiçoava amargamente o monstruoso anão e abençoava o golpe certo que lhe tirara a vida, subitamente me examinei, quando a ouvi dizer “Amém!”, sabendo que aquele a quem ela ultrajara era eu mesmo. Uma pequena reflexão ensinou-me o silêncio e me possibilitou falar daquela noite medonha sem quaisquer tropeços excessivos. O ferimento que me impusera não era um arremedo: levei um bom tempo para me recuperar.

Enquanto o benevolente e generoso Torella sentava-se a meu lado, transmitindo sabedoria, ensinando como conquistar amigos através do arrependimento, e a minha querida Juliet ficava perto de mim, atendendo às minhas necessidades e me alegrando com seus sorrisos, os trabalhos de minha cura corporal e mental seguiam juntos.

Aliás, nunca consegui recuperar toda a minha força. Minhas faces são pálidas desde então, e fiquei um pouco curvado. Juliet, às vezes, se arrisca a insinuar amargamente a maldade que causou essa mudança, mas eu a beijo imediatamente e lhe digo que foi tudo para melhor. Sou o mais apaixonado e o mais fiel dos maridos. E a verdade é esta: se não fosse aquele ferimento, eu nunca mais poderia chamá-la.

Não voltei a visitar a praia nem procurei pelo tesouro do demônio. Contudo, enquanto medito sobre o passado, geralmente penso, e meu confessor não se opõe a consentir a ideia, que o anão deve ter sido um bom espírito, não um ente do mal, enviado pelo meu anjo da guarda para me mostrar a insensatez e a miséria do orgulho. Tão bem, afinal, aprendi essa lição, rudemente ensinado que fui, que agora sou conhecido por todos os meus amigos e conterrâneos pelo nome de Guido, o Cortês.

+++

AUTORA E OBRA

No verão de 1816, um episódio histórico e antológico para a literatura gótica aconteceu numa mansão às margens do Lago Genebra, pertencente

a LORD Byron, um dos poetas mais emblemáticos do romantismo europeu. Byron recebia alguns amigos, para a temporada, e vez por outra, a visita de outros conhecidos, como o médico de Byron, John Polidori. Estavam todos muito frustrados – era o verão mais chuvoso dos últimos anos. Encarcerados dentro de casa, entediados, começaram a ler histórias de fantasmas⁵. Foi então que LORD Byron lançou o desafio: “Cada um de nós vai escrever uma história de fantasmas”, um passatempo, mas ao mesmo tempo uma disputa entre eles, já que seria proclamado vencedor o autor da melhor história. Byron e o poeta Percy Bysshe Shelley, marido de Mary, não se dedicaram à tarefa. Quanto ao médico Polidori, há diferentes versões, mas o fato é que também não exibiu sua história. Somente a jovem Mary (tinha vinte e um anos na época), que jamais havia publicado coisa alguma, se pôs a “pensar em uma história (...) que nos falasse aos misteriosos medos de nossa natureza e despertasse um espantoso horror – capaz de fazer o leitor olhar em torno, amedrontado, capaz de gelar o seu sangue e acelerar os batimentos do seu coração. Se eu não conseguisse isso, minha história de fantasmas seria indigna do nome”.

Na verdade, o romance que Mary escreveria não seria exatamente uma história de “fantasmas”:

“Minha imaginação, solta, possuía-me, guiava-me, dotando as sucessivas imagens que se erguiam em minha mente de uma clareza que ia além dos habituais limites do sonho. Eu via – com os olhos fechados, mas com uma penetrante visão mental –, eu via o pálido estudioso das artes profanas ajoelhado junto à coisa que ele tinha reunido. Eu via o horrível espectro de um homem estendido, que, sob a ação de alguma máquina poderosa, mostrava sinais de vida e se agitava com um movimento meio vivo, desajeitado. Deve ter sido medonho, pois terrivelmente espantoso devia ser qualquer tentativa humana para imitar o estupendo mecanismo do Criador do mundo. O sucesso deveria aterrorizar o artista; ele devia fugir de sua odiosa obra cheio de horror. Ele esperaria que, entregue a si mesma, a centelha de vida que ele lhe comunicara extinguir-se-ia, que aquela coisa que recebera uma

animação tão imperfeita mergulharia na matéria morta, e ele poderia então dormir na crença de que o silêncio do túmulo envolveria para sempre a breve existência do hediondo cadáver que ele olhara como berço de uma vida. Ele dorme; mas é acordado; abre os olhos; avista a horrorosa coisa de pé ao lado de sua cama, afastando as cortinas e contemplando-o com os olhos amarelos, vazios de expressão, mas especulativos”.

Intuitivamente, ou também por força de sua cultura literária, embora ainda tão nova, a escritora iniciante compreendeu o cerne do horror que deveria despertar com sua história. O monstro sem nome, que acabou roubando para si – no uso pop – o nome do seu criador, Frankenstein, poderia ter aparência medonha, mas isso ainda não seria terror suficiente, “capaz de gelar o sangue”. Talvez o fosse a presença de um morto-vivo? Ou talvez – e isso é que torna *Frankenstein* um dos pilares, uma obra de fundação do gênero gótico – o fato de expor seu leitor à empatia pelo jovem cientista, Victor. Em quem não ecoa, intimamente, inconfessadamente, a indagação: *Eu também teria tentado [criar um ser vivo], se soubesse como? Se tal poder estivesse ao meu alcance, eu o repudiaria? Poderia acontecer portanto, por conta da tentação e da fragilidade de princípios, comigo a mesma tragédia que devastou Victor Frankenstein?*

Aí está o íntimo horror que Mary Shelley conseguiu despertar em gerações e gerações de leitores. Tudo o que se refere à intromissão do homem na natureza, regida sob o signo da pretensão de tudo conhecer e de manter experiências sob controle, é descendente de *Frankenstein* – dos desastres ecológicos causados por inventos que utilizem energia nuclear ao *Parque dos Dinossauros*, de Spielberg. A menção a Prometeu – aquele que arrebatou o fogo dos deuses e o entregou aos seres humanos – é eloquente. Assim como o castigo pela blasfêmia.

Mary Shelley nasceu em Londres, em 1797, e morreu em 1851. Em “Transformação” (1831), algumas das fixações do gótico são acionadas, principalmente a *tentação*. Também aceitaríamos, no caso, o baú e seus

tesouros? Aceitaríamos a troca de corpos? No entanto, talvez o elemento mais característico seja o homem devasso como suscetível a propostas sacrílegas. Guido é bom precursor de outros protagonistas com construção baseada na decrepitude moral, cujo exemplo mais famoso e terrível é Dorian Gray (*O Retrato de Dorian Gray*, romance de Oscar Wilde, de 1890). Lá, Dorian atravessa os anos, a iniquidade, a vida entregue ao desgaste e à dissipação dos mais diferentes vícios e da maldade e se mantém jovem, encantador, já que as marcas de sua iniquidade gravam-se, não em seu rosto, mas em seu retrato. Wilde, aliás, é autor de um peculiar clássico, acidamente crítico da sociedade inglesa, *O Fantasma de Canterville*, basicamente uma novela de humor. De humor gótico – praticamente o único em seu gênero, já que articula todos os elementos do terror romântico, mas numa atmosfera de deboche, até mesmo com a morte e a condenação do fantasma homônimo da obra.

Curiosamente, em *O Ladrão de Corpos* (1992), o vampiro Lestat, de Anne Rice, o mesmo de *Entrevista com o Vampiro*, recebe uma proposta de um mortal, que lhe oferece a oportunidade de viver temporariamente como um ser humano, de novo, trocando de corpo com ele. Lestat, embora a sensatez o alerte em contrário, faz a troca, e o mortal em questão foge, roubando assim o corpo morto-vivo do vampiro, com direito a todos os seus poderes e à imortalidade.

São, enfim, modelos, de personagens, dramas e enredos, que permanecem e se multiplicam numa linhagem antiga, popular, da literatura, com seus “fantasmas” volta e meia ressurgindo diante de nós.

† † †

NOTAS

1. Coriolano: Personagem de uma tragédia de Shakespeare baseada na lenda do líder romano Gaius Marcius Coriolano.

2. Silfídica: Esbelta, elegante. Vem de *sílfide*, criatura da mitologia céltica e nórdica; gênio feminino do ar.
3. Antípodas: Ou seja, para o outro lado do mundo, em relação ao lugar onde se passa a cena.
4. Werner: Peça teatral do gênero tragédia, de 1822. Byron e Mary Shelley se conheceram bem. Estiveram juntos, no episódio do Lago Genebra que resultou na novela antológica *Frankenstein*, narrada aqui.
5. O relato está na introdução que a autora fez de *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, na edição de 1831. Tradução de Miércio Araújo Jorge Honkins (Porto Alegre, L&PM, 1985).

O fascínio do medo

Ensaio de Luiz Raul Machado

Desde que escutamos ou lemos nossa primeira história de fantasmas, buscamos sempre repetir aquela gostosa sensação de ameaça, perturbação, incerteza... O fascínio do medo dá origem à atração pelas histórias de terror (na segurança do livro e da viagem *apenas* na imaginação).

Qual o caminho percorrido por esse leitor? Como se dá o contato com essas obras tão relidas por gerações e gerações?

O mais provável é que o começo tenha sido uma boa adaptação: o suco da história mirabolante sobre um cientista obcecado por criar vida a partir da morte, eletrizando o leitor adolescente. Ou o resumo da saga de um ente imortal que se alimenta do sangue de mocinhas incautas.

Um leitor mais velho pode ter visto um filme antigo em preto e branco numa pequena sala de um cineclube ou – mais recentemente – numa retrospectiva no canal de televisão que passa filmes de arte. Depois, a vontade de ler o volumoso texto completo em boa tradução. E, mais tarde ainda, a aventura de ler no original, em inglês. E ter a insubstituível sensação de ler exatamente o que Mary Shelley e Bram Stoker escreveram, suas próprias palavras construindo aquela história de medo e de loucura. O cinema, volta e meia, retorna aos clássicos do terror, com novos recursos. E a releitura se instala como prática corriqueira: trata-se de ver com novos olhos e descobrir como novas as sensações antigas. Não é isso a essência da descoberta da releitura? E ler não é reler? Aquele leitor certamente voltará, no decorrer da vida, a seus livros preferidos.

E deve-se lembrar também que Frankenstein e Drácula (entre outros personagens irresistíveis), além das muitas adaptações literárias para jovens (umas mais bem-sucedidas que outras), reaparecem no teatro, no rádio, na televisão, no cinema e nas histórias em quadrinhos.

Depois, a aventura de descobrir como tudo isso começou. Saber que uma mocinha de dezenove anos, que ainda se chamava Mary Godwin, reunida em viagens e tertúlias literárias com o grande poeta George Gordon, LORD Byron, John Polidori e outro grande poeta, Percy B. Shelley (que era seu amante e veio a ser seu marido), aceitou o desafio de escrever uma história. Ela criou *Frankenstein*, a partir de citações de John Milton (autor de *O Paraíso Perdido*), e acrescentou ao título original: *o moderno Prometeu*. Ligava assim seu protagonista (lembrando que Frankenstein era o nome do cientista, só depois identificado com a criatura monstruosa) ao titã clássico, que roubou o fogo dos deuses para dá-lo aos homens. O que remete ao poeta e amigo Byron, que escreveu num poema chamado “Prometheus”:

Titan! To whose immortal eyes
The sufferings of mortality,
Seen in their sad reality,
Were not as things that gods despise...¹

O cientista perturbado criado por Mary rouba os destroços da morte para criar o fogo da vida.

Da reunião dos quatro amigos literatos resultou também a obra “O vampiro”, de John Polidori, que deu origem ao *Drácula*, de Bram Stoker, que, por sua vez, superou, pela acolhida do público e, depois, da crítica, o seu inspirador. É curioso notar que tanto Stoker quanto Mary optaram pelo difícil formato do romance epistolar, fazendo seus capítulos em forma de carta e de trechos de diário de diferentes personagens.

Essas duas obras fundadoras criaram uma corrente literária que tem como tema as idas e vindas em torno do mistério da saúde e da doença, da fronteira sombria entre a vida e a morte. É bom lembrar que o Romantismo (berço dessa corrente) sempre teve seu lado escuro, que poetas e prosadores românticos se debruçaram tanto sobre o amor quanto sobre a morte. Byron – poeta ícone do Romantismo – vai desde o poema “She walks in beauty like the night” (Ela caminha na beleza como a

noite) até a ode “A uma taça feita de um crânio humano”, traduzida pelo nosso Castro Alves.

Além de Mary Shelley e Stoker, outros grandes escritores também criaram histórias de terror. Aqui estão Arthur Conan Doyle, Edgar Allan Poe, Robert L. Stevenson, Goethe e tantos outros.

Poe, principal inventor das histórias de medo e crime, criou em 1845 o longo poema “O corvo”: “Once upon a midnight dreary, while I pondered, weak and weary...”. Ivo Barroso organizou um livro (*O corvo e Suas Traduções*), colocando lado a lado as diversas traduções desse poema que fascinou diferentes autores de diversas épocas, provocando versões variadas. Ali estão Baudelaire, Mallarmé, Machado de Assis (“Em certo dia, à hora, à hora / Da meia-noite que apavora, / Eu caindo de sono e exausto de fadiga...”), Emílio de Meneses, Fernando Pessoa (“Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste...”), Gondin da Fonseca, Milton Amado, Benedito Lopes, Alexei Bueno (“Numa meia-noite cava, quando, exausto, eu meditava...”).

No Brasil, um poeta absolutamente singular construiu sua obra no território do “mau gosto”, da morbidez, da noite e da morte: Augusto dos Anjos. Num depoimento, Carlos Drummond de Andrade diz: “Li o *Eu* na adolescência, e foi como se levasse um soco na cara”.

Os versos de Augusto dos Anjos poderiam servir de epígrafes a obras como *Frankenstein* e *Drácula*:

“Sou uma Sombra! Venho de outras eras (...)
E é de mim que decorrem, simultâneas,
A saúde das forças subterrâneas
E a morbidez dos seres ilusórios!”

(“Monólogo de uma sombra”)

Ou

“Como um fantasma que se refugia
Na solidão da natureza morta,
Por trás dos ermos túmulos, um dia,

Eu fui refugiar-me à tua porta!”

(“Solitário”)

O fascínio da literatura de terror e mistério se renova, mas é sempre bom voltar aos clássicos e descobrir por que a obra deles permanece. Porque desperta no leitor aquele medo bom daquele tema impressionante, impressionantemente bem escrito.

+++

AUTOR E OBRA

Luiz Raul Machado é escritor, especialista em literatura infantil e juvenil, colaborador da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, inclusive em cursos de qualificação em literatura para professores.

+++

NOTAS

1. Titã! Para aqueles olhos imortais

Os sofrimentos da mortalidade,

Vistos na sua triste realidade,

Não eram como as coisas que os deuses desprezam...

Titã: criatura poderosa da mitologia grega. Os Titãs entraram em guerra com Zeus, na origem do Universo. Triunfando nessa guerra, Zeus se tornou o senhor do Universo e dos demais deuses. Prometeu era um titã, mas se aliou a Zeus na guerra, embora depois tenham rompido.



S A queda da casa de Usher

Edgar Allan Poe

Tradução: Domingos Demasi

*Son coeur est um luth suspendu;
Sitôt qu'on le touche il résonne.*

[Seu coração é um alaúde suspenso;
Tão logo tocado, ele ressoa]
Béranger

Durante todo um dia de outono, monótono, escuro e silencioso, quando as nuvens pendiam opressivamente baixas no céu, eu tinha passado sozinho, a cavalo, por um trecho de terreno singularmente lúgubre e, finalmente me encontrei, quando as sombras da noite se aproximavam, diante da triste visão da Casa de Usher. Não sei o motivo, mas, ao primeiro vislumbre do edifício, uma sensação de insuportável melancolia permeou meu espírito. Digo insuportável, pois a sensação não foi aliviada por quaisquer daqueles sentimentos algo prazenteiros, porque poéticos, com os quais a mente normalmente acolhe até mesmo as imagens naturais mais horrendas do desolado ou do terrível. Observei a cena diante de mim – a casa e a paisagem simples, características da propriedade, as paredes desoladas, as janelas como órbitas vazias, poucos canteiros de ervas daninhas e alguns troncos alvos de árvores podres – com uma profunda depressão da alma que não consigo comparar a nenhuma sensação terrena com mais propriedade do que à depressão após

a euforia causada ao fumador pelo ópio – o amargo retorno à vida diária, o terrível cair do véu.

Havia uma frigidez, uma prostração, uma repugnância do coração – um temor não suavizado em pensar que nenhum estímulo da imaginação seria capaz de extrair qualquer coisa do sublime. O que era – parei para pensar –, o que era que tanto me desalentava ao olhar a Casa de Usher? Era um mistério totalmente insolúvel; nem conseguia alcançá-lo com as ideias nebulosas que me abarrotavam enquanto ponderava. Fui forçado a ceder à conclusão insatisfatória de que, fora de qualquer dúvida, há combinações de desígnios naturais muito simples que, desse modo, têm o poder de nos afetar, mas que a análise desse poder está entre as reflexões que se encontram além do nosso alcance.

Era possível, refleti, que um mero arranjo diferente de pormenores da cena, dos detalhes do quadro, fosse suficiente para modificar ou, talvez, aniquilar sua capacidade para impressões penosas; e, agindo de acordo com essa ideia, conduzi meu cavalo até a íngreme beirada de um pequeno lago negro e lúgubre que se estendia liso como um espelho perto da moradia e olhei abaixo – com um tremor mais intenso do que antes – para as imagens invertidas e modificadas dos arbustos cinzentos, dos troncos lívidos das árvores e das janelas iguais a órbitas vazias.

Contudo, eu agora me propunha residir algumas semanas nessa mansão sombria. Seu proprietário, Roderick Usher, fora um dos meus alegres companheiros de infância; mas muitos anos haviam se passado desde o nosso último encontro. Uma carta, entretanto, me alcançara recentemente numa parte distante do país – uma carta dele –, na qual, em sua importuna natureza tempestuosa, não admitira senão uma resposta pessoal. O manuscrito evidenciava uma agitação nervosa. O redator falava de uma aguda doença física, de uma desordem mental que o oprimia e de um desejo intenso de me ver, como seu melhor, e de fato seu único amigo pessoal, com a finalidade de tentar, pela alegria de meu convívio, algum alívio de sua enfermidade.

Foi o modo como tudo isso, e muito mais, foi dito – a emoção que acompanhou seu pedido – que não me deixou espaço para a hesitação; e,

portanto, obedeci incontinentemente ao que, não obstante, considerava uma convocação muito singular.

Embora, quando meninos, tivéssemos sido colegas muito íntimos, eu, no entanto, conhecia muito pouco do meu amigo. Sua reserva sempre fora excessiva e constante. Eu estava ciente, entretanto, de que sua família, muito antiga, se distinguira, em tempos imemoriais, por uma sensibilidade peculiar de temperamento, revelando-se, através de longas eras, em muitas obras de sublime arte, e manifestada, mais recentemente, em repetidos atos de generosa, porém discreta, caridade, como também em uma apaixonada devoção às complexidades, talvez ainda mais do que às ortodoxas e facilmente reconhecíveis belezas, da ciência musical. Eu soubera, também, do fato notável de que o tronco genealógico dos Usher, sempre tão ilustre, não dera origem, em nenhum período, a nenhum ramo duradouro; em outras palavras, que a família toda se perpetuara em linha direta de descendência, e sempre assim fora, com variações insignificantes e temporárias.

Era essa deficiência, imaginava, enquanto percorria em pensamentos a perfeita harmonia do aspecto da propriedade com o reconhecido caráter das pessoas e enquanto especulava sobre a possível influência que um, na longa passagem dos séculos, poderia ter causado no outro – era essa deficiência, talvez, de parentes colaterais e a conseqüente invariável propagação, de pai para filho, do patrimônio com o nome que tinham, finalmente, identificado os dois, chegando a fundir o título original da propriedade na estranha e ambígua denominação de “Casa de Usher” – uma denominação que parecia incluir, na mente dos camponeses que a usavam, tanto a família quanto a mansão da família.

Eu disse que o único efeito de minha experiência um tanto infantil – a de olhar abaixo para a lagoa – aprofundara a primeira impressão peculiar. Não pode haver dúvida de que a percepção do rápido aumento de minha superstição – por que não deveria expressá-la? – serviu principalmente para intensificar esse próprio aumento. Tal, de há muito sei, é a lei paradoxal de todos os sentimentos que têm como base o terror. E deve ter sido apenas por esse motivo que, quando ergui novamente a vista, de sua

imagem refletida no lago, para a própria casa, cresceu em minha mente uma estranha ideia – aliás, uma ideia tão ridícula que somente a menciono para mostrar a intensa força das sensações que me oprimiam. Eu forçara tanto a minha imaginação que realmente acreditava que, na mansão inteira e na propriedade, pairava uma atmosfera bastante peculiar, própria dela e dos arredores – uma atmosfera que não tinha nenhuma afinidade com o ar do céu, mas que emanava das árvores podres, do muro cinzento e da lagoa silenciosa –, uma névoa pestilenta e mística, carregada, morosa, debilmente discernível e plúmbea.

Livrando meu espírito do que *devia* ser um sonho, examinei mais minuciosamente o verdadeiro aspecto do edifício. Sua principal característica parecia ser a excessiva antiguidade. A descoloração das eras fora grande. Minúsculos fungos se espalhavam por todo o exterior, pendendo dos beirais numa fina e emaranhada teia. Tudo isso, porém, não indicava uma maior deterioração. Nenhuma parte da alvenaria havia desabado; e parecia haver grande inconsistência entre os encaixes ainda perfeitos dos blocos e as condições desintegradoras de cada pedra. Isso muito me lembrou a enganosa integridade do antigo trabalho em madeira apodrecida por longos anos em alguma adega esquecida, sem a perturbação do bafo de ar exterior.

Além dessa indicação de extensa decadência, porém, a estrutura dava poucos sinais de instabilidade. Talvez o olhar escrutinador de um observador pudesse descobrir uma rachadura quase imperceptível, que se estendia do telhado do prédio pela frente, descendo em zigue-zague pela parede, até se perder nas águas turvas do lago.

Notando essas coisas, atravessei com o cavalo o curto passadiço até a casa. Um cavaleiro cuidou da minha montaria, e atravessei o arco gótico do vestíbulo. Um criado, de passos furtivos, dali me conduziu, em silêncio, por muitas passagens escuras e tortuosas em minha marcha para o estúdio de seu amo. Muito do que vi pelo caminho contribuiu, não sei como, para aumentar as vagas sensações de que já falei. Enquanto os objetos à minha volta – os entalhes do teto, as sombrias tapeçarias nas paredes, o negrume do ébano dos assoalhos e os fantasmagóricos troféus

armoriais que rangiam quando eu caminhava – não passavam de objetos aos quais eu estava, ou deveria estar, acostumado desde a infância; enquanto eu hesitava em não reconhecer o quanto tudo aquilo era familiar, ainda me impressionava perceber o quanto eram estranhas as visões que essas imagens tão comuns causavam em mim. Em uma das escadas, encontrei o médico da família. Seu semblante, julguei, exibia uma expressão misto de falta de ânimo e perplexidade. Falou comigo um pouco afobado e foi embora. O criado então abriu uma porta e conduziu-me à presença de seu amo.

O aposento no qual me encontrava era amplo e alto. As janelas eram compridas, estreitas e pontudas e estavam a tão vasta distância do assoalho de carvalho negro que eram totalmente inacessíveis do lado de dentro. Débeis raios de luz tingida de vermelho abriam caminho através das gelosias e ajudavam a tornar suficientemente visíveis os objetos mais notáveis ali em volta; o olho, porém, pelejava em vão para alcançar os ângulos remotos da sala ou os recessos do teto abobadado e ornado de gregas¹. Tapeçarias escuras pendiam das paredes. A mobília em geral era profusa, desconfortável, antiga e gasta. Muitos livros e instrumentos musicais se encontravam espalhados por ali, mas não forneciam nenhuma vitalidade à cena. Eu sentia que respirava uma atmosfera de tristeza. Um ar de severo, profundo e irremediável desalento pairava por toda parte e a tudo impregnava.

Quando entrei, Usher levantou-se de um sofá no qual estivera deitado ao comprido e me cumprimentou com calorosa vivacidade, na qual havia muito, achei a princípio, de cordialidade forçada, de esforço coagido de homem mundano *ennuyé*².

Um olhar, porém, para seu semblante convenceu-me de sua perfeita sinceridade. Sentamo-nos, e, por alguns momentos, enquanto ele nada falava, fitei-o com um sentimento misto de piedade e espanto. Certamente, nenhum homem jamais se transformara tão terrivelmente antes, em tão curto espaço de tempo, como Roderick Usher!

Foi com dificuldade que me forcei a admitir a identidade entre o homem doentio diante de mim e o meu companheiro de infância. No

entanto, as características de seu rosto sempre haviam sido notáveis. Uma compleição cadavérica; olhos sem comparação, grandes, fluidos e luminosos; lábios um tanto finos e muito pálidos, mas de uma curvatura extremamente bela; nariz de um padrão hebraico delicado, mas com narinas largas, incomuns nessas formações semelhantes; um queixo finamente esculpido, revelando, em sua ausência de protuberância, uma falta de energia moral; cabelos mais macios e frágeis do que uma teia; esses traços, com uma desordenada expansão acima das regiões da têmpora, formavam um conjunto de feições difícil de esquecer. E agora, com o mero exagero da característica predominante desses traços e da expressão que costumavam mostrar, havia uma tal mudança que eu não estava certo de quem era meu interlocutor.

A agora cadavérica lividez da pele e o agora assombroso brilho do olho, acima de todas as coisas, me surpreendiam e até mesmo me assustavam. Ao cabelo sedoso, ademais, fora permitido crescer descuidado, e como, em sua agreste textura de teia de aranha, flutuasse em vez de cair sobre o rosto, eu não conseguia, mesmo com esforço, ligar sua arabesca expressão a qualquer ideia de simples humanidade.

Nos modos de meu amigo, imediatamente fiquei impressionado com uma incoerência – uma inconsistência; e logo descobri que isso se devia a uma série de débeis e fúteis pelepas para superar uma tremedeira habitual – uma excessiva agitação nervosa. Para algo dessa natureza, eu fora preparado, não apenas por sua carta, mas pelas lembranças de certas características da infância e pelas conclusões tiradas de seu estado físico e temperamento peculiares. Suas atitudes eram alternadamente animadas e taciturnas. Sua voz variava rapidamente de uma trêmula indecisão (quando sua vitalidade se acentuava) àquela espécie de enérgica concisão, aquele enunciado abrupto, pesado, lento e oco, aquele modo de falar moroso, equilibrado e perfeitamente modulado e gutural, que se pode observar no bêbado desorientado ou no inveterado fumante de ópio, durante os períodos de sua mais intensa excitação.

Foi desse modo que ele falou do objetivo de minha visita, de seu determinado desejo de me ver e do alívio que esperava que eu lhe

proporcionasse. Introduziu, com algumas minúcias, o que pensava que fosse a natureza de sua enfermidade. Era, disse ele, um mal inerente à família, e para o qual perdera a esperança de encontrar um remédio – uma simples moléstia nervosa, acrescentou de imediato, a qual indubitavelmente logo passaria. Manifestava-se com uma série de sensações antinaturais. Algumas, enquanto ele as detalhava, me interessaram e me deixaram aturdido, embora, talvez, os termos e o modo geral da narração tivessem um certo peso. Ele sofria muito de uma mórbida agudeza dos sentidos; somente tolerava a comida mais insípida; só podia usar roupas com certa textura; os odores de todas as flores eram opressivos; seus olhos eram torturados até pela luz mais suave; e havia apenas sons peculiares, como os de instrumentos de corda, que não lhe provocavam horror.

Considerarei-o um penhorado escravo de uma anômala espécie de terror.

– Eu vou morrer – disse ele. – *Devo* morrer nesta loucura deplorável. Assim, assim e não de outra maneira, estarei eu perdido. Tenho pavor dos acontecimentos futuros, não em si mesmos, mas de seus resultados. Tremo só de pensar em qualquer, mesmo no mais trivial, incidente que possa afetar essa intolerável agitação da alma. Não tenho, de fato, aversão ao perigo, mas, sim, ao seu efeito absoluto – o terror. Neste desalentado e deplorável estado, sinto que, mais cedo ou mais tarde, chegará o momento em que deverei abandonar a vida, junto com a razão, em alguma luta com o sinistro fantasma, o MEDO.

Descobri, além disso, aos poucos e por insinuações confusas e fragmentadas, outro traço singular de seu estado mental. Ele vivia acorrentado a certas noções supersticiosas relativas à casa em que morava, de onde, por muitos anos, nunca se aventurara a sair. Tudo relacionado a uma influência cuja suposta força foi transmitida em termos muito sombrios para serem repetidos aqui. Uma influência que algumas peculiaridades nas simples forma e substância da mansão da família haviam, por meio de longo sofrimento, disse ele, obtido sobre seu espírito. – Era o efeito que o *physique* das paredes e torreões cinzentos, e do

sombrio lago para dentro do qual tudo olhava, tinha, finalmente, exercido sobre o *morale* de sua existência.

Ele admitia, porém, embora com hesitação, que grande parte da peculiar melancolia que o afligia podia ter uma origem mais natural e muito mais palpável na grave e prolongada doença e na morte, que evidentemente se aproximava, de uma afetuosamente adorada irmã, sua única companhia por longos anos, sua última e única parente na terra.

– Seu falecimento – disse ele, com uma amargura que jamais conseguirei esquecer – me deixaria (a ele, o desesperado e fraco) como o último da antiga raça dos Usher.

Enquanto ele falava, *lady* Madeline (pois era esse seu nome) passou lentamente por uma parte afastada do aposento e, sem notar minha presença, desapareceu. Olhei-a com grande espanto, não livre de temor; ainda assim, achei impossível justificar tais sentimentos. Uma sensação de estupor me oprimiu, enquanto meus olhos seguiam seus passos em retirada. Quando uma porta, finalmente, se fechou atrás dela, meu olhar procurou instintiva e ansiosamente o semblante do irmão; mas ele afundara o rosto nas mãos, e pude apenas perceber que uma palidez maior do que a normal havia se espalhado pelos dedos macilentos, através dos quais gotejavam muitas lágrimas ardentes.

A doença de *lady* Madeline havia muito tempo desafiava a habilidade de seus médicos. Uma eterna apatia, um gradual definhamento físico e frequentes, embora passageiros, ataques de caráter parcialmente cataléptico constituíam o incomum diagnóstico. Até então ela resistira com firmeza à pressão de sua enfermidade e não se confinara ao leito; mas, ao final da tarde do dia em que cheguei à casa, ela sucumbiu (como me informou seu irmão, à noite, com inexprimível comoção) ao poder aniquilador do extermínio; e eu soube que o vislumbre que tivera de sua pessoa seria talvez o último que obteria e que a dama, pelo menos enquanto vivesse, não seria mais vista por mim.

Por vários dias que se seguiram, seu nome não foi mencionado, nem por Usher nem por mim; e, durante esse período, ocupei-me, com sérios esforços, em aliviar a melancolia do meu amigo. Pintávamos e líamos

juntos; ou eu ouvia, como num sonho, as extraordinárias improvisações de seu expressivo violão. E, assim, à medida que uma intimidade cada vez maior me permitia um acesso mais sem reservas ao recesso de seu espírito, mais amargamente me dava conta da inutilidade de todas as tentativas de alegrar uma mente da qual a escuridão, como uma qualidade inerente e positiva, despejava-se sobre todos os objetos do universo físico e moral, numa incessante radiação de tristeza.

Sempre levarei comigo a lembrança das muitas horas solenes que desse modo passei sozinho com o senhor da Casa de Usher. Contudo fracassaria em qualquer tentativa de transmitir uma ideia do exato caráter dos estudos ou das ocupações nos quais ele me envolvia ou me conduzia. Uma idealização arrebatada e altamente desregrada lançava um brilho sulfuroso sobre tudo. Seus longos e improvisados cantos fúnebres ressoarão eternamente em meus ouvidos. Entre outras coisas, mantenho dolorosamente na lembrança certa deturpação singular e amplificação da extravagante melodia da última valsa de Von Weber; das pinturas que sua complicada imaginação remoía, e que cresciam, pincelada a pincelada, até uma indefinição que me fazia estremecer emocionadamente. E eu estremecia sem saber por quê, pois dessas pinturas (tão vívidas que até hoje suas imagens estão diante de mim), em vão, eu me empenharia em reproduzir aqui mais do que uma pequena porção do que seria passível de ser traduzido por meras palavras escritas.

Através da total simplicidade, da nudez de seus desenhos, ele prendia e sujeitava a atenção. Se jamais um mortal pintou uma ideia, esse mortal foi Roderick Usher. Para mim pelo menos, nas circunstâncias que então me cercavam, das puras abstrações que o hipocondríaco conseguia jogar em suas telas provinha uma intensidade de intolerável pavor, algo que nem de longe jamais senti ao contemplar os certamente brilhantes, se bem que concretos demais, devaneios de Fuseli³.

Uma das criações fantasmagóricas do meu amigo, embora não tão rígida no conceito da abstração, pode ser descrita em palavras, ainda que debilmente. Um pequeno quadro representava o interior de uma galeria ou túnel imensamente longo e retangular, com paredes baixas, lisas,

brancas e sem interrupção ou ornamentos. Certos pontos acessórios do desenho transmitiam bem a ideia de que essa escavação ficava numa extrema profundidade abaixo da superfície da terra. Nenhuma saída era observada em nenhuma parte de seu vasto comprimento, e não era discernível nenhuma tocha ou outra fonte artificial de luz; contudo, havia uma inundação de raios intensos que banhava tudo num fantasmagórico e inadequado esplendor.

Falei há pouco do estado mórbido do nervo auditivo que torna toda música intolerável a esse sofredor, com exceção de certas impressões causadas por instrumentos de corda. Foram talvez os estreitos limites a que ele se restringia ao violão que deram origem em grande parte à fantástica natureza de sua execução. Mas a fervorosa facilidade de seus improvisos não podia ser explicada. Eles deviam ser, e eram, nas notas, como também nas letras de suas loucas fantasias (pois ele, não raramente, se fazia acompanhar de improvisações verbais rimadas), o resultado da serenidade e da concentração mentais intensas, às quais me referi antes, observadas apenas em momentos particulares da maior excitação artificial.

Da letra de uma dessas rapsódias eu me lembro bem. Talvez eu tenha ficado tão impressionado, quando ele a cantou, porque, na corrente implícita ou mística de seu significado, julguei ter percebido, e pela primeira vez, a plena consciência, por parte de Usher, da instabilidade de sua altiva racionalidade sobre o poder dela. Os versos, intitulados “O palácio assombrado”, eram, se não exatamente, mais ou menos assim:

I.
No mais verde de nossos vales,
Por bons anjos habitados,
Outrora um belo e imponente palácio...
Radiante palácio... erguia seu topo.
Nos domínios do monarca Pensamento...
Ali ele se situava!
Nenhum serafim jamais abriu as asas
Sobre construção tão bela.

II.

Bandeiras amarelas, gloriosas, douradas,
Em seu telhado flutuavam e ondulavam
(Isso – tudo isso – foi nos velhos
Tempos de muito antes);
E cada suave brisa que se demorava,
Naquele dia suave,
Pelos baluartes emplumados e pálidos,
Um ligeiro odor desprendia.

III.

Caminhantes por aquele vale feliz
Por duas janelas iluminadas viam
Espíritos movimentando-se musicalmente
Sob o repertório do alaúde bem afinado;
Em volta de um trono, onde se sentava
(Porfirogênito!⁴)
Na condição de sua condizente glória,
Era visto o senhor do reino.

IV.

E toda com pérolas e rubis brilhantes
Era a bela porta do palácio,
Através da qual seguia, seguia, seguia,
E cada vez mais cintilando,
Um bando de Ecos cujo suave dever
Era apenas cantar,
Com vozes de insuperável beleza,
A inteligência e a sabedoria de seu rei.

V.

Vultos maus, porém, em vestes de luto,
Atacaram o alto escalão do monarca
(Ah, lamentemos, pois jamais o amanhã
amanhecerá para ele, o infeliz!);

E, em volta de seu lar, a glória
Que enrubescia e florescia
Não passa de uma história de pouca lembrança
Dos velhos tempos sepultados.

VI.

E viajantes agora, por aquele vale,
Pelas janelas iluminadas de vermelho, veem
Grandes formas que se movem fantasticamente
A uma discordante melodia;
Enquanto isso, como um veloz rio espectral,
Através da pálida porta
Passa eternamente uma medonha multidão
E gargalha – porém não mais sorri.

Lembro-me bem de que sugestões suscitadas por essa balada nos levaram a uma linha de pensamento na qual se tornou evidente uma opinião de Usher, que menciono não tanto por causa de sua novidade (outros homens⁵ já pensaram assim), mas por conta da insistência com que a sustentava. Essa opinião, em sua forma geral, era em relação à sensibilidade de todos os vegetais. Contudo, em sua imaginação desordenada, a ideia adotara um caráter mais ousado e transgredira, sob certos aspectos, o reino do inorgânico.

Faltam-me palavras para expressar toda a extensão ou a sincera *desenvoltura* de sua convicção. A crença, entretanto, estava relacionada (como insinuei anteriormente) com as pedras cinzentas do lar de seus antepassados. A natureza da sensibilidade aqui, imaginava ele, se baseara no método de colocação dessas pedras. Na ordem em que foram arrumadas, como também a dos muitos fungos que se espalhavam por elas, e das árvores apodrecidas que ficavam em volta. Acima de tudo, na longa e imperturbável duração desse arranjo e na sua repetição nas águas paradas do lago. Sua evidência – a evidência da sensibilidade – podia ser vista, dizia ele (e aqui me assustei, enquanto ele falava), na gradual mas indubitável condensação de uma atmosfera, própria delas, em volta da

água e das paredes. O resultado, acrescentou, era perceptível naquela silenciosa, ainda que perturbadora e terrível influência que durante séculos moldara os destinos de sua família e que fizera *dele* aquilo que agora eu via – o que *ele era*. Tais opiniões dispensam comentários, e não farei nenhum.

Nossos livros – os livros que, durante anos, haviam formado grande parte da existência mental do inválido – estavam, como era de supor, em perfeita harmonia com essa natureza ilusória. Nós nos debruçávamos sobre obras como *Ververt et Chartreuse*⁶, de Gresset; *Belphegor*, de Maquiavel⁷; *Heaven and Hell*⁸, de Swedenborg; *Subterranean Voyage of Nicholas Klimm*⁹, de Holberg; *Chiromancy*¹⁰, de Robert Flud, Jean JD'Indaginé e De la Chambre; *Journey into the Blue Distance*¹¹, de Tieck; e *City of the Sun*¹², de Campanella. Um volume favorito era a pequena edição in-oitavo do *Directorium Inquisitorum*¹³, do dominicano Eymerico de Gerona; e havia passagens em *Pompônio Mela* sobre os velhos sátiros¹⁴ e egipãs africanos¹⁵ sobre as quais Usher se detinha, sonhando por horas. Seu maior prazer, contudo, se encontrava na leitura atenta de um livro muitíssimo raro e curioso em gótico in-quarto – o manual de uma igreja esquecida –, a *Vigiliae Mortuorum Secundum Chorum Ecclesiae Maguntinae*¹⁶.

Não pude deixar de pensar no louco ritual dessa obra e de sua provável influência sobre os hipocondríacos, quando, certa noite, após me informar abruptamente que *lady* Madeline havia falecido, ele afirmou sua intenção de preservar seu cadáver por duas semanas (antes de seu enterro final) em uma das numerosas câmaras existentes na parte interna das paredes principais do prédio. O motivo, embora profano, para esse singular procedimento era de tal natureza que não me senti à vontade para discutir. O irmão fora levado a essa decisão (segundo me disse) em razão da natureza incomum da enfermidade da falecida, de certas perguntas inconvenientes e impulsivas por parte dos médicos que a tratavam e da localização remota e exposta do cemitério da família. Não negarei que, ao me lembrar do semblante sinistro da pessoa que encontrara na escada, no dia de minha chegada à casa, não senti desejo algum de me opor ao que

parecia, na melhor das hipóteses, uma precaução inofensiva e, de modo algum, antinatural.

A pedido de Usher, ajudei-o pessoalmente nos preparativos do enterro temporário. Tendo sido o corpo colocado no caixão, nós dois sozinhos o levamos ao seu descanso. A câmara na qual o colocamos (e que estivera tanto tempo fechada que nossas tochas, meio apagadas em sua opressiva atmosfera, nos permitiram pouca chance de um exame) era pequena, úmida e totalmente sem meios de uma entrada de luz; situava-se, a grande profundidade, imediatamente abaixo daquela parte da edificação na qual ficava o meu quarto de dormir. Aparentemente, ela tinha sido usada, em remota época feudal, para o pior dos propósitos de um calabouço e, em período mais recente, como um depósito de pólvora ou outra substância altamente inflamável, pois parte de seu chão e todo o interior da comprida arcada através da qual chegamos ali foram cuidadosamente revestidos de cobre. A porta, de ferro maciço, havia também sido protegida de modo semelhante. Seu imenso peso, quando movimentada nas dobradiças, causava um ruído notavelmente agudo, áspero.

Tendo depositado nosso triste fardo sobre cavaletes nesse lugar de horror, afastamos parcialmente a tampa do caixão, que ainda não tinha sido aparafusada, e contemplamos o rosto de sua ocupante. Uma incrível semelhança entre o irmão e a irmã atraiu então a minha atenção pela primeira vez; e Usher, adivinhando, talvez, meus pensamentos, murmurou algumas palavras, pelas quais descobri que a morta e ele eram gêmeos e que sempre existiram entre eles afinidades de uma espécie quase incompreensível. Nossos olhares, porém, não demoraram muito sobre a morta, pois não conseguíamos vê-la inconfessada. A enfermidade que levava ao túmulo a dama na flor da idade, como é usual em todas as doenças de caráter estritamente cataléptico, deixara o arremedo de um leve rubor no seio e no rosto e aquele suspeito sorriso que permanecia nos lábios e que é tão terrível na morte. Recolocamos a tampa e a parafusamos e, após fechar a porta de ferro, seguimos nosso caminho, com dificuldade, para os poucos aposentos menos sombrios da parte superior da casa.

Mas, passados alguns dias de amarga tristeza, uma perceptível mudança apoderou-se das características da desordem mental do meu amigo. Seus modos habituais haviam desaparecido. Suas ocupações costumeiras foram negligenciadas ou esquecidas. Ele vagava de aposento a aposento com passos apressados, desiguais e sem objetivo. A lividez de seu semblante adotara, se possível, uma tonalidade ainda mais pálida, e a luminosidade de seus olhos havia desaparecido por completo. A outrora ocasional rouquidão de seu tom de voz não era mais ouvida, e um trêmulo garganteio, como que produzido por extremo terror, caracterizava habitualmente sua expressão vocal. Houve ocasiões, aliás, em que pensei que sua mente incessantemente agitada lidava com algum segredo opressivo e que ele tentava conseguir a coragem necessária para divulgá-lo. Novamente, em algumas ocasiões, fui obrigado a atribuir tudo às meras venetas inexplicáveis da loucura, pois observei-o fitar por longas horas o vazio, numa atitude da mais profunda atenção, como se ouvisse algum som imaginário. Não era de admirar que seu estado me aterrorizasse – e me contaminasse. Senti rastejar sobre mim, lenta mas gradualmente, a louca influência de suas fantásticas, mas impressivas, superstições.

Foi, especialmente, ao me recolher ao leito, tarde da noite do sétimo ou oitavo dia após termos colocado *lady* Madeline no calabouço, que vivenciei a força total de tais sentimentos. O sono não se aproximava do meu leito, enquanto as horas se desvaneciam e se dissipavam.

Pelejei para racionalizar o nervosismo que me dominava. Empenhava-me em acreditar que parte, se não tudo, do que sentia devia-se à influência desconcertante da sombria mobília do quarto, das tapeçarias escuras e esfarrapadas, as quais, forçadas ao movimento pelo sopro de uma tempestade em formação, sacudiam-se espasmodicamente para um lado e para o outro sobre as paredes e roçavam inquietas pelos adornos da cama. Meus esforços, porém, foram em vão. Um irreprimível temor gradualmente impregnou meu corpo e, finalmente, instalou-se em meu coração um ícubo de alarme totalmente infundado. Sacudindo-o fora com um arquejo e estremeamento, ergui a cabeça do travesseiro e,

observando com determinação a intensa escuridão do aposento, ouvi – não sei por quê, talvez um espírito instintivo me tivesse impelido – certos sons baixos e indefinidos que vinham, sem que eu soubesse de onde, em longos intervalos, através das pausas da tempestade. Dominado por intenso sentimento de horror, inexplicável e no entanto insuportável, vesti-me rapidamente, pois sabia que não conseguiria mais dormir durante a noite, e tentei livrar-me daquele deplorável estado em que me encontrava, caminhando rapidamente de um lado a outro do quarto.

Eu dera apenas algumas voltas dessa maneira, quando o leve som de passos numa escada próxima atraiu minha atenção. Imediatamente reconheci que eram de Usher. Um instante depois, ele deu uma sutil batida na minha porta e entrou carregando um lampião. Seu semblante, como sempre, era de uma palidez cadavérica, mas, além disso, existia uma espécie de desvairada alegria em seus olhos, uma *histeria* evidente em todo o seu comportamento. Seu ar me amedrontava, mas qualquer coisa era preferível à solidão que eu tanto tempo suportara. Assim, acolhi sua presença até mesmo com certo alívio.

– E você não viu? – perguntou abruptamente depois de examinar à sua volta, por alguns minutos, em silêncio. – Ainda não viu?... Mas espere! Verá. – Assim falando, e tendo protegido cuidadosamente o lampião, ele correu até uma das janelas de batente e a escancarou à tempestade.

A impetuosa fúria da rajada que entrou quase nos ergueu do chão. Era, de fato, uma noite tempestuosa, mas terrivelmente bela e estranhamente singular em seu terror e sua beleza. Um redemoinho aparentemente reunira suas forças em nossa vizinhança, pois havia frequentes e violentas alterações na direção do vento; e a extrema densidade das nuvens (que pendiam tão baixo como se pressionassem os torreões da casa) não impedia que observássemos a vigorosa velocidade com que deslizavam, vindas de todos os pontos, umas contra as outras, sem desaparecer a distância. Afirmo que nem sua excessiva densidade nos impedia de perceber isso. Entretanto, não tínhamos nenhum vislumbre da Lua ou das estrelas, nem havia nenhum clarão de relâmpago. Mas as superfícies inferiores das enormes massas de vapor agitado, assim como todos os

objetos terrestres imediatamente à nossa volta, brilhavam à luz antinatural de uma exalação gasosa fracamente luminosa e claramente visível que pairava ali e envolvia a mansão como uma mortalha.

– Você não deve... você não pode olhar isso – falei, tremendo, para Usher, ao conduzi-lo, com delicada pressão, da janela até um assento. – Essas aparições, que tanto o deixam aturdido, são meramente fenômenos elétricos nada incomuns ou talvez tenham sua origem horrenda no miasma fedorento do lago. Vamos fechar a janela, o ar está gelado, e isso é perigoso para seu estado. Eis aqui um dos seus romances favoritos. Eu lerei, e você ouvirá; desse modo, superaremos juntos esta noite terrível.

O volume antigo que eu havia apanhado era *Louca Irmandade*, de Sir Launcelot Canning; mas o chamara de favorito de Usher mais como um triste gracejo do que a sério, pois, na verdade, há pouca coisa em sua esquisita e prosaica prolixidade que pudesse interessar a elevada e espiritual imaginação do meu amigo. Era, porém, o único livro imediatamente à mão; e cedi a uma vaga esperança de que a emoção que agora agitava o hipocondríaco pudesse encontrar alívio (a história das perturbações mentais é repleta de anomalias semelhantes) mesmo na excessiva insensatez que eu ia ler. A julgar, de fato, pelo exagerado ar imoderado de vivacidade com que ele escutava atentamente, ou aparentava escutar, as palavras da história, eu bem que poderia me congratular pelo sucesso do meu plano.

Eu chegara ao bem conhecido trecho da história em que Ethelred, o herói da Irmandade, tendo se empenhado em vão por um acesso pacífico à habitação do eremita, decide entrar pela força. Aqui, lembro-me bem, a narrativa prossegue assim:

“E Ethelred, que, por natureza, tinha um coração valente e, sobretudo agora, sentia-se forte por causa do poder do vinho que havia tomado, não esperou mais tempo para negociar com o eremita – o qual, na verdade, tinha uma tendência à obstinação e à maldade – e, sentindo a chuva sobre os ombros e temendo o aumento da tempestade, ergueu a maçã bem alto e, com golpes, abriu rapidamente espaço nas pranchas da porta para sua mão guarnecida de manopla; e agora, puxando-a com força, ele de tal

modo a rachou e quebrou e a fez toda em pedaços que o alarmante ruído da madeira seca e oca reverberou por toda a floresta”.

Ao final dessa frase, sobressaltei-me e, por um momento, fiquei parado; é que a mim me pareceu (embora imediatamente concluísse que minha agitada imaginação me enganara), a mim me pareceu que, de alguma parte muito remota da mansão, chegara, indistintamente, aos meus ouvidos, o que poderia ter sido, por sua exata semelhança, o eco (certamente baixo e abafado) do próprio som de estalar e de quebrar que Sir Launcelot descrevera tão detalhadamente. Foi, sem nenhuma dúvida, apenas a coincidência que prendera a minha atenção; afinal, em meio ao chocalhar dos caixilhos das janelas e dos ruídos normais misturados da tempestade que ainda aumentava, o som, por si só, nada tinha, certamente, que pudesse me interessar ou me perturbar. Continuei a história:

“Mas o valente herói Ethelred, agora passando pela porta, ficou extremamente enfurecido e surpreso por não notar nenhum sinal do malvado eremita; no lugar deste, porém, havia um dragão escamoso e de medonha aparência, e com a língua de fogo, que permanecia de guarda diante de um palácio de ouro, com o chão de prata; do muro, pendia um escudo de bronze reluzente, com o seguinte dístico inscrito:

Quem aqui entrar, um conquistador será;
Quem o dragão matar, o escudo ganhará.

E Ethelred ergueu sua maça e atingiu na cabeça o dragão, que caiu diante dele e exalou o seu bafo pestilento, com um guincho tão horrível e áspero e, ao mesmo tempo, tão penetrante que Ethelred foi forçado a tapar os ouvidos com as mãos para se proteger daquele ruído, algo que ele nunca tinha ouvido antes”.

Aqui, novamente, fiz uma pausa abrupta, e agora com uma sensação de grande surpresa, pois não podia haver dúvida de que, dessa vez, eu de fato ouvira (embora me parecesse impossível dizer de que direção provinha) um baixo e aparentemente distante, mas áspero, demorado e muito

invulgar grito ou som rascante – a reprodução exata do que a minha imaginação havia evocado como o guincho sobrenatural descrito pelo romancista.

Afligido, como certamente me encontrava, pela ocorrência dessa segunda e mais extraordinária coincidência e por mil sensações conflitantes, nas quais perplexidade e extremo terror eram predominantes, ainda possuía suficiente presença de espírito para evitar estimular, ao fazer qualquer observação, a sensitiva nervosidade do meu companheiro.

Eu não tinha certeza de que ele notara os sons em questão, embora, certamente, durante os últimos minutos, tivesse ocorrido uma estranha alteração no seu comportamento. De uma posição defronte a mim, ele gradualmente girou sua cadeira, de modo a ficar sentado com o rosto para a porta da sala; assim, eu conseguia distinguir apenas parcialmente o seu rosto, embora visse que seus lábios tremiam como se ele estivesse murmurando inaudivelmente. A cabeça pendera para o peito, mas eu sabia que ele não estava dormindo, por causa dos olhos bem abertos e fixos, quando os vi de perfil. Os movimentos de seu corpo, igualmente, não indicavam que dormisse, pois ele o oscilava de um lado para o outro com um suave, porém constante e uniforme balanço. Após ter rapidamente notado tudo isso, retomei a narrativa de Sir Launcelot, que assim prosseguia:

“E agora o herói, tendo escapado da terrível fúria do dragão, lembrando-se do escudo de bronze e de que havia quebrado o seu encanto, afastou a carcaça do seu caminho e dirigiu-se destemidamente, pelo chão de prata do castelo, para onde, em sua parede, se encontrava o escudo; este, na verdade, não esperou a total aproximação de Ethelred e caiu-lhe aos pés no chão de prata, com um estrondoso som retumbante”.

No mesmo instante em que essas sílabas passaram pelos meus lábios, como se um escudo de bronze tivesse de fato, naquele momento, caído pesadamente num chão de prata, fiquei ciente de uma reverberação nítida, cavernosa, metálica e clangorosa, mas aparentemente abafada.

Completamente amedrontado, pus-me em pé, de um salto, mas o balançar regular de Usher permaneceu inalterado. Corri para a cadeira em que ele estava sentado. Os olhos estavam baixados, fixados em algo à sua frente, e, por todo o seu rosto, reinava uma rigidez pétrea. Mas, quando coloquei a mão sobre seu ombro, ocorreu uma forte agitação por todo o seu corpo; um sorriso doentio estremeceu seus lábios, e notei que ele falava num baixo, apressado e incoerente murmúrio, como se estivesse inconsciente de minha presença. Curvando-me rente a seu rosto, pude enfim captar o terrível sentido de suas palavras.

– Não ouviu isso?... Sim, eu ouço, e *tenho* ouvido. Longos... longos... longos... muitos minutos, muitas horas, muitos dias, eu tenho ouvido... mas não tive coragem... oh, pobre de mim, que infeliz sou eu!... não tive coragem... *não tive coragem* de falar! *Nós a colocamos viva no túmulo!* Eu não disse que meus sentidos estavam aguçados? *Agora* eu lhe digo que ouvi seus primeiros frágeis movimentos no caixão. Eu os ouvi... muitos, muitos dias atrás... mas não tive coragem... *não tive coragem de falar!* E agora... esta noite... Ethelred... Ha! Ha! Ha!... O arrombamento da porta do eremita, e o grito mortal do dragão, e o clangor do escudo... diga, em vez disso, o despedaçar da tampa do caixão dela, o ranger das dobradiças de ferro de sua prisão e seu avanço pelas arcadas do calabouço revestido de cobre! Oh! Para onde devo fugir? Ela não estará aqui dentro em pouco? Não está vindo apressadamente para me repreender pela pressa? Não são seus passos que ouço vindos da escada? Não percebo aquela pesada e horrível batida de seu coração? Louco!

Nesse momento ele saltou furiosamente, pôs-se de pé e berrou suas palavras, como se, naquele esforço, estivesse desistindo de sua alma:

– *Louco! Estou lhe dizendo que ela agora está do outro lado da porta!*

Como se a energia sobre-humana de sua afirmação tivesse produzido a força de um encantamento, a imensa e antiga porta para a qual ele apontava recuou lentamente, naquele instante, suas pesadas e negras mandíbulas. Foi a obra de uma rajada de vento – mas do outro lado da porta *estava* de fato a altiva e amortalhada figura de *lady* Madeline de Usher. Havia sangue em suas vestes brancas e sinais de duro esforço em

cada parte de seu corpo macilento. Por um momento ela permaneceu tremendo e balançando de um lado para outro na soleira. Então, com um grito baixo e queixoso, desabou pesadamente sobre o corpo de seu irmão e, na sua violenta e agora final agonia de morte, arrastou-o para o chão, já um cadáver e uma vítima dos terrores que ele havia previsto.

Fugi aterrorizado daquele aposento e daquela mansão. A tempestade ainda assolava o lugar com toda a sua fúria no momento em que eu atravessava o velho passadiço. De repente, surgiu ao longo do caminho uma luz forte, e virei-me para ver de onde poderia estar vindo uma luminosidade tão incomum, pois, atrás de mim, somente havia o casarão e suas sombras. A irradiação vinha da lua cheia, de um vermelho sangue, que se punha e agora brilhava fulgurante através daquela rachadura antes mal discernível, da qual falei, e que se estendia do telhado da edificação, em zigue-zague, na direção da base. Enquanto eu olhava, essa rachadura rapidamente alargou-se. Dali veio uma furiosa ventania em redemoinho, e toda a esfera do satélite irrompeu de uma vez diante de minha vista. Meu cérebro vacilou quando vi aquelas maciças paredes cair em pedaços. Houve o som de uma demorada e tumultuada gritaria, como o ruído de mil aguaceiros, e o lago profundo e frígido a meus pés se fechou sombria e silenciosamente sobre os destroços da “Casa de Usher”.

† † †

AUTOR E OBRA

Edgar Allan Poe (1809-1849) é um dos expoentes da literatura e, particularmente no gênero gótico, o maior escritor da literatura norte-americana. A habilidade com que ele nos suga para o horror é quase como se soubesse o segredo, a passagem secreta, que leva às masmorras do nosso inconsciente. Ou como se soubesse despertar, naquele estranho lugar, que tanto defendemos de invasões e de nossos próprios lapsos, tão

delatores, os pavores que odiamos (ou não suportamos) ver expostos... a nós mesmos.

Vários autores contemporâneos, como Stephen King, beberam confessadamente na fonte desse autor, que via na deliberação da composição literária, na obsessão por buscar os efeitos mais impactantes sobre seu leitor, o modelo de perfeição. É o que ele preconiza em “A filosofia da composição” (1846), seu ensaio sobre a grande arte de escrever histórias. Ali, contrastando com o desafio e mesmo com o desmanche da racionalidade, um dos elementos de impulsão de seus contos (Poe jamais escreveu romances), o autor expõe seu método de construção de enredos e personagens: um trabalho artesanal, submetido a revisões e ajustes de sintonia fina. A morte e o sobrenatural estão sempre a se intrometer no cotidiano de seus personagens, que de céticos passam a caminhar na fronteira entre a lucidez e a loucura, como se andassem sobre o fio de uma adaga.

É exatamente o que temos neste que é um de seus contos mais famosos e que vem insuflando calafrios há quase duzentos anos (“A queda da casa de Usher” é de 1839). Poe entendeu como poucos o efeito, na ficção, de acuar o leitor de modo a fazê-lo indagar: *E se...?*

E se um horror desses puder existir?

E isso, a começar pela genial utilização da narração em primeira pessoa. O personagem que nos conta a história é justamente aquele que vai ser *transtornado* pelo contato com o sobrenatural. Ligados a ele, como se estivéssemos de olhos fechados e fosse ele a nos guiar pela mão – a conhecer a história –, sofremos com ele o ataque do inexplicável.

Assim, não somente somos aos poucos introduzidos na Casa de Usher, com todos os detalhes arquitetônicos que legaram a esse gênero de ficção o nome *gótico*, como somos submetidos ao dúbio sentimento desse protagonista-narrador diante da iminência do desastre: “Era, de fato, uma noite tempestuosa, mas terrivelmente bela e estranhamente singular em seu terror e sua beleza”. O cenário, os castelos (e aqui uma mansão) decrépitos e os subterrâneos (como aquele em que Madeline é sepultada) desempenham papel de peso na história gótica, que se propõe sempre a

nos colocar em meio à opressão-ambiente e à suspensão de nitidez, à distorção dos sentidos, ao delírio. Em dado momento, o protagonista acabará duvidando de seu *senso de realidade*, e nesse percurso funesto estamos com ele.

A caracterização de Roderick Usher é outro destaque do conto. Sua imagem é a de um morto-vivo (ou semimorto), assim como a irmã gêmea, Madeline. E o fato de ter sido seu amigo de infância não impede que o narrador estranhe aquele ser, como se percebesse, sem admitir, que Usher já não pertence a este mundo. Esse narrador sem nome – porque poderia ser qualquer um e até mesmo um de nós – pressente, nega, recusa-se a ver... até que as cenas finais do conto explodem sobre ele. O final-catástrofe, com a mansão desabando sobre si mesma, como uma sepultura da qual Usher nenhum se erguerá, gravou-se tão fortemente na compreensão do público, de escritores e roteiristas de filmes que se fez de modelo de desfecho para histórias fantásticas até hoje.

Poe é tido também como o escritor que estabeleceu os parâmetros da moderna novela policial. De certo modo, a dupla Sherlock Holmes & Dr. Watson foi precedida pelo detetive de “Os crimes da Rua Morgue”, Auguste Dupin, que tem suas aventuras narradas por um interlocutor (também) sem nome. A dinâmica em que contracenam Dupin e esse seu *biógrafo* – Dupin, o detetive de raciocínio agudo, infalível, com capacidade de observação e de dedução beirando o sobre-humano ou a esquizofrenia – é clonada por Conan Doyle, assim como alguns dos segredos da novela policial, conforme explicitados e ilustrados em *A Carta Roubada*. Em ambos os casos, tanto Agatha Christie quanto outros autores da elite das delícias do crime, como Rex Stout, ali colheram bases da construção de seus enredos e personagens – mesmo tendo-os desenvolvido melhor e com muito mais brilho do que Poe, que somente nos deixou três, mas fundamentais, contos do gênero.

Poe morreu de uma sequência de doenças, agravadas pela miséria, a mesma que o fez perder sua adorada esposa, Virgínia, para a qual ele não pôde pagar remédios e médicos – enquanto suas obras eram republicadas pelo mundo inteiro, sem que ele ganhasse um tostão com isso. A morte de

Virgínia precipitou a decadência moral, mental e física de Poe, que finalmente foi encontrado vagando, sujo e maltrapilho, pelas ruas de Baltimore, vindo a falecer, com quarenta anos somente, três dias depois. É inimaginável o que teria conseguido produzir esse autor prodigioso se tivesse alcançado idade avançada ou pudesse usufruir de uma vida mais de acordo com as obras que produziu. No entanto, já naquele tempo, a pirataria ceifava a arte e o artista.

A obra clássica que ele nos deixou, como nenhuma outra, talvez, expõe o leitor ao horror de entrever que a mais maligna, devastadora e indecifrável criatura (“Um irreprimível temor gradualmente impregnou meu corpo, e, finalmente, instalou-se em meu próprio coração um incubo de alarme totalmente infundado...”) nasce do que não enxergamos ou não discernimos.

Ou talvez de nós mesmos.

+++

NOTAS

1. Ornado de gregas: Ornatos geométricos constituídos de linhas horizontais e verticais quebradas em ângulo reto, que nunca se fecham.
2. Ennuyé: Entediado, displicente em relação às pessoas à sua volta.
3. Johann Heinrich Füssli, também conhecido como Henry Fuseli ou Fusely (Zurique, 7 de fevereiro de 1741 – Putnry Hill, 16 de abril de 1825), foi um pintor suíço.
4. Porfirogênito: Nascido na Pórfira, palácio onde nasciam os imperadores gregos bizantinos. E também aquele que nasceu durante o reinado do pai.
5. Watson, dr. Percival, Spallanzani e, especialmente, o Bispo de Landaff – Ver *Chemical Essays*, vol. v.
6. Ververt et Chartreuse: Sem tradução.
7. Belphegor: Sem tradução.
8. *Heaven and Hell: Céu e Inferno*.
9. *Subterranean Voyage: Viagens aos Subterrâneos de Nicholas Klimm*.

10. *Chiromancy: Quiromância.*
11. *Journey into the Blue Distance: Jornada pela Imensidão Azul.*
12. *City of the Sun: Cidade do Sol.*
13. *Directorium Inquisitorum: Manual do Inquisidor.*
14. Sátiros: Personagem da mitologia grega com corpo de homem da cabeça à cintura, e de bode na parte inferior.
15. Egipãs: Sátiros africanos.
16. *Vigiliae Mortuorum Secundum Chorum Ecclesiae Maguntinae: Sem tradução.*



9 Amante morta

Théophile Gautier

Tradução: Margaret Sobral

Você quer saber, irmão, se eu amei. Sim. É uma história singular e terrível e, apesar de sessenta e seis anos terem transcorrido, mal ousou revirar as cinzas dessa lembrança. Não quero negar-lhe nada, mas não faria um relato semelhante a uma alma menos sofrida. São acontecimentos tão estranhos que não posso acreditar que tenham ocorrido comigo. Fui por mais de três anos o joguete de uma ilusão singular e diabólica. Eu, pobre padre do interior, levei todas as noites em sonho (Deus queira que tenha sido um sonho!), uma vida de pecador, uma vida de mundano e de Sardanapalus¹. Um só olhar cheio de complacência lançado sobre uma mulher pareceu causar a perda da minha alma; mas, finalmente, com a ajuda de Deus e do meu santo protetor, consegui expulsar o espírito maligno que de mim se apoderara. Minha vida fora acrescida de uma existência noturna completamente diferente. De dia, eu era um servo do Senhor, casto, ocupado com a oração e as coisas sagradas; à noite, assim que fechava os olhos, tornava-me um jovem senhor, fino conhecedor de mulheres, de cães e de cavalos, jogando dados, bebendo e blasfemando; e, quando acordava ao amanhecer, parecia-me, ao contrário, que dormia e que sonhava ser um sacerdote. Daquela vida de sonâmbulo, restaram-me lembranças de objetos e de palavras das quais não posso me defender. Apesar de nunca ter ultrapassado os muros do meu presbitério, poderia parecer a quem me ouvisse que eu fosse um homem que vivera de tudo e retornara do mundo, entrara para a religião e quisera acabar, no

seio de Deus, com os dias muito agitados, mais do que um humilde sacerdote que envelhecera em uma paróquia ignorada, no fundo de um bosque e sem ligação nenhuma com o alarido da vida mundana.

Sim, amei como ninguém no mundo jamais amou, um amor insensato e furioso, tão violento que me surpreende que não tenha feito explodir meu coração. Ah! Que noites! Que noites!

Desde minha mais tenra infância, senti vocação para ser padre; também todos os meus estudos foram orientados nesse sentido, e minha vida, até os vinte e quatro anos, não passou de um longo noviciado. Terminada minha teologia, percorri sucessivamente todas as pequenas ordens, e meus superiores julgaram-me digno, apesar de ser muito jovem, de atravessar o último e temível grau. O dia da minha ordenação foi marcado para a semana da Páscoa.

Jamais estivera no mundo; o mundo era para mim o espaço do colégio e do seminário. Sabia vagamente que havia alguma coisa que chamavam mulher, mas não ficava pensando nisso; era de uma inocência perfeita. Via minha velha mãe doente apenas duas vezes por ano. Eram essas as minhas relações com o mundo exterior.

Não me arrependia de nada; não experimentava a mínima hesitação diante daquele engajamento irrevogável; estava cheio de alegria e de impaciência. Jamais noivo nenhum contou as horas com tanto entusiasmo e paixão; não dormia, sonhava que rezava a missa; ser padre, eu não via nada de mais belo no mundo: teria recusado ser rei ou poeta. Minha ambição não imaginava ir além.

O que estou dizendo é para mostrar-lhe que o que me aconteceu não deveria ter acontecido e a fascinação inexplicável de que fui vítima.

Chegado o grande dia, caminhei para a igreja com um passo tão leve que me parecia estar suspenso no ar ou ter asas nos ombros. Acreditava ser um anjo e surpreendia-me com a fisionomia sombria e preocupada dos meus companheiros, porque éramos muitos. Passara a noite rezando, encontrava-me num estado de quase êxtase. O abade, venerável patriarca, parecia-me o Deus-Pai debruçado sobre sua eternidade, e eu contemplava o céu através das abóbadas do templo.

Você conhece bem os detalhes dessa cerimônia: a bênção, a comunhão sob as duas espécies², a unção da palma das mãos com o óleo dos catecúmenos e, finalmente, o santo sacrifício oferecido em conjunto com o abade. Não me prolongarei sobre isso. Oh! Como Jó tem razão e como foi imprudente ao não concluir um pacto com seus olhos! Levantei por acaso o rosto, que até então mantivera inclinado, e percebi diante de mim, tão perto que poderia tê-la tocado, se bem que na realidade ela estivesse a uma grande distância e do outro lado da balaustrada, uma jovem de rara beleza e vestida com uma suntuosidade de rainha. Era como se escamas rolassem dos meus olhos. Tive a sensação de um cego que recuperasse subitamente a visão. O abade, antes tão reluzente, apagou-se de repente; as velas em seus castiçais de ouro empalideceram como as estrelas da manhã, e na igreja inteira fez-se completa escuridão.

A doce criatura destacava-se naquele fundo escuro como uma revelação angelical; parecia ter luz própria e dá-la mais do que recebê-la.

Abaixei as pálpebras, decidido a não mais levantá-las, para fugir da influência dos objetos exteriores, pois a distração invadia-me cada vez mais, e eu mal sabia o que estava fazendo ali.

Um minuto depois, reabri os olhos, pois através dos meus cílios eu a via brilhante como as cores do prisma e em uma penumbra púrpura como quando olhamos para o Sol.

Oh! Como era linda! Nem os pintores mais famosos que procuraram a beleza ideal no céu e para a terra transportaram o retrato divino da Madona aproximaram-se dessa fabulosa realidade. Nem os versos do poeta nem a paleta do pintor podem dar uma ideia. Ela era alta, tinha a forma e o porte de uma deusa; seus cabelos, de um louro suave, repartiam-se no alto da cabeça e escorriam sobre as têmporas como dois rios de ouro; parecia uma rainha com sua coroa; sua fronte, de uma brancura azulada e transparente, estendia-se larga e serena sobre os arcos de dois cílios quase castanhos, singularidade que se somava ao efeito dos olhos verdes como o mar, de uma vivacidade e de um brilho insustentáveis. Que olhos! Em um clarão eles decidiam o destino de um homem; tinham uma vida, uma pureza, uma vivacidade, uma umidade

brilhante que nunca tinha visto num olhar humano. Deixavam escapar raios semelhantes a flechas e que, eu via claramente, terminavam no meu coração. Não sei se a chama que os iluminava vinha do céu ou do inferno, mas, seguramente, vinha de um ou de outro.

Aquela mulher era um anjo ou um demônio, e talvez os dois; certamente, não saíra das entranhas de Eva, a mãe de todos. Belos dentes cintilantes brilhavam entre seus lábios vermelhos, e, a cada inflexão da sua boca, pequenas covinhas formavam-se no cetim rosado de suas adoráveis faces. Quanto ao nariz, era de uma delicadeza e de uma altivez da realeza que desvelava a mais nobre origem. Reflexos de ágata brincavam sobre a pele lisa e brilhante de seus ombros seminus, e fileiras de grossas pérolas louras, num tom semelhante ao seu pescoço, desciam-lhe sobre o colo. De vez em quando ela levantava o rosto, num movimento ondulado de serpente ou de pavão que abre a cauda, e imprimia um leve movimento à gola alta bordada que a contornava como uma treliça de prata.

Usava um vestido de veludo nacarado, e das suas largas mangas forradas de arminho saíam mãos nobres de uma delicadeza infinita; os dedos longos e torneados eram de uma transparência tão perfeita que deixavam passar o dia tal como os dedos da aurora.

Todos esses detalhes ainda estão presentes em mim como se datassem de ontem, e, embora estivesse num estado de extrema comoção, nada me escapava; nem mesmo o detalhe mais sutil, o pequeno sinal no canto do queixo, a imperceptível penugem nos cantos dos lábios, a fronte aveludada, a trêmula sombra dos cílios nas bochechas. Eu percebia tudo com uma lucidez surpreendente.

À medida que a olhava, sentia abrirem-se dentro de mim portas que até então tinham permanecido fechadas; janelas obstruídas abriam-se e levavam em todas as direções, deixando entrever perspectivas desconhecidas; a vida aparecia para mim sob outro aspecto; acabava de nascer para uma nova ordem de ideias. Uma angústia profunda atormentava meu coração; cada minuto que passava parecia um segundo e um século. A cerimônia avançava, e eu era levado para bem longe do

mundo, cuja entrada meus desejos nascentes assediavam furiosamente. Digo sim, no entanto, quando queria dizer não, quando tudo em mim se revoltava e protestava contra a violência que minha língua fazia à minha alma: uma força oculta arrancava-me, contra a minha vontade, as palavras do fundo da garganta. Talvez seja o que faz tantas jovens caminhar até o altar com a firme resolução de recusar de maneira surpreendente o esposo que lhes é imposto e nenhuma executar seu projeto. É provavelmente o que faz tantas pobres noviças vestir o hábito, ainda que decididas a rasgá-lo em pedaços no momento de pronunciar seus votos. Elas não ousam causar tamanho escândalo diante de todo mundo nem frustrar a expectativa de tantas pessoas; todas essas vontades, todos esses olhares parecem pesar como uma capa de chumbo; e, depois, as medidas são tão bem tomadas, tudo é tão bem organizado com antecedência, de maneira tão evidentemente irrevogável, que o pensamento cede ao peso da coisa e se enfraquece completamente.

O olhar da bela desconhecida mudava de expressão conforme o desenrolar da cerimônia. De terno e carinhoso que era no início, assumiu um ar de desprezo e insatisfação por não ter sido compreendido.

Fiz um esforço capaz de arrancar uma montanha para gritar que não queria ser padre, mas não consegui; minha língua ficou colada ao céu da boca, não pude expressar meu desejo nem com o mais leve movimento de negação. Mesmo acordado, estava num estado semelhante ao do pesadelo, em que se quer gritar uma palavra da qual a própria vida depende, sem conseguir.

Ela pareceu sensível ao martírio que eu experimentava e, como se quisesse encorajar-me, lançou-me um olhar cheio de divinas promessas. Seus olhos eram um poema em que cada olhar formava um canto.

Dizia-me:

“Se quiseres ser meu, eu te farei mais feliz do que o próprio Deus em seu paraíso; os anjos te invejarão. Rasga esta mortalha fúnebre em que vais te envolver; eu sou a beleza, sou a juventude, sou a vida; vem para mim. Nós seremos o amor. O que poderia te oferecer Jeová como

recompensa? Nossa vida fluirá como um sonho e será apenas um beijo eterno.

“Derrama o vinho deste cálice e serás livre. Eu te levarei rumo às ilhas desconhecidas; tu dormirás em meu seio, num leito de ouro maciço e sob um pavilhão de prata; porque eu te amo e quero tirar-te do teu Deus, diante de quem tantos nobres corações derramam torrentes de amor que não o alcançam”.

Parecia-me ouvir essas palavras em um ritmo de infinita doçura, pois seu olhar era quase sonoro, e as frases que me enviavam seus olhos ecoavam no fundo do meu coração como se uma boca invisível as tivesse soprado em minha alma. Sentia-me pronto para renunciar a Deus. No entanto, meu coração cumpria mecanicamente as formalidades da cerimônia. A bela lançou-me um segundo olhar tão suplicante, tão desesperado, que lâminas afiadas atravessaram-me o coração, e senti mais espadas no peito do que a mãe das dores.

Estava consumado, tornara-me sacerdote.

Jamais nenhuma fisionomia humana pintou uma angústia tão pungente; a jovem que vê o noivo morrer de repente a seu lado, a mãe junto ao berço vazio do filho, Eva sentada na porta de entrada do paraíso, o avaro que encontra uma pedra no lugar de seu tesouro, o poeta que deixou cair no fogo o único manuscrito de sua mais bela obra não parecem tão consternados e inconsoláveis. O sangue abandonou completamente seu belo rosto, e ela ficou branca como o mármore; seus belos braços caíram ao longo do corpo, como se os músculos estivessem retesados, e ela encostou-se em uma pilastra, pois as pernas dobravam-se e faltavam-lhe.

Lívido, a fronte inundada de um suor mais sangrento do que o do Calvário, caminhei cambaleando até a porta da igreja; estava sufocado; as abóbadas esmagavam-se sobre meus ombros, parecia que minha cabeça sustentava sozinha todo o peso da cúpula.

Quando estava para atravessar a entrada, uma mão apoderou-se bruscamente da minha; uma mão de mulher! Nunca havia tocado mão de mulher alguma. Era fria como a pele de uma serpente, e sua impressão

queimou-me com a marca de um ferro em brasa. Era ela. “Infeliz! Infeliz! O que fizeste?”, disse-me em voz baixa; em seguida, desapareceu na multidão.

O velho abade passou; olhou-me com severidade. Eu tinha as atitudes mais estranhas do mundo: empalidecia, enrubescia, tinha momentos de cegueira. Um dos meus colegas teve pena de mim, pegou-me e levou-me; não teria conseguido encontrar sozinho o caminho do seminário. Na esquina de uma rua, enquanto o jovem sacerdote virou-se para outro lado, um pajem negro, estranhamente vestido, aproximou-se e entregou-me, sem parar no caminho, uma pequena bolsa de moedas com os cantos de ouro cinzelado, sinalizando para escondê-la; coloquei-a na manga e ali a mantive até que estivesse sozinho na minha cela. Abri o fecho, havia apenas duas folhas com estas palavras: “Clarimonde, no palácio Concini”.

Estava tão pouco a par das coisas da vida que não conhecia Clarimonde, apesar da sua fama, e ignorava completamente onde era o palácio Concini. Fiz mil conjecturas, cada qual mais extravagante do que a outra; mas na verdade, contanto que pudesse revê-la, inquietava-me muito pouco o que ela pudesse ser, uma grande dama ou uma cortesã.

Aquele amor nascido havia poucos instantes enraizara-se de maneira indestrutível; não pensava em arrancá-lo, sabia que era impossível. Aquela mulher apoderara-se totalmente de mim, um olhar apenas havia sido suficiente para modificar-me; ela soprara-me seu desejo; eu não vivia mais em mim, mas nela e por ela. Fazia mil extravagâncias, beijava em minha mão a parte que ela havia tocado e repetia seu nome durante horas. Tinha apenas de fechar os olhos para vê-la tão distintamente quanto se estivesse realmente presente, e eu repetia aquelas palavras que ela me dissera na porta da igreja: “Infeliz! Infeliz! O que fizeste?”. Eu compreendia todo o horror da minha condição, e os aspectos fúnebres e terríveis do estado que acabara de abraçar revelavam-se claramente para mim. Ser um sacerdote! Ou seja, ser casto, não amar, não distinguir o sexo nem a idade, afastar-se de toda beleza, destruir os olhos, rastejar na sombra glacial de uma clausura ou de uma igreja, ver apenas moribundos,

velar cadáveres desconhecidos e trazer seu próprio luto sob a batina preta, de tal modo que do seu hábito se possa fazer um lençol para seu caixão.

E eu sentia a vida crescer em mim como um lago interior que enche e transborda; meu sangue pulsava com força dentro das minhas artérias; minha juventude, durante tanto tempo reprimida, explodia de repente como a babosa que leva cem anos para florescer e que eclode com um trovão.

Como fazer para rever Clarimonde? Eu não tinha nenhum pretexto para sair do seminário, uma vez que não conhecia ninguém na cidade; nem devia ficar por lá, esperava apenas que designassem que paróquia iria ocupar. Tentei remover as barras da janela, mas ela estava a uma altura assustadora e, não tendo uma escada, não podia nem pensar em sair por ali. Além disso, só poderia descer à noite; e como me orientaria nos inextricáveis labirintos das ruas? Todas essas dificuldades, que não teriam sido nada para outros, eram imensas para mim, pobre seminarista, apaixonado de antigamente, sem experiência, sem dinheiro e sem roupas.

Ah! Se não tivesse me tornado sacerdote, poderia vê-la todos os dias; teria sido seu amante, seu esposo, dizia-me em minha cegueira; em vez de estar envolvido em minha triste mortalha, teria roupas de seda e de veludo, correntes de ouro, uma espada e plumas como os belos jovens cavaleiros. Meus cabelos, em vez de serem desonrados por uma grande tonsura, fluiriam ao redor do meu pescoço em cachos ondulados. Teria um belo bigode bem cuidado. Eu seria um bravo homem. Mas, uma hora passada diante de um altar, algumas palavras articuladas, retiraram-me para sempre do rol dos vivos; eu mesmo selara a pedra da minha sepultura, empurrara com a própria mão o ferrolho da minha prisão!

Fui até outra janela. O céu estava maravilhosamente azul, as árvores tinham colocado seu vestido de primavera; a natureza desfilava ironicamente alegre. A praça estava cheia de gente; as pessoas iam e vinham; rapazes galantes e moças de grande beleza, casal por casal, iam na direção do jardim e dos caramanchões. Companheiros passavam cantando refrões de beber; era um movimento, uma vida, uma vitalidade, uma alegria que cruelmente evidenciavam meu luto e minha solidão. Uma

jovem mãe, na soleira da porta, brincava com seu filho; beijava sua pequena boca rosada, ainda coberta de gotas de leite, e fazia, irritando-o, mil daquelas brincadeiras que só as mães sabem fazer. O pai, que estava de pé a certa distância, sorria ternamente para os dois, e seus braços cruzados apertavam a alegria em seu coração. Não pude suportar aquele espetáculo; fechei a janela e joguei-me na cama com um ódio e uma inveja abomináveis no coração, mordendo os dedos e o lençol como um tigre depois de três dias de jejum.

Não sei quantos dias fiquei assim; mas, quando retornei num movimento de espasmo furioso, percebi o abade Sérapion, que, em pé no meio do quarto, me olhava atentamente. Tive vergonha de mim mesmo e, deixando cair a cabeça sobre o peito, cobri os olhos com as mãos.

– Romualdo, meu amigo, algo de extraordinário está acontecendo com você – disse-me Sérapion após alguns minutos de silêncio. – Sua conduta é realmente inexplicável! Você, tão piedoso, tão calmo, tão doce, agita-se em sua cela como um animal selvagem. Tome cuidado, meu irmão, e não dê ouvidos às sugestões do diabo; o espírito maligno, irritado com o fato de você estar para sempre consagrado ao Senhor, anda a sua volta como um lobo voraz e faz um último esforço para atraí-lo. No lugar de deixar-se abater, meu caro Romualdo, faça uma couraça de orações, um escudo de mortificações, e combata bravamente o inimigo. Você o vencerá. A provação é necessária à virtude, e você sairá mais purificado dessa penosa situação. Não tenha medo nem desanime; as almas mais protegidas e as mais estáveis tiveram desses momentos. Ore, faça jejum, medite, e o espírito do mal irá embora.

O discurso do abade Sérapion me fez cair em mim, e fiquei mais calmo.

– Vim para anunciar sua nomeação para a paróquia de C***; o sacerdote que a chefiava acaba de falecer, e o bispo encarregou-me de instalá-lo; esteja pronto amanhã.

Respondi com um sinal de cabeça que estaria pronto, e o abade retirou-se. Abri o missal e comecei a ler orações, mas as linhas logo se confundiram sob meus olhos; perdi o fio das ideias, e o missal escorregou das minhas mãos sem que eu percebesse.

Partir amanhã sem revê-la! Acrescentar mais uma impossibilidade a todas aquelas que já existiam entre nós! Perder para sempre a esperança de encontrá-la, a menos que um milagre acontecesse! Escrever para ela? Quem poderia entregar-lhe minha carta? Com o santo caráter com que me revestira, com quem me abrir, em quem confiar? Experimentava violenta ansiedade. Em seguida, o que o abade Sérapion dissera sobre as astúcias do diabo veio-me à mente; a estranheza da aventura, a beleza sobrenatural de Clarimonde, o brilho luminoso dos seus olhos, a sensação cálida da sua mão, a perturbação em que ela me lançara, a súbita mudança que se operou em mim, minha piedade esvaecida em um instante, tudo isso provava claramente a presença do diabo, e aquela mão sedosa era talvez apenas a luva com a qual ele cobrira sua garra. Essas ideias levaram-me a um grande pânico; peguei o missal, que dos meus joelhos havia caído no chão, e pus-me novamente a orar.

No dia seguinte, Sérapion veio buscar-me; duas mulas esperavam na porta, carregadas com nossas magras valises; ele montou uma, e eu, a outra. Percorrendo as ruas da cidade, olhava para todas as janelas e balcões na esperança de ver Clarimonde, mas era muito cedo, e a cidade ainda não havia acordado. Meu olhar tentava mergulhar por trás das persianas e através das cortinas de todos os palácios pelos quais passávamos. Sérapion provavelmente atribuía aquela curiosidade à admiração que causava em mim a beleza da arquitetura, pois ele diminuía o passo da sua montaria para me dar tempo de ver.

Finalmente, chegamos à porta da cidade e começamos a subir a colina. Quando estava bem no alto, virei-me para olhar mais uma vez o lugar onde vivia Clarimonde. A sombra de uma nuvem cobria inteiramente a cidade; seus telhados azuis e vermelhos confundiam-se em uma meia-luz geral, em que flutuavam aqui e ali, como flocos brancos de espuma, as fumaças da manhã. Por um singular efeito de ótica, desenhava-se, louro e dourado sob um raio único de luz, um edifício que ultrapassava em altura as construções vizinhas completamente afogadas no vapor; embora estivéssemos a mais de uma légua, parecia muito próximo. Distinguiam-

se os mínimos detalhes, as torres, as plataformas, as janelas, e até mesmo as veletas em forma de cauda de andorinha.

– Que palácio é aquele que estou vendo lá adiante, iluminado por um raio de sol? – perguntei a Sérapión.

Ele colocou a mão por cima dos olhos, olhou e respondeu-me:

– É o antigo palácio que o príncipe Concini deu à cortesã Clarimonde; ali se passam coisas horríveis.

Naquele momento – ainda não sei se foi uma realidade ou uma ilusão – pensei ver deslizar pelo terraço uma forma esbelta e branca que brilhou um segundo e apagou-se. Era Clarimonde!

Oh! Saberla ela que a essa hora, do alto daquele acidentado caminho que dela me distanciava e de onde eu não devia mais descer, ardente e inquieto eu olhava com desejo o palácio onde ela morava e que um jogo derrisório de luz parecia aproximar-se de mim, como se me convidasse para entrar como mestre? Provavelmente ela sabia, porque sua alma estava, por afinidade, tão ligada à minha que não podia deixar de sentir as mínimas vibrações, e foi esse sentimento que a impelira, ainda envolta em seus véus noturnos, a subir para o alto do terraço, no glacial orvalho da manhã.

A escuridão ganhou o palácio, que se transformou em um mar estático de telhados e sótãos, onde não se distinguia nada além de uma ondulação irregular. Sérapión tocou sua mula, cujo movimento a minha imediatamente seguiu, e uma curva do caminho afastou-me para sempre da cidade de S***, pois eu não deveria mais ali retornar. Ao final de três dias de estrada por campos muito pobres, vimos apontar entre as árvores o galo do campanário da igreja onde eu deveria servir; e, após ter seguido por algumas ruas tortuosas margeadas de choupanas e casebres, chegamos à frente da fachada, que não era de uma grande magnificência. Um portal guarnecido com algumas nervuras e dois ou três pilares de rochas grosseiramente talhadas, uma cobertura de telhas e contrafortes da mesma rocha dos pilares: era tudo; à esquerda, o cemitério coberto por uma grama alta, com uma grande cruz de ferro no meio; à direita e na sombra da igreja, o presbitério. Era uma casa extremamente simples, de

uma limpeza árida. Entramos no jardim. Algumas galinhas ciscavam uns poucos grãos de aveia sobre a terra; aparentemente acostumadas ao hábito preto dos eclesiásticos, não se inquietaram com a nossa presença e quase não se incomodaram em nos deixar passar. Um latido rouco e velado se fez ouvir, e vimos surgir rapidamente um velho cão.

Era o cachorro do meu antecessor. Tinha o olhar apagado, o pelo cinza e todos os sintomas do mais alto grau de velhice que um cão pode atingir. Afaguei-o delicadamente, e logo ele pôs-se a caminhar ao meu lado com um ar de satisfação indizível. Uma mulher bastante idosa, que tinha sido a governanta do antigo pároco, veio também ao nosso encontro e, depois de me fazer entrar numa sala de pouca altura, perguntou-me se eu tinha intenção de mantê-la no emprego. Respondi que a manteria, ela e o cachorro, assim como as galinhas e todo o mobiliário que seu mestre lhe tinha deixado ao morrer, o que a fez entrar num enlevo de alegria, tendo o abade Sérapion lhe pago imediatamente o preço que ela queria.

Depois de me deixar ali instalado, o abade Sérapion voltou para o seminário. Fiquei, então, sozinho e sem nenhum amparo, a não ser eu mesmo. A lembrança de Clarimonde voltou a me obcecar e, apesar de todos os esforços que fazia para afugentá-la, nem sempre conseguia. Uma noite, passeando nos caminhos margeados de buxos do pequeno jardim, pareceu-me ver por entre as árvores da alameda uma forma de mulher que seguia todos os meus movimentos e, entre as folhas, brilhar olhos verdes da cor do mar; mas era apenas uma ilusão, e, ao passar para o outro lado da alameda, não achei nada além de uma marca de pé na areia, tão pequeno que parecia de criança. O jardim era cercado de muralhas muito altas; visitei todos os cantos e recantos, e não havia ninguém. Nunca consegui explicar tal circunstância, que, afinal de contas, não era nada perto dos fatos estranhos que aconteceriam comigo.

Vivia na paróquia havia um ano, cumprindo com exatidão todos os deveres de sacerdote, rezando, jejuando, estimulando e socorrendo os doentes, recolhendo doações para reduzir as necessidades mais indispensáveis. Mas sentia dentro de mim uma extrema monotonia, e as fontes da graça estavam fechadas para mim. Não desfrutava daquela

felicidade que o cumprimento de uma sagrada missão proporciona; meu pensamento estava longe, e as palavras de Clarimonde voltavam frequentemente aos meus lábios como uma espécie de refrão involuntário. Ó irmão, pense bem nisso! Por ter levantado uma só vez o olhar para uma mulher, por um erro aparentemente tão leve, experimentei durante anos as mais miseráveis agitações; minha vida ficou para sempre desestabilizada.

Não vou prendê-lo por mais tempo falando dessas derrotas e vitórias interiores, sempre seguidas de recaídas mais intensas, e passarei imediatamente a uma circunstância decisiva. Uma noite bateram violentamente à minha porta. A velha governanta foi abrir, e um homem de rosto acobreado e suntuosamente vestido, mas segundo uma moda estranha, portando um longo punhal, desenhou-se sob os raios da lanterna de Bárbara. O primeiro movimento dela foi de medo, mas o homem a tranquilizou e disse que precisava me ver imediatamente por alguma coisa que dizia respeito ao meu ministério. Bárbara o fez subir. Eu estava indo deitar-me. O homem disse-me que sua ama, uma grande dama, estava à morte e desejava um sacerdote. Respondi que estava pronto para segui-lo; peguei o que precisava para a extrema-unção e desci rapidamente. Na porta, dois cavalos negros como a noite agitavam-se impacientemente e exalavam sobre seu peito dois jatos de vapor. Ele estendeu-me o estribo e ajudou-me a montar um cavalo, depois saltou sobre o outro, apoiando apenas uma mão sobre o cepilho da sela. Apertou os joelhos e soltou as guias do seu cavalo, que partiu como uma flecha. O meu, cuja rédea ele segurava, partiu também a galope, e ambos mantiveram-se perfeitamente emparelhados.

Devorávamos o caminho; a terra cinza e rachada deslizava sob nós, e as silhuetas negras das árvores desapareciam velozmente como uma tropa em fuga. Atravessamos uma floresta de uma escuridão tão opaca e glacial que senti correr na pele um arrepio de terror supersticioso. As descargas de faíscas arrancadas das pedras pelas ferraduras dos nossos cavalos deixavam em nossa passagem um rastro de fogo, e se alguém, naquela hora da noite, tivesse nos visto, meu condutor e eu, teria pensado que

éramos dois espectros a cavalo num pesadelo. Espíritos maléficos atravessavam de vez em quando o caminho, e os corvos grasnavam compadecidamente na densa floresta, onde brilhavam de longe em longe os olhos fosforescentes de alguns gatos selvagens. A crina dos cavalos emaranhava-se cada vez mais, o suor escorria sobre seus flancos, e a respiração saía agitada e apressada das suas narinas. Mas, quando os via arrefecer, o cavaleiro, para reanimá-los, soltava um grito gutural que nada tinha de humano, e a corrida recomeçava com fúria.

Finalmente, o turbilhão parou; uma massa negra, marcada por alguns pontos brilhantes, surgiu na nossa frente; os passos das nossas montarias soaram mais ruidosos sobre um pavimento de ferro, e passamos sob uma arcada que abria sua garganta escura entre duas enormes torres.

Uma grande agitação reinava no castelo; os empregados, segurando tochas, atravessavam o pátio em todas as direções, e luzes subiam e desciam de andar em andar. Distinguia mal e vagamente imensas formas arquitetônicas, colunas, arcos, patamares e rampas, uma construção de luxo e realeza deslumbrantes. Um pajem negro, o mesmo que me entregara as duas folhas de papel escritas por Clarimonde e que reconheci imediatamente, veio ajudar-me a descer, e um mordomo, vestido em veludo negro, com uma corrente de ouro no pescoço e uma bengala de marfim na mão, avançou na minha frente.

Grossas lágrimas caíam dos seus olhos e corriam pelo rosto e sobre a barba branca.

– Tarde demais – disse ele balançando a cabeça –, tarde demais, senhor padre; mas, se o senhor não conseguiu salvar a alma, venha velar o pobre corpo. – Pegou-me pelo braço e conduziu-me à sala fúnebre.

Eu chorava tão copiosamente quanto ele, pois compreendera que a morta não podia ser outra senão aquela Clarimonde tanto e tão loucamente amada.

Um genuflexório estava disposto ao lado da cama; uma chama azulada voadora sobre uma pátera de bronze lançava por todo o quarto uma claridade fraca e duvidosa e fazia oscilar de um lado e de outro na escuridão alguma aresta saliente de móvel ou cornija. Sobre a mesa,

dentro de uma urna cinzelada, flutuava uma rosa branca murcha cujas folhas, exceto uma que ainda se mantinha, estavam caídas ao pé do vaso como lágrimas perfumadas; uma máscara negra em pedaços, um leque, fantasias de todo tipo estavam espalhados sobre as poltronas e comprovavam que a morte chegara a essa suntuosa residência de improviso e sem se anunciar.

Ajoelhei-me sem ousar olhar para a cama e pus-me a recitar os salmos com grande fervor, agradecendo a Deus por ter colocado um túmulo entre mim e a ideia dessa mulher, para que pudesse juntar às minhas preces seu nome doravante santificado. Mas, pouco a pouco, esse impulso abrandou-se, e caí num estado de devaneio. Aquele quarto não tinha nada de um quarto de morte. No lugar do ar fétido e cadavérico que estava acostumado a respirar em cerimônias fúnebres, uma lânguida nuvem de essências orientais, uma espécie de odor apaixonado de mulher, nadava suavemente no ar adocicado.

Aquela luz pálida parecia mais uma penumbra preparada para a volúpia do que a lamparina de reflexos amarelados que tremula perto dos cadáveres. Eu pensava no singular acaso que me fizera reencontrar Clarimonde no momento em que a perdia para sempre, e um suspiro de lamento escapou do meu peito. Pareceu-me que alguém também tinha suspirado atrás de mim, e virei-me involuntariamente. Era o eco. Com esse movimento, meus olhos, que até então haviam evitado olhar para ela, pousaram sobre o leito de morte.

As cortinas de damasco vermelhas bordadas com flores grandes, levantadas por *torsades*³ douradas, deixavam ver a morta deitada, as mãos sobre o peito.

Estava coberta com um véu de linho de uma brancura ofuscante, que a púrpura escura da tapeçaria ressaltava mais ainda, e tão fino que não diminuía em nada a delicada forma do seu corpo e permitia perceber aquelas belas linhas ondulantes como o pescoço de um cisne que nem mesmo a morte conseguira enrijecer. Parecia uma estátua de alabastro feita por um hábil escultor para colocar sobre o túmulo de uma rainha ou ainda uma jovem adormecida sobre quem a neve caía.

Não podia mais suportar ficar ali; aquele ar de alcova embriagava-me, aquele cheiro intenso de rosas já um tanto murchas subia-me ao cérebro, e eu andava pelo quarto a passos largos, parando a cada volta na frente da cama para observar a morta formosa sob a transparência de sua mortalha. Pensamentos estranhos atravessavam meu espírito: imaginava que ela não estava realmente morta e que não passava de um fingimento para atrair-me ao castelo e falar-me do seu amor. Por um instante, pensei ter visto seu pé mexer na brancura dos véus e saírem do lugar os plissados retos da mortalha.

E então dizia-me: “Seria mesmo Clarimonde? Que prova tenho eu de que seja ela? Poderia esse pajem negro estar a serviço de outra mulher? Sou bem louco de atormentar-me e agitar-me assim”. Mas o coração respondeu-me com uma palpitação: “É ela, sim, é ela, sim”. Reaproximei-me da cama e olhei com redobrada atenção o objeto da minha incerteza. Teria coragem de lhe confessar isso? Aquela perfeição de formas, embora purificada e santificada pela sombra da morte, perturbava-me mais voluptuosamente do que deveria, e aquele repouso parecia-se tanto com um sono que poderíamos nos enganar.

Esquecia que ali viera para um ofício fúnebre e imaginava ser um jovem esposo entrando no quarto da noiva que esconde o rosto por pudor e que não quer se deixar ver. Transpassado de dor, perdido de alegria, trêmulo de pavor e prazer, curvei-me na sua direção e peguei a ponta do lençol; levantei-o lentamente, prendendo a respiração com medo de acordá-la. Minhas artérias pulsavam com tanta força que as sentia assobiar nas minhas têmporas, e de minha testa escorria suor como se tivesse carregado uma laje de mármore.

Era realmente Clarimonde, tal e qual eu havia visto na igreja por ocasião da minha ordenação; ela estava igualmente bela, e nela a morte parecia somente mais um coquetismo. A palidez da face, o rosa menos vivo dos lábios, os longos cílios fechados destacando a franja castanha sobre aquela alvura, davam-lhe uma expressão de castidade melancólica e sofrimento reflexivo de um poder de sedução indizível; os longos cabelos soltos, em que ainda havia algumas pequenas flores azuis, formavam um

travesseiro para a cabeça e protegiam com os cachos a nudez dos seus ombros; suas belas mãos, mais puras e mais diáfanas que hóstias, estavam cruzadas em uma atitude de piedoso repouso e de prece tácita, corrigindo o que poderiam ter de sedutor, mesmo na morte, a delicada harmonia e o brilho de marfim de seus braços nus, dos quais não tinham sido retirados os braceletes de pérolas.

Fiquei muito tempo absorvido em uma muda contemplação e, quanto mais a olhava, menos podia acreditar que a vida abandonara para sempre aquele belo corpo. Não sei se era uma ilusão ou um reflexo da luz, mas parecia que o sangue recomeçava a circular sob aquela palidez fosca; no entanto, ela continuava na mais perfeita imobilidade.

Toquei levemente seu braço; estava frio, mas não mais frio do que sua mão no dia em que roçara a minha sob o portal da igreja. Retomei minha posição, inclinando meu rosto sobre o dela e deixando chover sobre sua face o rio morno das minhas lágrimas. Ah! Que sentimento amargo de desespero e impotência! Que agonia aquele velório! Queria ter podido resumir minha vida num breve fôlego para oferecer-lhe e soprar sobre seu cadáver gelado a chama que me devorava.

A noite avançava. Sentindo aproximar-se o momento da separação eterna, não pude recusar-me essa triste e suprema ternura de depositar um beijo sobre os lábios mortos daquela que havia tido todo o meu amor.

Ó milagre! Um leve sopro misturou-se ao meu, e a boca de Clarimonde respondeu à pressão da minha; seus olhos abriram-se e retomaram um pouco de brilho, ela deu um suspiro e, descruzando os braços, passou-os em volta do meu pescoço com um ar de prazer indescritível.

– Ah! É você, Romualdo – disse com uma voz lânguida e doce como as últimas vibrações de uma harpa –, o que aconteceu? Esperei por você tanto tempo que estou morta; mas agora estamos noivos, poderei vê-lo e ir a sua casa. Adeus, Romualdo, adeus! Amo você; é tudo o que queria lhe dizer, e eu lhe devolvo a vida que você chamou para mim por um minuto com seu beijo; até breve.

Sua cabeça tombou para trás, mas ela continuava a enlaçar-me com seus braços como se quisesse reter-me. Um turbilhão de vento furioso abriu a

porta e invadiu o quarto; a última pétala da rosa branca soltou-se e voou pela janela aberta, levando com ela a alma de Clarimonde. A lâmpada apagou-se, e eu caí desmaiado sobre o seio da bela morta.

Quando voltei a mim, estava deitado na minha cama, no meu pequeno quarto do presbitério, e o velho cachorro do antigo pároco lambia minha mão estirada para fora da coberta. Bárbara agitava-se no quarto com um tremor senil, abrindo e fechando gavetas, misturando pós dentro de copos. Ao ver-me abrir os olhos, soltou um grito de alegria, o cachorro latiu e balançou a cauda. No entanto, eu estava tão fraco que não pude pronunciar uma só palavra nem fazer nenhum movimento. Soube que tinha ficado três dias assim, sem dar nenhum sinal de vida, a não ser por uma respiração quase imperceptível. Aqueles três dias não contam na minha vida, e não sei aonde meu espírito tinha ido durante todo aquele tempo; não guardei nenhuma lembrança. Bárbara me contou que o mesmo homem de tez acobreada que viera procurar-me durante a noite havia me trazido pela manhã em uma liteira fechada e logo retornara.

Assim que pude colocar em ordem minhas ideias, repassei comigo mesmo todas as circunstâncias daquela noite fatal. Primeiro, pensei ter sido o brinquedo de uma ilusão mágica. Mas circunstâncias reais e palpáveis logo destruíram essa suposição. Não podia acreditar que havia sonhado, uma vez que Bárbara tinha visto, como eu, o homem com dois cavalos negros e descrevia o acontecido com exatidão. No entanto, ninguém nas redondezas conhecia um castelo ao qual correspondesse a descrição daquele onde eu havia reencontrado Clarimonde.

Certa manhã, vi chegar o abade Sérapion. Bárbara havia mandado dizer-lhe que eu estivera doente, e ele acorrera rapidamente. Embora aquele zelo demonstrasse afeição e interesse por minha pessoa, sua visita não me proporcionou o prazer que deveria. O abade Sérapion tinha no olhar alguma coisa de penetrante e de inquisitivo que me incomodava. Sentia-me embaraçado e culpado diante dele. Foi o primeiro a descobrir minha perturbação interior, e eu o recriminava por sua clarividência.

Querendo ter notícias sobre minha saúde em um tom hipocritamente meloso, ele fixava em mim seus olhos amarelos de leão e mergulhava

como uma sonda seus olhares em minha alma. Depois me perguntou sobre a maneira como estava conduzindo minha paróquia, se estava gostando, o que eu fazia no tempo livre, se tinha conhecido alguém entre os habitantes do lugar, quais eram minhas leituras favoritas e mil outros detalhes semelhantes. Respondia a tudo o mais brevemente possível, e ele, sem aguardar que eu terminasse de responder, passava a outra coisa. Essa conversa, evidentemente, não tinha nenhuma relação com o propósito de sua visita. Então, sem nenhuma preparação e como se fosse uma notícia da qual se lembrasse naquele instante e que temesse esquecer, disse-me com voz clara e vibrante que ressoou em meu ouvido como as trombetas do Juízo Final:

– A grande cortesã Clarimonde faleceu recentemente, após uma orgia que durou oito dias e oito noites. Foi algo de infernalmente esplêndido. Renovaram-se ali as abominações das festanças de Baltazar e de Cleópatra. Em que século estamos vivendo, meu bom Deus! Os convivas eram servidos por escravos negros, falando uma língua desconhecida, e que me parecem verdadeiros demônios; a libré do mais simples entre eles poderia servir de vestimenta de gala a um imperador. Sempre correram histórias bem estranhas sobre essa Clarimonde, e todos os seus amantes tiveram um final miserável ou violento. Disseram que era uma vampira, um vampiro-fêmea, mas acho que era Belzebu em pessoa.

Calou-se e observou-me mais atentamente do que nunca para ver o efeito que suas palavras haviam produzido em mim. Não pude evitar um movimento ao ouvir o nome de Clarimonde, e aquela notícia de sua morte, além da dor que me causava por sua estranha coincidência com a cena noturna da qual eu tinha sido testemunha, dirigiu-me numa perturbação e terror que apareceram em meu rosto, embora tentasse controlar-me. Sérapion lançou-me um olhar inquieto e severo; depois disse-me:

– Meu filho, devo avisá-lo, você está com um pé no abismo, tome cuidado para não cair. Satanás tem a garra longa, e os jazigos nem sempre são confiáveis. O túmulo de Clarimonde deveria ser fechado com selo

triplo, pois, pelo que dizem, não é a primeira vez que ela morre. Que Deus o proteja, Romualdo!

Após pronunciar essas palavras, Sérapion se encaminhou para a porta a passos lentos e partiu quase imediatamente para S***.

Estava completamente restabelecido e retomara minhas funções habituais. A lembrança de Clarimonde e as palavras do velho abade não saíam do meu pensamento; no entanto, nenhum acontecimento extraordinário viera confirmar as fúnebres previsões de Sérapion, e eu começava a acreditar que seus medos e meus pavores eram exagerados.

No entanto, certa noite tive um sonho. Mal tinha adormecido quando ouvi abrirem-se as cortinas da minha cama e correrem os anéis nos varões fazendo um barulho estridente. Levantei-me bruscamente apoiando-me sobre o cotovelo e vi uma sombra de mulher de pé diante de mim. Imediatamente, reconheci Clarimonde. Trazia na mão uma pequena lâmpada no formato daquelas que se colocam nos túmulos, cuja claridade dava a seus dedos afilados uma transparência cor-de-rosa que se prolongava num *dégradé* insensível até a brancura opaca e leitosa do seu braço nu. Tinha como única vestimenta o sudário de linho que a cobria em seu leito de morte e cujos plissados ela segurava sobre o peito, como se estivesse com vergonha de estar pouco vestida, mas sua pequena mão não era suficiente. Estava tão branca que a cor do lençol confundia-se com a da pele sob a tênue luminosidade da lâmpada. Resguardada por esse fino tecido que traía todos os contornos de seu corpo, ela parecia mais uma estátua de mármore de banhista antiga do que uma mulher com vida. Morta ou viva, estátua ou mulher, sombra ou corpo, sua beleza continuava a mesma; apenas o brilho verde dos olhos estava um pouco apagado, e sua boca, tão corada antes, tinha não mais que um tom rosa-claro e suave quase igual ao da sua face. As pequenas flores azuis que eu tinha notado em seus cabelos estavam completamente secas e tinham perdido quase todas as folhas; o que não a impedia de ser bela; estava tão bela que, apesar da singularidade da aventura e da maneira inexplicável como ela entrara no quarto, não senti um instante de medo.

Ela colocou a lâmpada sobre a mesa e sentou-se ao pé da minha cama. Depois, inclinando-se sobre mim, disse com aquela voz ao mesmo tempo vibrante e aveludada que eu conhecia e que era somente dela:

– Eu te fiz esperar muito tempo, meu querido Romualdo, e deves ter pensado que tinha te esquecido. Mas venho de muito longe e de um lugar de onde ninguém mais ainda retornou; não existe nem lua nem sol no país de onde vim; é só espaço e escuridão; nem caminho, nem estrada; não existe terra para o pé, nem ar para as asas; e no entanto aqui estou, porque o amor é mais forte do que a morte, e ele acaba vencendo. Ah! Quantos rostos melancólicos e coisas horríveis vi na minha viagem! Quanto sofrimento minha alma, que penetrou neste mundo pelo poder da vontade, passou para reencontrar seu corpo e nele instalar-se! Quanto esforço tive de fazer para levantar a pedra com a qual me haviam coberto! Vê! As palmas das minhas pobres mãos estão feridas. Beija-as para curá-las, querido amor! – Colocou a palma fria das mãos, uma de cada vez, sobre minha boca, eu as beijei várias vezes, e ela olhava-me fazê-lo com um sorriso de indescritível satisfação.

Confesso, para minha vergonha, que tinha esquecido totalmente os avisos do abade Sérapion e minha condição de sacerdote. Tinha sucumbido sem resistência e no primeiro ataque. Não havia nem mesmo procurado rejeitar a tentação; o frescor da pele de Clarimonde penetrava a minha, e eu sentia correr pelo corpo arrepios voluptuosos.

Pobre criança! Apesar de tudo que vi, não acreditava que ela fosse um demônio; ao menos não parecia, e nunca Satanás escondera tão bem suas garras e seus chifres. Ela se curvara sobre os calcanhares e se mantinha agachada à beira da cama numa posição cheia de graça indolente. De quando em vez passava a mão em meus cabelos e os enrolava em cachos como para experimentar novos penteados para o meu rosto. Eu me deixava levar com a mais culpada satisfação, e ela acompanhava tudo isso com a mais encantadora tagarelice. Uma coisa importante: eu não experimentava nenhuma surpresa diante de uma aventura tão extraordinária. E, com a facilidade que se tem numa visão de admitir

como muito simples os acontecimentos mais estranhos, achava tudo perfeitamente natural.

– Eu te amava muito tempo antes de te ver, meu querido Romualdo, e te procurava por todo lugar. Tu eras meu sonho, e te percebi na igreja no momento fatal; disse imediatamente: é ele! Lancei um olhar e nele coloquei todo o amor que sentira, que tinha e que devia ter por ti: um olhar capaz de torturar um cardeal, de fazer um rei ajoelhar-se a meus pés diante de toda a sua corte. Tu ficaste impassível e preferiste teu Deus.

“Ah! Como tenho ciúmes de Deus, que tu amaste e amas muito mais do que a mim! Como sou infeliz, infeliz! Nunca terei teu coração só para mim, eu, que tu ressuscitaste com um beijo, Clarimonde, a morta, que por ti forçou as portas do túmulo e que vem dedicar-te uma vida que ela só retomou para fazer-te feliz!”

Todas essas palavras eram interrompidas por carícias delirantes que atordoaram meus sentidos e minha razão a ponto de me fazer, para consolá-la, não ter medo de proferir a terrível blasfêmia de lhe dizer que a amava tanto quanto amava a Deus.

Seus olhos reavivaram-se e brilharam como crisóprastos.

– É verdade?! É verdade mesmo?! Tanto quanto a Deus?! – disse ela enlaçando-me com seus belos braços. – Já que é assim, tu virás comigo, tu me seguirás até onde eu quiser. Deixarás teus horrorosos hábitos pretos. Serás o mais orgulhoso e o mais invejado dos cavaleiros, tu serás meu amante. Ser o amante confesso de Clarimonde, que recusou um papa! É lindo tudo isso! Ah! A boa vida feliz, a bela existência dourada que nós levaremos! Quando partimos, meu fidalgo amante?

– Amanhã! Amanhã! – gritei no meu delírio.

– Amanhã, que seja! – respondeu ela. – Terei tempo para trocar de roupa, pois esta é um pouco modesta e não é própria para uma viagem. Tenho também de avisar meus parentes, que me acreditam realmente morta e que se afligem profundamente. O dinheiro, as roupas, os carros, tudo estará pronto; virei pegar-te a esta mesma hora. Adeus, querido coração.

E ela tocou levemente minha testa com seus lábios. A lâmpada apagou-se, fecharam-se as cortinas, e não vi mais nada; um sono de chumbo, um sono sem sonho pesou sobre mim e manteve-me paralisado até o dia seguinte pela manhã. Acordei mais tarde do que de costume, e a lembrança daquela estranha visão agitou-me durante todo o dia; acabei por me persuadir de que se tratava de pura ilusão da minha excitada imaginação. No entanto, as sensações tinham sido tão vivas que era muito difícil acreditar que não haviam sido reais, e foi com certa apreensão que fui deitar-me, depois de ter rogado a Deus que afastasse de mim os maus pensamentos e protegesse a castidade do meu sono.

Logo adormeci profundamente, e meu sonho continuou. As cortinas abriram-se, vi Clarimonde, não como na primeira vez, pálida em sua mortalha e as violetas da morte em sua face, mas alegre, lépida e sorridente, com magnífica vestimenta de viagem de veludo verde enfeitada com fitas douradas e arregaçada do lado, deixando à mostra uma saia de cetim. Seus cabelos louros escapavam em grossos cachos embaixo de um largo chapéu de feltro preto coberto de plumas brancas caprichosamente torneadas; segurava na mão um pequeno chicote comprido e fino, terminado por um apito de ouro. Tocou-me levemente e disse:

– E então, belo adormecido, é assim que faz seus preparativos? Esperava encontrar-te de pé. Levanta-te rápido, não temos tempo a perder.

Saltei para fora da cama.

– Vamos, veste-te e partamos – disse ela apontando um pequeno embrulho que tinha trazido –, os cavalos estão impacientes e roendo os freios na entrada. Já deveríamos estar a dez léguas daqui.

Coloquei rapidamente as roupas, e ela mesma me entregava as peças, morrendo de rir da minha falta de jeito, e me indicava seu uso quando me enganava. Deu um jeito no meu cabelo e, quando tudo estava pronto, estendeu-me um espelho de bolso de cristal de Veneza, bordado em filigrana de prata, e disse-me:

– O que achas? Queres contratar-me como tua camareira?

Eu não era mais o mesmo e não me reconheci. Parecia uma estátua inacabada que se assemelha a um bloco de pedra. Meu antigo rosto parecia ser apenas o esboço grosseiro daquele que o espelho refletia. Estava lindo, e meu eu ficou sensivelmente lisonjeado com essa metamorfose. Aquelas roupas elegantes, aquele luxuoso casaco bordado, faziam de mim um personagem diferente, e eu admirava o poder de alguns palmos de tecido cortados de certa maneira. O espírito do meu vestuário penetrou-me a pele e, passados dez minutos, tornara-me razoavelmente pretensioso.

Dei algumas voltas pelo quarto para ganhar desenvoltura. Clarimonde olhava-me com ar de complacência maternal e parecia muito contente com sua obra.

– Chega de infantilidades, partamos, meu querido Romualdo! Vamos para longe e, se não nos apressarmos, não chegaremos a tempo. – Pegou-me pela mão, levou-me.

Todas as portas abriam-se diante dela assim que as tocava, e passamos na frente do cachorro sem despertá-lo.

Na porta, encontramos Margheritone; era o cavaleiro que já havia me conduzido; ele segurava as rédeas de três cavalos, tão negros como os primeiros, um para mim, um para ele, um para Clarimonde. Aqueles cavalos deviam ser ginetes da Espanha, nascidos de éguas fecundadas pelo zéfiro, pois corriam tão rápido quanto o vento, e a Lua, que havia nascido quando partimos para nos iluminar, rolava no céu como a roda solta de uma carruagem; nós a víamos a nossa direita saltar de árvore em árvore e perder o fôlego para nos acompanhar. Logo chegamos a uma planície onde, junto a um pequeno bosque de árvores, esperava-nos um carro atrelado com quatro animais vigorosos. Entramos, e os cocheiros os fizeram galopar loucamente. Tinha um braço passado atrás da cintura de Clarimonde e uma das suas mãos ia dobrada dentro da minha; ela apoiava a cabeça sobre meu ombro, e eu sentia seu pescoço seminu tocar levemente meu braço. Nunca experimentara felicidade tão grande. Esquecera tudo naquele momento, e a lembrança de ter sido padre não era

mais forte do que a do que eu tinha feito no ventre da minha mãe, tamanha era a fascinação que o espírito maligno exercia sobre mim.

A partir daquela noite, minha natureza de algum modo duplicou-se, e passaram a existir em mim dois homens que não se conheciam. Às vezes acreditava ser um padre que toda noite sonhava que era nobre, às vezes um nobre que sonhava que era padre. Não podia mais distinguir o sonho da vigília, não sabia onde começava a realidade e onde terminava a ilusão. O jovem fidalgo pretensioso e libertino zombava do padre, o padre detestava as libertinagens do jovem fidalgo. Duas espirais entrelaçadas uma na outra e confundidas sem nunca se tocar não conseguem representar essa vida bicéfala que foi a minha. Apesar da estranheza dessa situação, não acredito ter chegado um só instante à loucura. Sempre conservei muito nítidas as percepções das minhas duas existências.

Só havia um absurdo que eu não conseguia explicar: o fato de o sentimento do mesmo eu existir em dois homens tão diferentes. Era uma anomalia que eu não decifrava, quer acreditasse ser o pároco da aldeia de C***, quer acreditasse ser *il signor Romualdo*, amante publicamente reconhecido e privilegiado de Clarimonde.

Todavia, estava, ou ao menos acreditava estar, em Veneza; não podia ainda esclarecer o que havia de ilusão e de realidade naquela estranha aventura. Morávamos em um grande palácio de mármore sobre o Canaleio, repleto de afrescos e estátuas, com dois Ticianos do melhor tempo no quarto de dormir de Clarimonde. Um palácio digno de um rei. Cada um tinha sua gôndola e suas barcarolas, sua câmara de música e seu poeta. Clarimonde mergulhava na vida da alta sociedade e tinha um pouco de Cleópatra em sua natureza. Quanto a mim, eu tinha um séquito de filho de príncipe e comportava-me com ostentação, como se tivesse sido da família de um dos doze apóstolos ou dos quatro evangelistas da sereníssima república; não desviaria do meu caminho para deixar passar o doge, e não acredito que, desde Satanás, que caiu do céu, alguém tenha sido mais orgulhoso e mais insolente do que eu. Ia ao Ridotto e jogava um jogo digno do inferno. Via a melhor sociedade do mundo, filhos de famílias arruinadas, mulheres de teatro, escroques, parasitas e

espadachins. No entanto, apesar da dissipação dessa vida, eu continuava fiel a Clarimonde. Eu a amava perdidamente. Ela teria despertado a própria saciedade e fixado a inconstância.

Ter Clarimonde era ter vinte amantes, era ter todas as mulheres, tal a maneira como ela era impulsiva, instável e diferente dela mesma; um verdadeiro camaleão! Eu cometia com uma única mulher, com ela, a infidelidade que se teria cometido com outras, quando ela incorporava inteiramente o modo de ser, de andar e o gênero de beleza da mulher que se parecia gostar. Ela devolvia meu amor cem vezes mais forte, e era em vão que os jovens patrícios e até mesmo os velhos do Conselho dos Dez faziam-lhe as propostas mais magníficas. Um Foscari chegou até mesmo a lhe propor casamento; ela recusou tudo. Tinha bastante dinheiro; não queria nada mais além do amor, um amor jovem, puro, despertado por ela, e que devia ser o primeiro e o último.

Eu teria sido completamente feliz se não fosse um pesadelo que retornava todas as noites, e em que eu acreditava ser um pároco de aldeia que se macerava e fazia penitência para expiar os excessos do dia. Confiante devido ao hábito de estar com ela, quase não pensava mais na maneira estranha como a tinha conhecido. Todavia, as palavras do abade Sérapión retornavam-me de vez em quando à memória e traziam-me muita inquietude.

Havia algum tempo, a saúde de Clarimonde não estava tão boa; sua tez perdia a coloração dia após dia. Os médicos que chamamos não conseguiam explicar sua doença e não sabiam o que fazer. Prescreveram alguns remédios paliativos e não retornaram mais. Todavia, ela empalidecia a olhos vistos e ficava cada vez mais fria. Estava quase tão branca e tão morta quanto naquela famosa noite no castelo desconhecido. Afligia-me vê-la assim, enfraquecendo lentamente. Abalada com a minha dor, sorria-me triste e docemente com o sorriso fatal das pessoas que sabem que vão morrer.

Uma manhã, sentado junto a sua cama, tomava meu desjejum numa pequena mesa para não deixá-la um só minuto, quando, ao descascar uma fruta, fiz por acaso um corte bastante profundo no dedo. Logo o sangue

escorreu em filetes de púrpura, e algumas gotas espirraram em Clarimonde. Seus olhos iluminaram-se, sua fisionomia adquiriu uma expressão de alegria feroz e selvagem que eu nunca tinha visto. Saltou para fora da cama com uma agilidade animal, uma agilidade de macaco ou de gato, e precipitou-se sobre meu ferimento, que se pôs a chupar com um indizível ar de volúpia. Sorvia o sangue em pequenos goles, lenta e delicadamente, como um *gourmet* saboreia um vinho de Xerez ou de Siracusa; piscava os olhos, e suas pupilas ficavam ovais, em vez de redondas. De vez em quando, interrompia para me beijar a mão, depois recomeçava a pressionar com os lábios o ferimento, para sugar de novo algumas gotas vermelhas. Quando viu que o sangue não vinha mais, levantou os olhos úmidos e brilhantes; estava mais cor-de-rosa do que uma aurora do mês de maio, o rosto pleno, a mão morna e ligeiramente molhada; enfim, mais bela do que nunca e em perfeito estado de saúde.

– Não vou morrer! Não vou morrer! – disse ela, louca de alegria e pendurando-se em meu pescoço. – Poderei amar-te mais tempo ainda. Minha vida está dentro da tua, e tudo que sou vem de ti. Algumas gotas do teu rico e nobre sangue, mais precioso e mais eficaz do que todos os elixires do mundo, devolveram-me a vida.

Essa cena preocupou-me por muito tempo e inspirou-me estranhas dúvidas em relação a Clarimonde. Naquela mesma noite, assim que o sono levou-me ao meu presbitério, vi o abade Sérapion mais sério e preocupado do que nunca. Olhou-me atentamente e disse:

– Não satisfeito em perder sua alma, quer perder também seu corpo. Jovem desventurado, em que armadilha você foi cair!

O tom com que disse essas poucas palavras tocou-me fortemente; mas, apesar da sua força, essa impressão logo se dissipou e outras mil inquietações apagaram-na do meu espírito. Uma noite, no entanto, pelo meu espelho, cuja pérfida posição ela não havia calculado, vi Clarimonde despejar um pó na minha taça de vinho temperado com especiarias que ela tinha o hábito de preparar depois da refeição. Peguei a taça, fingi levá-la aos lábios e a coloquei sobre algum móvel. Aproveitando o instante em que ela estava de costas, joguei o conteúdo embaixo da mesa; depois fui

para o quarto e me deitei, determinado a não dormir e a ver o que aconteceria. Não esperei muito tempo; Clarimonde entrou de camisola e, desfazendo-se dos seus véus, deitou-se na cama junto a mim. Quando teve certeza de que eu estava dormindo, descobriu meu braço e tirou um alfinete de ouro da cabeça; depois começou a murmurar em voz baixa:

– Uma gota, uma pequena gota apenas, um rubi na ponta da minha agulha!... Porque tu me amas, ainda não devo morrer.. Ah! Pobre amor! Teu belo sangue de uma cor púrpura tão brilhante! Vou bebê-lo. Dorme, meu único bem; dorme, meu deus, minha criança; não te farei mal, pegarei da tua vida o que será necessário para não deixar apagar a minha. Se não te amasse tanto, poderia decidir ter outros amantes, cujas veias eu secaria; mas, desde que te conheço, tenho horror a todo mundo... Ah! Que belo braço! Como é musculoso! Como é branco! Nunca ousaria picar esta linda veia azul. – E, dizendo isso, ela chorava, e eu sentia suas lágrimas escorrer sobre meu braço, que ela segurava entre as mãos.

Finalmente decidiu-se, picou-o levemente com sua agulha e pôs-se a sugar o sangue que dele escorria. Embora tivesse bebido apenas algumas gotas, o medo de me esgotar tomando conta dela, enrolou cuidadosamente meu braço com uma pequena faixa depois de ter friccionado a ferida com um unguento que a cicatrizou rapidamente.

Não podia mais ter dúvidas, o abade Sérapion tinha razão. Todavia, apesar dessa certeza, não podia impedir-me de amar Clarimonde; eu lhe teria dado de boa vontade todo o sangue que ela precisasse para sustentar sua existência fictícia. Além disso, não tinha muito medo; a mulher comportava-se como um vampiro, mas o que eu havia visto e ouvido tranquilizava-me completamente; eu tinha, então, veias abundantes, que tão cedo não seriam esgotadas, e não barganhava minha vida gota a gota. Eu mesmo teria aberto o braço e lhe teria dito: “Bebe! E que o meu amor se infiltre em teu corpo com meu sangue!”. Evitava fazer a mínima alusão ao narcótico que ela colocara na minha taça e à cena da agulha, e vivíamos no mais perfeito entendimento. Meus escrúpulos de sacerdote, no entanto, atormentavam-me mais do que nunca, e eu não sabia que nova tortura inventar para submeter e mortificar minha carne.

Ainda que todas essas visões fossem involuntárias e que eu não participasse delas em nada, não ousava tocar o Cristo com mãos tão impuras e um espírito contaminado por tais libertinagens reais ou imaginárias. Para evitar cair naquelas alucinações cansativas, tentava não dormir, mantinha as pálpebras abertas com os dedos e ficava em pé, encostado nas paredes, lutando contra o sono com todas as minhas forças; mas a areia da sonolência logo rolava nos meus olhos e, vendo que qualquer luta era inútil, deixava os braços cair de desânimo e preguiça, e a corrente reconduzia-me para as margens pérfidas. Sérapion fazia-me as mais veementes exortações e reprovava duramente minha frouxidão e meu pouco fervor.

Um dia em que eu estivera mais agitado do que habitualmente, disse-me:

– Para livrar-se dessa obsessão só existe um meio e, se bem que extremo, é preciso empregá-lo: para grandes males, grandes remédios. Sei onde Clarimonde foi enterrada: é preciso desenterrá-la e que você veja em que estado lamentável se encontra o objeto do seu amor; não se sentirá mais tentado a perder sua alma por um cadáver imundo devorado por vermes e prestes a virar pó; isso seguramente fará com que caia em si.

Estava tão cansado daquela vida dupla que aceitei. Querendo saber, de uma vez por todas, quem, o sacerdote ou o fidalgo, estava sendo enganado por uma ilusão, estava decidido a matar, em proveito de um ou do outro, um dos dois homens que estavam dentro de mim ou mesmo a matar os dois, porque uma vida daquelas não podia durar.

O abade Sérapion muniu-se de uma enxada, uma alavanca e uma lanterna, e à meia-noite dirigimo-nos ao cemitério de C***, cuja localização e disposição ele conhecia perfeitamente. Depois de ter iluminado com sua fraca lanterna as inscrições de várias sepulturas, chegamos finalmente a uma pedra escondida entre ervas daninhas e devorada por musgos e plantas parasitas, onde deciframos este começo de inscrição:

Aqui jaz Clarimonde,

Que foi enquanto vivia
A mais bela do mundo.

– É aqui mesmo – disse Sérapion, que colocou a lanterna no chão e enfiou a alavanca no interstício da pedra, começando a levantá-la. A pedra cedeu, e ele pôs-se à obra com a enxada. Eu assistia ao trabalho do abade, mais negro e silencioso do que a própria noite; curvado sobre a sua obra fúnebre, arquejava, banhado de suor, e sua respiração apressada parecia um ronco de agonizante. Era um espetáculo estranho, e quem nos visse de fora pensaria que éramos dois profanadores e ladrões de mortalhas, e não dois sacerdotes de Deus. O zelo de Sérapion tinha alguma coisa de rude e de selvagem que o fazia parecer mais com um demônio do que com um apóstolo ou um anjo, e seu rosto de traços austeros e profundamente recortados pelo reflexo da lanterna nada tinha de tranquilizador.

Sentia escorrer pelos braços um suor glacial, e meus cabelos arrepiavam-se dolorosamente em minha cabeça; no fundo de mim mesmo, via a ação do severo Sérapion como um sacrilégio abominável e teria desejado que do fundo das nuvens escuras que rodavam pesadamente sobre nós saísse um triângulo de fogo que o reduzisse a pó. As corujas empoleiradas sobre os ciprestes, inquietas com a luz da lanterna, vinham bater pesadamente contra ela com suas asas cobertas de poeira, lançando gemidos queixosos; as raposas regougavam ao longe, e mil ruídos sinistros destacavam-se do silêncio.

Finalmente, a enxada de Sérapion bateu no caixão, cujas tábuas ressoaram com um ruído surdo, com aquele terrível ruído que o nada produz quando o tocamos; ele levantou a tampa do caixão, e vi Clarimonde pálida como o mármore, as mãos entrelaçadas; seu sudário branco tinha apenas uma prega da cabeça aos pés. Uma pequena gota vermelha brilhava como uma rosa no canto da boca sem cor. Sérapion, diante dessa visão, entrou num estado de fúria:

– Ah! Finalmente, demônio, cortesã despudorada, bebedora de sangue e de ouro! – E aspergiu com água benta o corpo e o caixão, traçando a forma de uma cruz com seu aspersório. A pobre Clarimonde, assim que tocada

pela santa água, teve seu belo corpo transformado em pó; era uma mistura pavorosamente disforme de cinzas e ossos semicalcinados.

– Eis aqui sua amante, senhor Romualdo – disse o inexorável sacerdote, mostrando aqueles horríveis restos mortais. – Ainda estará tentado a ir passear no Lido ou na Fusine com sua beldade?

Abaixei a cabeça; uma grande ruína acabava de se formar dentro de mim. Retornei ao meu presbitério, e o senhor Romualdo, amante de Clarimonde, separou-se do pobre sacerdote, a quem ele havia feito, durante muito tempo, uma companhia tão estranha.

Somente na noite seguinte vi Clarimonde; ela me disse, como na primeira vez sob o portal da igreja:

– Infeliz! Infeliz! O que fizeste? Por que escutaste aquele padre imbecil? Não estavas feliz? E o que te fiz para violares minha pobre sepultura e desnudares as misérias do meu não ser? Toda comunicação entre nossas almas e nossos corpos está rompida daqui por diante. Adeus! Tu sentirás minha falta.

Clarimonde desapareceu no ar como uma fumaça, e eu não mais a vi.

Infelizmente, ela disse a verdade: eu senti sua falta mais de uma vez e ainda sinto. A paz da minha alma custou muito caro; o amor de Deus não era o bastante para substituir o dela. Esta, irmão, é a história da minha juventude. Nunca olhe para uma mulher, e caminhe sempre com os olhos voltados para o chão. Por mais puro e calmo que você seja, basta um minuto para fazê-lo perder a eternidade.

+++

AUTOR E OBRA

Pierre Jules Théophile Gautier nasceu em 1811 e morreu em 1872. Francês, era poeta, dramaturgo, romancista, jornalista, polemista, crítico literário e de manifestações artísticas em geral. Mais do que tudo, era um dos símbolos do Romantismo francês, admirado por seus contemporâneos, que o tinham como modelo, a ponto de Charles

Baudelaire (1821-1867) – outra expressão da elite do pensamento e da poesia romântica – ter dedicado um de seus principais livros de poemas, *As Flores do Mal*, a Gautier, nos seguintes termos:

Ao poeta impecável
ao Mágico perfeito em letras francesas
ao meu muito caro e muito venerado Mestre e Amigo
Théophile Gautier
com o sentimento da mais profunda humildade
DEDICO
ESTAS FLORES DOENTIAS⁴

Gautier (assim como Goethe) coloca o gótico no mesmo cadinho que forjou o Romantismo de primeira linha. E mais:

Uma mulher misteriosa,
Cuja beleza desconcerta meus sentidos,
Mantém-se, silenciosamente,
Por entre ondas que se quebram⁵.

Novamente, a afinidade com Baudelaire, e de ambos com o centro ficcional de *A Amante Morta*, é evidente:

Sem cessar ao meu lado, o Demônio arde em vão;
Nada em torno de mim como um ar vaporoso;
Eu degluto-o a sentir que me queima o pulmão,
Enchendo-o de um desejo eterno e criminoso.

Toma, ao saber o meu amor à fantasia,
A forma de mulher, que eu mais espere e ame.
E tendo sempre um ar de pura hipocrisia,
Acostuma-me a boca a haurir um filtro infame.

Ela conduz-me assim longe do olhar de Deus,
O peito a repartir-se de morna exaustão,
Pelas terras do tédio, infinitas, desertas,

Para depois jogar os torvos olhos meus
Ascorosos rasgões e feridas abertas,
Meros aparelhos a sangrar Destruição.⁶

A Amante Morta é de 1836 e antecede *Carmilla* (1872), de Joseph Sheridan Le Fanu na apresentação da mulher-vampiro. No entanto, mais importante, talvez, será a obsessão dos *decadentistas* (Gautier, Baudelaire e Oscar Wilde, este na Inglaterra) por um certo personagem-tipo feminino, que, cultuado em seus poemas e contos, passa a desempenhar papéis cruciais na literatura: *a mulher fatal*... Aquela criatura cuja beleza e aparência pura, imaculada, são disfarces letais de sua alma demoníaca. Aquela cujo poder de metamorfose seduz o incauto, o ingênuo, e o arrasta para a degradação.

A mulher fatal é um tipo composto com tanta consistência, entranhou-se tão belamente no gosto e na experiência popular com a ficção que contaminou outros domínios da literatura e também a cultura pop como um todo. Não é surpresa, seja num filme de caubóis, num policial ou num thriller, aquela linda moça, às vezes aparentando ser indefesa, mas que se coloca desde o início ao lado do herói e o acompanha, até que ele se apaixona por ela e lhe revela o segredo que ela sempre teve em mira conquistar. Então, ela se transforma, mostra sua alma monstruosa, deixando o herói abestalhado, como Milady, do folhetim (outra linhagem nobre dos clássicos do Romantismo) de Alexandre Dumas, *Os Três Mosqueteiros* (publicado em episódios em 1844). Em *A Amante Morta*, Clarimonde, como todas as criaturas/personagens-demoníacos do gótico romântico, exerce sobre sua presa/vítima o duplo e dúbio efeito de terror (destruição) e fascínio.

A mulher fatal é uma predadora invencível. Uma vez seduzida por ela, raramente a presa escapa da catástrofe. E a tal ponto que se corroboram as palavras finais do padre Romualdo – “Caminhe sempre com os olhos voltados para o chão” –, mesmo que isso signifique abster-se do mundo.

† † †

NOTAS

1. Sardanapalus foi o último rei da Assíria. Levar uma vida de Sardanapalus significa levar uma vida de libertinagem.
2. No Oriente, a comunhão sob as duas espécies sempre ocorreu (chamadas de as espécies eucarísticas para se referir ao pão e ao vinho). Essa comunhão no sangue de Cristo desapareceu gradualmente no Ocidente durante a Idade Média e acabou por ser proibida pelo Concílio de Constança, em 1415.
3. Torsades: Laço ou corda trançada que serve de puxador para a cortina.
4. Tradução de Jamil Mansur Haddad.
5. Citado em *Mona Lisa*, de Donald Sasson, p. 109. Tradução de Luiz Antonio Aguiar.
6. Em *As Flores do Mal*, tradução de Jamil Mansur Haddad.

Sombras da adolescência

Ensaio de Daniel Piza

Descobri ao mesmo tempo a mim e a Edgar Allan Poe e outros autores do romantismo gótico. Tinha catorze anos e atravessado aquele momento do “dar-se por gente” com a ajuda de muitas leituras, que me deram sensações mistas, ambíguas: se elas libertaram meu senso crítico e criativo ao mostrar que pais e professores nos ensinavam lugares-comuns moralistas, castradores, também me trouxeram o peso de uma herança cultural ampla e complexa e a percepção terrível de que não somos donos do nosso destino, de que a vida é irônica e repleta de variáveis que não conhecemos ou controlamos. E nada traduz melhor esse estado de espírito do que as cenas macabras, as mulheres insondáveis, os contrastes intensos da literatura romântica, na poesia ou na prosa, que li então. Era como se os textos vibrassem no mesmo diapasão perturbador de meus sentimentos. O mundo era agora uma ameaçadora e sedutora multidão de sombras.

Essa confusão vulcânica entre desejos e medos é recriada tanto por Poe como por outros raros autores. No conto *Ligeia*, por exemplo, ele fala de uma mulher de sorriso radiante e cabelos negros, de uma beleza ao mesmo tempo nítida e obscura, que o narrador tenta refazer de memória, e, no instante em que parece que vai conseguir, a figura se desfaz. Aos poucos sua pele marmórea adoece (e “adolescência” vem de adoecer), suas formas angelicais dão lugar à agonia. O narrador se casa com outra mulher na esperança de revivê-la, deixando o castelo ser dominado por aquele fantasma, enquanto se entrega ao ópio. O sonho de perfeição se converte numa espiral de autodestruição. É como no *Relato de Arthur Gordon Pym*, em que o marinheiro naufraga em seu próprio delírio missionário. Como só o abismo o desafia, ele não pode senão ser vítima da própria fantasia.

Roderick Usher não é diferente. Seus cinco sentidos reagem extremadamente a tudo que os toca: sons, cheiros, sabores, luzes. Ele vive com medo de doenças e num estado de ansiedade incessante. Sua irmã, Madeline, está morta num dos aposentos, mas ele está agitado, como se ela fosse uma ameaça permanente, um símbolo de culpa, um vulto do passado, ou então sua própria projeção, seu espelho feminino. Nossas ilusões de plenitude são ironizadas por Poe, e não por acaso ele influenciou Machado de Assis intensamente: o brasileiro traduziu seu famoso poema “O corvo”, em que a ave negra pousa no ombro de Palas, a deusa da sabedoria, e dali projeta uma sombra no chão. Em quase todas as histórias de Poe, mesmo nas “policiais”, a luz mais forte ou mais alta é apenas uma passagem para o escuro, para o sombrio.

Não somente em Poe, obviamente. Ele é apenas um dos grandes nomes – principalmente por seu poder de síntese e ironia – de uma estética que foi muito marcante na virada do século XVIII para o XIX, começando com autores como Goethe e Horace Walpole, expandindo-se no Romantismo propriamente dito, de 1810 a 1850, com nomes como Coleridge e Wordsworth, e renascendo em movimentos posteriores, com influência do orientalismo e do decadentismo, até a criação de *Drácula* por Bram Stoker em 1897. No Brasil, tivemos praticantes do gótico ou do macabro no romântico Álvares de Azevedo, em suas *Noites na Taverna*, por exemplo, e no pós-romântico Augusto dos Anjos, que dizia num verso ser “filho do carbono e do amoníaco”, já com pitadas modernas de autoironia.

Não me esqueço do efeito da leitura dos poetas românticos, sobretudo os ingleses e franceses, no mesmo período em que lia os contos de Poe. As pessoas costumam achar que uma pessoa romântica é dada a arroubos emotivos, paixões retóricas, mas as obras de arte do período são muito mais que isso. Antes de mais nada, há, como em Poe, uma consciência de que a busca do éden terreno, da Xanadu sensorial, é uma busca, não um achado, e é cheia de adversidades. Além disso, não há uma separação nítida entre as sensações de esperança e desespero, de glória e frustração: não se trata apenas de variar entre a sublime excitação e a trágica decepção, mas de ver que uma só existe em função da outra. Os grandes românticos,

como Baudelaire e Keats, não nos prometem utopias, êxtases permanentes; ao contrário, mostram nossas hipocrisias e ruínas.

Quando se lê o poema de Byron “A uma taça feita de um crânio humano”, isso fica evidente: o crânio transformado em taça de vinho é um lembrete de que a vida passa depressa e fugir das tentações não adianta; e é também um alerta de que há “tanto mal, tanta dor” na vida, “a podridão do lodo”, da qual a alegria só pode nos aliviar temporariamente. Há, por sinal, um componente romântico que muitas vezes é esquecido, a crítica à religiosidade – no sentido de que esses artistas queriam combater o purismo, a repressão aos instintos em nome da paz pós-morte. Para meus anseios de adolescente, esse era um chamado vital, um apelo ao atrevimento, uma defesa de uma vida mais desprendida e experimental, menos programada – pelos outros ou por mim mesmo. Esse chamado, por sinal, estava em perfeita sintonia com as canções que ouvíamos nos anos 1980, de astros pop e, sim, românticos, como Renato Russo e Cazuza.

Tampouco é à toa que no início deste século XXI o romantismo tem reaparecido, em versões mais carnais e menos espirituais, com vampiros, esoterismos e cisnes negros adaptados à vida contemporânea. Livros, filmes e canções continuam a trabalhar com imagens, personagens e narrativas herdadas do romantismo gótico. Assim, num episódio de uma série de TV sobre ciência de vanguarda, *Fringe*, vemos a história de um homem apaixonado por uma bailarina que morreu e cujo corpo ele tenta reconstruir recuperando os órgãos doados e lhe dando uma carga elétrica para voltar a viver, tal como fez o dr. Frankenstein de Mary Shelley. O elã vital não é apenas uma energia que flui por nosso organismo, como se acreditava duzentos anos atrás, mas a curiosidade de experimentar o que não conhecemos está, sem dúvida, inscrita em nosso circuito cerebral.

Adolescentes, afinal, continuam sonhando em saber tudo e amar plenamente, embora nunca deixando de temer que isso seja impossível. Há uma contradição em seus sentimentos, e essa mesma contradição os alimenta, da animação mais acelerada à melancolia quase paralisante. Nunca mais sentimos nem o ânimo nem o tédio que sentíamos quando adolescentes. Aprendemos a administrar essas oscilações, a moderá-las, e

costumo usar verbos como “administrar” e “moderar” para lembrar como isso pode ser enganoso e como também a tal maturidade pode ser ilusória: agimos como se tivéssemos superado aquela fase, mas basta investigar um pouco nosso interior para redescobrir ansiedades, sem falar nas saudades daquele *frisson* de ter um mundo pela frente. Aceitamos a rotina ou até criamos uma para fingir que escapamos da rotina... A urgência de aventura, a vontade de expandir horizontes, porém, continuam em nós. Eis por que a literatura que este volume encerra é eterna.

† † †

AUTOR E OBRA

Daniel Piza é jornalista de *O Estado de S. Paulo*, tradutor e autor de diversos livros, como *Mistérios da Literatura* e *Machado de Assis – Um gênio brasileiro*.



10 Dickon, o Diabo

Joseph Sheridan Le Fanu

Tradução: Sandra Pina

Há cerca de trinta anos fui escolhido por duas ricas donzelas, já de idade, para visitar uma propriedade naquela parte de Lancashire próxima à famosa floresta de Pendle, que passou a ser tão agradavelmente familiar a nós por meio de *As Bruxas de Lancashire*, do Sr. Ainsworth¹. Meu trabalho era fazer a partilha de uma pequena propriedade, incluindo uma casa e a terra que elas tinham recebido havia muito tempo como coerdeiras.

Nos últimos sessenta e poucos quilômetros da minha jornada, fui obrigado a passar repetidamente por encruzilhadas pouco conhecidas e minimamente frequentadas, admirando um cenário extremamente interessante e belo. O pitoresco da paisagem era realçado pela estação – início de setembro – em que eu estava viajando.

Nunca havia estado nessa parte do mundo. Disseram-me que agora é menos selvagem e, conseqüentemente, menos bonita.

Na estalagem onde parei para descansar os cavalos e jantar quando já passavam das cinco da tarde, conheci o proprietário. Era um sujeito robusto, com sessenta e cinco anos, conforme me disse, um homem tolerante e falador, disposto a entreter seus hóspedes com qualquer tipo de conversa. A mais leve sugestão era suficiente para ele deixar as palavras jorrar, fosse qual fosse o assunto em discussão.

Eu estava curioso para conhecer alguma coisa sobre Barwyke, que era o nome das terras e da casa para onde estava indo. Como não havia

nenhuma estalagem mais próxima de lá, tinha escrito ao submordomo pedindo que me acomodasse da melhor maneira que pudesse por uma noite.

O estalajadeiro do Três Freiras, que era a placa sob a qual ele recebia os viajantes, não tinha muito a dizer. Já fazia vinte anos, ou mais, que o velho Nobre Bowes havia morrido, e ninguém vivia lá desde então, com exceção do jardineiro e sua esposa.

– Tom Wyndsour deve ser tão velho quanto eu, mas é um pouco mais alto e não tem tanta carne – disse o gordo homem da estalagem.

– Mas existem histórias sobre a casa – eu repeti. – Contaram que impedem que inquilinos entrem.

– Histórias de velhas mulheres, há muitos anos. Deve ser isso, senhor. Eu as esqueci. Esqueci todas. Ah! Sim. Sempre haverá algumas quando uma casa é abandonada. Gente tola sempre vai falar, mas não ouvi nada sobre ela nesses vinte anos.

Foi inútil tentar provocá-lo. O velho senhorio do Três Freiras, por alguma razão, escolheu não contar histórias sobre Barwyke Hall, se é que ele realmente se lembrava delas. Eu suspeitava que sim.

Paguei a conta e retomei minha jornada, bem satisfeito com a boa acolhida daquela estalagem do velho mundo, mas um pouco desapontado por não ter conseguido saber nada sobre Barwyke.

Estávamos na estrada havia mais de uma hora quando começamos a cruzar uma terra baixa selvagem. Eu sabia que, quando ela terminasse, mais um quarto de hora me levaria até a porta de Barwyke Hall.

A turfa e o tojo logo ficariam para trás, e estaríamos novamente no cenário do bosque de que eu gostava tanto, tão completamente natural e belo e tão pouco perturbado por tráfego de qualquer tipo. Estava olhando pela janela da carruagem e logo detectei o lugar pelo qual, havia algum tempo, meus olhos procuravam. Barwyke era uma casa grande e singular, com aquele trabalho de entalhe conhecido como *preto e branco*, no qual as barras e os ângulos de carvalho, pretos como o ébano, contrastam com a pintura branca da alvenaria construída nas interseções. Essa casa elisabetana² de pé-direito alto se erguia no meio de um gramado de

extensão não muito grande, mas se impunha pela estrutura nobre das antigas árvores que agora lançam suas sombras alongadas sobre a grama a partir do sol poente.

O muro era cinza de tão gasto pelo tempo e, em diversos lugares, carregado de hera. Na profunda sombra cinza que contrastava com as chamas vagas do entardecer refletidas nas folhagens acima dela num delicado espaço vazio, se estendia um lago que parecia frio e negro, como se quisesse evitar ser observado por conta de algum segredo que guardava.

Eu havia esquecido que existia um lago em Barwyke, mas no momento em que capturou meu olhar, como o lustre frio de uma cobra na sombra, meu instinto pareceu reconhecer algo perigoso, e eu sabia que tinha alguma conexão com o lago, não conseguia me lembrar qual, como a história que eu ouvira sobre esse lugar na minha infância.

Segui por uma avenida gramada sob a copa daquelas nobres árvores, cujas folhagens tingidas do vermelho e do amarelo outonais devolviam os raios daquele maravilhoso sol poente.

Aproximamo-nos da porta. Saltei e dei uma boa olhada na parte frontal da casa. Era uma mansão grande e melancólica, com sinais de uma longa negligência. Grandes venezianas de madeira à moda antiga estavam lacradas por fora com tábuas cruzadas. Grama e até urtigas cresciam no pátio, e uma fina camada de musgo aparecia nas tábuas de madeira. O emboço estava descolorido pelo tempo e pelo clima e tinha muita ferrugem e manchas amarelas. O ar melancólico era evidenciado por diversas árvores antigas que se amontoavam perto da casa.

Subi os degraus e olhei ao redor; o lago escuro agora estava perto de mim, um pouco para a esquerda. Não era grande, devia cobrir uns dez ou doze acres, mas adicionava melancolia à cena. Quase no centro havia uma pequena ilha, com dois freixos velhos caindo um sobre o outro; sua imagem contemplativa se refletia sobre a água sem movimento. O único toque animador nesse cenário de antiguidade, solidão e negligência eram a casa e a paisagem sendo aquecidas pelos raios rubros do poente. Bati, e minha batida ressoou oca e indelicada aos meus ouvidos. E o sino, lá de

longe, retornou com um toque rouco e mal-humorado, como se ressentido de estar sendo acordado de anos de repouso.

Um velho camarada de membros finos e olhar alegre, com uma jaqueta grossa e polainas, um sorriso de boas-vindas e nariz muito fino e vermelho, que dava esperanças de bom ânimo, abriu a porta com uma prontidão que indicava a expectativa hospitaleira de minha chegada.

Havia apenas um pouco de luz na sala, e esse pouco se perdia na escuridão do resto. Era muito espaçosa e imponente, com um balcão correndo por toda a volta, que, quando a porta foi aberta, ficou visível em dois ou três pontos. Quase no escuro, meu novo conhecido me conduziu por esse amplo salão até o aposento destinado a mim. Era espaçoso e revestido de madeira até o teto. A mobília desse enorme aposento era antiga e grosseira. Ainda havia cortinas nas janelas, e um pedaço de tapete turco estava no chão. As janelas eram em número de duas, olhando para fora através dos troncos das árvores perto da casa, para o lago. Era preciso todo o fogo e todas as agradáveis associações de meu anfitrião de nariz vermelho para iluminar esse aposento melancólico. Uma porta bem ao final levava ao quarto que fora preparado para eu dormir. Era forrado de madeira, como o outro. Tinha uma cama de quatro pedestais, com pesadas cortinas de tapeçaria e, de uma forma diferente, era mobiliado com o mesmo estilo velho mundo e pesado. Sua janela, como as daquele outro aposento, dava para o lago.

Embora sombrios e tristes, os aposentos eram escrupulosamente limpos. Eu não tinha nada a reclamar, mas o efeito era bastante deprimente. Após dar algumas orientações sobre o jantar – algo agradável a esperar – e fazer uma toailete rápida, chamei meu amigo de polainas e nariz vermelho (Tom Wyndsour), cujo posto era o de *administrador* ou *submordomo* da propriedade, para me acompanhar em uma caminhada pelos campos, já que ainda tínhamos uma hora ou mais de sol e crepúsculo.

Era um doce entardecer de outono, e meu guia andava num passo que me exigiu um bocado para acompanhá-lo.

Entre grupos de árvores no limite norte da propriedade, chegamos a uma pequena capela antiga de paróquia. Eu estava olhando para baixo, de um cume, e o muro ficava no caminho. Um pouco mais para baixo, porém, havia um degrau de acesso à estrada, e por ele chegamos ao portão de ferro do cemitério. Vi a porta da igreja aberta; o sacristão estava colocando sua picareta, pá e enxada, com as quais tinha acabado de cavar uma cova no cemitério, no pequeno armário sob a escada de pedras da torre. Ele era um pouco corcunda, polido e inteligente. E ficou muito feliz em me mostrar a igreja. Entre os monumentos havia um que me interessava. Tinha sido erguido para homenagear o próprio Nobre Bowes, de quem minhas duas donzelas haviam herdado a casa e a propriedade de Barwyke. Referia-se a ele com eloquentes elogios e informava ao leitor cristão que havia morrido no seio da Igreja da Inglaterra, aos setenta e um anos de idade.

Li essa inscrição à luz dos últimos raios do sol poente, que desapareciam por trás do horizonte quando passávamos sob o pórtico.

– Faz vinte anos que o Nobre morreu – disse eu, refletindo, como se ainda estivesse no cemitério.

– É, senhor. Completaram-se vinte anos no dia 9 do mês passado.

– Foi um bom cavalheiro?

– Bastante bem-humorado e fácil de lidar, ele era, senhor. Não acho que, enquanto viveu, tenha machucado sequer uma mosca – aquiesceu Tom Wyndsour. – Nem sempre é fácil dizer o que está dentro deles e o que podem pegar ou deixar para depois, e alguns deles, eu acho, ficam meio loucos.

– Você não acha que ele estava perdendo a lucidez? – perguntei.

– Ele? Ah! Não. Não ele, senhor. Um pouco lento, talvez, como outros velhos, mas sabia muito bem o que fazia.

A descrição de Tom Wyndsour era um pouco enigmática, mas, como o velho Nobre Bowes, eu estava “um pouco lento” naquela tarde e não fiz mais perguntas.

Subimos o degrau até a estreita estrada que margina o cemitério. Era coberta por olmos de mais de cem anos de idade e, no crepúsculo que

agora prevalecia, ficou ainda mais escura.

Enquanto andávamos lado a lado por essa estrada, ladeados por dois muros de pedras soltas, algo correndo em nossa direção em zigue-zague cruzou nossa frente num ritmo selvagem, com um som semelhante a uma risada assustada ou a um grito. Pude ver, quando passou por mim, que era uma figura humana. Devo confessar agora que fiquei um pouco preocupado. A roupa dessa figura era, em parte, branca; sei que o tomei, num primeiro momento, por um cavalo branco vindo pela estrada a galope. Tom Wyndsour se virou e cuidou da figura, que recuava.

– Ele estará fazendo suas viagens esta noite – disse em tom grave. – Fácil de se satisfazer com uma cama, *aquela* rapaz é; seis metros de turfa seca ou charneca, ou um recanto numa vala seca. Aquele rapaz não dormiu nem uma noite em uma casa nesses vinte anos, e nunca o fará enquanto a grama crescer.

– Ele é louco? – perguntei.

– Algo por aí, senhor; é um idiota, um doidinho; nós o chamamos de “Dickon, o diabo”, porque “diabo” é quase a única palavra que sai de sua boca.

Senti que esse idiota estava, de algum modo, conectado com a história do velho Nobre Bowes.

– Coisas estranhas são ditas sobre ele, ousou mencionar.

– Mais ou menos, senhor, mais ou menos. Estranhas histórias, algumas.

– Vinte anos desde a última vez que dormiu em uma casa? É mais ou menos o tempo que faz que o Nobre morreu – continuei.

– Então que seja, senhor; e não muito depois.

– Você precisa me contar tudo sobre isso, Tom, esta noite, quando eu o poderei ouvir confortavelmente, após o jantar.

Tom não pareceu gostar do meu convite e, olhando para a frente enquanto andávamos, disse:

– Veja, senhor, a casa está quieta e ninguém tem mexido com o pessoal dentro das paredes ou fora, pelos bosques de Barwyke, nesses dez anos ou mais, e minha velha é contra falar sobre tais coisas; pensa que é melhor, e eu também, deixar os cães dormir.

Ele foi baixando a voz à medida que finalizava a frase e acenou-me com a cabeça de um jeito expressivo.

Logo chegamos a um ponto onde ele destrancou uma portinhola no muro, por onde adentramos novamente o gramado de Barwyke.

O crepúsculo penetrando fundo na paisagem, as árvores enormes e solenes e o perfil distante da casa assombrada exerciam uma sombria influência sobre mim, que, juntamente com a fadiga de um dia de viagem e a caminhada ligeira que havíamos feito, me fez declinar de interromper o silêncio ao qual meu companheiro agora havia se entregado.

Certo ar de alívio em nossa chegada dissipou em grande medida a melancolia que recaía sobre mim. Embora não fosse uma noite fria, fiquei muito contente ao ver lenha ardendo na lareira; e um par de velas ajudando a luz do fogo fez com que o ambiente parecesse mais alegre. Uma pequena mesa com uma toalha muito branca e posta para o jantar também era uma visão agradável.

Eu teria gostado muito, sob esse clima, de ter ouvido a história de Tom Wyndsour, mas, após o jantar, estava com sono demais para convencê-lo a voltar ao assunto. E, após bocejar por um tempo, vi que não havia por que brigar com minha sonolência, então me dirigi ao quarto e, por volta das dez horas, devo ter dormido.

O que vivi naquela noite devo contar agora. Não foi grande coisa, mas foi muito estranho.

Na noite seguinte, eu já havia terminado meu trabalho em Barwyke. Desde a manhã bem cedo, ficara tão incessantemente ocupado e trabalhara tanto que não tive tempo de pensar sobre a ocorrência singular a que acabei de me referir. Eis-me, porém, finalmente, mais uma vez sentado a minha pequena mesa de jantar terminando uma reconfortante refeição. Tinha sido um dia abafado, e eu havia levantado uma das enormes janelas o mais alto possível. Estava sentado perto dela, com meu conhaque e água junto do cotovelo, olhando para o escuro. Não havia Lua, e as árvores agrupadas perto da casa faziam com que a escuridão a rodeasse de maneira profundamente sobrenatural.

– Tom – disse eu tão logo a jarra de ponche quente que eu lhe havia oferecido começou a exercer sua influência genial e comunicativa –, precisa me dizer quem, além de sua esposa, você e eu, dormiu na casa na noite passada.

Tom, sentado perto da porta, se ajeitou e ficou olhando para mim de esquelha, enquanto se poderia contar até sete, sem dizer uma palavra.

– Quem mais dormiu na casa? – repetiu ele deliberadamente. – Nem uma viva alma, senhor. – E me olhou fixamente ainda esperando, evidentemente, mais alguma coisa.

– Isso é muito estranho – eu disse, encarando-o de volta e sentindo-o de verdade um pouco esquisito. – Tem certeza de que *você* não esteve no meu quarto na noite passada?

– Não até vir chamá-lo, senhor, esta manhã. *Eu* posso jurar.

– Bem – eu disse –, alguém esteve lá, *eu* posso jurar. Estava tão cansado que não consegui me levantar, mas fui acordado por um som que pensei ser de alguém jogando violentamente ao chão as duas caixas de ferro em que meus papéis estavam trancados. Ouvei um passo lento, e havia luz no ambiente, embora eu me lembrasse de ter apagado a vela. Achei que só poderia ser você, que, vindo buscar minhas roupas, tivesse tropeçado acidentalmente nas caixas. Quem quer que tenha sido saiu e levou a luz consigo. Eu estava quase dormindo novamente quando, pela cortina ligeiramente aberta ao pé da cama, entrevi uma luz na parede oposta, como a de uma vela, como pareceria a mim se a porta fosse aberta com toda a cautela. Sentei-me na cama, abri a cortina lateral e vi que a porta *estava* se abrindo e deixando entrar luz de fora. É perto, você sabe, da cabeceira da cama. Uma mão estava segurando a extremidade da porta e empurrando-a para abri-la. Não parecia com a sua. Era uma mão muito singular. Deixe-me ver sua mão.

Ele a estendeu para que eu pudesse inspecioná-la.

– Ah, não. Não há nada errado com sua mão. Essa de que falo tinha um formato diferente. Mais gorda. E o dedo médio era torto e mais curto que o resto, parecendo ter sido quebrado um dia. E a unha era curvada, como a

de uma pata. Perguntei “Quem está aí?”, e a luz e a mão se recolheram, e não vi nem ouvi nada mais de meu visitante.

– Tão certo quanto o senhor está vivo, era ele! – exclamou Tom Wyndsour, seu nariz ficando pálido e os olhos quase saltando do rosto.

– Quem? – perguntei.

– O velho Nobre Bowes. Foi a mão *dele* que o senhor viu. Que o Senhor tenha piedade de nós! – respondeu Tom. – O dedo quebrado e a unha curvada como um arco. Bom para o senhor que ele não voltou quando o chamou àquela hora. O senhor veio aqui por causa dos negócios das Srtas. Dymock, e ele nunca quis que elas colocassem um pé no solo de Barwyke. Estava fazendo um testamento para distribuí-la de maneira bem diferente, quando a morte o levou sem aviso. Ele nunca foi mal-educado com ninguém, mas não suportava as senhoritas. Fiquei apreensivo quando soube que o senhor estava vindo, e agora vê como é. Lá vem ele com seus velhos truques novamente!

Com alguma pressão e um pouco mais de ponche, induzi Tom Wyndsour a explicar suas alusões misteriosas, recontando as ocorrências que se seguiram à morte do velho Nobre.

– O Nobre Bowes de Barwyke morreu sem fazer um testamento, como sabe – disse Tom. – E todo o povo por aqui ficou triste. Quer dizer, tão triste quanto poderia ficar por um homem velho que já tinha visto a história dos anos e não tinha direito de reclamar de a morte bater uma hora mais cedo à sua porta. O Nobre era muito querido. Nunca tratou ninguém com irritação nem pronunciou nenhuma palavra dura. Ele não machucaria uma mosca, e foi isso que tornou o que aconteceu após sua morte mais surpreendente.

“A primeira coisa que aquelas damas fizeram quando receberam a propriedade foi comprar gado para a terra.

“Não é sábio criar rebanhos por conta própria. Mas elas pouco sabiam sobre o que teriam de enfrentar.

“Logo, descobriu-se alguma coisa errada com o gado. Primeiro um animal, depois outro, todos ficaram doentes e morreram, e foi assim até que a perda começou a ser grande. Então, estranhas histórias pouco a

pouco começaram a ser contadas. Foi dito, primeiro por um, depois por mais alguém, que o Nobre Bowes tinha sido visto, ao entardecer, andando, do jeito que costumava fazer quando era vivo, entre as velhas árvores, se apoiando em sua bengala. E algumas vezes, quando se deparava com uma rês, parava e colocava a mão suavemente no dorso do animal, e este, com certeza, apareceria doente no dia seguinte e morreria logo depois.

“Ninguém nunca o encontrou no parque ou no bosque, nem mesmo o viu, exceto a uma boa distância. Mas todos conheciam seu andar e sua silhueta muito bem e as roupas que costumava vestir. Sabiam dizer em qual animal havia posto a mão pela cor: branco, castanho ou preto. E tal animal certamente adoeceria e morreria.

“Os vizinhos começaram a temer passar pelo caminho do parque, e ninguém queria andar pelo bosque nem cruzar os limites de Barwyke. E o gado continuou adoecendo e morrendo.

“Naquela época havia aqui um sujeito chamado Thomas Pyke. Tinha sido um cavaliço do velho Nobre e estava encarregado do lugar. Era o único que dormia na casa.

“Tom ficava contrariado ao ouvir aquelas histórias. Não acreditava em metade delas e mais ainda quando não conseguia homem ou rapaz para ordenhar o gado. Todos tinham medo. Então ele escreveu ao irmão Richard Pyke, em Matlock, Derbyshire. Era um rapaz esperto, que não conhecia as histórias das andanças do velho Nobre.

“Dick veio para cá, e o gado melhorou. As pessoas ainda disseram algumas vezes que haviam visto o velho Nobre andando como antes nos clarões do bosque, com sua bengala na mão. E que ele costumava ficar parado ao longe, olhando-as, sem se mexer, como o tronco das velhas árvores, durante uma hora, até que a figura se esvaía aos poucos, como a fumaça de uma fogueira.

“Tom Pyke e seu irmão, Dickon, as únicas almas vivendo na casa, deitados na grande cama do quarto dos serviçais, a casa trancada, numa noite de novembro...

“Tom estava deitado perto da parede, ele me contou, tão acordado quanto ao meio-dia. Seu irmão, Dickon, deitado do outro lado, parecia

dormir.

“Bem, enquanto estava Tom deitado, pensando, com seus olhos virados em direção à porta, ela se abriu lentamente. E quem entrou senão o velho Nobre Bowes, seu rosto parecendo tão morto quanto estava no caixão.

“A respiração faltou a Tom. Não conseguia tirar os olhos dele. Sentiu os cabelos se arrepiar.

“O Nobre foi até o lado da cama, colocou os braços sob Dickon e levantou o rapaz, em sono profundo todo o tempo, e o carregou para fora.

“Tal foi a aparição para os olhos de Tom Pyke que ele jurava isso em qualquer lugar.

“Naquela hora, a luz, de onde quer que estivesse vindo, sumiu de repente, e Tom não conseguia ver a própria mão.

“Mais morto do que vivo, ele ficou deitado até o amanhecer.

“Certo de que seu irmão, Dickon, tinha sumido, pois nenhum sinal dele havia na casa, com dificuldade conseguiu alguns vizinhos para ajudar a procurá-lo pelo bosque e pelos terrenos. Não o encontraram em lugar algum.

“Finalmente, alguém pensou na ilha do lago. O pequeno barco estava atracado no velho poste à beira da água. Nele entraram com uma pequena esperança de achá-lo lá. E realmente o encontraram, sentado sob o grande freixo, mas totalmente sem juízo. E, a todas as perguntas que faziam, ele respondia apenas com um grito: ‘Bowes, o diabo! Veja ele, veja ele. Bowes, o diabo!’. Um idiota, o consideraram, e assim ele será até que Deus conserte as coisas. Ninguém jamais conseguiu fazê-lo dormir sob um teto novamente. Ele perambula de casa em casa enquanto dura a luz do dia. E ninguém se dispõe a trancar a criatura inofensiva em um asilo.

“Pelo sim, pelo não, as pessoas preferem não o encontrar depois do cair da noite, porque acham que, onde ele estiver, pode haver coisas piores por perto.”

Um silêncio seguiu-se à história de Tom. Ele e eu estávamos sozinhos naquela grande sala. Eu estava sentado perto da janela aberta, olhando para o escuro da noite. Imaginei ter visto algo branco se mover. E ouvi um som como uma voz baixa que se expandia em um grito dissonante: “Hoo-

oo-oo! Bowes, o diabo! Sobre o seu ombro. Hoo-oo-oo! Ha! Ha! Ha!”. Levantei-me e vi, pela luz da vela com a qual Tom caminhara até a janela, os olhos selvagens e a face ressecada do louco enquanto, numa súbita mudança de humor, ele se retirava sussurrando e rindo consigo mesmo, levantando os longos dedos e olhando para as pontas como uma “mão da glória”.

Tom baixou a janela. A história e seu epílogo haviam acabado. Confesso que fiquei contente quando ouvi o som dos cascos dos cavalos no pátio alguns minutos mais tarde. E mais contente ainda quando, tendo dado um adeus simpático a Tom, deixei uma negligenciada casa de Barwyke alguns quilômetros para trás.

† † †

AUTOR E OBRA

Joseph Sheridan Le Fanu (1814-1873) nasceu em Dublin, Irlanda, terra de outro grande autor de histórias góticas, Bram Stoker – criador do Drácula. Para muitos, Le Fanu é o grande precursor do maior vampiro da literatura, com seu *Carmilla*, novela de 1872, muitas vezes adaptada para o cinema e tida como a primeira vampira gay da literatura. Se John Polidori foi o primeiro (1819) a trazer o personagem do vampiro para a literatura inglesa, Le Fanu foi quem estruturou o personagem, atribuindo-lhe as principais características com que Bram Stoker construiria o magistral *Drácula* (1897).

Em *Carmilla*, um antecessor de Van Helsing – o caçador de vampiros de Stoker –, chamado Barão Vonderburg, ensina:

“Essa existência anfíbia [de morto durante o dia e vivo à noite – nota da tradução] do vampiro é sustentada pelo seu sono diurno, num túmulo. Sua medonha volúpia por sangue vivo alimenta o vigor de sua caçada noturna”.

São essas definições que trazem o vampiro do folclore popular e o transformam num personagem, pronto a desempenhar papéis nas novelas, contos e romances de terror. Stoker, que trabalhou como crítico teatral no *Dublin Evening Mail*, do qual Le Fanu foi coproprietário, entendeu bem o caminho aberto e reconheceu em Le Fanu seu grande predecessor.

Dickon, o Diabo é uma típica história de fantasmas vitoriana – contemporânea da rainha Vitória, que reinou entre 1838 e 1901. Para tempos tão mercantilistas, nada como uma história com tema sobrenatural para quebrar a rotina. Ao mesmo tempo, as marcas de composição que vêm desde *O castelo de Otranto* (1764), de Horace Walpole, e se reproduziriam por todo o período gótico estão presentes na caracterização da casa de Barwyke: a decrepitude, os aspectos lúgubres da construção e da paisagem em volta. Nisso, aliás, o gótico e o Romantismo compartilham suas fixações: seja a natureza, seja o cenário que for, em ambas as escolas há uma simbiose de sentimentos e de sensações entre o personagem e o ambiente.

Finalmente, aprofundando uma tendência que já é discernível em Polidori, enquanto até o gótico romântico as “histórias de fantasmas” careciam de profundidade e pretensão na exploração da mente humana, em Sheridan Le Fanu essa tendência se assenta: “A mente é um órgão durante o dia; outro, à noite” (*Tio Silas*, 1864). Dickon é louco e surge em todos os cantos, a qualquer hora, para não deixar aquela comunidade rural esquecer que ele existe, que está ali, que foi vítima de um drama que faz parte dessa mesma comunidade que tenta ignorar a ambos, Dickon e a história de como enlouqueceu.

Além disso, como nos diálogos de Jane Austen (1775-1817), uma das mais emblemáticas escritoras inglesas, que coloca toda a contenção, as reticências e a sinuosidade, a falta de explicitação de sua sociedade ao falar em frases cujo principal não é dito, o narrador da história precisa perceber nas lacunas que ali há um mistério, o qual vai acabar afetando sua vida, algo que não querem lhe revelar.

De fato, é bom ele descobrir em que está se metendo. Afinal, o fantasma do velho de Barwyke bem pode, numa noite dessas, apontar para ele seu dedo quebrado com sua unha curvada.

† † †

NOTAS

1. William Harrison Ainsworth (1805-1882), escritor inglês. A novela citada foi publicada em 1849.
2. Elisabetana: Estilo característico do período do reinado (1533-1603) da rainha Elizabeth I, da Inglaterra.



II Janet, a Maligna

Robert Louis Stevenson

Tradução: Sandra Pina

O reverendo Murdoch Soulis foi ministro por muito tempo da comunidade pantanosa de Balweary, no vale do Dule. Homem idoso e austero, rosto sombrio, provocava temor nos seus ouvintes; residiu durante os últimos anos de sua vida, sem parentes, nem empregados, nem qualquer companhia humana, na pequena e solitária casa paroquial sob Hanging Shaw. Apesar da serenidade de ferro de sua aparência, seu olhar era selvagem, assustado e incerto, e nos sermões que fazia consigo mesmo, sobre o futuro dos impenitentes, parecia que seu olhar havia trespassado as tempestades do tempo e alcançado os terrores da eternidade.

Muitos dos jovens que vinham se preparar para a temporada da Comunhão Sagrada eram terrivelmente afetados por sua fala. Ele tinha um sermão sobre I Pedro, versículo 8, “O diabo como um leão que ruge”, para o domingo após cada 17 de agosto, e costumava superar-se, comentando aquele texto, tanto pela natureza aterradora da matéria quanto pela sua postura apavorante no púlpito. As crianças sofriam convulsões de terror, e os velhos pareciam mais misteriosos que o normal e passavam o dia todo cheios daquelas insinuações que Hamlet censurava.

A casa paroquial, propriamente dita, situava-se perto das águas do Dule, entre algumas árvores frondosas, com o Shaw se levantando de um lado e, do outro, muitas colinas mouras erguendo-se em direção ao céu. Logo no início do período do ministério do Sr. Soulis, começou a ser

evitada na hora do crepúsculo por todos os que valorizavam a prudência, e guias, sentados na taberna de pedra, balançavam a cabeça em conjunto à ideia de passar em hora tardia por aquela nefasta vizinhança. Havia um lugar, para ser mais específico, que era visto com especial pavor. A casa ficava entre a estrada e as águas do Dule, com uma aresta para cada uma; os fundos ficavam na direção da cidade *kirk*¹ de Balweary, aproximadamente a um quilômetro de distância; à sua frente, um jardim vazio, coberto de espinheiros, ocupava a terra entre o rio e a estrada. A casa tinha dois andares, com dois grandes ambientes em cada nível. Abria não diretamente para o jardim, mas para um passadiço, ou passagem, que chegava à estrada de um lado e, do outro, era fechada pelos altos salgueiros e sabugueiros que margeavam o córrego. Era essa faixa de calçada que tinha entre os jovens paroquianos de Balweary tão infame reputação. O ministro andava por lá com frequência após escurecer, algumas vezes gemendo alto na urgência de suas orações silenciosas; e, quando estava em casa com a porta trancada, os estudantes mais ousados se aventuravam, com o coração palpitando, em um “siga o mestre” através daquele lugar lendário.

Essa atmosfera de terror envolvendo, como aconteceu, um homem de Deus de caráter e ortodoxia impecáveis era causa comum de espanto e objeto de questionamento entre os poucos estranhos que foram levados por acaso ou por negócios a essa região desconhecida e remota. Mas muitos, mesmo entre as pessoas da paróquia, ignoravam os inusitados eventos que marcaram o primeiro ano do ministério do Sr. Soulis e, entre aqueles que eram mais bem informados, alguns eram naturalmente reticentes, e outros evitavam esse assunto em particular. De vez em quando, apenas quando um dos mais velhos se enchia de coragem após o terceiro copo, ele recontava o motivo da estranha aparência do ministro e de sua vida solitária.

– Cinquenta anos atrás – disse um homem –, quando o Sr. Soulis chegou a Ba’weary, ainda era um frangote, um garoto, muito cheio de conhecimento de livros e bom de falas, mas, como era normal num sujeito tão moço, sem experiência de vida na religião. Os mais jovens ficaram

impressionados por seus dons e pela lindeza dos seus sermões; mas, homens e mulheres mais velhos, preocupados e sérios, foram levados a orar pelo jovem a quem tomavam por alguém iludido por si mesmo, e pela paróquia, que parecia estar mal servida. Isso foi antes dos dias dos Moderados, malditos sejam, mas coisas ruins são como as boas, ambas chegam pouco a pouco, um tanto de cada vez; e mesmo assim houve gente que dissesse que o Senhor havia deixado os professores universitários por conta própria e que os garotos que foram estudar com eles teriam assentos maiores e melhores na turfa, como seus antecessores da perseguição, com a Bíblia debaixo do braço e um espírito de oração em seus corações.

Enfim, não havia dúvida de que o Sr. Soulis tinha ficado tempo demais na faculdade. Ele era cuidadoso e preocupado com muitas coisas, salvo as mais importantes. Trouxe um monte de livros, mais do que jamais tinha sido visto naquele presbitério; e que trabalho o carregador teve, pois para ele foi como sufocar no quinto dos infernos, entre aqui e Kilmackerlie. Eram livros sobre coisas de Deus, claro, ou era o que diziam. Mas os sérios eram de opinião que seria pouco serviço para tantos livros, uma vez que o alcance da Palavra de Deus cabia na ponta de uma manta escocesa.

O fato é que o reverendo passava metade do dia e metade da noite sentado, o que era pouco decente, e escrevendo, só isso. Primeiro, tiveram medo de que fosse ler os sermões; e logo ficou provado que estava escrevendo um livro, o que com certeza não combinava nadinha com alguém com os seus anos de experiência.

Bem, convinha que tivesse uma mulher decente para limpar a casa paroquial e cuidar de sua comida. Recomendaram uma velha prostituta – Janet M'Clour, eles a chamavam – e o deixaram se cuidar sozinho até que se convencesse. Muitos lhe aconselharam o contrário, já que a boa gente de Ba'weary suspeitava coisas de Janet. Tempos atrás, ela tinha tido um filho com um soldado e não se relacionava mais com a comunidade havia uns trinta anos. Umas crianças a tinham visto falando sozinha em Key's Loan, ao entardecer, numa hora e num lugar estranhos para uma mulher temente a Deus. Entretanto, foi o próprio senhor das terras que primeiro

falou ao Sr. Soulis sobre Janet e, naqueles dias, o ministro teria feito qualquer coisa para agradar a ele.

Daí, quando as pessoas contaram que Janet estava possuída pelo demônio, achou que era superstição. E, quando citaram a Bíblia e a bruxa de Endor, ele tratou de convencê-las de que aqueles dias eram passado e que o demônio estava misericordiosamente contido.

Bem, quando se espalhou pela vila que Janet M'Clour ia trabalhar na casa paroquial, as pessoas ficaram preocupadas de os dois ficarem ali juntos. Algumas daquelas boas senhoras não tinham nada melhor a fazer do que ficar junto a suas portas disparando todas as acusações que tinham contra ela: desde o filho do soldado até as duas vacas de John Tamson.

Ela não era uma mulher de falar muito. Normalmente as pessoas a deixavam seguir com sua vida, e ela as deixava seguir com a delas, sem nem bom-dia nem boa-noite. Mas, quando ficava irritada, tinha uma língua de deixar surdo o moleiro. Ela começava e não havia nenhuma velha história em Balweary que, naquele dia, não atingisse alguém. Não se podia dizer coisa alguma que ela respondia em dobro.

Até que finalmente as donas de casa a pegaram, rasgaram suas roupas e a arrastaram pela vila até as águas do Rio Dule para ver se ela era ou não uma bruxa, se nadava ou se se afogava. A velha gritou tanto que se podia ouvi-la em Hangin'Shaw e lutou como se fosse dez. E muitas donas de casa tinham as marcas no dia seguinte e em muitos outros dias após. E, justamente no momento mais violento da confusão, quem apareceu senão (piedade para seus pecados) o novo ministro?

– Mulheres – disse ele (e tinha uma voz forte) –, ordeno, em nome do Senhor, que a soltem!

Janet correu para ele – estava realmente aterrorizada –, agarrou-se a ele e pediu em nome de Cristo que a salvasse das maledicentes. E elas, de sua parte, contaram a ele tudo o que sabiam e talvez mais.

– Mulher – disse ele a Janet –, isso é verdade?

– Com o Senhor por testemunha – respondeu ela –, como o Senhor me fez, nenhuma palavra é verdade, exceto a criança. Tenho sido uma mulher decente toda a minha vida.

– Você – disse o Sr. Soulis –, em nome de Deus e perante mim, seu indigno ministro, renuncia ao diabo e a suas obras?

Bem, parece que, quando ele perguntou aquilo, ela deu um sorriso que aterrorizou todos ali, e dava para ouvir seus dentes rangendo, mas não havia outra saída. Então Janet levantou a mão e renunciou ao diabo na frente de todos.

– E agora – disse o Sr. Soulis às senhoras – vão para casa de uma vez por todas e rezem a Deus por seu perdão.

E ele estendeu o braço para Janet, embora ela estivesse com nada mais sobre o corpo do que um trapo de blusa, levou-a pela vila até a porta de sua casa, como a uma dama, e os gritos e risos dela eram de escandalizar.

Houve muita gente rezando mais do que o normal naquela noite, mas, quando chegou a manhã, havia uma sensação de medo sobre Ba'weary, tanto que as crianças se esconderam e mesmo os homens permaneceram em casa e, quando muito, chegaram até a porta. Janet vinha descendo pela aldeia – ela ou alguém parecido, ninguém podia dizer – com o pescoço torcido e a cabeça pendendo para um lado, como um corpo que foi enforcado, e um sorriso no rosto como o de um cadáver que não foi enterrado.

Pouco a pouco foram se acostumando com aquilo, chegando até a lhe perguntar jocosamente o que havia de errado com ela. Mas desde aquele dia Janet já não conseguia falar como uma mulher cristã. Babava e batia os dentes como um par de tesouras, e desde aquele dia o nome de Deus jamais voltou a sair de seus lábios. Tantas vezes ela tentou dizê-lo, tantas não conseguiu.

Então os mais prudentes não falaram nada, mas nunca mais voltaram a chamar aquela “coisa” pelo nome de Janet M'Clour, porque a velha Janet, pelo que acreditavam, estava no inferno desde aquele dia. Entretanto ninguém segurava o ministro. Ele pregava apenas sobre a crueldade das pessoas que haviam causado nela uma apoplexia. Ralhava com as crianças que mexiam com ela, levou-a para a casa paroquial naquela mesma noite e ali ficou a sós com ela, sob o Hangin'Shaw.

Bem, o tempo passou, e os mais indolentes começaram a pensar menos naquele assunto obscuro. O ministro era bem considerado. Continuava escrevendo até tarde da noite, pois o povo via o reflexo de sua vela nas águas do Dule após as doze horas. E parecia contente consigo mesmo e tão arrogante como quando chegou, embora todos pudessem ver que estava se consumindo. Quanto a Janet, ela andava por toda parte e, se antes não falava muito, havia razão para que agora falasse menos ainda. Não molestava ninguém, mas era uma coisa estranha de ver e ninguém falava com ela sobre a gleba do ministro, o que era costume em Ba'weary.

Lá pelo final de julho, veio um tempo tão ruim como nunca havia acontecido naquele lugar. Era uma calma quente. Os rebanhos não conseguiam subir a Black Hill, as crianças estavam cansadas demais para brincar e ainda havia tormentas, com rajadas de vento que retumbavam nos vales, e escassas chuvas que não molhavam nada. Pensamos que haveria uma tempestade na manhã, mas a manhã chegou e continuava a mesma segura, dureza para os homens e para os animais. Como se isso fosse pouco, ninguém sofria como o Sr. Soulis. Ele não conseguia dormir nem comer e disse isso aos seus superiores. E, quando não estava escrevendo seu interminável livro, ficava perambulando pelo campo como um homem possuído. Qualquer outro em seu lugar ficaria satisfeito em permanecer no fresco dentro de casa.

Acima de Hangin'Shaw, no refúgio de Black Hill, há um pedaço de terra cercado com um portão de ferro e parece que, nos tempos antigos, era o cemitério de Ba'weary, consagrado pelos papistas antes que a luz abençoada brilhasse sobre o reino. Era um grande espaço e caminho do Sr. Soulis, que se sentava lá para meditar sobre seus sermões, pois era, em verdade, um lugar aconchegante. Bem, um dia, quando vinha pelo lado oeste de Black Hill, ele viu primeiro dois, em seguida quatro e depois sete corvos voando em círculos sobre o velho cemitério. Eles voavam baixo e pesado, batendo uns nos outros, e ficou claro para o Sr. Soulis que alguma coisa os havia tirado de sua rotina. Ele não era de se assustar fácil, não; então foi direto para o lugar e o que encontrou foi um homem, ou o que

parecia ser um homem, sentado numa tumba. Era de grande estatura, negro como o inferno, e seus olhos eram singulares de ver².

O Sr. Soulis tinha ouvido falar sobre homens negros muitas vezes, mas esse tinha alguma coisa que o incomodava. Mesmo com o calor que fazia, sentiu um tipo de calafrio em seus ossos, mas, apesar disso, se aproximou e disse:

– Meu amigo é um forasteiro?

O homem negro olhou para o Sr. Soulis e não respondeu uma palavra. Levantou-se e seguiu em direção à parede do outro lado, mas continuava a olhar para o ministro. E o ministro ficou encarando-o até o minuto em que o negro pulou o muro e correu para o abrigo das árvores. O Sr. Soulis, sem saber por quê, correu atrás dele, mas estava fatigado de sua caminhada sob o calor e aquele clima insalubre. Correu o quanto pôde, mas não conseguiu mais do que uma simples visão do negro entrando no bosque, até que chegou ao sopé da montanha, onde o viu uma vez mais, agora saltando por sobre as águas do Dule e seguindo em direção à casa paroquial.

O Sr. Soulis não ficou satisfeito por aquele forasteiro se dar a liberdade de ir à casa paroquial de Ba'weary; então correu mais rápido, molhou os sapatos no córrego e seguiu andando, mas não dava mais para ver o diabo do negro. Ele seguiu pela estrada, mas não havia ninguém lá; entrou pelo jardim e nada do negro. Finalmente, com um pouco de medo, como seria natural, abriu a fechadura e entrou na casa, e lá estava Janet M'Clour, diante de seus olhos, com seu pescoço torcido, muito satisfeita em vê-lo. Nessa hora ele se lembrou da primeira vez que a vira, e teve aquela mesma sensação de calafrio percorrendo a espinha.

– Janet – disse ele –, você viu um homem negro?

– Um homem negro? – perguntou ela. – Salvemo-nos todos nós! O senhor não está dizendo coisa com coisa, reverendo. Não há nenhum negro em toda a Ba'weary.

Mas ela não falava claramente, era difícil de entender seu murmúrio, era como um cavalo com os arreios na boca.

– Bem, Janet – disse ele –, se não há nenhum negro, eu falei com o Acusador de nossos irmãos³.

E ele sentou-se como alguém com febre, e seus dentes rangeram.

– Caramba! – disse ela. – Envergonhe-se de si mesmo, reverendo – e ela lhe deu um pouco do conhaque que tinha nas mãos.

Então o Sr. Soulis foi para seu escritório, onde costumava ficar rodeado por seus livros. Era um lugar bem grande, baixo e escuro, bastante frio no inverno e nem muito seco no calor do verão, já que a casa paroquial ficava perto do córrego. Então se sentou e pensou em tudo o que havia acontecido desde que chegara a Ba'weary, ao seu lar, e no tempo em que era uma criança e corria livremente pelas colinas. E naquele negro que corria em sua cabeça como o estribilho de uma canção. Quanto mais pensava, mais se lembrava do negro. Tentou rezar, mas as palavras não vinham, e tentou, dizem, escrever em seu livro, mas não conseguiu fazer nada disso.

Havia momentos em que pensava que o homem negro estivesse bem ali, ao seu lado, e um suor o cobria, frio como água de poço. Em outros momentos, voltava a si como criança recém-batizada e não pensava em nada.

E o resultado foi que ele se dirigiu à janela e ficou olhando para as águas do Dule. As árvores são robustas, e a água corre profunda e negra ao lado da casa. E lá estava Janet, lavando roupa com as vestes arregaçadas. Estava de costas para o reverendo, e ele, de sua parte, mal sabia o que ela estava olhando. Então Janet se virou e mostrou o rosto. O Sr. Soulis sentiu a mesma sensação de terror que havia sentido duas vezes naquele dia, e reacendeu nele a lembrança do que o povo dizia: que Janet estava morta havia muito tempo e que aquilo era um fantasma de barro frio.

Ele se afastou um pouco e a observou atentamente. Ela pisava a roupa cantando para si mesma e, oh! Deus nos livre, era um rosto de dar medo. Embora cantasse alto, não havia homem ou mulher que pudesse entender as palavras de seu canto. E às vezes olhava para baixo, com seu pescoço torcido, mas não havia nada onde ela olhava. Uma sensação de arrepio percorreu a carne e os ossos do Sr. Soulis, e aquilo era um aviso dos céus.

Mas ele apenas culpou a si mesmo por pensar tamanha maldade de uma pobre mulher, velha e aflita, que não tinha amigos além dele. Rezou por si mesmo e por ela, bebeu um pouco de água fresca, pois seu coração saltava do peito, e foi para a cama ao entardecer.

Foi uma noite que nunca será esquecida em Ba'weary. A noite de 17 de agosto de 1712. Havia feito calor antes, como eu disse, mas aquela noite estava mais quente que nunca. O Sol se pôs entre nuvens muito estranhas. Ficou tão escuro quanto um poço, nenhuma estrela, nenhum suspiro de vento, não se podia ver a mão perante o próprio rosto, e mesmo os mais velhos tiraram as cobertas da cama e deitaram arfando à procura de fôlego. Com tudo o que tinha na cabeça, era pouco provável que o Sr. Soulis conseguisse dormir muito. Ele deitou e se revirou, a cama limpa e fresca ficou quente a ponto de lhe queimar os ossos. Às vezes dormia, às vezes acordava, ora se punha a ver o tempo caminhar na noite, ora escutava um uivo, como se alguém tivesse morrido, ora pensava ouvir fantasmas falando em seu ouvido, ora via lampejos no quarto. Ele desejou, pensou estar doente e doente estava – mas pouco sabia sobre sua enfermidade.

E no final conseguiu clarear seus pensamentos, sentou-se de camisola à beira da cama e se pegou pensando mais uma vez no negro e em Janet. Não podia dizer como – talvez fosse o frio em seus pés – chegou à conclusão de que havia alguma conexão entre os dois e que um deles, ou ambos, eram fantasmas. E naquele momento, do quarto de Janet, que era perto do dele, veio barulho de passos fortes, como se homens estivessem lutando, e a seguir uma batida alta, e um redemoinho percorreu os quatro cantos da casa, e então tudo ficou silencioso como uma tumba.

O Sr. Soulis não tinha medo nem de homem nem de demônio. Pegou sua caixa de fósforos, acendeu uma vela e deu três passos em direção à porta de Janet. Estava fechada, ele a abriu e examinou tudo. Era um quarto grande, tão grande quanto o do ministro, com móveis grandes, velhos e sólidos. Havia uma cama de quatro postes com uma tapeçaria antiga e um armário de carvalho cheio dos livros de teologia do reverendo, que estavam ali por falta de espaço. As coisas de Janet estavam

espalhadas pelo chão. Mas não viu nenhum sinal da velha o Sr. Soulis, nem indício algum de luta. Entrou (e poucos o teriam seguido), olhou em volta e escutou. Mas não havia nada para ouvir, nem dentro da casa paroquial, nem na paróquia de Ba'weary, e nada para ver, exceto as grandes sombras que giravam em torno da vela. E então, de repente, o coração do ministro bateu forte e ficou paralisado quando um vento frio soprou por entre seus cabelos. Que visão mais terrível para os olhos de um homem! Lá estava Janet pendurada em um prego ao lado do velho armário de carvalho, a cabeça caída sobre o ombro, os olhos furados, a língua pendurada fora da boca e os sapatos a uma altura de meio metro do chão.

“Deus nos perdoe!”, pensou o Sr. Soulis, “pobre Janet, morta.”

Deu um passo para perto do corpo e então seu coração saltou novamente no peito. Que feitiço faria um homem acreditar que ela estava pendurada por um único prego e por um único fio de costura de remendos?

Era uma coisa terrível estar só numa noite com tantos prodígios da escuridão, mas o Sr. Soulis era forte no Senhor. Ele se virou, saiu daquele quarto e trancou a porta atrás de si. Passo a passo desceu a escada, pesado como chumbo, e colocou a vela na mesa do andar térreo. Não conseguia rezar, não conseguia pensar, estava encharcado de suor e não conseguia ouvir nada além do tum-tum-tum de seu coração. Deve ter ficado lá por uma hora, ou talvez duas, não se deu conta, quando de repente ouviu uma risada ameaçadoramente estranha no andar de cima, ouvia passos indo e vindo no quarto onde estava o corpo pendurado, e então a porta se abriu, apesar de tê-la trancado, e a seguir escutou passos no corredor, e pareceu-lhe que o corpo estivesse olhando para ele ali embaixo.

Ele pegou a vela novamente (pois não queria ficar sem luz) e, tão silenciosamente quanto pôde, saiu da casa e foi para o outro lado da estrada. Ainda estava escuro. A chama da vela, quando a colocou no chão, queimava tranquila e transparente como em uma sala. Nada se movia, a não ser as águas do Dule, sussurrando e murmurando vale abaixo, e aqueles passos profanos que desciam a escada dentro da casa paroquial.

Conhecia perfeitamente aqueles passos: eram de Janet. E, à medida que aquela coisa estranha se aproximava, o frio penetrava mais fundo as suas entranhas. Entregou sua alma a Ele e fez um pedido:

– Oh, Senhor – disse ele –, me dê forças esta noite para guerrear contra os poderes do maligno.

A essa hora os passos vinham pela porta; podia ouvir uma mão que roçava ao longo da parede, como alguém com medo procurando o caminho. Os arbustos eram sacudidos e gemiam ao mesmo tempo; um longo sussurro de vento veio das montanhas, e a chama da vela balançou, e lá estava, no umbral da casa paroquial, o corpo de Janet, a perversa, com seu vestido de lã e seu capuz negro, a cabeça caída sobre o ombro e uma careta no rosto, viva, poderia dizer-se, morta, como o Sr. Soulis bem sabia.

É uma coisa estranha que a alma de um homem deva estar presa ao seu corpo perecível, mas o reverendo viu aquilo, e seu coração não explodiu.

Ela não ficou ali muito tempo, começou a se mover novamente e veio calmamente em direção ao Sr. Soulis, que estava sob os arbustos. A vida de seu corpo, a força de seu espírito, irradiava de seus olhos. Parecia que ela tentava falar, mas queria palavras, e fez um sinal com a mão esquerda. Bateu um golpe de vento, como o bafo de um gato, que apagou a vela. Os arbustos falaram como se fossem pessoas, e o Sr. Soulis soube então que, vivo ou morto, aquilo seria o fim.

– Bruxa, megera, demônio! – gritou ele. – Ordeno, pelo poder de Deus, que se vá, se estiver morta, para o túmulo e, se estiver condenada, para o inferno.

E, naquele momento, a mão do Senhor desceu dos céus e fulminou o Horror ali mesmo, o corpo velho, morto e profanado da mulher bruxa, tanto tempo longe da tumba e manipulado por demônios, ardeu como fogo de enxofre e caiu em cinzas ao chão. Seguiu-se um trovão, e mais um, depois outro, cada vez mais fortes, e a chuva caiu estrondosa. E o Sr. Soulis saltou por cima da mureta do jardim e correu, gritando, em direção à aldeia.

Naquela mesma manhã, John Christie viu o homem negro passar por Muckle Cairn quando eram seis antes das oito; ele passou pela pousada

Knockdow, e não muito depois Sandy M'Lellan o viu cruzando os outeiros de Kilmackerlie rapidamente. Não havia a menor dúvida de que era ele que vivia no corpo de Janet, mas tinha ido embora finalmente. E, desde então, o demônio nunca mais voltou a molestar-nos em Ba'weary.

Mas foi um privilégio penoso para o reverendo. Durante muito tempo permaneceu em sua cama, delirando, vendo essas cenas. E nunca mais voltou a ser o mesmo homem.

+++

AUTOR E OBRA

A década de 1880 parece ter sido particularmente fértil para Robert Louis Stevenson. Em 1883, lançou um dos maiores clássicos da literatura, *A Ilha do Tesouro*, que traz como vilão o impagável pirata Long John Silver. Em 1886, publicou (por encomenda) a novela *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* – mais conhecida como *O Médico e o Monstro*. E, em 1887, esta obra-prima, o tenebroso conto “Janet, a maligna” – antecipando, de certo modo até mesmo no pescoço revirado, uma obra gótica dos anos 1970, *O Exorcista*, de William Peter Blatty.

Ao lado de Bram Stoker, Edgar Allan Poe e Mary Shelley, Stevenson – nascido em Edimburgo, Escócia, em 1850, e falecido em 1894, nas Ilhas Samoa, onde residiu durante seus últimos anos – compõe a mais refinada e mais popular elite do romantismo gótico. *O Médico e o Monstro* é um dos modelos mais dramáticos da possibilidade de o ser humano ser possuído, e destruído, pelo seu *monstro interior*, por *aquilo*, cruel, depravado, que o habita e o transforma no seu oposto – como se estivesse *possuído*. No entanto, o Sr. Hyde não é propriamente um demônio, mas a versão *liberada* por um composto químico do pacato, civilizado, respeitável e respeitador dr. Jekyll. Liberada do quê? Das suas contenções, de algo que ao mesmo tempo ele preza e o aprisiona. E podemos sugerir a ambiguidade de suas emoções diante do Sr. Hyde, observando o quanto o

monstro depende do médico para surgir. O monstro existe no íntimo do médico, latente; mas é a invenção do médico que o traz à vida, e o ato de tomá-lo, do qual não abre mão, que o chama repetidamente a cometer seus atos hediondos. Onde... o médico sente fascinação fatal pelo monstro; não tem como resistir à tentação de transformar-se. Hyde exerce uma selvageria que, ao que parece, a civilidade e a cortesia de Jekyll reprime, mas não compensa.

Em “Janet, a maligna”, a personagem não exerce esse poder sob o demônio, que, ao que parece – pelo menos essa é a versão corrente na vila –, veio de fora. Mas havia nela, em seu ser, uma maldade anterior, o vício e o pecado, que a tornam suscetível à possessão. Isso, é claro, sempre a se dar crédito à narrativa do habitante local, “depois do terceiro copo”. Já a maneira de falar, tão regional, desse personagem sem nome, como nesse trecho que descreve a aparência de Janet, quando a aldeia a vê pela primeira vez com o pescoço torcido: “For there was Janet comin’ doun the clachan – her or her likenessm nane could tell – wi’ her neck thrawn, und her heid on æ side, like a body that has been hangit, and a girn on her face like an unstreatkit corp”. Isso não é inglês, mas ao mesmo tempo, é: trata-se da representação de um modo de falar que não tem grafia nem gramática, mas que está impregnado de tradições. E de lendas (como a da representação do demônio, visto pelo ministro Soulis). Há sutilezas evocadas em toda essa fala do velho narrador, até por esse tom *interiorano*, um lugar onde as regras da civilização (assim como o saber acadêmico de Soulis) pouco ou nada valem. O título original do conto é “Thrawn Janet”, que tanto pode ser “Janet, a perversa ou a maligna” quanto “Janet, a retorcida”, nesse dialeto oral da Escócia rural do século XVIII.

Enfim, “a pantanosa Balweary, no vale do Dule” (ou “Ba’weary”, na fala local) seria ambiente fundamental para a eclosão de um episódio sobrenatural, como aquele, de cinquenta anos atrás, que mudou para sempre o espírito do ministro e o tornou um homem obcecado na imagem de um demônio que ruga. E aí temos um paradigma com particularidades, inscrito por Robert Louis Stevenson na literatura romântica gótica, mas

ressemeado *ad infinitum*, de modo recorrente, nas histórias de terror. O ser humano pode ter o mal dentro de si, é hospedeiro do mal latente, mas necessita do ambiente propício para que esse mal brote e prolifere. Como a peste.

Por outro lado, se o mal (Henry James era grande defensor desse estratagema de composição do terror) pode instalar-se (e privilegiar) até mesmo numa simplória vila rural, de vida tão simples e inocente, onde estaremos a salvo? Junto com Stephen King e outros mestres do terror, são histórias que fazem o mal surgir da inocência, seja das crianças de *A Volta do Parafuso* (1898), seja da doce adolescente Regan (*O Exorcismo*), que nos recolocam diante de uma questão gótica: *se o mal pode surgir daí e desses inocentes, pode surgir de qualquer lugar, de qualquer um, de mim...* E essa, é claro, é uma construção muito mais mordaz, no fundo, do que assassinos seriais mascarados e seus sustos, um atrás do outro, numa chacina que vai até se acabarem os personagens dos filmes; ou em versões açucaradas do mal, vampiros herbívoros e congêneres.

“Janet, a maligna” é para nos fazer olhar para trás, nem que seja de esguelha, para ver se ela está de pé ali, com seu sorriso, nos aguardando. É de arrepiar a nuca, a espinha, de nos fazer escutar estalidos nas paredes. É, enfim, uma obra-prima *também* pelo notável poder perturbador que o gênio de Stevenson conseguiu lhe imprimir.

+++

NOTAS

1. Kirk: Escocesa.
2. Era crença na Escócia que o diabo aparecia como um negro. Isso aparece em diversos julgamentos de bruxas.
3. Referência ao livro do *Apocalipse*, capítulo 12, versículo 10, da *Bíblia Sagrada*.

O terror diz: “até breve!”

Ensaio de Luiz Antonio Aguiar

Os subterrâneos do castelo eram escavados numa intrincada sequência de celas... Um perturbador silêncio reinava naquele antro debaixo da terra, à exceção de uma ou outra lufada de vento, fechando as portas que ela havia atravessado, as quais, friccionando suas dobradiças enferrujadas, espalhavam ecos por todo aquele labirinto de trevas.

O Castelo de Otranto – Uma história gótica (Horace Walpole, 1764)

Atualmente, o significado mais conhecido e (consequentemente) utilizado da palavra *gótico* refere-se à literatura surgida a partir do final do século XVIII, que tinha como tema central o terror. *Monstros* famosos como Drácula e Frankenstein fizeram sua estreia no gênero, e seus descendentes, sejam vampiros ou mortos-vivos, são hoje astros da literatura, do cinema, da TV e das demais mídias da cultura pop. Os vampiros podem ter se tornado galãs, atualmente, e os mortos-vivos, aqueles que a insensatez humana roubou do túmulo, podem ter virado hordas famintas, privadas de racionalidade, ceifando vidas como uma praga de insetos devastando um trigal. No entanto, uns e outros têm uma origem nobre, na literatura, e pertencem a uma linhagem que remonta a um terror misterioso, enigmático (nem o susto instantâneo e breve, nem lendas urbanas, nem fenômenos restritos às sextas-feiras 13) –, uma vertigem que nos leva a enxergar recantos e cavidades ocultos do espírito humano; um espelho no qual ninguém gostaria de se mirar e nele descobrir seu reflexo.

Em literatura, nada nasce de chocadeira. Cada obra é gerada por contexto e acúmulo, numa teia de transmissão em que prevalece a

intervenção criativa do ser humano, a *praxe humana*¹. Isso porque, antes de ser escritor, o indivíduo necessariamente terá sido – e continua sendo – um leitor. Foi em suas incursões e aventuras nas prateleiras de uma biblioteca, ou onde quer que tenha percorrido e percorra os reinos literários, que o leitor formou seu *gosto* e sua *identificação* com determinadas histórias – que passaram a ser suas, de estimação, matéria-prima que o leitor desenvolverá com a sua própria imaginação. E é assim que vira escritor.

Portanto, quando se fala aqui em *linhagem* literária, isso se refere ao legado que um escritor e sua obra inserem no patrimônio cultural da humanidade, passando-a aos leitores, alguns dos quais se tornarão escritores justamente atualizando esse legado. Tudo transita, enfim, pelo dom dos seres humanos de ler, imaginar, transportar-se... e escrever para transmitir esse *transporte*. De leitores, nascem escritores, que geram obras, que são lidas e... assim sempre e sempre.

Daí, o que vamos fazer neste ensaio é uma breve *arqueologia* do gótico – que, aliás, não somente ganha cada vez mais público, nos espaços de cultura de massas, mas, desde os anos 1970, mais estudos também, e reflexões, nas universidades e centros de produção de conhecimento especializado.

“Góticos” vem de “godos”, povo que se originou, segundo algumas fontes, junto às fronteiras do Império Romano, na altura do Mar Negro, ou do Báltico, e que, a partir dos séculos III e IV depois de Cristo, começou a atormentar os romanos com constantes invasões. Destacavam-se dos demais povos chamados *bárbaros* (fora da cultura romana) por usar espadas curtas e escudos redondos e pela obediência a seus reis, que seguiam com os soldados para os combates. A palavra “gótico” vem do latim *gothicus* e quer dizer *relativo aos godos*.

Mas nossos *góticos*, Drácula, o Sr. Hyde e mesmo a Família Usher, têm algo a ver com aqueles góticos, tão antigos? Não.

Entretanto, esses ilustres pavores têm, sim, a ver com a *arquitetura gótica*, um estilo característico de grandes catedrais, castelos e mansões construídos na Europa Medieval a partir do século XII e até mais ou

menos o XVI. A razão da apropriação do nome de um povo tido como *bárbaro* por um estilo de formas tão refinadas não se sabe ao certo. O estilo gótico ficou conhecido também como *estilo francês*. A Notre Dame de Paris (concluída em 1163), cenário principal do romance de Victor Hugo que tem o nome da catedral como título e como personagem principal o corcunda sineiro, Quasímodo, é uma catedral gótica.

Diz-se que o estilo gótico estimula a espiritualidade (permite uma visão do *Sublime*) de quem contempla as enormes catedrais, monumentos altíssimos, com a fachada e o interior repletos de ornamentos, assim como os espaços internos amplos dos prédios, as torres destacadas, algumas com topo pontudo, como se perfurassem o céu. O gótico insinuaria também certo mistério, certa presença sobrenatural, por conta das figuras horrendas – as gárgulas – arrematando as calhas e dos muitos vãos escuros.

O gótico teve uma série de *revivals* – como se voltasse à moda –, começando de meados do século XVIII – e aqui coincide com a literatura gótica do Romantismo –, principalmente em prédios que abrigavam catedrais e universidades (que assim queriam enfatizar a tradição daqueles centros de conhecimento), e entrando pelo século XX.

O caso é que, num determinado momento do Romantismo, as mansões e os castelos góticos, então com séculos de existência e apresentando sinais de decrepitude, se tornaram o ambiente ideal (e idealizado) da imaginação. Ora, histórias com charme, com aquele algo lendário, saudosista, e principalmente dotadas de magia, *precisavam* transcorrer nos cenários góticos para que os personagens contracenassem com espaços suscetíveis de assumir os mesmos sentimentos, aflições, conflitos – e em breve terrores – de heróis, heroínas e vilões da história. Era uma metamorfose própria do Romantismo, um de seus aspectos ou vieses principais. Isso desde que dos céus não caía mais a chuva, mas o pranto do homem abandonado por sua amada, e que uma *melancolia impalpável* acometia a juventude, atraindo-a a tudo que sugerisse (na imaginação *romântica*) tempos que *não voltam mais*.

Mansões, castelos e cemitérios abandonados ao mato, com lápides tombadas, assim como aquele jovem espírito poético que se sente um exilado em sua terra, um nostálgico privado do passado ideal e ao mesmo tempo deslocado no seu tempo e lugar, seriam então... românticos.

Daí, na produção literária de muitos escritores e histórias, esses castelos e mansões foram absorvendo uma ou outra lenda local, hospedando fantasmas, exibindo, agora que abandonados, ou quase em ruínas, seus segredos, suas passagens secretas, suas masmorras, seus cemitérios particulares, suas torres e maldições.

O toque final para a consolidação do novo gênero foi gestado por Horace Walpole, em seu pioneiro *O Castelo de Otranto*, de 1764. Diz-se que esse livro deu origem ao gótico (histórias macabras, o sobrenatural na literatura), pondo em cena seus elementos, na acepção que temos hoje: histórias de terror criadas sob os parâmetros do espírito do Romantismo. Ali, o castelo em ruínas, com seus ambientes e detalhes decrepitos, lúgubres, e os subterrâneos sugerindo o confinamento das sepulturas são o cenário da trágica história da família do nobre Manfredo, dono da propriedade.

O terror esteve presente no nascimento da literatura ocidental. Desde a *Odisseia*, no Canto XI, a descida de Ulisses ao Reino dos Mortos, que se coloca o protagonista da história para enfrentar seu mais profundo, terrível medo. Assim, ele purgaria seus erros e provaria seu valor. Mas o gótico romântico dotaria o *seu* terror de sutis diferenças, características próprias, peculiares.

Ulisses teve de descer ao Hades (deus dos mortos, na mitologia grega, mas também lugar abaixo da superfície onde estavam cativos, por toda a eternidade, os espíritos dos mortos), reino da escuridão, da desesperança e do esquecimento, e dar sangue de um animal sacrificado aos espíritos para que o bebessem. Só assim recuperaria a memória, o que lhe permitiria receber as orientações do adivinho Tirésias. A seguir, saiu dali o mais rápido possível, deixou o pesadelo para trás, para sempre (ou pelo menos até seu espírito ser conduzido ao Hades depois de sua morte), de volta ao mundo solar e às suas aventuras.

Só para começar a subverter o padrão clássico do terror, no âmbito gótico, o protagonista, ou quem quer que enfrentasse as trevas, acabaria sempre, de certo modo, contaminado por estas. Porque o terror, a blasfêmia, a monstruosidade não estavam exclusivamente fora do herói e das vítimas do terror. Eram parte deles também, algo oculto, jamais confessado nem a eles mesmos, no íntimo de cada um. Assim, ao horror, ao instinto de preservação e fuga misturava-se um elemento inédito – um dilema *romântico*: o fascínio, o desejo inconfessável de cometer o mesmo ato imprudente (e blasfemo) que levou à condenação e à destruição da família de Victor Frankenstein e do dr. Jekyll.

Note-se, de passagem, aqui que a vítima *moderna* não necessariamente ofendeu os deuses, não é herói, nem “supernada”, nem tem erros a expiar, não quer provar coisa nenhuma; pode ser o inocente, pode ser a virgem que é transformada em vampira ou a criança que é possuída pelo fantasma de um devasso que se recusa a se afastar do plano terreno.

Todas essas *operações* do gótico romântico colocam o terror mais próximo de nós, mortais comuns, e o tornam *plausível* de acontecer com qualquer um. Quem sabe até comigo, que estou lendo este livro? Dos calafrios que Mary Shelley se propôs a provocar, nos tentando com a temeridade fatal do dr. Victor Frankenstein, que teve a arrogância de criar a vida, ou uma criatura (por assim dizer) viva, aos assombros de *O Iluminado*, de Stephen King², o mal se espalha entre vítimas cada vez mais cotidianas, medianas, mais *normais*. E pode acontecer em ambientes do dia a dia, como a *soturna* fila da caixa de um supermercado.

A torção gótico-romântica do terror, de maneira a torná-lo um bumerangue, induz quem cometeu a temeridade de abrir o livro e ler a remexer suas culpas, mesmo subconscientes. E continua produzindo histórias *de arrepiar*.

Desde o terror gótico-romântico, não há fuga possível para o terror, porque, efetivamente, o terror habita, latente, dentro de nós. Se determinado episódio o explicita, ou o desperta, não haverá mais como negá-lo, à nossa espreita, mesmo que o vampiro tenha tido o coração atravessado por uma estaca, mesmo que sua cabeça tenha sido decepada, o

toco, preenchido de réstias de alho, seu corpo, depois de imerso em água benta, queimado, e suas cinzas, lacradas em recipientes à prova de tudo e enterradas na masmorra de uma igreja...

... ainda agora, a imagem de Carmilla retorna-me à lembrança com ambíguas alternâncias – certas vezes, a alegre, lânguida e linda moça; noutras, o medonho demônio que vi nas ruínas da igreja; e com frequência, ainda, num delírio, imagino que escuto seus passos suaves junto à porta da sala de estar.

Carmilla (1872), Sheridan Le Fanu, parágrafo final.

Afinal, quem mandou Laura se apaixonar por Carmilla? Sua saudade é nada mais do que a expressão do desejo de ser mordida pela vampira. Mas, ora... *Quem* de nós ousaria, sob pena da danação, da perda da alma, se tornar sua companheira num amor imortal, no qual ambas manteriam, igualmente para sempre, sua juventude?...

Outro momento *histórico* da literatura gótica romântica tem como data 1816 e, como ambiente, as bucólicas margens de um lago perto de Genebra, na Suíça³. Ali estavam o casal Shelley, Mary e Percy – famoso poeta; o mais famoso ainda LORD Byron⁴, uma das inspirações do romantismo em todo o Ocidente, e o médico John Polidori. Graças a uma brincadeira – um torneio para ver quem escreveria a melhor “história de fantasmas” –, dali saíram duas obras antológicas: *Frankenstein; ou o moderno Prometeu*, de Mary Shelley (publicado pela primeira vez em 1818), e *O Vampiro*, de John Polidori (publicado pela primeira vez em 1819).

A primeira grande travessura de Frankenstein – o monstro criado de pedaços de cadáveres revividos por meio de corrente elétrica –, foi roubar o nome de seu criador. O Frankenstein criado por Mary Shelley era o jovem cientista Victor Frankenstein, que se candidata ao título de moderno Prometeu por ter se atrevido a roubar dos deuses o poder de dar vida ao não vivo. Seu castigo é a tragédia, como no Prometeu da mitologia grega, que rouba o fogo de Zeus e o entrega ao ser humano – numa

metáfora da inteligência, do conhecimento, do poder ou dom de criar. Daí em diante, estará estabelecido na literatura gótica que todo aquele que se meter a criador será destruído; e na maioria dos casos, para acentuar a ironia, por sua própria criatura.

Já no caso de Polidori, trata-se do personagem mais característico do gênero, o vampiro. Houve diversos vampiros na literatura, bem anteriores a *lord* Ruthven. No entanto, este é o primeiro na literatura inglesa. Muito mais importante: é o primeiro, na literatura como um todo, a ser guarnecido de determinadas características marcantes do vampiro *gótico*. Para começar, sua extraordinária capacidade de sedução. Ruthven transita à vontade na melhor sociedade – assim como o fará o Drácula, de Bram Stoker. Há em ambos até mesmo uma sensualidade, que, no Drácula, entretanto, cessa quando ele ataca. Aí, é o próprio inumano, nem bom, nem mau, mas uma criatura de outra espécie, para a qual somos simplesmente sacos que mantêm o sangue quente e circulando⁵. Drácula (um tanto diferente de Ruthven, que também tira prazer de corromper suas vítimas) não sente ódio por suas presas; para ele, são meramente alimento. (Se bem que no caso de Mina Harker a história tenha sido um tanto diferente; Drácula a queria, também, de algum modo *não alimentício*, já que ela lhe lembrou vagamente o tempo em que o vampiro-mor foi humano. Mas apenas vagamente... Ele já pouco tem a ver com essa fase de seu passado.)

Polidori e depois dele Sheridan Le Fanu, com *Carmilla*, estão fortalecendo a linhagem que terá seu clímax com a criação de Stoker.

Drácula, de Bram Stoker, é outro momento fundamental da literatura gótica. O conde não é somente o seu expoente, como personagem, mas um dos maiores personagens já criados pela literatura. Afinal, é preciso muita arte, genialidade mesmo, para compor um personagem tão diferente de um ser humano, com outra natureza, e ao mesmo tempo tão semelhante, a ponto de emitir essa empatia mágica chamada fascínio. Há momentos em *Drácula* em que paira no ar o desejo pela mordida na jugular aplicada por aquela criatura irresistível.

Além disso, deve-se ressaltar a belíssima composição literária que é esse romance. A narrativa alterna, com mão segura, momentos de morbidade lenta com a alta tensão, compõe cenários extraordinários, que fazem a imaginação disparar, e, além do próprio Drácula, personagens impagáveis como o caçador de vampiros, o cientista holandês Abraham van Helsing; Whilemina (Mina) Harker, a quem Drácula persegue, e Renfield, o paciente do hospício, que come insetos, servo do vampiro. Mencionem-se ainda as noivas de Drácula, implacáveis predadoras, combinando lascívia e sede voraz, e o castelo de Drácula na Transilvânia, arquitetado no mais lúgubre e ameaçador estilo *gótico*.

Já em Londres, as ruas sem iluminação, os bairros miseráveis e a permanente neblina noturna são os ingredientes de cenário e transporte para outra novela básica da literatura gótica: *O Estranho Caso do Dr. Jekyll e do Sr. Hyde* (1886), mais conhecido como *O Médico e o Monstro*. E aqui não se trata de danação da alma nem de blasfêmias contra o sagrado, mas da irrupção do lado bestial do ser humano, mesmo na cidade que se considerava a mais civilizada do mundo. Robert Louis Stevenson (1850-1894), autor escocês, deita ironia na mentalidade moralista, rígida, típica dos tempos da rainha Vitória.

Dr. Jekyll inventa uma fórmula que o transforma no Sr. Hyde. De respeitável médico da melhor sociedade londrina, ele se metamorfoseia num homem brutal, que não se deixa limitar por nenhum dos escrúpulos (ou inibições?) do seu *criador*.

No entanto, Hyde, o monstro, não é um *outro*.

O médico e o monstro são o mesmo homem, uma metáfora que desmascara a metáfora gótica (uma metáfora da metáfora). Ou seja, se o gótico sugere o monstro como *algo ligado* à sua vítima, e esse *algo* provoca na vítima a atração pelo monstro, aqui Jekyll vive o excruciante dilema da consciência de saber que também é o monstro, e tudo que isso implica. Esse é seu grande segredo. Hyde também sabe que *é* Jekyll, embora sem dar importância filosófica ao assunto. Odeia-o, mas somente porque o médico pode eliminar a possibilidade de o monstro vir à tona: basta não tomar sua fórmula da transformação.

Hyde é um predador; mas Jekyll, o civilizado, *não consegue se privar dele*, é quase um vício, e um vício terminal. Além do mais, Hyde, apesar de ser chamado de monstro, não o é de fato. Não como um Drácula, um não humano, mas, sim, no sentido de que sua bestialidade causa horror aos civilizados *como se ele fosse um monstro*. E quem é a vítima do monstro no caso? O dr. Jekyll?

Em certos aspectos, as relações/conexões entre ambos os personagens são mais complexas, indistintas, e mesmo de uma ordem diferente daquelas estabelecidas pelo gótico de até então. Stevenson, assim, coloca para a ficção gótico-romântica novas possibilidades, inclusive no campo social e dos costumes, outras das feições diletas do Romantismo do século XIX.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, na década de 1830, faz sua estreia um escritor que há de viver bem pouco – apenas quarenta anos. E é o responsável, entre muitas *artes*, por outra *torção* fundamental nas histórias de terror, com consequências até hoje em dia. Trata-se de Edgar Allan Poe.

Em suas histórias, a loucura, o delírio e o sobrenatural competem, de tal maneira que nunca podemos ter certeza se o que o narrador está nos contando está realmente acontecendo diante dos olhos dele. Quase todos os seus contos – Poe jamais escreveu romances – têm um personagem que acumula papéis. É ao mesmo tempo o protagonista, a principal e única testemunha do fenômeno e o indivíduo perseguido, aquele sobre quem as *danações* fazem desabar o poder de *outro mundo*.

Ou seja, enquanto Frankenstein, Hyde e Drácula são *compartilhados* por um conjunto de personagens, o horror de Poe dirige-se contra esse *narrador* solitário, que ainda por cima tem de lutar contra a incredulidade dos demais – e a sua própria. O coração do homem assassinado o está denunciando, lá da tumba improvisada onde o assassino o ocultou, debaixo do assoalho?... Ou será seu sentimento de culpa? O Gato Negro realmente tinha poderes maléficos e tramava contra seu dono, ou seria, novamente, a loucura do homem a escutar os miados do gato martirizado?

O que é *razoável*, de *bom-senso*, simplesmente se pulveriza quando o terror se transforma em pânico, em descontrole, levando a vítima, a mesma que nos conduz através da história – como o alpinista-guia, aquele que segue à frente com a corda que nos reboca amarrada à cintura –, tentando nos fazer acreditar no que nos conta, a despencar no abismo?

Numa situação dessas, em quem confiar? Qual é *mesmo* a fronteira entre o natural e o sobrenatural?

Produzir a *incerteza* no leitor não é fácil. Trata-se de um efeito, discutido por muitos especialistas em literatura (como Tzvetan Todorov), de *suspensão* de seu discernimento. É como se ele fosse temporariamente esvaziado de seu senso comum e preenchido com outra consciência que lhe permita *aceitar* a história e até mesmo entrar nela: sofrer os sustos, passar pelas emoções, chorar, sofrer, rir. E ter ao final a satisfação de quem não leu vagamente apenas, mas usufruiu de uma experiência de vida.

Ou quem sabe um vislumbre, sem riscos, sem mordidas na jugular, do “undiscovered country”?...⁶ Aliás, a peça *Hamlet* é apontada por muitos, numa leitura possível da tragédia a que o jovem príncipe da Dinamarca foi levado pelo pedido de vingança feito pelo fantasma de seu pai, em *horas mortas da madrugada* e em meio à soturnidade das ameias de um castelo gótico-medieval, como outra precursora do gênero gótico na literatura. Shakespeare, de fato, tinha uma quedinha por fantasmas e ambientes mórbidos, bruxas e maldições. E a literatura inglesa não herdaria impunemente um legado de tanta grandeza.

Enfim, entre antigos e modernos, poderiam ser citados muitos outros escritores que criaram literatura gótica, ou que salpicaram elementos góticos, ou linhas (*plots*, núcleos dramáticos) inteiras de drama e conflito, ou personagens, ou cenas, em suas obras, que têm o gótico como referência. Hoje em dia, há os que põem em cena não vivos que se constituem em máquinas de matar indiscriminadamente, e a chacina vira espetáculo; ou então os que apresentam uma versão cômica dos monstros góticos, como os vampiros, que de fato divertem o público.

Entretenimento é sempre válido. Embora nesses casos o envolvimento entre *obra* e *leitor* (ou espectador) seja totalmente diferente, porque ele

fica privado do elemento perturbador. Nada disso é mau nem bom. São caricaturas da Mona Lisa. Derivações quase de praxe de todo gênero que penetra tão profundamente em nossa imaginação...

...E que se impõe ainda hoje. Como se para não nos deixar esquecer que há todo um lado da vida, do universo e do ser humano que não somos capazes de explicar nem muito menos de racionalizar; algo que às vezes nos encanta, noutras nos horroriza, e com o qual não lidamos serenamente, nem intocados, com respostas e com deciframentos, como se fossem charadas. Não são charadas, são coisa mais complexa: o Inexplicável... que somente conseguimos visualizar ou traduzir em metáforas – visuais ou literárias –, como as que foram engendradas pela literatura gótica. A perturbação, a dúvida quanto às certezas e verdades, ao racionalismo e pretensões similares, é permanente e universal, inerente à natureza humana. Jamais cessa. Pode ser abafada, adocicada, ornamentada, proibida de se mostrar, censurada, punida. Mas nunca suprimida. Pode ser até imortal e letal como os vampiros. E, como eles, sempre retornar... quando não eles próprios, fluindo no corpo daqueles em quem cravaram seus caninos.

No caso, os leitores.

† † †

AUTOR E OBRA

Luiz Antonio Aguiar é o organizador desta antologia. Escritor (www.luizantonioaguiar.com.br), mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ com uma dissertação sobre Leitura de Literatura na Cultura de Massas (“Ora, direis, ouvir leitores”), é membro do Movimento Brasil Literário e da Associação de Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil. Ministra as cadeiras Vida e Obra de Ana Maria Machado e Literatura Brasileira no curso de qualificação de professores de sala de leitura em literatura, na parceria entre a Secretaria Municipal da Educação

e a Fundação Nacional de Literatura Infantojuvenil (SME/FNLIJ), do Rio de Janeiro. É sócio da Veio Libri – Consultoria Editorial. Na Editora Melhoramentos, publicou *Hans Staden – Aventuras no Brasil*; *Frei Liberdade – A história de Frei Caneca e da Confederação do Equador*; *Canudos – Santos e guerreiros em luta no sertão*; *Sonhos em Amarelo* (Prêmio White Ravens pela Biblioteca de Livros para a Juventude, de Munique); *A Vontade dos Cometas* e toda uma série de adaptações de clássicos da literatura – sucesso no Brasil, em vários países da América Latina e na comunidade hispânica dos Estados Unidos.

+++

NOTAS

1. Praxe humana: O conceito é de Karel Kosik, no livro *Dialética do Concreto*, uma bela visão marxista-humanista, entre outros temas, da literatura.
2. O Iluminado: Um sujeito, sem alternativa de trabalho, recebe uma salvadora oferta: cuidar da manutenção de um hotel enorme, que logo será isolado pela neve durante todo o inverno, quando fica fechado para hóspedes e público. Segue para lá com a mulher e o filho, um garoto genial, sensível, o *iluminado* do título. Ocorre que o hotel tem uma população invisível (nem sempre) de fantasmas, resultado dos muitos crimes e de toda a devassidão que aconteceram por lá... King, professor de Literatura Inglesa e especializado em clássicos, tem predileção confessa por autores como Edgar Allan Poe, Henry James, autor do gótico *The Turn of the Screw* (1898 / *A Volta do Parafuso*), e por Bram Stoker, autor de *Drácula* (1897). Tanto que escreveu um romance de terror, *Salem's Lot* (1975/ *A Hora do Vampiro*), cujo protagonista-vampiro é o melhor replicante de *Drácula* que já se produziu na literatura contemporânea. O gótico é a sua linhagem.
3. Narrado neste livro na seção AUTOR E OBRA do conto "Transformação", de Mary Shelley.

4. Byron não pode ser considerado *inocente* no que toca a *práticas góticas*. Vide seu atroz poema publicado em 1813, no qual um líder turco, Hassan, joga uma maldição num homem que havia seduzido uma de suas concubinas, chamando-o de *giaour* (título do poema; em turco, *infiel* – que renega a crença em Deus –, *amaldiçoado, proscrito*):

De volta ao mundo vivente, agora como vampiro,
Teu cadáver da sepultura será arrancado
para assombrar tua terra natal
e sugar o sangue de teu sangue,
nas veias de tua filha, tua irmã, tua esposa,
até extinguir-lhes a vida, à meia-noite.
Tu detestarás tal banquete, mas serás forçado,
cedo ou tarde, a alimentar teu corpo lívido, morto-vivo,
e tuas vítimas, já ao expirarem,
saberão que o demônio será o senhor de todas elas.
Morrerão te amaldiçoando, e a elas mesmas,
rogando pragas tão infames que secarão as flores em volta.
Uma, porém, vítima como as demais de tua voracidade,
justamente a mais jovem, a mais amada,
irá te abençoar, chamando-te de meu pai,
e essa palavra irá envolver teu coração em chamas!
Mesmo assim tu terás de completar teu ato
e testemunhar o último rosado a tingir o rosto dela –
e as últimas faíscas daqueles olhos.
O último olhar vítreo dela será todo teu
congelando nela um azul sem vida.
Então, com tua mão blasfema tu arrancarás
os cachos dourados dos cabelos dela,
os mesmos que em vida, um somente que fosse,
quando cedido, era demonstração de insuperável afeto,
e agora uma lembrança os colhe a todos
em inclemente agonia.
E mesmo assim a vida dela, gota a gota, tu derramarás,
sorvendo-a por entre teus caninos rangentes e lábios sem cor.
Então, caminha agora para a tua tumba, sem repouso.

Vai e, com outras aberrações e amaldiçoados, compartilha tua fúria, até que eles, enojados, fujam dessa assombração ainda mais amaldiçoada do que todos eles.

5. Há quem aprecie vampiros “vegetarianos”, que usam filtro solar, se sentem culpados por sua condição de morto-vivo, sofrem de remorso por suas vítimas, são torturados por sua sede e, principalmente, se recusam a *morder* a mocinha do filme. São bonitos e têm ar sonhador, e nada do hálito de cadáver do vampiro tradicional: alimentam-se de animais que caçam ou em bancos de sangue, com o produto em saquinhos, tirados da geladeira na hora do consumo; devem escovar os dentes com pasta de listas e passar fio dental depois... Mas, para quem quer ver o melhor Drácula do cinema, que procure os filmes estrelados por Christopher Lee, tendo Peter Cushing como Van Helsing.

6. *Hamlet*, de Shakespeare, Ato 3, Cena 1, encenado pela primeira vez por volta do ano 1600: “The undiscovered country from whose bourn / No traveller returns” – “O país não descoberto, de onde nenhum viajante retorna”.

Suplemento para pesquisa, discussão e aprofundamento

A antologia *Góticos: Vampiros, múmias, fantasmas e outros astros da literatura de terror* traz para você autores e obras clássicas de um gênero não só popular, mas que vem sendo cada vez mais estudado hoje em dia em universidades e centros especializados. E isso não somente pelo interesse nos mistérios e fascínios do medo sobre o leitor, mas também pela riqueza de recursos de composição ficcional empregada nessas obras. Neste volume, além dos arrepios e de boa matéria-prima para seus pesadelos, você fez uma breve jornada pela literatura, explorando os segredos da arte de contar histórias, seduzir e emocionar o leitor, que é um dos focos da melhor ficção. Este suplemento foi elaborado com vistas a ampliar algumas questões destacadas pelos contos desta antologia.

- ⇒ Faça uma comparação entre o terror gótico e o atual (principalmente na mídia eletrônica e nos quadrinhos). É interessante rastrear características e diferenças culturais entre um e outro.
- ⇒ Muitos comentários nesta antologia ressaltaram a inserção do terror gótico no Romantismo. No entanto, quem o desconhece às vezes até mesmo desconsidera clássicos como *Drácula* e outros como *literatura*. O que você acha?
- ⇒ No ensaio *O Terror diz "Até Breve!"*, lemos: "Os vampiros podem ter se tornado galãs, atualmente, e os mortos-vivos, aqueles que a insensatez humana roubou do túmulo, podem ter virado hordas famintas, privadas de racionalidade, ceifando vidas como uma praga de insetos devastando um trigal. No entanto, uns e outros têm uma origem nobre, na literatura, e pertencem a uma linhagem que remonta a um terror misterioso, enigmático (nem o susto instantâneo e breve,

nem lendas urbanas, nem fenômenos restritos às sextas-feiras 13) –, uma vertigem que nos leva a enxergar recantos e cavidades ocultos do espírito humano; um espelho no qual ninguém gostaria de mirar e nele descobrir seu reflexo”, você considera que haja uma diluição no terror da mídia eletrônica e contemporânea? Ou acha a posição do ensaio *saudosista* e equivocada, ou mesmo *antiga*, por não ver o valor do *terror* de hoje em dia?

- ⇒ Nesse mesmo ensaio, está escrito: “Em literatura, nada nasce de chocadeira. Cada obra é gerada por contexto e acúmulo, numa teia de transmissão em que prevalece a intervenção criativa do ser humano, a *praxe humana*”. E a seguir o autor desenvolve o conceito de *linhagem literária*. O que você entendeu desse conceito? Concorda com o que está formulado sobre o assunto?
- ⇒ Além das características do gótico exploradas nos comentários, há outras, como a da *conspurcação* (mácula, mancha, contaminação da virtude pelo pecado e/ou – metaforicamente – pela abominação) da virtude, muito explorada por Polidori em *O Vampiro*. Você destacaria como importante alguma dessas características que, tendo lhe chamado atenção, foi omitida nos comentários?
- ⇒ O que achou dessa *atração*, tantas vezes mencionada, que o mal exerceria sobre o leitor, combinando medo e fascínio? Há aspectos importantes nessa relação que você queira destacar?
- ⇒ O medo é central em vários domínios da literatura, e não somente no gênero gótico do Romantismo. Está nos clássicos, como no Canto XI da *Odisseia*, conforme foi citado. E está até mesmo em histórias infantis, representado pelo Lobo, em *Chapeuzinho Vermelho* e *Os Três Porquinhos*, que as crianças ao mesmo tempo amam e temem. Isso lhe sugere alguma discussão importante? Seria o medo um tema universal fundamental na literatura (e no espírito humano)? Por quê? Que

outros temas de igual envergadura estariam no centro de obras literárias consideradas clássicas?

- ⇒ Uma boa história de terror (seja gótico-romântica, seja de Stephen King) tem no desafio de vencer a incredulidade do leitor – de modo a fazer a história penetrar nele, *assustá-lo*, e se possível *aterrorizá-lo*, mesmo que conscientemente ele se saiba a salvo – um de seus principais focos técnicos. Por isso, um personagem *incrédulo*, que vai viver o processo de *ser forçado a acreditar no inacreditável*, é usado com tanta frequência. Ao executar essa função, esse personagem *representa* o leitor *dentro* da história, estimulando-o a criar com ele laços de empatia, sofrendo o mesmo processo, de certo modo. Que outras técnicas de composição ficcional você destacaria, a partir da leitura desses poemas e contos, na arte de fazer boas histórias de terror?
- ⇒ Haveria pontos em comum entre monstros e episódios sobrenaturais, nesta coletânea? Há um centro – quem sabe o medo da morte? Ou outro? – que sintetize o terror na literatura, conforme apresentada aqui?
- ⇒ A própria figura do *monstro* é bastante presente neste gênero. Para você, o que o *monstro* (Ruthven, Janet, a múmia etc.) pode representar, enquanto *metáfora* – uma imagem que tem significados implícitos e/ou ocultos?

Obra conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

Organização: Veio Libri – Luiz Antonio Aguiar

© 2011 Ensaios de: Daniel Piza; Luiz Antonio Aguiar; Luiz Raul Machado e Pedro Bandeira.

Traduções de: Claudia Abeling; Domingos Demasi; Luiz Antonio Aguiar; Margaret Sobral; Oscar Mendes; Sandra Pina.

Capa: Claudia Xavier

Fotos da capa: túmulo: Don Farrall/Getty Images; vampira: Jentakespictures/iStockphoto.com;

gárgula: FelixStrummer/iStockphoto.com; aranha: Alex-mit/iStockphoto.com

Projeto gráfico e diagramação: Andrea Yanaguita

Conversão em epub: {kolekto}

© 2011 Editora Melhoramentos Ltda.

Direitos de publicação:

© 2011 Editora Melhoramentos Ltda.

1ª edição digital, abril de 2013

ISBN: 978-85-06-06649-2 (impresso)

ISBN: 978-85-06-07117-5 (digital)

Atendimento ao consumidor:

Caixa Postal 11541 – CEP 05049-970

São Paulo – SP – Brasil

Tel.: (11) 3874-0880

www.editoramelhoramentos.com.br

sac@melhoramentos.com.br

